

Giovanna Camila da Silva

**A Associação Cristã de Moços e
experiências de escolarização da
Educação Física no Brasil:
sujeitos, ideias e práticas acemistas
em circulação**

**Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2017**

Giovanna Camila da Silva

**A Associação Cristã de Moços e experiências de
escolarização da Educação Física no Brasil: sujeitos, ideias
e práticas acemistas em circulação**

Tese apresentada ao Programa da Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2017

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação

Tese intitulada “*A Associação Cristã de Moços e experiências de escolarização da Educação Física no Brasil: sujeitos, ideias e práticas acemistas em circulação*”, de autoria de *Giovanna Camila da Silva*, analisada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales – Orientadora

Profa. Dra. Carla Simone Chamon – CEFET/MG

Profa. Dra. Mirian Jorge Warde - UNIFESP

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago – UFMG

Prof. Dr. Luciano Mendes de Faria Filho – UFMG

AGRADECIMENTOS

Porque não estive sozinha na construção desta tese, agradeço carinhosamente:

À Profa. Meily Assbú Linhales, minha orientadora, pela participação na produção desse trabalho oferecendo permanentemente seus aportes preciosos. Agradeço pela presença constante na minha formação, pela partilha das experiências, pelo afeto da nossa relação.

À Profa. Mirian Jorge Warde e ao Prof. Luciano Mendes de Faria Filho pelas contribuições quando do exame de qualificação. À profa. Carla Simone Chamon pelo aceite do convite para compor a banca de defesa. De maneira especial, agradeço ao Prof. Tarcísio Mauro Vago, por nossos encontros na vida serem tão especiais. Ao Prof. Marcus Aurélio Taborda de Oliveira e ao Prof. Anderson da Cunha Baía por também terem se disponibilizado para fazer uma leitura desse trabalho e oferecer suas contribuições.

Aos demais professores do GEPHE, pelas trocas acadêmicas durante o processo de doutoramento. Ao grupo do CEMEF, às antigas e novas parcerias. De modo especial, meu agradecimento à Luciana, por compartilhar as angústias e as alegrias do processo.

Aos funcionários da Pós-Graduação, pelo carinho no atendimento às minhas demandas e urgências. Ao pessoal de todos os arquivos pesquisados, particularmente, àqueles que, na tentativa de compreender minhas questões de pesquisa, mobilizaram-se para disponibilizar a documentação guardada.

Ao Colégio Santo Agostinho – Nova Lima, espaço em que exerço o ofício da docência, e que, durante os quatro anos do doutorado, se colocou para o diálogo de modo a negociar, dentro de suas possibilidades, minhas demandas de estudos, de investigação e de escrita.

De maneira especial, agradeço aos amigos, pelo interesse no processo, pelo incentivo permanente, pelo carinho.

À Lidiane e à Bruna, que nos nossos encontros demonstravam seu apoio, sua preocupação e seu acolhimento.

Ao Alyson, pela compreensão constante, por me ajudar a sustentar minhas escolhas, por entender minhas ausências, pelos cuidados e carinhos, especialmente ao longo desses últimos quatro anos.

Aos meus pais, meus amores incondicionais! Mãezinha e paizinho, minha especial gratidão pelo amor expresso nos gestos, nas palavras e nos silêncios. Aos meus irmãos, Marcone e Marco Aurélio, por juntos construirmos uma relação afetuosa.

A Deus, sempre!

RESUMO

Este estudo investigou os elementos que constituíram a Educação Física forjada na Associação Cristã de Moços (ACM) e que ressoaram em ações para a escolarização da Educação Física brasileira nas décadas de 1920 e 1930. Para tanto, colocamos em cena sujeitos formados como diretores físicos na Associação: Henry James Sims, missionário acemista nascido nos Estados Unidos, que atuou na sede da Associação no Rio de Janeiro; Renato Eloy de Andrade, o Inspetor de Educação Física de Minas Gerais; e Frederico Guilherme Gaelzer, que foi também Inspetor no Rio Grande do Sul, e Diretor de Jardins de Recreio em Porto Alegre. Os recortes espacial e temporal propostos justificaram-se pelas atividades exercidas por Sims, Andrade e Gaelzer naqueles Estados e temporalidade, que mantiveram estreita relação com uma sistematização produzida e disseminada pela ACM. No estabelecimento de fontes para esta investigação, diferentes arquivos foram mobilizados. Documentos institucionais foram recrutados no *Kautz Family YMCA Archives*, em Minneapolis, nos Estados Unidos. De Montevidéu, documentos que informam sobre a formação dos secretários e diretores físicos no Instituto Técnico da Federação Sul-Americana das Associações Cristãs de Moços. Ainda na dimensão institucional, o periódico oficial da Associação no Brasil foi investigado na Federação Brasileira das ACM's e na Biblioteca Nacional. Para as práticas de apropriação, foram acionados documentos que informavam sobre experiências de escolarização da Educação Física nos diferentes estados investigados. No Rio de Janeiro, do acervo da Associação Brasileira de Educação, ganharam centralidade os documentos referentes à Seção de Educação Física e Higiene. Para o estado mineiro, o jornal Minas Gerais, Órgão Oficial dos Poderes do Estado e a Revista do Ensino, importantes veículos para a divulgação de política e práticas educacionais. No Centro de Memória do Esporte, da Escola de Educação Física, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), a exploração do acervo 'Lazer e Recreação Pública'. Na construção da trama, o engendramento do protestantismo no Brasil foi considerado como aspecto que possibilitou a inserção da Associação no país e os elementos que compunham a sistematização de Educação Física ali empreendida estavam marcados por códigos protestantes capazes de justificar a moralização dos costumes, a vocação para exercer um ofício, a dimensão da eficiência nas práticas, o uso racional dos exercícios físicos. Esta pesquisa evidenciou que os contornos para a Educação Física forjados na Associação não assumiram especificidades para o espaço escolar, foi a dinâmica de circulação dos sujeitos ali formados que promoveu modos de apropriações que participaram do processo de escolarização da disciplina. O cenário brasileiro de renovação educacional foi acolhedor para as iniciativas acemistas. A criação de órgãos específicos responsáveis por inspecionar, promover e orientar o ensino de Educação Física em estabelecimentos escolares foi também incentivadora das referências organizadas, especialmente por Andrade e Gaelzer. No processo de apropriação, práticas que revelam adesão, reconfigurações e recusa ao estabelecido na ACM. Chamados a contribuir no debate e nas iniciativas relativas à escolarização da Educação Física, os sujeitos investigados realizaram um exercício de recriação de sentidos, de deslocamentos necessários. Esta investigação, ao abordar sujeitos e proposições acemistas, contemplou a intenção de dar visibilidade a uma sistematização que, não pertencente ao universo europeu dos métodos ginásticos, mas, vinda dos Estados Unidos, também participou da constituição da Educação Física brasileira.

ABSTRACT

This study investigated the elements that constituted the Physical Education forged in the Young Men's Christian Association – YMCA and that resounded in actions for the schooling of Brazilian Physical Education in the 1920s and 1930s. To do so, subjects trained as physical directors in the Association were put on the scene: Henry James Sims, YMCA missionary born in the United States who served at the Association's headquarters in Rio de Janeiro; Renato Eloy de Andrade, the Inspector of Physical Education of Minas Gerais; and Frederico Guilherme Gaelzer, who was also Inspector in Rio Grande do Sul and Director of Recreation Gardens in Porto Alegre. The proposed spatial and temporal cutbacks were justified by the activities carried out by Sims, Andrade and Gaelzer in those states and temporality, which had a close relationship with a systematization produced and disseminated by the YMCA. In the establishment of sources for this investigation, different archives were mobilized. Institutional documents were recruited at the Kautz Family YMCA Archives in Minneapolis, USA. From Montevideo, documents informing about the formation of secretaries and physical directors at the Technical Institute of the South American Federation of the Young Men's Christian Associations. Also in the institutional dimension, the official journal of the Association in Brazil was investigated in the Brazilian Federation of YMCAs and in the National Library. For the appropriation practices, documents that informed about the experiences of schooling of Physical Education in the different states investigated were sent. In Rio de Janeiro, from the collection of the Brazilian Association of Education, the documents referring to the Physical Education and Hygiene Section gained a centrality. For the state of Minas Gerais, the newspaper Minas Gerais, Official Organ of State Powers and the Journal of Teaching, important vehicles for the dissemination of educational policy and practices. In the Center for Memory of Sport in the School of Physical Education, Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), the exploitation of the collection 'Leisure and Public Recreation'. In the construction of the plot, the creation of Protestantism in Brazil was considered as an aspect that made the insertion of the Association in the country possible and the elements that made up the systematization of Physical Education there were marked by protestant codes capable of justifying the moralization of customs, vocation to exercise a craft, the dimension of efficiency in practices, the rational use of physical exercises. This research evidenced that the contours for Physical Education forged in the Association did not take specificities for the school space, it was the dynamics of circulation of the subjects formed there that promoted modes of appropriations that participated in the schooling process of the school field. The Brazilian scenario of educational renewal was welcoming to the YMCA initiatives. The creation of specific organs responsible for inspecting, promoting and orienting the teaching of Physical Education in schools was also an incentive for the references organized, especially by Andrade and Gaelzer. In the process of appropriation, practices that reveal accession, reconfigurations and refusal to that established in the YMCA. Called to contribute to the debate and the initiatives related to the schooling of Physical Education, the investigated subjects carried out an exercise of recreation of senses, of necessary displacements. This research, when addressing the YMCA subjects and propositions, contemplated the intention of giving visibility to a systematization that, not belonging to the European universe of gymnastic methods, but, coming from the USA, also participated in the constitution of the Brazilian Physical Education.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: O agrupamento e a sequência de estudos para diretores físicos em 1908	138
TABELA 2: Currículo do <i>College division</i> para a formação em Educação Física em 1921	145

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Vista parcial dos campos esportivos do Granbery	41
FIGURA 2: Vista panorâmica da localização da construção do então novo edifício da ACM no Rio de Janeiro	52
FIGURA 3: Membros do Departamento de Educação Physica da A.C.M. do Rio em uma festa do Collegio Baptista	58
FIGURA 4: Folheto de divulgação da Associação Cristã de Moços, Rio de Janeiro, s/d...	70
FIGURA 5: Imagem contida no texto intitulado “A ginástica” do Dr. L. O. Roméro	71
FIGURA 6: Emblema proposto para ser o símbolo da YMCA	72
FIGURA 7: Exercícios calistênicos na praça de esportes em Montevidéu	100
FIGURA 8: Uma classe praticando exercícios calistênicos, sob a direção de H. Sims, na ACM do Rio de Janeiro	101
FIGURA 9: Classe da Escola Nacional Preparatória, praticando exercícios calistênicos sob a direção de líderes do Departamento de Educação Física. <i>Asociación Cristiana de Jóvenes</i> da Cidade do México	101
FIGURA 10: Crianças de escolas públicas, fazendo exercícios calistênicos sob a direção de líderes da Associação. <i>Asociación Cristiana de Jóvenes</i> de Monterrey, México	101
FIGURA 11: Uma das classes da Escola McKay, fazendo exercícios calistênicos sob a direção de um dos líderes da Associação. <i>Asociación Cristiana de Jóvenes</i> de Valparaiso	102
FIGURA 12: O time de basquete da ACM do Rio de Janeiro em 1915: Sims, diretor; Andrade, jogador	156
FIGURA 13: Na Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro, Renato Eloy de Andrade e os campeões de um campeonato interno de basquete em 1919...	157
FIGURA 14: Local onde eram ministradas as aulas de ginástica prática em <i>Lake Geneva</i>	170

FIGURA 15: Símbolo da ACM (1920)	178
FIGURA 16: Renato Eloy de Andrade e monitoras do curso intensivo de Educação Física	190
FIGURA 17: Gaelzer e grupo de professoras que terminaram o curso intensivo de Educação Física	198
FIGURA 18: Um flagrante da inauguração da Praça de Esportes do Grupo Escolar Barão de Macaúbas (1933)	210
FIGURA 19: Charlesbank: Ginásio para moças	211
FIGURA 20: <i>South Parks</i> , Chicago: típico ginásio ao ar livre para meninas	212
FIGURA 21: <i>South Parks</i> , Chicago: cena típica da piscina	212
FIGURA 22: Crianças brincando no Jardim de Recreio instalado na Praça Alto da Bronze em Porto Alegre. 1930	217
FIGURA 23: Crianças em praça pública na cidade de Porto Alegre (RS). Década de 1930	218
QUADRO 1: Textos produzidos por Sims, como autor ou tradutor, publicados na <i>Mocidade</i>	172
QUADRO 2: Textos de autoria de Renato Eloy de Andrade publicados na <i>Revista do Ensino</i>	177
QUADRO 3: Textos de autoria de Renato Eloy de Andrade publicados no <i>Boletim Educação Physica (Jogos e Callisthenia)</i>	177

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABE -	Associação Brasileira de Educação
ACM -	Associação Cristã de Moços
ACJ -	<i>Asociación Cristiana de Jóvenes</i>
CD -	Compact Disc
CEME -	Centro de Memória do Esporte
CEMEF -	Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer
CMEF -	Centro Militar de Educação Física
CNEF -	<i>Comisión Nacional de Educación Física</i>
EEFFTO -	Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
EsEFEx -	Escola de Educação Física do Exército
ISEF -	<i>Instituto Superior de Educación Física</i>
ITS -	<i>Institute and Training School of the YMCA</i>
SEPH -	Seção de Educação Física e Higiene
UDELAR -	<i>Universidad de la República</i>
UFMG -	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRGS -	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
YMCA -	<i>Young Men's Christian Associations</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - DO MOVIMENTO PROTESTANTE ÀS ESPECIFICIDADES DOS DIAGNÓSTICOS ACEMISTAS: DESTAQUES DE UMA DINÂMICA CULTURAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E BRASIL	34
1.1 Repertórios educacional e cultural: missões protestantes e os Estados Unidos como caminho para formação	37
1.2 Os (des)encontros com os católicos	47
1.3 A partir da Associação Cristã de Moços: a circulação de práticas culturais estadunidenses e de interpretações sobre o Brasil	56
CAPÍTULO 2 - A COMPOSIÇÃO DE UM SISTEMA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS	67
2.1 No Rio de Janeiro, a Associação Cristã de Moços e a criação do Departamento Físico	67
2.2 Sobre o físico, a cultura física e a educação física: os saberes e as práticas da ACM do Rio	82
2.2.1 <i>Para que Educação Física?</i>	83
2.2.2 <i>Sobre ginástica: entre calistenia e esportes</i>	93
2.2.2.1 <i>A calistenia</i>	95
2.2.2.2 <i>Os esportes</i>	103
2.2.3 <i>Um moderno sistema científico</i>	108
CAPÍTULO 3 - PORQUE NEM AS IDEIAS NEM AS INTERPRETAÇÕES SÃO DESENCARNADAS: A FORMAÇÃO ESPECIALIZADA NOS ITINERÁRIOS DE SIMS, ANDRADE E GAELZER	116
3.1 A formação do secretário geral	117
3.2 A preparação do diretor físico	125
3.2.1 <i>Em Chicago: compondo o itinerário dos diretores físicos atuantes no Brasil</i>	130
3.2.2 <i>No Instituto Técnico das ACM's: uma preparação na e para a América do Sul...</i>	159
CAPÍTULO 4 - A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, EXPERIÊNCIAS DE ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: MODOS DE CIRCULAÇÃO, PRÁTICAS DE APROPRIAÇÃO	169
4.1 A partir da produção e tradução de textos, divulgando maneiras de fazer Educação Física	171
4.2 Os cursos para a preparação do professorado: ressonância de uma estratégia acemista	182
4.3 O debate sobre o tempo pós-escolar: a instalação de praças de jogos nas cidades	202

CONSIDERAÇÕES FINAIS	222
REFERÊNCIAS	227
ACERVOS E FONTES PESQUISADOS	235

INTRODUÇÃO

UM DIALOGO

CARLOS. – Para onde te atiras, João?

JOÃO. – Vou á Associação.

C. – Mas que Associação é essa a que você sempre vae?

J. – E' a Associação Christã de Moços, á Rua da Quitanda.

C. – Já sei isto, mas quero saber o que é que ella é?

J.- E' uma <<instituição evangelica que tem em mira o bem estar intellectual, physico, social e religioso da mocidade>> como lá elles dizem.

C. – Mas o que quer dizer tudo isto no final das contas?

J. – Quer dizer que a Sociedade, para o bem intellectual dos moços, proporciona-lhes um gabinete de leitura e bibliotheca, no segundo andar do seu predio, que está aberto aos socios e amigos, e ao publico, todos os dias das 8 horas da manhã às 10 horas da noite. Mantém um curso commercial de aulas nocturnas, onde nós, empregados do commercio, occupados durante o dia inteiro, podemos estudar materias uteis para nosso adiantamento.

C. – Isto de ler e de estudar serve para ti, mas não é commigo.

J. – Pois bem, para augmentar a sociabilidade entre socios e visitantes, elles têm uma sala de diversão, com mesas de jogos, não de azar, mas jogos licitos e innocentes, como xadrez, damas, dominós, peteleca, etc.: promovem de vez em quando excursões sociaes ou passeios aos arrabaldes pittorescos da cidade; organizam festas, concertos, recepções, conferencias populares, scientificas e philosophicas, e diversas outras sessões de divertimentos.

C. – Tudo isto é muito bom, mas o que quer dizer esta palavra <<evangelica>>?

J. – Isto quer dizer que a administração, ou governo da Associação, está nas mãos dos membros das egrejas evangelicas. Elles fazem conferencias religiosas, praticas evangelicas, reuniões de oração a Deus, e estudos sobre as Escripturas Sagradas. Tudo isto é facultativo, porém; o socio pode assistir ou não, como quizer, mas todos são convidados. Qualquer moço pode ser socio, quer seja evangelico, quer não, comtanto que seja de boa moral.

C. – Ora, parece que é uma boa cousa. Quanto custa para ser-se sócio?

J. – A joia de entrada é de cinco mil reis; e paga-se adiantadamente a annuidade de vinte mil reis, em prestações trimensaes de cinco mil reis.

Mas vamos até lá para você ver o que temos, e como é agradável a convivencia entre os associados.

C. – Pois vamos. Como é que se entra no gremio?

J. – Qualquer socio pode propôr outro, e querendo entrar e não conhecendo nenhum socio, lá na Secretaria elles fazem propostas mediante qualquer referencia a alguma casa onde pode-se syndicar do character do pretendente. A joia de entrada sempre tem de acompanhar a proposta. Não queres que te proponha hoje?

C. – Homem, quem sabe: deixa eu ver primeiro as impressões desta visita hoje, e então talvez que sim.

*E lá se foram os dois amigos, subindo a escada do edifício social, á
Rua da Quitanda n. 39.
Quereis imitar o exemplo delles, leitor? Muito apreciaremos vossa
visita. (Oitavo relatório annual da Associação Christã de Moços do Rio
de Janeiro 1900-1901, p. 5-6)¹*

I.

Este estudo investigou os elementos que constituíram a Educação Física forjada na Associação Cristã de Moços (ACM), e que ressoaram em ações para a escolarização da Educação Física brasileira nas décadas de 1920 e 1930. Ao tomar tal instituição como lugar de emissão e ressonância de proposições, buscou-se compreender quais elementos compuseram sua modelagem, e investigar como e por que tal sistema circulou no Brasil participando da constituição da disciplina² no país³. Para tanto, experiências de formação e de atuações de sujeitos que fizeram da Associação um espaço de estudos e trabalho foram colocadas em cena.

Não se trata de uma associação tipicamente brasileira. Originada na Inglaterra e com marcada presença nos Estados Unidos, a *Young Men's Christian Association* (YMCA) expandiu-se por diferentes lugares ao redor do mundo. Sua presença em muitos países exigiu um cuidado na construção do texto no sentido de tentar expressar e demarcar o lugar de emissão das ideias, das ações, dos sentidos estabelecidos nas diferentes sedes em que a Associação constituiu-se. Essa imbricação de espaços demandou para essa narrativa um exercício de demarcação dificultoso, pois é um mesmo lugar institucional que recebe denominações distintas em função de sua localidade, contudo, em alguns momentos, os indícios anunciam generalidades sobre a Associação que não delimitam especificidade geográfica. Desse modo, foi realizado um esforço, a partir da enunciação das fontes, para utilizar YMCA quando a

¹ Oitavo relatório annual da Associação Christã de Moços do Rio de Janeiro 1900-1901, 1901, p. 5-6. Box 1. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

² Neste estudo, ao falar da Educação Física escolar usarei os termos matéria e/ou disciplina, posto que documentos mobilizados na investigação os tratam sem maiores distinções.

³ Um fragmento de texto presente em uma publicação comemorativa dos 15 anos de trabalho com a Educação Física nas ACM's da América do Sul, apresenta um indício sobre a denominação utilizada pela instituição para estabelecer os contornos relativos à Educação Física: "En vista de la insistente pregunta sobre nuestro 'Sistema' se decidió llamar a nuestros métodos de trabajo 'El sistema de las Asociaciones Cristianas de Jóvenes Norteamericanas'" (Quince años de Educación Física en las Asociaciones de América del Sur. Departamento de Educación Física de la Federación Sudamericana de Asociaciones Cristianas de Jóvenes. Editorial Mundo Nuevo: Montevideo-Buenos Aires, 1927. Acervo da *Asociación Cristiana de Jóvenes*, Montevideú). Neste trabalho, ao me referir a tal sistema, também usarei os termos *modelagem*, *projeto* e *sistematização*.

referência específica for a dos Estados Unidos ou de outro país de língua inglesa, como *Asociación Cristiana de Jóvenes* (ACJ) quando a alusão for ao Uruguai ou outro país de língua espanhola (exceção faz-se ao México, onde a denominação também é YMCA, embora com pronúncia diferente), e como Associação Cristã de Moços (ACM), para menção ao Brasil e referências gerais.

O surgimento da YMCA é atribuído a George Williams. Documentos biográficos informam que ele nasceu em 1821 em Dulverton, na Inglaterra, aprendeu a negociar tecidos aos 14 anos e se dedicou ao ofício ao longo da vida. Em 1841 foi para Londres e ocupou o cargo de assistente júnior no estabelecimento de tecidos de Hitchcock & Rogers. Casou-se com a filha de Mr. Hitchcock e associou-se ao negócio, que passou a ser chamado Hitchcock, Williams & Co.. Após a morte do sogro, George Williams tornou-se chefe da empresa, que teve seus negócios amplamente estendidos pelo país. Destacou-se também pela ação social. Embora eminente como um homem de negócios, George Williams é ainda mais distinguido como um filantropo. Estudos biográficos argumentam que quando ele se mudou para a capital britânica, deparou-se com pesadas condições de trabalho. O serviço era árduo em muitos escritórios e lojas, longas horas de trabalho, poucas oportunidades de lazer e descanso, e muitas tentações para o crime. As preocupações de Williams com as condições dos empregados foram expressas em seu engajamento para a redução da jornada diária de trabalho e para a existência do chamado *Saturday half-holiday*. As representações sobre sua pessoa são comumente enaltecidas, tanto para o sentido comercial, porque ser considerado ambicioso, metucioso, quanto para o aspecto das relações interpessoais, tido como um homem refinado, cortês e de grande alegria⁴. Esta última qualidade, destaque-se, acompanhou usualmente as representações sobre os missionários e outros sujeitos vinculados à ACM.

Foi no ano de 1844 que, junto a outros jovens, George Williams formou uma sociedade para abordar a dimensão espiritual dos empregados do comércio. Nas ações da recém-fundada confraria, o trabalho espiritual estava fortemente vinculado aos ensinamentos bíblicos. “O grupo propôs um programa de ‘instrução bíblica, aulas de aperfeiçoamento mútuo e a difusão da literatura cristã’ (...)”⁵. Assim, estabeleceu-se a YMCA.

Esta foi a origem da *Young Men's Christian Association*, que cresceu rapidamente em uma grande e importante sociedade. Agora está estendendo seu trabalho em todo o mundo e tem cerca de mil sedes espalhadas, com cerca

⁴ George Williams, Youth, November 1910, vol. 1, n. 1. Box 225. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

⁵ High ideals and high attainments for over 120 years. No date. s/p. Box 225. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

de seiscentos mil membros. Seu principal desejo é o de educar o jovem tecnicamente e em outros aspectos, mas acima de tudo cuidar de seu bem-estar espiritual⁶.

Seu processo de constituição foi marcado também por conflitos. Em um tributo a George Williams, escrito por E. G. Lentz (s/d), consta uma tensão que colocou em debate a relação adequada da YMCA para com a instituição religiosa na Inglaterra⁷. Ainda que declaradamente não fosse uma igreja, a Associação produzia-se também nessa relação de interdependência. No seu início, exigia dos associados a condição de ser membro de alguma igreja, conformando-se como forte aliada das instituições protestantes. No decorrer de suas ações, procurou minimizar as diferenças de credo e deixou os sócios livres para se identificarem com a religião de sua preferência, ao mesmo tempo que os proibia de proselitismo para alguma crença particular. Tal posicionamento dividiu a igreja internamente. Lentz (s/d) comenta que alguns membros levantaram a suspeita de ser a YMCA “tão mundana e secular que não merece o nome de Cristã”. Outros pareciam entender a YMCA como associação leiga, que agregaria valores aos sujeitos a partir da fé de cada um. Na ambiência permeada por tensões, a YMCA contou com o apoio de “muitos clérigos de liderança em todos os credos protestantes”⁸ e o entendimento não partidário ganhou ressonância e marcou a presença da Associação no Brasil. Seu periódico oficial no país, a *Mocidade*, anunciava, em 1914, que a entidade era um movimento leigo, de caráter cristão e não sectário⁹.

No seu movimento de expansão, a YMCA iniciou a ampliação de sedes na Europa em 1851, mesmo ano em que se instalou no continente americano. Apesar de inicialmente estabelecida na Inglaterra, um arranjo de ações indica que os Estados Unidos passaram a assumir centralidade na organização de iniciativas da Associação. Podem ser citados o movimento de expansão de sedes acemistas¹⁰, a criação da Comissão Internacional das YMCA's em 1879, com sede em Nova Iorque (BAÍA, 2012), e a circulação de missionários acemistas de origem estadunidense. Ao mesmo tempo em que teve acolhida naquele país estrangeiro, acabou sendo por ele também produzida.

⁶ George Williams, Youth, November 1910, vol. 1, n. 1, p. 6. Box 225. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (grifos meus) (tradução livre).

⁷O documento indicia tratar-se de um conflito com a igreja de ramificação protestante, uma vez que faz alusão ao puritanismo e a diferentes líderes de credos protestantes que se envolveram na tensão.

⁸ George Williams: a tribute to the founder of the red triangle, by E. G. Lentz. n/d, p. 18. Box 225. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁹ *Mocidade*, março de 1914, n. 239.

¹⁰ No final do século XIX, eram 1415 sedes instaladas na América do Norte.

“Não podemos imaginar, sem ver, o que são as Associações aqui nos Estados Unidos”. Essa afirmação feita em um texto, assinado em Nova Iorque, por Lauresto, em 1901, foi publicada no boletim de divulgação da ACM no Brasil. Nas impressões colhidas da viagem àquele país, Lauresto relata a distinção que a YMCA alcançara em termos de estrutura, de importância educacional, e de reconhecimento do seu trabalho. Das visitas realizadas em diversos de seus edifícios em *Boston, Buffalo, Jersey City* e *New York*, o relator indica o espraiamento das sedes nas cidades visitadas e a grandeza das instalações que não poderiam ser descritas “porque nós, que estamos acostumados aos nossos humildes compartimentos da Associação, não podemos imaginar”. Acentuando diferenças entre o que vivenciou no estrangeiro e a experiência brasileira, Lauresto enfatizava o crescimento e a respeitabilidade alcançados pela YMCA entre autoridades civis e militares, veículos de imprensa, políticos, religiosos e sujeitos abastados – com quem encontrava auxílios financeiros. Neste aspecto, uma demarcação contundente que parece soar como um ressentimento em relação à inserção da instituição no Brasil. “E como a maioria da população norte-americana é protestante, segue-se naturalmente que a Associação é bemquista por toda a população deste grande paiz”, e ainda, “o que é mais importante, é que a Associação é geralmente muito considerada, entre todos, mesmo dos que não pertencem a ella por suas crenças religiosas e opiniões particulares”. Os elementos presentes no relato de Lauresto realçam formas diferenciadas de constituição da YMCA no seu processo de expansão. A expectativa de que no Brasil a Associação alcançasse a influência, o respeito e o destaque conseguidos nos Estados Unidos parecia distante, e seria motivo para muito empenho. “Trabalhem por isso, com afinco, que esse tempo ha de chegar, não nesta nossa geração, mas em gerações futuras!”¹¹. Quase uma década após o início da instalação de sedes acemistas no Brasil, as impressões produzidas e o misto de adversidade e esperança expresso por Lauresto reforçaram a compreensão de que a inserção da Associação no país foi permeada por configurações culturais particulares.

Myron Augusto Clark foi o missionário acemista responsável pela instalação de sedes da Associação Cristã de Moços no Brasil. Nascido em 1866 na cidade de *Buffalo*, estado de Nova York, desde os tempos do colégio “fora elle activo e entusiasta no trabalho da A.C.M. entre os estudantes”. Em 1891 embarcou para o Brasil animado pelas “necessidades, perspectivas e interesses deste povo pela Causa”. Essa impressão foi-lhe causada pelo reverendo Chamberlain, já atuante como agente do movimento missionário de igrejas protestantes no Brasil, e que buscava inserir a cultura religiosa de seu país nas experiências

¹¹ ACM, 1 de setembro de 1901, p. 2-4.

brasileiras. No processo de investigação, a inserção e expansão do protestantismo no Brasil foram entendidas como aspectos propulsores para a vinda ao país de missionários acemistas dos Estados Unidos. Uma das primeiras ações de Clark foi familiarizar-se com o idioma local e “seguiu para o interior do paiz, para bem longe de onde podesse falar o seu idioma”¹². Empreendeu ele a implantação das sedes da ACM no Rio de Janeiro em 1893, em Porto Alegre em 1901, e em São Paulo em 1902¹³.

Originada como espaço de formação espiritual de jovens, a Associação Cristã de Moços estabeleceu outras ações no seu processo de desenvolvimento. O conjunto de respostas para a interrogação “Que é a Associação Christã de Moços?”, publicado pelo periódico das ACM’s no Brasil, demonstra o alargamento de iniciativas empreendidas na Associação que demarcava um projeto amplo de formação. Se podemos destacar um conjunto de iniciativas já organizadas, como uma escola noturna para os homens que trabalhavam durante o dia; a organização de festas, recepções, excursões por seu departamento social; e o ensinamento religioso ali empreendido; é possível ressaltar ainda o aparecimento da preocupação com os aspectos físicos, porque a Associação passou a promover exercícios para manutenção da saúde dos associados¹⁴.

O projeto formador da Associação Cristã de Moços no Brasil foi estudado por Anderson Baía (2012), tese que se constituiu como uma referência nesta pesquisa. O autor destaca o intenso trabalho das sedes acemistas sobre as dimensões moral, intelectual e física de seus associados.¹⁵ Ajustando o olhar sobre as iniciativas desse projeto, nos interessou destacar as ações que incidiam sobre o físico dos sujeitos. Nesse processo, orientei-me pelo propósito de reconhecer, a partir das iniciativas relativas às aulas promovidas pelo Departamento Físico, nos discursos sobre a Educação Física, na presença dos esportes na cidade, no exercício da calistenia, na formação do secretariado da Associação, aspectos que se expressavam como indícios de práticas culturais em circulação no Brasil. Práticas estas que já comportavam um imbricado de referências, pois nos Estados Unidos outras sistematizações para os exercícios físicos também circularam e foram apropriadas de modo a produzir sentidos culturais para a Educação Física naquele país. Perspectivada nas contribuições de Serge Gruzinski (2001) sobre o encontro entre culturas, chamo a atenção para o entendimento de que as culturas estadunidense e brasileira se apresentavam como sínteses já elaboradas de outros contatos,

¹² ACM, agosto de 1903, p. 2-3.

¹³ Em 1895 aconteceu uma primeira iniciativa de implantação da ACM em São Paulo, contudo, em função de uma organização deficiente e da ausência de missionários estrangeiros com experiência no projeto acemista, a sede foi fechada em 1897 (BAÍA, 2012).

¹⁴ Mocidade, março de 1914.

¹⁵ Em alguns momentos, é possível também destacar a expectativa de que tal projeto formador interviesse sobre outros sujeitos, que não apenas os sócios da ACM.

portanto, múltiplas e diversificadas. No tocante à constituição da Educação Física naquele país estrangeiro, algumas fontes revelam o diálogo com práticas europeias. Alfred Wood, que manteve vínculo com a ACM e trabalhou na sede da Associação em Porto Alegre, ao apresentar um histórico da Educação Física, em 1938, aponta como os saberes europeus circularam nos Estados Unidos e acabaram por constituir a Educação Física daquele país¹⁶:

En el nuevo mundo la Educación física fué un producto de importación, si se nos perdona la frase. Los Estados Unidos de Norte América, como colonia inglesa, recibieron una herencia deportiva grande a no dudarlo. Pero, una vez que el nuevo estado se hubo constituído, las corrientes inmigratorias llevaron consigo desde la vieja europa sus escuelas. Dinamarca envió la experiencia de la educación física escolar; Alemania su sistema de plazas de deportes y Suecia sus gimnasios (WOOD, 1938, p. 153).

No processo de investigação dos objetivos da pesquisa, nos interessou entender as condições que possibilitaram a chegada ao Brasil de missionários vindos dos Estados Unidos que atuaram com a Educação Física, bem como a ida de brasileiros para cidades estadunidenses a fim de especializarem-se na matéria. Para tanto, buscou-se identificar práticas reveladoras do contexto que teria viabilizado relações entre sujeitos daquele país e do Brasil.

II.

A presente pesquisa incidiu sobre práticas de escolarização empreendidas nas décadas de 1920 e 1930, especialmente, em três estados brasileiros: Rio de Janeiro, Minas Gerais, e Rio Grande do Sul. Os recortes temporal e espacial propostos justificaram-se pelas atividades exercidas por Sims, Andrade e Gaelzer naqueles estados e temporalidade, que mantiveram estreita relação com uma sistematização produzida e difundida pela ACM¹⁷.

¹⁶ Como um processo de tradução comporta desvios, as citações em língua espanhola serão mantidas no original, por entender que a compreensão do texto não será comprometida, já os fragmentos provenientes de língua inglesa estarão sob tradução livre.

¹⁷ Esta pesquisa organizou-se como um desdobramento da minha dissertação de mestrado defendida no ano de 2009, no Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais. Naquela ocasião pesquisei um órgão criado pela Reforma do Ensino Primário de Minas Gerais, em 1927, a Inspetoria de Educação Física de Minas Gerais. O objetivo da investigação era traçar como tal órgão investiu na escolarização da Educação Física no estado. Convidada para uma sessão de comunicação coordenada, submetida ao VII Congresso Brasileiro de História da Educação, realizado no ano de 2013, fui provocada a escrever sobre a presença de referenciais norte-americanos na Educação Física brasileira, tomando por objeto a atuação da Inspetoria. Ao escrever o trabalho e ao apresentá-lo e debatê-lo no referido evento, ficou posto que referenciais produzidos na e pela ACM ecoaram nas ações da Associação Brasileira de Educação

Sobre o período da investigação destaque-se que é um momento de intensos debates e mudanças no âmbito da Educação Física brasileira. É nesse tempo que o próprio termo *Educação Física* começa a afirmar-se para designar as práticas corporais sistematizadas para a escola. Tempo em que junto à ginástica, novas práticas começam a ser escolarizadas, com destaque para os jogos (VAGO, 2004). Instituições foram concebidas para promover formação específica em Educação Física. Em 1929, “o Estado de São Paulo reorganizava a Escola de Educação Física da Força Pública e, no Rio de Janeiro, entrava em funcionamento o Curso Provisório de Educação Física do Centro Militar de Educação Física [CMEF]” (LINHALES, 2006, p. 150). Com o “propósito de formar monitores e instrutores militares e civis” (LINHALES, 2006, p. 216), o CMEF, passados três do início de seus trabalhos, foi transformado em Escola de Educação Física do Exército (EsEFEx). Ainda complementando as ações de formação, em 1932 tem-se a criação da *Revista de Educação Física*, publicação do Exército Brasileiro, considerado o periódico mais antigo da área¹⁸. Naquele mesmo ano, outro impresso iniciou sua produção, a *Revista Educação Physica*, produzida no Rio de Janeiro, e que se manteve ativa até 1945¹⁹ (SCHNEIDER; FERREIRA NETO, 2008).

A partir da formação de diferentes *diretores físicos*, sujeitos responsáveis pela administração do Departamento Físico da Associação e pela organização de iniciativas relacionadas à educação do corpo dos associados, a ACM fez circular suas ideias e práticas em experiências de Educação Física no Brasil. Citem-se Henry James Sims, missionário acemista nascido nos Estados Unidos, e que atuou na sede da Associação no Rio de Janeiro; Renato Eloy de Andrade, o Inspetor de Educação Física de Minas Gerais; e Frederico Guilherme Gaelzer, que foi também Inspetor no Rio Grande do Sul e Diretor de Jardins de Recreio em Porto Alegre. Tais espaços constituíram-se como privilegiados locais de ação dos investigados.

(ABE) e da própria Inspeção. O conjunto de estudos reunidos nessa sessão indicou elementos da presença de sujeitos, práticas e saberes procedentes dos Estados Unidos, no processo de constituição da Educação Física no Brasil. Mas, longe de esgotar a temática, tais trabalhos apontaram a necessidade de investigações mais verticalizadas acerca da circulação de referenciais estadunidenses que marcaram a construção de tal disciplina. No XI Congresso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana (XI CIHELA), realizado no período de 6 a 9 de maio de 2014, na cidade de Toluca, México, participei do painel intitulado *Missionários, modelos pedagógicos e práticas para uma educação do corpo: presença norte-americana na educação física dos países da América Latina*. Além do trabalho de minha autoria *A atuação de Renato Eloy de Andrade como Inspetor de Educação Física: indícios de referenciais norte-americanos em Minas Gerais*, figuravam os estudos de Meily Assbú Linhales, *Trânsito de sujeitos e métodos norte-americanos: proposições para o ensino da educação física dentro e fora da escola brasileira*; de Paula Malán Moreira e Paola Dogliotti Moro, *La influencia protestante y del movimiento asociacionista de Springfield College en la educación del cuerpo y la educación física en el Uruguay*. Estes constituíram os movimentos iniciais de produção da tese.

¹⁸ Informação disponível em <<http://www.ipcfex.ensino.eb.br/revista.html>>. Acesso em 30.05.16.

¹⁹ No decorrer de sua existência, tal impresso teve diferentes complementos associados ao seu título como “revista técnica de esportes e atletismo”, “revista técnica de esportes”, e “revista de esportes e saúde”.

Nesta pesquisa, os sujeitos ocuparam lugar destacado. A escrita sobre eles foi uma tentativa de compreender suas ações e o modo como participaram do processo de escolarização da Educação Física. Ao conhecer determinados acontecimentos vivenciados por Sims, Andrade e Gaelzer, o propósito foi compreender como seus itinerários concatenaram ideias, experiências e ações que ajudaram a configurar processos de apropriação dos elementos da Educação Física acemista. O trabalho com os itinerários permitiu abordar a construção das trajetórias que configuraram os sujeitos ao mesmo tempo como detentores e mobilizadores de um conhecimento. Neste trabalho, a investigação sobre esses três diretores físicos consistiu em perceber que não existia um caminho definido para que chegassem a atuar como ‘mediadores’, por isso, a necessidade de conhecer as experiências que possibilitaram sua formação e atuação. Claudia Alves (2012), em diálogo com os trabalhos de Jean-François Sirinelli, argumenta que:

Construir itinerários é afinar a capacidade de observação para elementos do contexto histórico que se traduzem em vivências cotidianas, que marcam a sensibilidade, as escolhas, as afinidades, as aproximações e os deslocamentos que conformam o desenho da trajetória do intelectual. Nessa trajetória ele é tomado como indivíduo inserido em múltiplas dimensões espaço-temporais (ALVES, 2012, p. 116).

A ACM constituiu oportunidade para que Sims, Andrade e Gaelzer se forjassem como autores de iniciativas com a Educação Física, como autores (e tradutores) de textos, como mediadores de ideias. Na reconstituição de seus itinerários, é importante destacar a participação de Sims como peça constitutiva da trajetória de Renato Andrade. A essa análise foi possível agregar as contribuições de Sirinelli (2003), quando este discute o papel das gerações no meio intelectual e afirma que:

um intelectual se define sempre por referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo; quer haja um fenômeno de intermediação ou, ao contrário, ocorra uma ruptura e uma tentação de fazer tábua rasa, o patrimônio dos mais velhos é portanto elemento de referência explícita ou implícita (SIRINELLI, 2003, p. 254-255).

Nos processos de mediação cultural estabelecidos por Sims como missionário acemista, Andrade assumiu-se como seu seguidor. Como indício do legado, afirmava ele ter a “mais perfeita comunhão de idéas e de aspirações”²⁰ em relação ao trabalho desenvolvido por Sims no Departamento Físico da ACM.

²⁰ Mocidade, setembro de 1920, n. 319, p. 9.

Ao investigar a formação e a atuação desses sujeitos, o propósito foi compreender seu papel mediador, por considerar que atuaram como intérpretes das conexões estabelecidas entre um projeto de Educação Física estabelecido na ACM e experiências para sua escolarização no Brasil. Para essa análise, tomo as contribuições de Luciano Mendes de Faria Filho (2003, 2007) no que apresentam três acepções para a compreensão da noção de *escolarização*. A primeira delas referente ao estabelecimento de instituições responsáveis pelo ensino de saberes. Nesse sentido, a criação das Inspetorias de Educação Física em Minas Gerais no ano de 1927, e, no Rio Grande do Sul, em 1929, pode ser interpretada como iniciativa para maior formalização e sistematização do ensino da matéria. A direção desses órgãos exercida por Andrade e Gaelzer foi ensejo para que pudessem eles produzir referências mais contundentes para a disciplina no espaço escolar. Uma segunda acepção também ganhou relevo na análise, entendida como “o processo e a paulatina produção de referências sociais, tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados” (FARIA FILHO, 2003, p. 78). As proposições estabelecidas pela Associação Cristã de Moços tinham sua própria sede como lugar fundamental para empreendimento de suas ações. Coube a Sims, Andrade e Gaelzer articular referências para as especificidades escolares. Para essa segunda acepção, Faria Filho (2003) chama atenção para a emergência da profissão docente. As iniciativas dos sujeitos investigados também participaram da produção de identidades da denominada “professora especializada em Educação Física”. A insistência em qualificar professoras para o ensino da matéria constituiu-se como uma importante dimensão do processo de escolarização. Um terceiro sentido propõe compreender como foram submetidos à instituição escolar, os conhecimentos, os sujeitos e as sensibilidades. Esse exercício compôs essencialmente as práticas de apropriação, produzidas, especialmente, por Andrade e Gaelzer.

Cabe ressaltar, nesse processo de escolarização, a presença de diferentes sujeitos e modelagens pedagógicas que buscavam afirmar determinadas “maneiras de fazer”²¹ a Educação Física brasileira. Em circulação, vindos de diferentes lugares, estavam distintos modos de ensinar a disciplina na escola, de formar professores, de selecionar conteúdos, de compreender a criança, de conceber as finalidades da Educação Física. Os diretores físicos formados na ACM buscaram legitimidade nesse movimento.

Na história da Educação Física brasileira é contundente a produção de estudos que tomam a Europa como lugar que constituiu parâmetros para o campo. Referência na

²¹ Referência a Michel de Certeau (1996).

historiografia da Educação Física quando se trata de suas raízes europeias, Carmen Soares investigou as escolas de ginástica que ecoaram com mais força no Brasil, situando seu surgimento na Europa – a partir da relação entre ciência, sociedade e educação – e sua chegada aqui no país. Em um dossiê sobre os métodos ginásticos, afirmou junto com Andrea Moreno que:

Esse movimento em prol dos exercícios físicos – fruto de uma nova e mais positiva atitude em relação a eles – originou e configurou entre fins do século XVIII e início do século XX os chamados métodos ou escolas de ginástica e deram-se, assim, passos decisivos para o que conhecemos hoje como educação física. Os métodos ou escolas de ginástica nascem e se desenvolvem juntamente com a constituição dos Estados nacionais e participam, de certo modo, de sua identidade. Essa seria uma das razões para que França, Suécia e Alemanha, lugares importantes desse movimento, viessem a apresentar tanto singularidades quanto universalidades em relação a esse modo mais sistematizado de educar o corpo. (SOARES; MORENO, 2015, p. 109).

Produção de um corpo reto e um porte rígido. Disciplina e ordem. Em diálogo com estes e outros códigos culturais, os métodos ginásticos revestiam de ciência e de sistematização os divertimentos do povo, o circo, as festas e os passatempos, a fim de canalizarem energia para a utilidade dos gestos e das ações, e romperem com a característica de puro divertimento, com a expressão do corpo como simples espetáculo. As diferentes escolas europeias de ginástica pareciam partilhar finalidades como: a regeneração da raça e a promoção da saúde em um contexto de doenças e alto índice de mortes; o desenvolvimento de características úteis à indústria e à guerra, como vontade, coragem, força e energia de viver; e a moralização da população, a partir da intervenção nos seus modos de vida. Cabe ressaltar que, em suas primeiras sistematizações, o termo *ginástica* compreendia sob essa denominação uma multiplicidade de práticas corporais como jogos, acrobacias, exercícios militares, esgrima, corridas, danças, saltos, equitação (SOARES, 2005).

Esses métodos extrapolaram as fronteiras dos países de origem e encontraram fértil acolhida muito além do continente europeu. Livros (originais e traduções), programas escolares, discursos de intelectuais e de políticos, notícias de jornais, são exemplos de por onde circularam, foram divulgados, e também sofreram modificações. Diferentes sujeitos, por diferentes táticas e estratégias, ajudaram a enraizar, mais ou menos profundamente, uma nova maneira de conceber e educar o corpo, cuidar dele e cultivá-lo a partir de metódicos exercícios ginásticos (SOARES; MORENO, 2015, p. 109).

Embora a ACM e a rede por ela estabelecida estivessem presentes no cenário que buscou maior sistematização para as práticas de Educação Física nas escolas, a historiografia da área

tende a dar visibilidade aos métodos europeus, ainda que rechaçados em algumas experiências no Brasil. Ao mesmo tempo em que interlocutores da Associação buscavam afirmar um projeto para a Educação Física, o país experimentava, por meio da legislação, a obrigatoriedade de outra modelagem para a disciplina. Apesar de já adotado nos quarteis anos antes, o método francês só foi oficialmente regulamentado para o exército brasileiro em 1921. Mais adiante, em 1929, implementou-se sua obrigatoriedade, por intermédio de aparato legal, para os estabelecimentos escolares²². Se, nos termos da lei, em 1929 pretendia-se a adoção do método francês de ginástica em todo o território nacional, existiam práticas de Educação Física que não aderiram a tal aspiração e se modelaram a partir de outros referenciais, ressaltem-se aqui aqueles de inspiração estadunidense²³.

“Enquanto não for criado o ‘Método Nacional de Educação Física’, fica adotado em todo o território brasileiro o denominado Método Francês sob o título de ‘Regulamento Geral de Educação Física’” (MARINHO, 1952, p. 204), dizia o artigo 41 do anteprojeto de lei submetido, em 1929, ao estudo da comissão de Educação Física pelo General Nestor Passos, Ministro da Guerra. Diante disso, a Associação Brasileira de Educação posicionou-se em relação às proposições do referido documento, a partir da produção de um parecer, no qual os acemistas foram chamados para contribuir.

Longe de ser apenas um embate rigidamente polarizado entre militares e civis, uma mudança no foco da observação permitiu identificar que os pontos de tensionamento de tal episódio podem ser interpretados como uma luta de representações entre projetos educativos diferenciados que, no seu desenrolar, comportou interesses específicos, negociações, apropriações e transações provisórias (LINHALES, 2006, p. 164-165).

Na concorrência pelas proposições para o ensino de Educação Física no Brasil, a ACM passava a estabelecer embates também com os militares representantes do método francês pela disputa de poder e de legitimidade. Os elementos acemistas para a Educação Física encontraram acolhimento em temas e propostas que, naquele momento, propugnavam novos sentidos para a escola. Marta Carvalho (2011) discorre sobre as mudanças promovidas pela afirmação de um novo modelo pedagógico no cenário brasileiro, especialmente, a partir da segunda metade dos anos de 1920.

²² Sobre a adoção e oficialização do Método Francês no Brasil, cf. Goellner (1992).

²³ Ainda nos meus estudos de mestrado, essa afirmação, mesmo que de modo indiciário, procedeu para a Inspeção de Educação Física de Minas Gerais. Suas iniciativas apresentaram-se resistentes às proposições do Método Francês. Cf. Silva (2009).

A revisão das finalidades sociais da escola e seu potencial transformador e conformador foi empreendida por uma nova geração de educadores, a partir de seus múltiplos contatos com o movimento pela Escola Nova que se desenrolou na Europa e nos Estados Unidos, no período entreguerras (CARVALHO, 2011, p. 195).

Nesse processo, surgiram novas representações sobre os sujeitos, sobre o poder regenerador da escola, sobre a função disciplinadora da educação. Ao se reportar às mudanças no cenário educativo dos anos de 1920, Carvalho (1997) assevera que:

Na campanha educacional, saúde, moral e trabalho compunham o trinômio sobre o qual se deveria assentar a “educação do povo”. Montava-se, com ele, uma espécie de jogo de espelhos: hábitos saudáveis moralizam; uma vida virtuosa é saudável; moralidade e saúde são condição e decorrência de hábitos de trabalho; uma vida laboriosa é uma vida essencialmente moral e saudável etc. (CARVALHO, 1997, p. 306, grifos da autora).

Saúde, moral e trabalho também constituíam eixos importantes no projeto acemista. Ressaltava, assim, a ACM “a relação que existe entre os bons hábitos neuro-musculares e o desenvolvimento do carácter”. Ao indicar a relação entre a quantidade de trabalho produzido e o valor dos sujeitos, a Associação reafirmava em letras destacadas que “*a eficiencia do individuo depende da manutenção da saude*”²⁴.

Dos discursos pedagógicos que informaram mudanças nos anos de 1920, Carvalho (1997) argumenta sobre a produção de novas sensibilidades pautadas nas representações da vida moderna, a centralidade do interesse das crianças nos processos educativos e a eficiência como metáfora para disciplina. Esses aspectos conformaram um espaço privilegiado para a adoção de uma prática recorrente nos discursos e práticas de Educação Física na ACM: os jogos.

No processo investigativo, interrogamo-nos sobre a sistematização da Educação Física tecida pela ACM, que passava a ganhar legitimidade. Para responder à questão, tomamos como possibilidade interpretativa elementos-chave do fenômeno educativo abordados por Faria Filho (2003): os espaços, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas. Apesar de articulados em seus estudos ao processo de escolarização, os elementos elencados pelo autor pareceram férteis para analisar um projeto educativo organizado também para outros tempos e espaços. Foi ainda fecundo, porque, se os contornos da Educação Física empreendida na ACM não visavam originalmente a articulação com a escola, Sims e, especialmente, Andrade e Gaelzer

²⁴ Mocidade, outubro de 1921, n. 332, p. 11-12, grifos do autor

promoveram de maneira contundente iniciativas relacionadas ao ensino da matéria em estabelecimentos escolares no Brasil.

Assim, podemos nos perguntar: Quais eram as especificidades dos espaços para a realização dos exercícios físicos promovidos pela ACM? Quem era o público pretendido? Quais as competências necessárias aos diretores físicos, sujeitos que, na Associação, envolveram-se diretamente com a constituição da Educação Física? Que conhecimentos embasaram suas proposições? Quais as práticas propostas? Que finalidades justificavam o ensino dos exercícios físicos? As respostas a essas questões ajudam a estabelecer o que tenho denominado de *sistematização de uma Educação Física acemista*. A discussão sobre as proposições capazes de revelar especificidades referentes ao ‘modo de fazer’ a Educação Física na Associação Cristã de Moços, está afinada com uma questão de fundo: quais elementos da cultura estadunidense estiveram presentes nos saberes que subsidiaram o ensino dos exercícios físicos, na compreensão acerca dos alunos e dos diretores físicos, na seleção de conteúdos a ensinar, no estabelecimento dos sentidos educativos das práticas? Para abordar essa questão, recorri às contribuições de Mirian Warde (2000) sobre *americanismo*. Parece ser possível entender a ACM como mais um ‘mecanismo’ pelo qual o ‘americanismo penetrou no Brasil’ e ‘moldou formas de pensar, sentir e viver’ (p. 43). A partir de indicações de estudo anterior²⁵, foi possível sustentar a hipótese ali suscitada de que as apropriações acemistas para a escolarização da Educação Física primavam pelos estudos científicos como subsídios às práticas docentes, especialmente a psicologia e a fisiologia; pela presença dos jogos e da calistenia como práticas privilegiadas nas aulas; pela eficiência como metáfora de uma intervenção pedagógica que se propagou nos anos de 1920. Já a partir da compreensão do projeto formador da Associação (BAÍA, 2012), apresento mais um elemento das experiências produzidas por Sims, Andrade e Gaelzer para o ensino de Educação Física: um componente moralizador, dadas as questões que constituíam a ACM como instituição.

Para a análise das ações dos sujeitos, partilho dos argumentos de Thais Fonseca (2012) quando anuncia a fecundidade de estudos em história da educação que consideram as contribuições de Serge Gruzinski sobre os contatos entre as culturas, a circulação e as mediações culturais. Nessa pesquisa, ao entender que houve uma circulação de elementos constitutivos da Educação Física forjada na ACM em experiências de escolarização da disciplina no Brasil, busquei compreender o dinamismo e as trocas presentes nesse processo que resultaram em novas interpretações, reconstruções e remodelações. A opção por essa

²⁵ Cf. Silva (2009).

perspectiva demandou o reconhecimento de um processo dinâmico entre a ACM, sujeitos, espaços e modos de organização que produziu novos contornos para escolarização da Educação Física brasileira. Sobre as práticas de apropriação, tratamos de investigar como Sims, Andrade e Gaelzer atribuíram finalidades para a presença da calistenia e dos jogos nas escolas; interpretaram os saberes científicos na constituição da prática docente; compreenderam a relação da Educação Física com a moralidade e a eficiência; construíram sentidos para a formação especializada de professoras.

Se é possível falar em circulação de saberes, práticas, e sujeitos, este processo demandou olhar para os lugares em que tais elementos foram acomodados, não de forma passiva, mas a partir do engendramento de seus sentidos culturais que comportaram exercícios de interpretações. A noção de *apropriação* pareceu útil, porque, como ensina Roger Chartier (1990, p. 136), “postula a invenção criadora no próprio cerne dos processos de recepção”. O olhar para as fontes tentou captar aquilo que se pretendeu transformar em prática pedagógica e que teve expressão em propostas de ações para as escolas, cursos de formação do professorado, publicações impressas, palestras e debates.

A ocupação de cargos públicos por parte de Renato Andrade e Frederico Gaelzer configurou-se como possibilidade para que as propostas forjadas na ACM adentrassem as instituições escolares, apresentando assim novos contornos para a disciplina que se encontrava em processo de constituição. De regresso ao Brasil, na década de 1920, após um período de formação em Chicago²⁶, os acemistas foram chamados a ocupar as Inspetorias de Educação Física em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, respectivamente, que dentre outros propósitos, visavam promover o ensino de Educação Física nas escolas. A interlocução de Sims com a ABE, criada em 1924, é também indício dessa articulação. Em suas atuações, organizaram eles práticas criadoras pois “a aceitação das mensagens e dos modelos opera-se sempre através de ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares que são o objecto fundamental da história cultural” (CHARTIER, 1990, p. 136-137). Chamados a contribuir na discussão e nas iniciativas que relacionavam o ensino de Educação Física a um debate de renovação educacional, esses sujeitos realizaram um exercício de recriação de sentidos, de deslocamentos necessários.

Diante do exposto, no movimento de remodelação da escola promovido no decorrer da década de 1920, os elementos que compunham a Educação Física forjada na ACM parecem encontrar terreno fértil para serem acolhidos, reinterpretados, remodelados.

²⁶ Mocidade, agosto de 1923, n. 354.

III.

O processo de produção das fontes demandou-nos interrogar os documentos a partir das perguntas orientadoras da pesquisa: Por que a ACM teve acolhida em terras brasileiras? Por que, em uma Associação que tinha múltiplas proposições, as ações para uma formação física ganharam destaque e relevância? Quais eram os elementos que compunham a Educação Física tecida pela ACM? Como ela passou a ganhar legitimidade no Brasil? Como puderam Henry Sims, Renato Andrade e Frederico Gaelzer agir como agiram, e, assim, mobilizar elementos acemistas nas iniciativas com a Educação Física que promoveram? Tais questionamentos levaram a um trabalho de garimpagem de fontes em diferentes países. Arquivos institucionais localizados no Brasil, no Uruguai e nos Estados Unidos foram visitados e diferentes acervos e documentos foram mobilizados.

No tocante à documentação institucional, foi realizado um levantamento de fontes nos *Kautz Family YMCA Archives*, em Minneapolis, nos Estados Unidos²⁷. O arquivo faz parte da biblioteca da Universidade de Minnesota. Na pesquisa do acervo, três coleções interessaram de forma mais contundente: *YMCA International Work in Brazil: An Inventory of Its Records*; *George Williams College: An Inventory of Its Records* e *YMCA Biographical Files: An Inventory*. A primeira é composta por correspondências, relatórios e material impresso sobre o trabalho internacional da YMCA no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo²⁸. A segunda possui registros que documentam operações, administração e produção acadêmica do *George Williams College*²⁹ desde as suas origens na década de 1880. A terceira constitui-se de material biográfico de líderes da YMCA nos Estados Unidos. A quantidade e o tipo documental são variados para cada um dos sujeitos que constam na listagem da coleção. Para alguns deles, existem apenas registros biográficos básicos, para outros, um conjunto substancial de documentos que abrange diários, manuscritos, recortes, correspondências, relatórios, entre outros³⁰. No conjunto de fontes, encontramos indícios: da constituição da YMCA; dos itinerários de diferentes sujeitos que fizeram da YMCA seu lugar de formação e/ou atuação, como Henry J. Sims; do investimento na construção das sedes acemistas no Brasil; do processo

²⁷ O levantamento dos documentos na instituição foi realizado em 5 dias, período de minha estadia em Minneapolis. Agradeço a Bruna Albuquerque que me acompanhou nessa empreitada e, como uma assistente de pesquisa, muito auxiliou na reunião das fontes.

²⁸ Disponível em <<http://special.lib.umn.edu/findaid/html/ymca/yusa0009x2x12.phtml#a5>>. Acesso em 02.04.16.

²⁹ Sims estudou na instituição ainda quando denominada *Institute and Training School of the YMCA (ITS)*, e Andrade e Gaelzer quando conhecida como *YMCA College or Association College*.

³⁰ Disponível em <<http://special.lib.umn.edu/findaid/html/ymca/yusa0012.phtml>>. Acesso em 02.04.16.

de especialização em Educação Física, que resultou no estabelecimento de uma nova profissão dentro da Associação; da formação realizada por Sims, Andrade e Gaelzer em Chicago.

De Montevideu, documentos sobre a formação dos secretários e diretores físicos no Instituto Técnico da Federação Sul-Americana das Associações Cristãs de Moços no período de 1922 a 1950. A documentação, reunida em um CD, fruto do trabalho desenvolvido pela biblioteca do *Instituto Universitario de la Asociación Cristiana de Jóvenes*, é composta por livros sobre as formaturas dos estudantes, que informam sobre as finalidades do Instituto, o processo de formação, os nomes e um breve histórico dos alunos. Há também, uma publicação comemorativa dos 25 anos do Instituto Técnico que apresenta uma multiplicidade de dados sobre a história da instituição. A documentação ali presente instigou uma visita à sede da ACJ em Montevideu. A expectativa era encontrar atas, resumos de aulas, memórias, que pudessem informar mais detalhadamente sobre saberes aprendidos por Renato Andrade, uma vez que no Instituto diplomou-se. Contudo, a ACJ ainda não possuía uma política de organização, catalogação e divulgação do seu acervo, o que dificultou o acesso aos documentos naquele momento³¹. Mais tarde, em função de um diálogo estabelecido entre o Centro de Memória da Educação Física, do esporte e do lazer (CEMEF/UFMG) e o *Instituto Superior de Educación Física de la Universidad de la República*, outros documentos e produções históricas relativos à ACJ puderam ser mobilizados.

Ainda na dimensão institucional, a pesquisa no arquivo da Federação Brasileira das Associações Cristãs de Moços, em São Paulo, permitiu encontrar exemplares do impresso oficial da ACM. Inicialmente intitulado *A.C.M.*, órgão semanal da Associação, seu primeiro número foi produzido em 1898. Tinha por propósitos realizar um trabalho evangélico entre a mocidade, explicar as ações da Associação, anunciar seu programa semanal, e divulgar os deveres dos sócios. O periódico não tinha assinatura, ainda que a ACM aceitasse doações

³¹ Agradeço a Paola Moro a disponibilização do CD no qual os documentos estão reunidos. Grande parte da documentação da ACJ foi encaixotada e está sob a guarda de uma empresa especializada. Apenas informações superficiais indicam sobre o conteúdo das caixas, que ultrapassam o número de 35. Diante desse cenário e em função do tempo para a pesquisa, escolhi, a partir de datas, de tipologia documental e de temas, garimpar 6 caixas. Nesse processo, pouco material relacionado ao Instituto foi encontrado. Mas, outra pista surgiu: se no caso das ACM's brasileiras, era publicada a *Mocidade*, a ACJ organizava um boletim mensal. Alguns exemplares foram encontrados nas caixas arquivadas pela Associação, mas publicações que informam sobre o período em que Renato Andrade fez sua formação não foram localizadas. A partir dessa pista, quando ainda em Montevideu pesquisei no site da Biblioteca Nacional e o boletim da ACJ estava presente no acervo e disponível para consulta. Entretanto, uma frustração. Ao chegar ao edifício, um cartaz informava que, por razões de manutenção, o departamento de serviços públicos da Biblioteca Nacional do Uruguai não funcionaria naqueles dias em que eu estava na cidade. Portanto, não acessei outros exemplares do referido boletim. Ressalto a importância do encontro com André Gonnet, professor no Instituto Universitário da ACJ; Jesus Ithurrealde, diretor geral da *Asociación Cristiana de Jóvenes* em Montevideu; e Monica Porta, assistente de direção geral da ACJ, que, em meio aos seus trabalhos cotidianos, estiveram à minha disposição para ajudar no que fosse necessário e que estivesse ao alcance deles.

espontâneas para a sustentação do órgão. Era distribuído semanalmente para os associados, para frequentadores de igrejas evangélicas, *in loco*, no domingo pela manhã. Na parte da tarde, era também entregue aos que passavam nas adjacências do edifício da Associação³². Essa dinâmica sofreu alterações com o andamento das ações da instituição. Em 1906 passou o periódico a denominar-se *Amigo da Mocidade*, órgão mensal das Associações Cristãs de Moços no Brasil, e a abranger sedes instaladas em todo o país. “Agora mais do que nunca o jornal é das Associações do Brazil, e não exclusivamente da do Rio”. A assinatura não mais era gratuita, cobrança que, segundo o impresso, já vinha sendo feita mesmo antes da mudança de nome. Os propósitos reafirmavam-se: “a propaganda das A.C.M. e da moral evangelica entre os moços”³³. No ano de 1913, o impresso anunciava outras mudanças. “Ha cerca de anno e meio recebeu o nome de <<Canaan>>, mas como isso não tenha agradado á maioria dos leitores, e não tenha tal nome significação especialmente adequada ao genio da folha, retoma hoje uma parte do antigo titulo”, quando passou o periódico a ser chamado de *Mocidade*, revista das Associações Cristãs de Moços no Brasil³⁴. Esta foi pesquisada na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro. Foram levantados exemplares de 1913 a 1925, ano em que suas páginas anunciaram a suspensão do periódico.

Para captar práticas de apropriação, foram reunidos documentos que abordam ideias, proposições e iniciativas promovidas por Henry Sims, Renato Andrade e Frederico Gaelzer em outros lugares, que não a ACM.

Do acervo da ABE, ganharam centralidade os documentos referentes à Seção de Educação Física e Higiene (SEPH) na qual a presença de Sims nos debates referentes à Educação Física pode ser percebida³⁵.

O jornal Minas Gerais, Órgão Oficial dos Poderes do Estado e a *Revista do Ensino* de Minas Gerais, foram importantes impressos em que ações da Inspeção de Educação Física circularam e suportes nos quais Renato Eloy de Andrade expressou os sentidos para a Educação Física que produziu no estado.

No Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), encontramos o acervo *Lazer e Recreação Pública*, coleção em que boa parte é composta por documentos referentes ao professor Frederico

³² A.C.M., 3 de setembro de 1898.

³³ O amigo da mocidade, janeiro de 1906, p. 3.

³⁴ Mocidade, janeiro de 1913, p. 1.

³⁵ Por ocasião da elaboração de sua tese de doutorado, a professora Meily Assbú Linhales, a partir dos arquivos da ABE, organizou um *corpus* documental com correspondências, livros de atas, inquéritos, entre outros documentos, hoje presente no seu arquivo pessoal que me foi disponibilizado para consulta.

Guilherme Gaelzer. Na documentação, álbuns organizados pelo próprio professor que contém anotações pessoais, fotografias, recortes de jornais, convites, cartões, material de divulgação; imagens de materiais tridimensionais; ofícios; correspondência, entre outros, que informaram sobre sua atuação como diretor de jardins de recreio e como inspetor estadual de Educação Física³⁶.

Estabelecidas as questões, constituído o contexto, apresentadas as operações de análise e estabelecido o conjunto de fontes, restou enfrentar o exercício de passar da prática investigadora à escrita (CERTEAU, 2006).

IV.

Para tecer essa história, a construção da trama incluiu variadas operações que buscaram conferir inteligibilidade e relevância à pesquisa. Inicialmente, nos pareceu importante demarcar as condições do contexto brasileiro que teriam possibilitado a circulação de uma sistematização para a Educação Física forjada na ACM e configurada marcadamente com características dos padrões culturais estadunidenses. Não podemos perder de vista a tessitura que permitiu maiores atenções à formação física dos sujeitos, posto que o projeto da Associação era mais amplo. Para a identificação de elementos da Educação Física forjada na ACM em experiências brasileiras, as iniciativas promovidas por Sims, Andrade e Gaelzer ganham visibilidade na composição da trama; afinal, não parece ser razoável pensar em circulação sem a ação de seus agentes. Nessa análise foi possível a identificação de códigos culturais estadunidenses em circulação, destaquem-se a *eficiência*, o *governo de si* e a *orientação moral*. Na negociação de sentidos, aqueles mediadores não apenas promoveram o trânsito de ideias e proposições, mas também produziram práticas de apropriação expressas em variadas “maneiras de fazer” a Educação Física no Brasil.

A escrita desta história comportou o estabelecimento de quatro capítulos. No primeiro, a entrada do protestantismo no país foi compreendida como aspecto que incentivou a instalação da Associação Cristã de Moços no Brasil. Ao abordar tal movimento religioso, não podemos perder de vista que sua inserção se deu em uma ambiência mais ampla em que um conjunto de

³⁶ Muitos documentos do Centro de Memória do Esporte da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul encontram-se digitalizados e disponibilizados no seu repositório digital disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40501>>. Acesso em 19.11.17.

referências vindo dos Estados Unidos, inscrito em instituições, em costumes e em valores, foi promovido em terras brasileiras. As tensões no desenvolvimento das ações missionárias protestantes e das iniciativas da ACM foram abordadas a partir do embate com os católicos. Os documentos permitiram ver uma disputa por códigos religiosos, por projetos educacionais, por legitimidade, que colocava o catolicismo como elemento dificultador para a expansão das proposições acemistas. A religião no Brasil era uma das facetas que interessou à ACM investigar. Os diagnósticos sobre o país e seu povo, elaborados pela Associação, produziram interpretações sobre o Brasil que revelam uma artimanha: a demarcação de fragilidades que marcavam o cenário brasileiro, ao mesmo tempo, em que era representado como um país promissor, desde que, bem orientado por sujeitos com autoridade (abalizada por uma nuance autoritária) para traçar os rumos ao progresso.

No capítulo dois, apresento como a dimensão física passou a ganhar destaque nas ações da Associação. Em um movimento de idas e vindas, que ora amplia o olhar para os empreendimentos da YMCA nos Estados Unidos, ora concentra as análises nas iniciativas da sede carioca, analiso elementos-chave da Educação Física empreendida na ACM. Tratou-se de compreender como iniciativas institucionais – citem-se as publicações no periódico oficial da Associação, a realização de eventos, o cotidiano de atividades na sede do Rio de Janeiro – mobilizavam e propagavam uma “maneira de fazer” Educação Física, examinando os aspectos constitutivos da modelagem forjada. A presença da calistenia e dos esportes como conteúdo das aulas, a insistência na dimensão moral que marca as ações sobre a dimensão física dos sujeitos, o recurso à cientificidade como subsídio do trabalho com a Educação Física, configuraram o sistema produzido na ACM.

No capítulo três é discutida a preparação especializada de Sims, Andrade e Gaelzer. Ganhou destaque na narrativa os estudos na instituição de formação de diretores físicos da YMCA em Chicago. Ainda no processo de especialização em Educação Física, também entrou em cena o Instituto Técnico da Federação Sul-Americana das Associações Cristãs de Moços. Assumi a argumentação de que “mais do que o que esses sujeitos pensaram, o que se quer pôr em cena é como esses sujeitos puderam pensar o que pensaram” (FARIA FILHO; CHAMON; INÁCIO, 2009, p. 7). Eles transitaram por diferentes países, inscreveram-se em relações institucionais, tiveram competências a eles atribuídas e assim articularam ideias, práticas e culturas. Compreendidos como mediadores culturais, “como agentes de mobilização, torna-se fundamental seguir suas pistas, atentar para suas experiências, nos tempos e lugares diversos onde e quando estiveram e atuaram, que contatos estabeleceram, de que dinâmicas coletivas participaram” (FONSECA, 2013, p. 69).

No capítulo quatro, a discussão está centrada no modo como Sims, Andrade e Gaelzer fizeram circular representações da Educação Física empreendida na ACM, como atribuíram sentidos às suas práticas profissionais, e como criaram um sistema de conexões dentro das iniciativas para a escolarização da disciplina. Uma ambiência de renovação pedagógica marcada por novas percepções em relação à infância, novos modos de formar professores, novos discursos pedagógicos, novas modalidades de práticas constituiu o contexto em que os mediadores investigados atuaram e que pareceu configurar-se como campo fértil para a adesão das apropriações de elementos da Educação Física acemista. Para outros lugares da cidade, ganhou destaque o debate relativo à inauguração de praças de jogos, espaços considerados como uma extensão da ação educativa da escola.

Ao tomar a Associação Cristã de Moços como lugar de formulação de prescrições e de saberes sobre a Educação Física, bem como os sujeitos como mediadores que promoveram a circulação e a apropriação dos elementos-chave que compuseram um projeto de Educação Física na ACM, esta pesquisa pretendeu debruçar-se sobre experiências ainda pouco exploradas. Assim, este estudo visou dar visibilidade a vestígios do passado capazes de produzir outras versões para a história da Educação Física brasileira, pondo em evidência outros contornos que se colocavam na trama que constituiu a Educação Física como uma disciplina escolar no país. Os questionamentos, as discussões, as análises aqui empreendidas, pretenderam contribuir para um outro modo de pensar a configuração da Educação Física brasileira conectando-a à disputa permanente pelos sentidos de seu ensino.

CAPÍTULO 1 - DO MOVIMENTO PROTESTANTE ÀS ESPECIFICIDADES DOS DIAGNÓSTICOS ACEMISTAS: DESTAQUES DE UMA DINÂMICA CULTURAL ENTRE ESTADOS UNIDOS E BRASIL

Tecer a trama que conferiu condições para a interlocução entre projetos brasileiros para a escolarização da Educação Física e a Associação Cristã de Moços, demandou reconhecer que a circulação de elementos presentes na cultura dos Estados Unidos se iniciou antes da chegada da ACM em terras brasileiras e teve continuidade a partir de sua inserção no país. Dinâmica que envolveu a presença de instituições, valores educativos, costumes, e que fez circular outras sensibilidades e compreensões de mundo que produziram marcas na nossa cultura.

O desenvolvimento, o sistema de valores morais, o ideal democrático, os estudos de aplicação prática presentes nos Estado Unidos receberam acolhida por parte de um grupo de liberais brasileiros, composto, sobretudo, pela elite intelectual e política do país. Momentos de efervescência marcaram o período que antecedeu e organizou a abolição da escravatura e a proclamação da República em 1889. Articulações políticas e sociais tiveram como sujeitos, de um lado, os que pretendiam a manutenção de uma sociedade já estabelecida, de outro, aqueles que ambicionavam seguir rumo ao progresso conduzidos por uma outra organização política, seduzidos pelo sistema norte-americano (MESQUIDA, 1994).

Também na construção cultural das cidades e das identidades dos sujeitos, novos recursos técnicos, formas de arte, bens de consumo, informavam sobre os modos de viver nos Estados Unidos. Moniz Bandeira (2007) afirma que, após a primeira guerra mundial, a influência estadunidense na constituição do clima cultural no Brasil configurou-se a partir de novas ênfases.

O cinema difundia as lições de filosofia maniqueísta nos duelos entre o bandido e o mocinho. O standard – para a fabricação em série – regulava também os valores éticos e intelectuais dos Estados Unidos.

O gramofone introduziu o *jazz*, que o rádio, posteriormente, popularizaria. O *charleston*, juntamente com o tango argentino, entrou nos bailes, onde outrora a mocidade dançava a quadrilha e a valsa vienense. As agências americanas – United Press e Associated Press – monopolizaram, praticamente, o noticiário do exterior, na imprensa brasileira. O automóvel, que tanto influiria nos padrões de comportamento dos brasileiros, tornou-se, de 1913 a 1928, a principal mercadoria importada dos Estados Unidos pelo Brasil (MONIZ BANDEIRA, 2007, p. 297, grifos do autor).

A circulação de práticas culturais no Brasil integrou uma tendência expansionista dos Estados Unidos e de seus modos de operar com o mundo que justificou a presença “americana” em aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais em diferentes lugares. Esse lastro, incessantemente justificado em nome do progresso, vinha acompanhado por um auto investimento de autoridade produzido pelos estadunidenses. Ainda que, da parte deles, houvesse um esforço para serem interpretados a partir de uma imagem modelar e benevolente, uma vez que se representavam como os portadores do segredo do desenvolvimento e estavam dispostos a compartilhá-lo, merecem atenção os indícios de práticas autoritárias.

A produção de sentido por intermédio da linguagem faz jus à chamada de atenção. A partir de uma jornada de três meses à América Central e do Norte no ano de 1925, o escritor russo Vladímir Maiakóvski realizou o exercício de enunciar sua “descoberta da América”. Na sua narrativa, destaca a invenção de um vocabulário que demarcava a hierarquia pretendida pelo país estrangeiro.

Quando se diz “América”, na imaginação logo aparecem Nova York, os “tios” da América, *mustangs*, Coolidge e outros artigos e que tais dos Estados Unidos da América do Norte.

Estranho, mas certo.

Estranho porque as Américas são três: a do Norte, a Central e a do Sul. Os Estados Unidos não ocupam nem toda a do Norte – imagine! – tomaram, apropriaram e incorporaram a denominação de todas as Américas.

Certo, porque pegaram à força o direito de se autodenominar Estados Unidos da América, com encouraçados gigantes e dólares, enchendo de medo as repúblicas e colônias vizinhas. (...)

Que a América e os Estados Unidos são a mesma coisa, todos sabiam. Coolidge apenas formalizou essa questãozinha em um dos últimos decretos, autodenominando-se – e somente a si mesmos – americanos. Debalde o rugido de protesto de muitas dezenas de repúblicas e até de outros Estados Unidos (por exemplo, os Estados Unidos do México) que formam a América (MAIAKÓVSKI, 2007, p. 85-86, grifos do autor).

Antonio Tota (2000) comenta que durante algum tempo, o *americanismo* tinha produzido uma representação desfavorável da América Latina, que investia os Estados Unidos da virtuosa missão de ensinar as lições do progresso, alçando a América a uma posição superior. Para compreender a produção de referências de desenvolvimento, de progresso e outros códigos, forjada por tal país estrangeiro, merece destaque a investigação de Mirian Jorge Warde (2000) sobre o itinerário de difusão e apropriação de ideais educacionais dos Estados Unidos em face de outros padrões, entre meados do século XIX e as primeiras décadas do século XX³⁷.

³⁷ Informação disponível em <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=S38268>>. Acesso em 16.10.16.

Ao comentar encaminhamentos do estudo, a autora discorre sobre algumas possibilidades de investigação acerca da ideia de americanismo que consistem em:

como, através de que mecanismos – discursivos e não-discursivos – o americanismo penetrou no Brasil e constituiu-se em cultura, moldou formas de pensar, sentir e viver; tornou-se parâmetro de progresso, felicidade, bem-estar, democracia, civilização; de que modo o americanismo moldou as esperanças em torno da cidade e da indústria, projetou padrões de arquitetura; redimensionou espaços e acelerou os tempos; plantou nos corações e mentes a silhueta do “homem novo” – racional, administrado e industrioso (p. 43, grifos da autora)³⁸.

Processo este que não aconteceu sem tensões. No ano de inauguração da primeira sede da ACM no Brasil, 1893, era também publicado o livro intitulado *A ilusão americana* da autoria de Eduardo Prado³⁹. Como uma espécie de alerta, o autor posiciona-se, no momento inicial da República no Brasil, a respeito de equívocos na transplantação para o país de padrões da cultura estadunidense. Tomando para análise a obra do autor, Oliveira (2004) discorre que para Prado entre o Brasil e os Estados Unidos “existe um verdadeiro abismo cultural, com separação de raça, de religião, de índole, de língua, de história e de tradições. Portanto, nada deveria levá-los a possuir as mesmas instituições e a mesma forma de governo” (p. 138). Mesmo diante do alerta, instituições estadunidenses foram se acomodando no país. Nessa trama, é possível sugerir que ao mesmo tempo em que a inserção da Associação Cristã de Moços no Brasil pode ser compreendida a partir de um contexto de americanização do fim do século XIX, pode ser também entendida como dispositivo que produziu condições para a inserção de outras entidades daquele país estrangeiro, nas décadas iniciais do século XX.

Se as agências estadunidenses se instalavam no Brasil, junto com elas, chegavam os sujeitos estrangeiros e seus códigos culturais. O “andar à americana”, o uso do cigarro, o cinema, a incorporação de palavras de origem estrangeira (SEVCENKO, 1998). Destaque-se também que algumas dessas entidades promoviam o trânsito de brasileiros aos Estados Unidos, que ao voltarem, traziam consigo elementos da cultura do outro país⁴⁰.

³⁸ Para o desenvolvimento dessa ideia, Mirian Warde toma por referência a obra de Antônio Gramsci.

³⁹ “Recolhido logo após sua publicação, em 1893, o livro teve uma segunda edição em Paris, em 1896, e foi sucessivamente reeditado no Brasil em 1902, 1933, 1957 e 1980” (OLIVEIRA, 2004, p. 137).

⁴⁰ Merece menção a dinâmica da inserção de ideias e práticas de protestantes educadores no Brasil que envolveu um duplo movimento: o envio de missionários ao país e a ida de professorado brasileiro aos Estados Unidos para formação nos seus preceitos de ensino. Essa estrutura sistematizada de chegada de sujeitos estadunidenses para iniciar as atividades de um projeto de formação, e de preparação no exterior dos brasileiros de modo a dar continuidade à qualidade do trabalho estrangeiro parece comum às agências estadunidenses. A Associação Cristã de Moços e a Fundação *Rockefeller* procedem de forma semelhante.

No imbricado de referências culturais, ganha destaque a inserção do protestantismo no Brasil, já que a dimensão religiosa constituiu elemento atrativo que possibilitou à ACM expandir seu projeto de formação para um país com já alguma circulação de ideias, proposições e práticas afinadas com seu empreendimento. Como esse processo não se deu sem conflitos, a relação de enfrentamento com os católicos é colocada em pauta e dá a ver a disputa por legitimidade de sentidos para a religião, a educação e os costumes. A análise das condições de inserção da ACM no Brasil demandou ainda ler nas fontes a produção de uma imagem dos Estados Unidos em terras brasileiras, bem como interpretações acerca do Brasil que estavam em circulação.

1.1 Repertórios educacional e cultural: missões protestantes e os Estados Unidos como caminho para formação

O movimento de propagação da fé reformada pelos missionários que vieram dos Estados Unidos para o Brasil na segunda metade do século XIX, constituiu-se, para Mendonça (1984), como um projeto civilizador cuja centralidade era fazer ressoar pelos diferentes cantos do mundo a ideia da conversão baseada na experiência pessoal com Deus. Investidos de superioridade e orientados pela doutrina do *Destino Manifesto*, os missionários consideravam-se o povo eleito de Deus para propagar um novo *ethos*, uma nova visão de mundo estreitamente ligada aos valores estadunidenses em busca de uma sociedade “religiosa, livre, letrada, industriosa, honesta e obediente às leis” (*op. cit.*, p. 55). Era a crença na constituição de uma civilização cristã modelar, na qual Deus agiria por intermédio dos povos escolhidos, especialmente aqueles de língua inglesa. Como elemento dessa nova organização da vida, o tripé religião-moralidade-educação cumpria uma função normativa que regulava a vida social em muitos aspectos. Articulando a expectativa de expansão de uma civilização cristã às ideias do destino manifesto, Mesquida (1994) afirma que este transformou-se em convicção generalizada nos Estados Unidos durante o século XIX, configurando uma dupla implicação: reafirmar a superioridade dos brancos sobre os negros recém-libertos, mas dominados por outros mecanismos, e animar o movimento expansionista daquele país.

Chamon (2005) afirma que a educação e o trabalho eram os meios pelos quais o cristão reformado deveria buscar se aperfeiçoar, desenvolvendo os dons dados a ele por Deus e não se deixando atrair ou envolver pelas tentações presentes no mundo. Era essa busca de perfeição e

êxito que demonstrariam a superioridade da fé reformada. A preocupação com a educação foi demonstrada por diferentes dispositivos de formação, como afirma Mendonça (1984). As escolas dominicais assumiram a função de ensino religioso. Tais instituições desempenharam importante papel no desenvolvimento e consolidação das igrejas protestantes. Uma outra versão da preocupação com a educação pode ser percebida no surgimento de associações que se constituíram também como agência missionária, como a YMCA que, na amplitude de ações empreendidas, especialmente destinadas aos jovens do sexo masculino, destacando-se as de caráter social, educacional, e físico, não perdia de vista o desenvolvimento de virtudes e conhecimentos cristãos. Também importante como atividade missionária educativa, a distribuição de bíblias era baseada na crença de que sua leitura formaria mentes e sentimentos cristãos, condição básica para a conversão dos sujeitos.

Tarefa missionária, a educação em instituições de ensino foi um dos meios de atuação de agentes encarregados de divulgar a fé reformada no Brasil. O investimento na educação do povo estava sintonizado com ideais do movimento republicano, que apostava que a democracia e a liberdade realizar-se-iam por intermédio da instrução popular. Como atribuições da escola figuravam um trabalho persistente sobre a opinião pública, a formação de potenciais intelectuais republicanos e a preparação dos sujeitos para o exercício da democracia. Mesquida (1994) comenta que esse modo de pensar a educação estava informado pelo modelo cultural e político dos Estados Unidos. Educação nova, baseada em experiência prática, fonte de liberdade, trabalho, progresso. Abalizados por uma conexão com seus princípios e suas ações, os republicanos brasileiros apoiaram a abertura de instituições de ensino empreendidas pelo movimento missionário estadunidense. Uma pedagogia com características capazes de aperfeiçoar o povo rumo ao progresso e uma versão religiosa dos ideais liberais e democráticos são elementos que vincularam republicanos à educação missionária.

No cenário de afinidades, destaque-se o papel da maçonaria nesse movimento sócio-político-cultural. Orientada pelo modelo estruturado nos Estados Unidos onde representou importante papel na vida pública, a maçonaria no Brasil empreendeu ações políticas por meio da imprensa, do partido republicano e da educação. Como em uma via de mão dupla, os missionários protestantes relacionaram a extensão da propaganda republicana em benefício da educação ao sentimento maçônico do dever de impulsionar o progresso no Brasil e, em contrapartida, receberam o apoio de maçons do sudeste do país para a instalação de suas instituições educativas. Nessa ambiência, a mobilização de campanhas em favor da liberdade de culto, da invalidação do estatuto oficial da igreja católica, da secularização do ensino (MESQUIDA, 1994).

Junto à necessidade de combater o analfabetismo, o estabelecimento de escolas protestantes seria uma maneira indireta de demonstrar e difundir os valores de sua religião. A compreensão de que o conhecimento retirava a ignorância do homem e o fazia responsável por suas ações, capaz de se aperfeiçoar, expandir suas forças individuais e, assim, contribuir para o progresso moral e material da sociedade e a conseqüente promoção do Reino dos Céus marcou a educação presbiteriana no Brasil, conforme os estudos de Chamon (2005). “Assim, valores como liberdade, democracia, progresso e responsabilidade individual eram veiculados na prática educativa desses missionários e de sujeitos que gravitavam ao redor deles” (*op. cit.*, p. 88) e configuravam projetos para formação de uma civilização cristã conectados com princípios do liberalismo estadunidense.

A inserção no Brasil de estabelecimentos escolares de origem protestante⁴¹ permitiu que aqui fossem experimentados alguns dos processos pedagógicos vivenciados nos Estados Unidos, especialmente a coeducação dos sexos, o ensino a partir do método intuitivo, e a preferência pela mulher na instrução primária. Tais colégios contavam com o professorado qualificado, com muitos docentes formados naquele país estrangeiro. Sua estrutura material era comumente superior às condições brasileiras e uma ideia de inovação permeava sua organização pedagógica e seus métodos de ensino. “A grande novidade dessas escolas, insistentemente apontada pelos autores que se dedicam ao tema, é que essas modernidades pedagógicas vinham imbricadas com os princípios norteadores da religião protestante: liberdade e individualismo” (CHAMON, 2005, p. 92). A renovação de ideias e práticas pedagógicas era, por extensão, uma reforma do povo brasileiro.

A liberdade religiosa, política, de crítica, de discussão foi destacada por Ramalho (1976) como uma característica da prática educativa dos colégios protestantes seguindo a compreensão de que a constituição da “humanidade de um homem é ser livre da dependência da vontade dos outros homens” (p. 147). Nesse sentido, a centralidade no indivíduo conduz a um entendimento de que os sujeitos escolhem o curso de suas vidas. “Os destaques na escola, e principalmente na vida, são obtidos por aqueles que mais se ‘esforçam’, que têm ‘força de vontade’ e possuem

⁴¹ “De origem presbiteriana: “Colégio Internacional”, instalado em Capinas/SP em 1869, transferido para Lavras/MG em 1893 e posteriormente chamado de “Instituto Gammon”; “Escola Americana” (hoje Mackenzie), instalada em São Paulo, 1870; “Colégio Morton”, instalado em São Paulo, em 1880; “Escola Americana” de Curitiba em 1892. De origem metodista: “Colégio Piracicabano” em 1881; “Escola do Alto”, no Rio de Janeiro em 1882 e transferida para Juiz de Fora em 1891 sob o nome de “Colégio Mineiro”; “Colégio Granbery”, de Juiz de Fora em 1889; “Colégio Americano Fluminense”, 1892; “Colégio de Petrópolis”, 1895; “Colégio Metodista”, em Ribeirão Preto, 1899; “Colégio Isabela Hendrix”, de Belo Horizonte, em 1904” (CHAMON, 2005, p. 90). “Entre os batistas as primeiras iniciativas são de 1888, quando foi inaugurada uma escola no Rio de Janeiro. Depois vieram outras em Salvador (1894), Campos (1896), Belo Horizonte (1898), Recife e São Paulo (1902), Vitória (1908) (...)” (CALVANI, 2009, p. 56).

um bom caráter” (p. 147, grifos do autor). Responsabilidade pessoal era a tônica, inclusive quando a referência era os códigos de conduta moral. A partir de uma perspectiva que considerava a avaliação da educação por aquilo que os sujeitos são e fazem, o autor comenta “o orgulho com que os colégios apontam como comprovação da *eficiência* do seu ensino, o *sucesso individual* alcançado pelos seus alunos, que têm *êxito* na vida, medido através de bons empregos e altos postos de poder” (RAMALHO, 1976, p. 149, grifos do autor). O valor do esforço individual vai encontrar elementos de coesão na ideia de vocação, tão presente na forma protestante de operar com o mundo. Ramalho (1976) evidencia que nos colégios protestantes “o trabalho é visto como uma vocação e constitui antes de mais nada a própria finalidade da vida, sendo que o *êxito* – sinal de aprovação da sociedade e de Deus – só pode ser obtido através dele, não resultado de privilégios e discriminações” (p. 155, grifo do autor). Segundo o autor, não se tratava de preparar o aluno para exercer um ofício, mas de configurar o trabalho como um valor social que mobilizasse os sujeitos para a independência, a atividade individual, o desenvolvimento intelectual, físico e moral, a perseverança, enfim, para a incorporação de uma multiplicidade de hábitos e atitudes com utilidade na vida prática.

Desse modo, trabalho, esforço, caráter seriam exercidos e incorporados por intermédio de atividades “úteis”, a educação deveria estar voltada para a vida. Essa é uma ênfase pedagógica comum às instituições educacionais protestantes. “A busca da correlação das matérias e a verificação de sua utilidade para a vida são procedimentos habituais”, enfatiza Ramalho (1976, p. 152). O autor assinala a presença constante da Educação Física nos colégios de orientação protestante e ressalta que a expectativa de preparação dos sujeitos para a vida prática levou a um interesse pela matéria. A contratação de professores especializados, a introdução de novos esportes, o incentivo a competições e a organização de clubes são destacados como características que permeavam a presença da Educação Física naquelas instituições educativas.

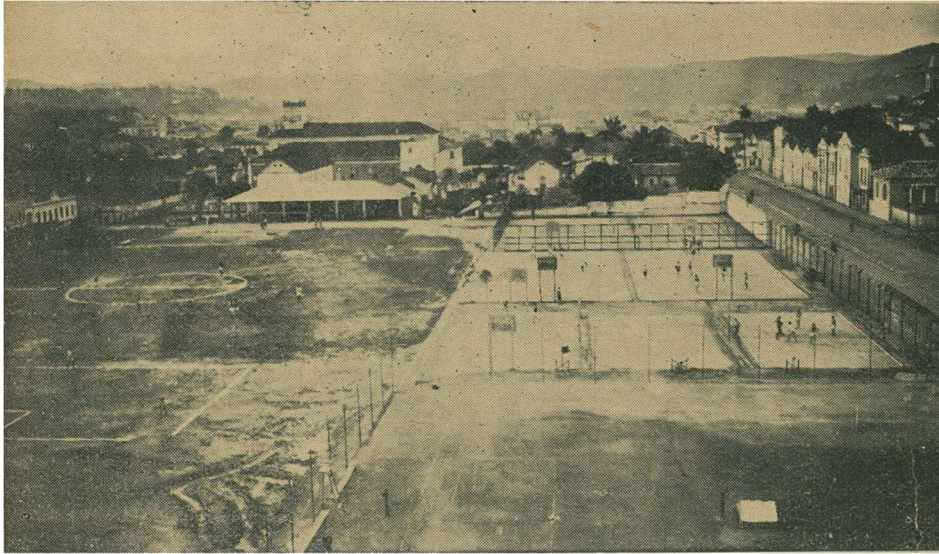


Figura 1: Vista parcial dos campos esportivos do Granbery
 Fonte: Revista Educação Physica, n. 6, set. 1936, p. 72.

O desenvolvimento de um corpo são fortaleceria o espírito para o próprio proveito e para uma utilidade social. Assim compreendido, o físico apresenta-se como importante elemento na educação protestante e a ACM aparece atuante em alguns estabelecimentos de ensino, onde fez ressoar elementos presentes em sua modelagem para uma Educação Física nas escolas. Os colégios e a Associação partilhavam o entendimento sobre a necessidade de desenvolvimento integral dos sujeitos. Para os estabelecimentos escolares de orientação protestante, o ensino eficiente precisaria atingir o indivíduo em sua totalidade, nas dimensões do espírito, da mente, do físico, ainda que numa relação desigual. “Há uma hierarquização nesses aspectos – a educação física é um meio para facilitar a cultura intelectual (necessária para um mundo racional), mas subordinada ao fim maior que é a formação do caráter” (RAMALHO, 1976, p. 156). Para a ACM, a integralidade estava expressa no símbolo que a identificava:

O triangulo equilatero, equilibrado sobre um dos vertices, é o emblema universal das A.C.M. Elle symboliza o equilibrio da personalidade pelo cultivo harmonico dos seus tres elementos essenciaes: alma, corpo, mente. Não é alvo da A.C.M. fazer atletas, nem intellectuaes, nem mysticos, mas homem, na mais completa e mais nobre accepção desta palavra. A’ trilogia do emblema correspondem os tres valores com que o moço deve contar na vida para o serviço altruista da communitate: saude, intelligencia, caracter⁴².

A parceria estabelecida entre as agências missionárias era estampada nas páginas do periódico oficial da ACM. Na publicação *A educação physica em Lavras*, Edwin Collier Jr.,

⁴² Revista Educação Physica, n. 2, dez. 1932, p. 13.

então instrutor de Educação Física no Instituto Evangélico, produziu um histórico sobre a presença da ginástica e dos jogos na cidade mineira, e ressaltou a atuação da ACM no referido estabelecimento de ensino: “Em meados de 1916, o Collegio foi visitado pelo sr. H. J. Sims que planejou e organizou o primeiro trabalho de educação physica nos moldes da ACM.; ficando então entregue aos cuidados do nosso collega e amigo Eloy Renato de Andrade”⁴³. A presença de sujeitos que tiveram algum tipo de instrução na Associação para trabalhar com a Educação Física nas escolas parecia comportar uma dimensão estratégica de troca. Por um lado, a Associação fazia ressoar suas ideias e práticas de formação física para além dos muros de sua sede, por outro, os colégios protestantes confiavam o ensino a instrutores informados por referências e valores comuns à sua estrutura educativa-religiosa. Essa parecia a tônica de um encontro entre professores e o diretor físico da ACM: “A convite do Director do Primeiro Instituto dos Professores dos Collegios Protestantes do Brasil, o Director de Educação Physica do Rio, sr. H. J. Sims, realizou uma conferencia sobre a educação physica nos collegios”⁴⁴. Menos que acaso, as fontes indicam intencionalidade nesse mecanismo de lastro das ações acemistas. Era mais um empreendimento da instituição.

A educação physica nos collegios

Em dias do mez passado, realizou o Collegio Baptista uma excursão á Juiz de Fóra, onde disputou com o Gymnasio Granbery desta localidade uma serie de jogos de Volley, Basket e Football.

E’ mais um producto do serviço da ACM do Rio, pois della saiu o actual instructor do Collegio Baptista, o Sr. M. R. Santos⁴⁵.

O próprio M.R. Santos, citado na publicação, destacava o protagonismo de diretores técnicos formados pela ACM na condução dos esportes em instituições protestantes de ensino. Em texto intitulado *Campeonatos Collegiaes*, o professor de Educação Física anunciava, como um relato histórico, a prática do basquete no Colégio Gammon em Lavras, sob a direção de Renato Eloy de Andrade, e seu próprio protagonismo no Colégio Batista, onde passou a dirigir o departamento de Educação Física em 1920. Nas palavras do autor, encontramos indícios que reforçam a ênfase dada aos esportes pelos colégios protestantes, como afirmado por Ramalho (1976). Referia-se M. R. Santos a uma parceria estabelecida entre o Colégio Batista, o Colégio Gammon e o Instituto Granbery que organizaram uma liga colegial interestadual. O campeonato

⁴³ Mocidade, abril de 1923, n. 350, p. 10. É provável que haja um engano na ordem dos nomes. Pela sua trajetória na ACM, tudo indica tratar-se de Renato Eloy de Andrade.

⁴⁴ Mocidade, fevereiro de 1925, n. 372, p. 4.

⁴⁵ Mocidade, dezembro de 1924, n. 370, p. 13 (grifos do autor).

contava com competições de diferentes esportes e era realizado a cada ano na sede de um dos colégios⁴⁶.

Destaque-se uma característica que credenciava os colégios protestantes “americanos” no Brasil: a presença de professores especializados para o ensino, condição para a eficiência e seriedade do trabalho pedagógico. O Colégio Batista propagandeava essa preocupação em seu anúncio: “corpo docente criteriosamente escolhido e de reconhecida competência” e, talvez pelo veículo escolhido para o reclame – um periódico especializado em Educação Física – distinguia tal campo: “as aulas de Educação Física são ministradas por um instrutor tecnico competente, de acordo com as necessidades de cada aluno, reveladas por um exame de sanidade feito no proprio Colégio”⁴⁷. A vinda de docentes com formação e atuação nos Estados Unidos para conduzir o início dos trabalhos de tais estabelecimentos escolares era uma constante. Na disciplina específica de Educação Física, a presença lastreada da YMCA nos Estados Unidos, sua estrutura protestante e a afinidade com os valores que permeavam seu projeto formativo parecem habilitar a ACM como parceira para a distinção do professorado nos colégios protestantes.

Embora reconhecesse que sua obrigação principal era prestar serviços aos próprios sócios, o Departamento de Educação Física da ACM adotava o compartilhamento de seus serviços técnicos com organizações que tinham preocupações similares às suas. “Para a realização desta parte do seu programma, partilhará com ellas a sua direcção technica e preparará os socios para o serviço altruistico, dentro e fóra da ACM, pois o *serviço altruistico é a pedra de toque do character christão*”⁴⁸. Assim, a Associação reafirmava a parceria constituída com alguns estabelecimentos de ensino como o Colégio Batista do Rio, o Instituto Evangélico de Lavras, o Colégio Granbery de Juiz de Fora, bem como, chamava a atenção para um valor caro à cultura estadunidense, que os brasileiros ainda precisariam incorporar. Anísio Teixeira (2006), em registro de suas impressões de viagem aos Estados Unidos ao final da década de 1920, descreve e dá visibilidade a um conjunto de “aspectos americanos de educação”. Na narrativa do educador, a indicação do que ele chamou “de uma das mais profundas oposições entre a psicologia do nosso povo e a psicologia do americano”. Referia-se Anísio à ideia de dedicação a um serviço, que nos Estados Unidos orientava a atividade educativa e era organizadora do país, em detrimento do “eu”, da personalidade, que imperava entre os brasileiros. Lamentava o autor: “No Brasil, ajudar um ao outro é enfraquecer-se e

⁴⁶ Revista Educação Physica, n. 1, 1º semestre, 1932.

⁴⁷ Revista Educação Physica, n. 1, 1º semestre, 1932, s/p.

⁴⁸ Mocidade, fevereiro de 1925, n. 372, p. 7 (grifos do autor).

favorecer o sucesso alheio”. Afirmava ser quase impossível no país a cooperação que na América, era “uma espécie de senha nacional” (*op. cit.*, p. 116). Anísio, ao dizer da educação dos jovens estadunidenses, produz uma narrativa bem afinada com o projeto de formação forjado na ACM: “O tipo moço de civilização deste país tem, não literariamente, mas concretamente, realmente, todas as qualidades de mocidade. Essas nobres qualidades de esquecimento de si mesmo e de uma constante e despreconcebida e quase involuntária dedicação a uma causa ou a um serviço” (*op. cit.*, p. 117).

Os colégios protestantes, ao reunir um caráter liberal, democrático e práticas pedagógicas inovadoras, afinaram-se com alguns setores brasileiros, “aos liberais e republicanos, essas escolas ofereciam seu caráter democrático; aos adeptos e simpatizantes do positivismo e outras derivações cientificistas, a orientação científica imprimida ao currículo de estudos; aos anti-clericais, a ausência de ortodoxia, de sectarismo” (BARBANTI, 1977, p. 156). Mesquida (1994) chama a atenção para a localização estratégica das escolas, que pretendiam fazer parte do cenário onde questões políticas, econômicas e culturais da cidade eram discutidas e decididas, por isso, situavam-se próximas às residências da elite político-econômica e aos prédios que sediavam os poderes da cidade. Investimentos no aparato pedagógico, como equipamentos, instalações, professorado e procedimentos didáticos, seriam a possibilidade de uma formação mais qualificada, seja para o ingresso em outros cursos de estudos, seja para a vida prática. Eficiência acadêmica que a instrução pública não tinha condições de oferecer. Essa era a opinião partilhada por liberais e republicanos que defendiam a iniciativa de particulares para empreender ações relativas à instrução da mocidade (BARBANTI, 1977).

A presença desses estabelecimentos escolares no Brasil fez com que modelagens de ensino dos Estados Unidos fossem colocadas em discussão e participassem da negociação de interesses em torno da instrução. O estudo de Barbanti (1977) aponta como aquele país estrangeiro foi referência política e pedagógica para a reforma do ensino em São Paulo no início da República. Se a circulação e a apropriação de padrões educacionais e de elementos culturais estadunidenses foram marcantes em São Paulo, destaque-se que o modelo pedagógico mobilizado pelos agentes protestantes ressoou em outras localidades brasileiras. O destacado acolhimento paulista a tais códigos educacionais pode ser compreendido a partir do imbricado de aspectos que colaboraram para uma maior penetração dos padrões culturais dos Estados Unidos em São Paulo, cidade onde os “sentidos já estavam sendo moldados para ‘a modernidade de tipo americana’” (WARDE, 2003, p. 157, grifos da autora). Tal amparo aos modos de viver estrangeiro, especialmente, aos costumes da fé reformada, são destacados pelo

reverendo George Chamberlain em correspondência datada de 1890 para Mr. McBurney⁴⁹, na qual tratava das condições da cidade para receber uma sede da ACM⁵⁰. Chamberlain destacou o progresso material de São Paulo e a expectativa que se tornasse a mais magnífica cidade da América do Sul. Além disso, elencou elementos que seriam de cooperação, todos eles, relacionados à presença protestante na cidade: uma igreja presbiteriana auto-sustentada sob a liderança de um brasileiro nativo, os missionários das Igrejas Presbiteriana e Metodista de todo o estado, os professores e alunos do Colégio Americano – defensor destemido da bíblia⁵¹.

No estudo de Barbanti (1977) sobre a experiência educacional em São Paulo, a autora ainda afirma que, entre os anos finais do Império e os iniciais da República, as práticas renovadoras do ensino particular e as reformas da instrução pública foram empreendidas por sujeitos que, décadas antes, envolveram-se com os colégios protestantes ali existentes. Se a *práxis* pedagógica de tais instituições inspirou a reforma da instrução pública paulista em 1890, a autora destaca que sua viabilização contou com nomes que remetiam diretamente à atuação “americana” no Brasil. Comenta ainda sobre a circulação de uma materialidade escolar, quando da adesão, por parte de professores e autoridades do ensino público paulista, do mobiliário e de livros divulgados pelos colégios protestantes.

O universo pedagógico estrangeiro ressoou também nas primeiras décadas do século XX, momento de reformas do ensino em diferentes estados do Brasil. Ao estudar o processo de renovação educacional ocorrido nos Estados Unidos na transição dos séculos XIX para o XX, Rosa Fátima de Souza (2016) assevera que o debate travado pelos educadores estadunidenses esteve longe de constituir-se como um movimento unificado: a chamada *educação nova* envolveu diferentes posições. Apesar de multifacetada, destaque-se da batalha travada um pressuposto básico do movimento *child-study*⁵², que ganhou grande visibilidade no movimento reformista brasileiro dos anos de 1920: “o estudo minucioso da criança de forma que o currículo pudesse ser construído em relação à natureza do desenvolvimento infantil” (*op. cit.*, p. 48).

⁴⁹ A correspondência encontra-se transcrita e compõe um documento intitulado *Brazil and the Young Men's Christian Associations*.

⁵⁰ Baía (2012) afirma que Myron Clark, responsável pela expansão de sedes da ACM no Brasil, fixou residência inicialmente em São Paulo. Era um momento de adaptação ao país, de estudo da língua nacional e dos empreendimentos iniciais do projeto acemista. Contudo, Clark mudou-se para o Rio de Janeiro onde foi fundada a primeira sede da Associação em 1893. “Se o projeto de implantar uma ACM em São Paulo foi abandonado em 1893, o desejo da cidade de ter uma sede permaneceu latente, culminando na organização da primeira sede paulistana em 1895, a qual, apresentando uma organização deficiente e sem o apoio de voluntários norteamericanos com experiência no projeto acemista, extinguiu-se em 1897” (*op. cit.*, p.71). Em 1902 iniciaram-se os preparativos para a inauguração de uma nova sede na cidade, a qual teve o início de suas atividades em 1903.

⁵¹ *Brazil and the Young Men's Christian Associations*. Box 4. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

⁵² “O movimento *Child-study* surgiu na Inglaterra e na Alemanha, no final do século 19, e floresceu nos Estados Unidos na década de 1890 e na primeira década do século 20” (SOUZA, 2016, p. 48, grifo meu).

Nessa proposição, a psicologia oferecia a legitimidade científica para o conhecimento sobre as crianças, consolidando-se como campo de saber fundamental à educação. A autora comenta que na disputa pelo currículo nos Estados Unidos, “os partidários do *Child-study* e John Dewey postularam a centralidade da criança como critério para a organização curricular” (*op. cit.*, p. 51, grifo meu). A preocupação com a criança a ser ensinada, a legitimidade conferida à psicologia, as ideias de John Dewey são facetas do movimento da Escola Nova no Brasil, na relação com sua matriz estadunidense, que informaram intelectuais, políticos e professores envolvidos nas reformas do ensino em diferentes lugares do país. Conforme explicita Marta Carvalho,

A revisão das finalidades sociais da escola e de seu potencial transformador e conformador vinha sendo empreendida pelos educadores brasileiros com base nos múltiplos contatos que mantinham com o movimento pela Escola Nova que se desenrolava no estrangeiro. Esses contatos foram alimentados por um grande número de viagens, em muitos casos promovidas no âmbito de iniciativas governamentais de reforma escolar. A face mais visível dessas relações foi a estabelecida com a pedagogia escolanovista norte-americana (CARVALHO, 2004, p. 148).

Representativa dessa interlocução com os Estados Unidos é a experiência de viagem de Anísio Teixeira quando Inspetor Geral do Ensino da Bahia, onde promoveu uma reforma do ensino. Suas impressões, registradas em um relatório, dão visibilidade às três facetas destacadas acima: o deslocamento do centro de orientação da educação, da matéria a ensinar para a criança a ser ensinada; o estudo da psicologia como a ciência que organizaria os saberes sobre o desenvolvimento infantil; e a adesão às proposições de Dewey. Ao prestar contas da viagem oficial, Anísio Teixeira (2006) partilhava o campo de conhecimento que vivenciou: “a moderna teoria educativa está convergida para as necessidades da criança e as suas peculiaridades. A atual psicologia chegou a um conhecimento mais perfeito da infância, e a escola deve prover um ambiente adaptado ao seu crescimento” (p. 73). A referência a Dewey aparece logo no primeiro registro do relatório. Gondra e Mignot (2006, p. 14) interpretam a presença das formulações do filósofo americano nos registros do intelectual baiano: “Nome próprio que representa um universo intelectual, uma assinatura, uma marca, um ponto de vista, uma forma de reflexão à qual Anísio presta homenagem, assumindo sua adesão e disposição em ampliar o auditório social deste autor”. Se tomar o caminho para os Estados Unidos como prática de formação não era novidade quando da viagem de Anísio em 1927⁵³, o próprio intelectual agiu

⁵³ Tome-se como exemplo o caso de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Os estudos nos Estados Unidos deram à educadora maior visibilidade e reconhecimento no campo educacional, tendo ela participado da Reforma

para repercutir essa ação na educação brasileira. Enquanto diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, entre 1931 e 1935, pretendeu proporcionar a um grupo de professores⁵⁴ experiência semelhante à sua e os enviou aos Estados Unidos para conhecerem seu sistema educacional. Era uma maneira de sedimentar a perspectiva que orientava a reforma do ensino então vigente (TEIXEIRA *et al.*, 2006).

O processo de inserção e expansão de iniciativas protestantes no Brasil não se deu de maneira pacífica. Opositores declarados, os católicos viam seus modos de operar com a religião serem contestados, seu privilégio exclusivo questionado, sua presença e interlocução com o Estado e as instituições escolares debatidas. No embate travado, disputa por espaços, por sentidos culturais, por legitimidade, como será explorado no tópico a seguir.

1.2 Os (des)encontros com os católicos

A circulação e a apropriação do repertório cultural estadunidense no Brasil não se fez de forma tranquila, posto que durante o período colonial brasileiro o catolicismo constituía-se como um monopólio religioso no país. Ramalho (1976) destaca que a presença efetiva de grupos protestantes no Brasil acontece a partir do século XIX, favorecida por um contexto histórico de independência do país, expansão de ideias liberais, instalação do regime republicano, de fortalecimento dos Estados Unidos e de sua demonstração de interesses econômicos no Brasil.

Imbuídos da tarefa de promover a conversão espiritual dos brasileiros, que no seu cotidiano vivenciavam a religiosidade católica, e de estabelecer uma nova forma de viver, os missionários, especialmente, vindos dos Estados Unidos, instalaram-se no Brasil⁵⁵. Não sem problemas. “Muitas dificuldades tiveram que ser vencidas, desde o problema da língua, das doenças da região, até uma série de leis do Império, que eram restritivas aos adeptos de um outro culto que não o oficial [a religião católica]” (RAMALHO, 1976, p. 57). Durante a

Caetano de Campos, em São Paulo no ano de 1890. Foi por intermédio de missionários protestantes “que ela entrou em contato com os métodos pedagógicos praticados nos Estados Unidos, nos quais ela se especializou estudando em Nova York, na década de 1880, e que lhe valeu a denominação, tantas vezes repetida na historiografia da educação, de *avis rara*” (CHAMON, 2005, p. 18, grifos da autora).

⁵⁴ Compunham o grupo Carneiro Leão, Delgado de Carvalho e Lourenço Filho.

⁵⁵ “Congregacionais, presbiterianos, metodistas e batistas se instalaram no Brasil, vencendo aos poucos as dificuldades impostas pela religião oficial. Classificados como protestantismo missionário, esses grupos eram originados, em sua quase totalidade, dos Estados Unidos, sendo fruto de um movimento de expansão missionária norte-americana ocorrido na primeira metade do século XIX” (CHAMON, 2005, p. 52).

República, entraves entre católicos e protestantes também se fizeram presentes. No tocante à ACM, sua presença no Rio de Janeiro gerava mal-estar para os adeptos do catolicismo no país. O embate entre tais grupos sociais muitas vezes esteve impresso nas páginas de periódicos e também em documentos institucionais da Associação.

A constatação do Brasil como um país essencialmente católico era uma preocupação para as iniciativas da ACM orientadas por outro caráter religioso. Nessa relação conflituosa, as fontes indicam duas medidas astuciosas da Associação para superar a predominância da igreja católica: a desqualificação das suas ações e a tentativa de operar com tal predomínio mais como invenção do que como realidade. Impressões colhidas no Rio de Janeiro por J. M. Clinton, em serviço para a YMCA, apontavam para um povo exposto a muitas provações de caráter ao passo que a religião mais popular no Brasil não conseguia ter êxito na formação moral dos seus seguidores. Assim dizia seu relatório sobre a visita que fez ao Rio: “As tentações a que estes jovens estão submetidos podem ser apenas imaginadas. Há uma ausência de consciência pública sobre impurezas e jogos de azar. A igreja do Brasil (católica) perdeu o controle sobre os jovens e, portanto, não exerce força moral em suas vidas⁵⁶”. V. P. Bowe, também a serviço da YMCA, apresenta outros argumentos para o predomínio de católicos no país:

A religião católica é a religião predominante. No que diz respeito aos homens, no entanto, cito um dos nossos apoiadores, um homem de negócios católico consciencioso da América do Norte que diz que não é cometido maior erro do que chamar o Brasil de um país católico romano. Nenhum homem em cada 10.000 diz que é um verdadeiro católico. Ele continuou a falar de quantos conhecidos de negócios chamavam-se católicos, mas no próximo suspiro diria algo que indicaria que não significava nada para eles, exceto uma conexão formal devido a laços familiares ou sociais. Sua estimativa foi, é claro, declarada. Há, de fato, poucos homens que são fiéis à Igreja Romana⁵⁷.

Bowe indica que não só a ACM organizou estratégias para lidar com o grupo católico, como este também estabeleceu iniciativas para lidar com a inserção e expansão das ideias e práticas protestantes no Rio de Janeiro. Nessa relação dinâmica, ambos produziam novos argumentos, pareciam estabelecer práticas de aproximação e distanciamento e buscavam formas de afirmação.

Como resultado da introdução da Y.M.C.A. a Igreja Católica estabeleceu dois centros onde operam clubes conhecidos como Círculos Católicos. No entanto,

⁵⁶ Report of visit of J. M. Clinton to Rio de Janeiro, Brazil, October, 1917, p. 1. Box 1. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁵⁷ Survey 1920-24. Questionnaire for Rio de Janeiro, Brazil. p. 1. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

eles não se desenvolveram em grande medida em qualquer uma das nossas cidades. No Rio de Janeiro, no entanto, um departamento do Círculo Católico Conhecido como a Liga em Favor de Moralidade fez em pequena escala um trabalho muito bom na luta contra a literatura pornográfica, vitrines e publicidade indecentes, etc. Isto é provavelmente uma consequência da visita do doutor Josiah Strong, quando o Sr. Clark conheceu o presidente do Círculo Católico, o doutor Ignacio Tosta⁵⁸.

Uma primeira análise do fragmento do documento pode indicar uma ação mais dialogada entre os grupos católico e protestante. Contudo, o cruzamento de fontes apontou para interpretações mais cuidadosas. Se é possível falar em aproximações, estas também foram marcadas por tensões. Em seu periódico oficial, a ACM esclarecia comentários equivocados feitos sobre afirmações de seus membros em referência ao círculo católico e que foram publicados em *O Apostolo*. “Em primeiro lugar não dissemos que o Circulo Catholico era *imitação* da Associação Christã de Moços, como declara o auctor nessas rabiscas; mas que foi <<subordinado á mesma idéa que nos estimulou>>, e <<modelado pela nossa associação>>”⁵⁹. Para comprovar a argumentação, a ACM sugeria o confronto dos seus estatutos. A disputa por autoria e autoridade recairia também sobre a adesão dos sujeitos a uma ou outra religião, que significava ao fim e ao cabo a vinculação a formas de viver distintas⁶⁰. Enquanto os católicos eram interpretados pelo tom ameaçador, os de orientação protestante mostravam-se adeptos de práticas de liberdade orientadas por uma autorregulação em que “o indivíduo supervisionasse metodicamente o seu estado de graça em sua própria conduta, e nela introduzisse o ascetismo” (WEBER, 2005, p. 116).

Não entendemos o aviso que vem no fim das Rabiscas. Eil-o: <<A Associação Christã de Moços é protestante, e portanto nenhuma pessoa catholica pode frequentar-a ou pertencer a ella, embora vá exclusivamente com o intuito de frequentar aulas etc.>> Este aviso pode ser interpretado de duas maneiras; primeira, que nós não admittimos, por sermos uma Associação sob direcção protestante, moços catholicos como membros ou frequentadores; e segunda, que elles prohibem os moços catholicos de frequentarem os nossos salões. Quanto á primeira interpretação, não é exacto: acceitamos como socio todo e qualquer moço de boa moral, qualquer que seja o seu modo de pensar sobre materia religiosa; d’onde se conclue que o moço catholico, sendo de *boa*

⁵⁸ Survey 1920-24. Questionnaire for Rio de Janeiro, Brazil. p. 5. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁵⁹ A.C.M., 30 de dezembro de 1899, p.2 (grifo do autor).

⁶⁰ Em seu trabalho, Baía (2012) em diálogo com Max Weber e sua obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo* denomina a “forma católica de viver” como uma ética que considerava a imperfeição natural das pessoas, portanto, possibilitava a elas agirem de modo flexível. Compreensão que colocava o católico suscetível ao pecado, mas que garantia sua salvação por meio da absolvição. Nesse sentido, a ética católica não estava demarcada pela entrega plena ao cumprimento dos princípios do cristianismo, como diziam fazer os protestantes. A conduta moral destes era moldada para o que o autor intitula de “forma protestante de viver”, marcada pela dedicação permanente às boas ações, pela incorporação de uma autovigilância constante.

moral, pode ser socio, e de facto muitos o são. Os nossos salões são sempre franqueados ao publico.

Quanto á segunda interpretação, folgamos muito de receber tal aviso e de tornal-o publico por nossas columnas, porque não cremos que a mocidade hoje, no fim do seculo XIX, seja escrava de taes prohibiçõs: não cremos que o moço catholico brioso se submetta á semelhante escravidão de consciencia, precisando que se lhe indiquem quaes os logares que pode, e quaes os que não pode frequentar, sob pena de excommunhão⁶¹.

Na explicação das duas interpretações possíveis, a ACM colocava-se para o embate estrategicamente reforçando os aspectos de liberdade e responsabilidade individual que marcavam seu projeto formativo, ao mesmo passo que expunha a submissão, as práticas opressoras e a falta de consciência como características de uma formação católica. A Associação responsabilizava o grupo concorrente pela prática opressora, mas operava astutamente com tal elemento. A repressão estabelecida pela ACM parece estabelecer contato com as afirmações de Gramsci (2008) sobre as nuances da coerção em ocasiões de adaptação a deslocamentos culturais. A coação acemista parecia “sabiamente combinada com persuasão e consenso” (*op. cit.*, p. 75). Em nome de uma *autodisciplina* a instituição estabelecia contornos restritivos para os costumes e os comportamentos dos seus associados. Em tréplica às afirmativas da Associação, A. Veiga, o autor dos malfadados comentários que originaram a reação acemista, ironizou o “pequenino redactor do tambem pequeno jornal A.C.M.” e produziu outra versão para a proibição da presença de católicos na Associação: “disciplina moral, fidelidade ás suas crenças”⁶². Sem maiores indícios de uma proximidade mais amena, o que fica evidente nos documentos é o tensionamento por estes grupos estabelecido. A expectativa de expansão da ACM carioca, expressão dos bem-sucedidos empreendimentos acemistas, dava continuidade às contestações por parte da igreja católica.

Pretenderam os catholicos desta cidade impedir o bom exito da subscripção da Associação Christã de Moços. Pregaram contra ella no pulpito, aconselharam pelos jornaes e por meio de circulares que lhe não dessem migalha. Por que? Porque, disseram, a religião que ella professa não é a catholica, apostolica, romana. (...) Para esses sectarios intolerantes, a unica religião verdadeira é a catholica, apostolica, romana; fóra della não ha salvação, clamaram elles ao povo, para induzil-o pelo terror do inferno – um dos seus processos de dominio – a não contribuir para uma obra de educação e de moralidade. (...)

O protestantismo é o primeiro estádio da liberdade do pensamento em materia religiosa; elle é a religião sobre todas favoravel á instrucção, á liberdade religiosa e politica; ao progresso, ao “self-government”; os Estados protestantes são nitidamente superiores aos catholicos, na politica, na ordem,

⁶¹ A.C.M., 30 de dezembro de 1899, p.2 (grifos do autor).

⁶² O Apostolo, 6 de janeiro de 1900, p. 2.

no commercio, na industria, na cultura intellectual; o seu clero é superior intellectual e moralmente⁶³.

Escritos por Placido Barbosa, os fragmentos foram publicados sob o título de *A.C.M.* em um diário de notícias do Rio de Janeiro que, embora intitulado *O imparcial*, objetivamente posicionou-se a favor da ACM e sua orientação protestante. Os destaques produzidos pelo autor colocavam em circulação elementos centrais do modo de operar com o mundo forjados pelo protestantismo: a liberdade, a atividade individual e a expectativa de formar uma sociedade instruída e em constante desenvolvimento, que contrastavam com a doutrinação à religião católica. A defesa da Associação elaborada por Barbosa e o anúncio da ambiência conflituosa que marcava a atuação de católicos e protestantes mereceu uma tradução para a língua inglesa em documento confidencial encaminhado para Mr. Colton, possivelmente um acemista, visto que o texto traduzido foi encontrado nos arquivos da YMCA, em Minneapolis, em uma coleção que informa sobre o trabalho internacional da Associação no Brasil⁶⁴. Do mesmo arquivo, outros documentos informam sobre a contrariedade do grupo católico em ver a expansão acemista, por intermédio da construção de sua nova sede no Rio de Janeiro. Em carta, Sims relata ao Comitê Estrangeiro da YMCA, situado em Nova Iorque, dados financeiros sobre a nova edificação da Associação no Rio. A oposição da igreja católica é destacada pelo diretor físico: “Casos de intervenção direta de Roma com trabalhadores e doadores já vieram à luz. Foi anunciado que qualquer pessoa que tenha algo a ver com a Associação ‘mesmo que atraída pela curiosidade’ será excomungada da Igreja Católica”⁶⁵. A contrariedade católica arrastou-se desde 1917 quando realizada uma campanha inicial para arrecadação de fundos para tal empreendimento – nesse momento a quantia levantada foi revertida para a compra do terreno – até a década de 1920 quando se iniciaram as obras de execução e finalização do projeto. O estabelecimento da nova sede, além de sugerir o alargamento da capacidade de atendimento da Associação e a qualificação de sua estrutura, ainda situava a ACM em um apreciado circuito cultural e central, o que poderia ser motivo para mais um incômodo dos católicos. A localização do novo edifício ganhava exaltação na documentação da YMCA, que anunciava a vista do centro comercial, educacional, hoteleiro e de diversões do Rio de Janeiro mostrando vários dos edifícios mais proeminentes da cidade e o local das novas instalações.

⁶³ O Imparcial, 28 de outubro de 1917, p. 4.

⁶⁴ Young Men’s Christian Association. A signed editorial in the “Imparcial”, Oct. 28th, 1917, Rio de Janeiro, Brazil. Box 1. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

⁶⁵ Letter from H. J. Sims to G. I. Babcock. October 25, 1927. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).



Figura 2: Vista panorâmica da localização da construção do então novo edifício da ACM no Rio de Janeiro
 Fonte: View new Y.M.C.A. building. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

Na ambiência de renovação educacional dos anos 1920 e 1930, católicos também se inquietaram com outras referências chegadas da “América”. “O pedagogo brasileiro está cego pelos Estados Unidos, pelos progressos modernos”, anunciava o padre Helder Camara, em 1933, em publicação na revista *A ordem*, do Rio de Janeiro. Suas palavras constituem-se como uma crítica a Anísio Teixeira e sua adesão às ideias pedagógicas estadunidenses. Ao comentar a então recente publicação de Anísio, *Educação Progressiva*, o padre afirma que o “livro é a repetição fiel dos mestres norte-americanos. Metade de Kilpatrick, metade de Dewey”⁶⁶. Tal crítica está inserida em uma ambiência cultural, na qual o debate educacional em torno de uma “escola nova” já causava efervescência desde a década anterior. Baseada nas argumentações desenvolvidas por Carvalho (1997) é possível afirmar que nos anos de 1920, a crença no poder regenerador da escola, promoveu a revisão de seus métodos, seus fundamentos, suas finalidades. Como referências das ideias reconstrutoras da educação, os já citados Kilpatrick e Dewey, e ainda Decroly, Claparède, Montessori, Ferrière, Luzuriaga, Kerschensteiner. Intelectuais que, segundo Carlos Monarcha (2009, p. 59), “percorreram os quadrantes do globo predicando uma educação nova para um mundo novo. No imaginário reconstrutor, a escola aparecia como causa primeira da sociedade do amanhã”.

⁶⁶ A ordem, Rio de Janeiro, 1933, edição 39, p. 544.

Nesse movimento de remodelação dos princípios e das práticas educativas, encontramos um conjunto de novas formas de pensar e fazer a escola. Diana Vidal (2007, p. 515) comenta algumas delas: “o aluno observador era substituído pelo experimentador (...). O ensino dava lugar à aprendizagem. Racionalização e eficiência eram máximas que se impunham ao trabalho do aluno”.

Ah, a razão. Voltemos à crítica de Helder Camara. Esta merece ser entendida a partir da disputa pelos significados da educação entre católicos e aqueles representantes do movimento escolanovista. Aquela revista, que se destacava pela “obra de criação de uma cultura catholica superior”, expressava: “Áquelles que só crêm na Razão, é preciso mostrar que a Fé é a luz final do conhecimento. E para isso é necessario, hoje mais do que nunca, o desenvolvimento da cultura religiosa”⁶⁷. Helder Camara contrariava a crítica de Dewey à moral tradicional, aceita por Anísio Teixeira. Se estes argumentavam que “seria um erro ir buscar fora da terra e do homem os fundamentos de sua moral”, o padre reagia dizendo que é possível “provar que existe um Sêr supremo. Provar que Elle é perfeitissimo”, contudo, não seria “pelo facto de Deus superintender á criação, que, nós criaturas ficamos inibidas de agir”. Segundo Camara, os estudos de Anísio seriam baseados em uma filosofia errônea e sedutora, que “se deixou arrastar, nas suas viagens á America do Norte, pelos meio-philosophos da escola nova”⁶⁸.

Nas páginas da referida revista, outras ponderações e acusações acerca de práticas culturais estadunidenses que vinham estabelecendo-se no Brasil. Para a ACM, uma crítica contundente e com tons de ironia:

O GENIO DE ENGANAR

Das formas de propaganda anticatholica; uma das mais perigosas é esta que se apresenta sob a feição duma sympathia acolhedora, de tolerância e solidariedade humana. Ha dois perigos ahi: um, de aliciamento, pela exploração da sentimentalidade desprevenida do povo; outro, de relegação da Fé para um plano secundario, como se este choque fatal da Verdade com o erro não fosse alguma coisa de essencial, de supremo na vida de um homem. E’ o que ocorre, lendo no “Boletim mensal da Associação Christã de Moços” – o ACM – nó° (sic) de Março-Abril 1932, um trecho do Pe. Leonel Franca! O trecho em questão, como vem publicado, dá a entender que o notavel jesuita patricio é collaborador do mensario protestante, com “copyrights” para a A.C.M... Não ha indicação nenhuma da fonte, como se fez com outras transcripções, de modo que o leitor incauto terá como certa a participação intellectual do Pe. Franca no boletim dos nossos bravos evangelicos... Dahi se vai facilmente á convicção de que tudo fica em família... Não resta duvida que em materia de escamoteação levam a palma esses illusionistas geniais...⁶⁹.

⁶⁷ A ordem, Rio de Janeiro, 1929, volume 1, p. 5.

⁶⁸ A ordem, Rio de Janeiro, 1933, edição 39, p. 544-545.

⁶⁹ A ordem, Rio de Janeiro, 1932, p. 71-72.

A Ordem anunciava um incômodo pela apropriação considerada indevida que a ACM fazia das palavras de um padre. Do encontro entre católicos e protestantes, a disputa por autoridade, por espaços, pela formação do povo brasileiro. (Des)arranjos que ajudam a entender que o clima cultural estabelecido estava cercado de tensões, de uma multiplicidade de sujeitos, ideias, interesses. Moniz Bandeira (2007) comenta o receio nas opiniões de Alceu Amoroso Lima, sob o pseudônimo de Tristão de Ataíde, sobre o conjunto de referências vindo dos Estados Unidos. O autor afirma que este:

Compreendeu o papel do automóvel e do cinema como instrumentos de penetração da cultura americana, que começava a seduzir os brasileiros. Via no cinema *duas horas contínuas de hipnotização* sobre a massa passiva, que, desagregada pela música incessante, deixava inocular o subconsciente, sem querer, de tudo o que se passa na tela. Os Estados Unidos eram, para ele, *admiráveis*, mas não *imitáveis* em tudo (MONIZ BANDEIRA, 2007, p. 299, grifos do autor).

Tristão de Ataíde expressou por vezes suas críticas a sujeitos e suas respectivas apropriações de ideias escolanovistas provenientes dos Estados Unidos. Gustavo Lessa aparece como alvo das apreciações de Ataíde, bem como os próprios estadunidenses, como Dewey. Ressalte-se que Tristão de Ataíde era um defensor da tradição católica, são dele as palavras na revista *A ordem* que destacam tal impresso como contribuição para a criação de uma cultura católica e que defendiam a necessidade do desenvolvimento da cultura religiosa. Palavras proferidas no momento em que assumiu a direção daquele periódico, em 1929.

Nas páginas d' *O Jornal*, Tristão de Ataíde travou objeções ao posicionamento de Gustavo Lessa que, na interpretação do primeiro, mostrava-se contrário ao ensino religioso nas escolas por haver uma oposição entre os princípios da escola ativa e aqueles da “pedagogia religiosa”. Naquele momento, 1931, Ataíde queixava-se a respeito da legislação que versava sobre a não obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas.

Quando um dia puder ser feita, longe das paixões do momento, a historia da reacção contra o decreto que facultou o ensino de qualquer religião organizada, em nossas escolas publicas, – ver-se-ha que nunca houve no Brasil um movimento de tanta ignorancia, de tanta má fé, de tanto sophisma⁷⁰.

⁷⁰ O Jornal, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1931, p. 2.

Comentando haver uma “mutilação laicista do nosso ensino publico”, Tristão de Ataíde baseou-se em Kerschensteiner⁷¹ para argumentar “que a theoria da escola activa, segundo o seu fundador, não prescinde do elemento religioso nas escolas”. E ironizou: “Creio que os factos e os criadores dos systemas são os melhores interpretes do seu espirito. São elles que respondem, portanto, aos preconceitos anti-catholicos do Sr. Gustavo Lessa”⁷².

Os ataques irônicos a Gustavo Lessa não cessaram naquela edição d’*O jornal*. No mês seguinte, Tristão de Ataíde dava continuidade ao embate.

Tratando depois do (sic) reforma pedagogica, accentu’ a o sr. Lessa a necessidade de agir tambem sobre as familias. O periodo “pre-escolar” lhe parece, com razão, primordial para a formação da infancia. “Carinhos excessivos, colera despropositada, instabilidade de resolução, ausencia de “self control”, desaccordo visivel entre a predica e o exemplo e sobretudo a indifferença pela curiosidade e pela reflexão infantis – preparam nos lares, para o professorado, uma missão tragicamente difficil. Medite-se em tudo isto, verifique-se como a criança vive num mundo concreto e ver-se-á o pouco que poderá ser obtido com algumas horas de catecismo nas escolas.”

Mas que tem uma coisa com outra?

Nós catholicos mais que ninguem sabemos a importancia primordial do lar sobre a escola, como accentu’ a com razão o sr. G. Lessa. A phrase de Agostinho de Campos – “casa de paes, escola de filhos” – é de uma grande verdade e podemos dizer que é um postulado de toda educação christã. Procure o meu amavel antagonista informar-se do que seja o ideal dessa educação christã, - antes de se deixar levar pelos arroubos lyricos do seu yankismo pedagogico, julgando que a “escola funccional” de Dewey é a panacéa para o nosso mundo perdido⁷³.

Inserido nos debates educacionais da época, Gustavo Lessa teve na Associação Brasileira de Educação um de seus lugares de atuação. Nesta entidade, elementos de embate e pertencimento que aparecem nas críticas de Tristão de Ataíde fizeram-se presentes: o encontro com os católicos – Marta Carvalho (1998a) afirma que no interior da Associação, dentre as questões que avançaram com propostas divergentes encontra-se a orientação leiga ou religiosa do ensino –, e a aproximação com sujeitos, instituições e ideias estadunidenses. Ali, Lessa atuou

⁷¹ O alemão Georg Michael Kerschensteiner (1854-1932) “desenvolveu boa parte de seu trabalho pedagógico e reformas escolanovistas em Munique, na Alemanha, aonde desenvolveu e defendeu uma *escola do trabalho* em oposição à *escola do livro*. Todo seu trabalho estava embasado nos métodos ativos do movimento escolanovista (...)” (NANDOLPHO; TAVARES, 2011, p. 6, grifos dos autores). No decorrer do texto de Tristão de Ataíde é citado um fragmento da obra de Kerschensteiner no qual este afirma “a necessidade de elevação religiosa”. Incontri e Bigheto (2004) asseveram que Kerschensteiner intencionou uma educação religiosa não confessional. Ele fazia parte de um conjunto de educadores que teriam buscado “uma justa medida entre a educação submetida a um credo religioso de um lado e a educação anti-religiosa, do outro” (p.5). Ressalte-se que a relação entre escola ativa, ensino de religião e pedagogia católica tecida por Tristão de Ataíde é uma interpretação do autor sobre os estudos de Kerschensteiner.

⁷² O Jornal, Rio de Janeiro, 20 de maio de 1931, p. 7.

⁷³ O Jornal, Rio de Janeiro, 16 de junho de 1931, p. 4.

como presidente da Seção de Educação Física e Higiene, espaço no qual foi estabelecida uma parceria com a ACM a partir de diferentes ações: disponibilização de serviços técnicos dos acemistas para formação de professores no Rio de Janeiro; participação de sujeitos que mantinham interlocução com a ACM nas reuniões da SEPH; apoio da ABE para a construção de *playgrounds*, defendida por Henry Sims; e a convocação dos diretores físicos da Associação para participarem do inquérito, promovido pela ABE, relativo à Educação Física (LINHALES, 2006).

No conjunto das resistências ao projeto acemista, figuravam contundentemente representantes da igreja católica, que viam os padrões culturais dos Estados Unidos espriar-se também no campo religioso. O protestantismo, amparado, especialmente, pelos missionários americanos, buscava penetração nos recantos do país (MONIZ BANDEIRA, 2007). Escolas e associações empenharam-se para levar a termo a missão protestante no Brasil. No tocante à Associação Cristã de Moços, é notória “a dimensão protestante observada na missão, na estrutura, nas prescrições e em parte das ações das *YMCAs* e das *ACMs* (...)” (BAÍA, 2012, p. 21, grifo do autor). A adesão e conversão de brasileiros à fé reformada era uma conquista para o lastro das iniciativas acemistas no país. Na busca de empreender um projeto de formação de moços brasileiros, a ACM ao intentar atuar como salvadora de uma juventude marcada por condições adversas, foi também protagonista no movimento missionário que aqui se instalou.

1.3 A partir da Associação Cristã de Moços: a circulação de práticas culturais estadunidenses e de interpretações sobre o Brasil

Com a chegada de instituições e sujeitos estrangeiros, aportavam no Brasil modos de viver – expressos em bens e produtos, em múltiplas linguagens, em comportamentos – sintonizados com padrões estadunidenses de operar no mundo. Códigos dos Estados Unidos expressos na educação, na ciência, na saúde, nos negócios, compunham um cenário amplo, no qual outros elementos daquela cultura estrangeira faziam-se presentes. No texto publicado em *O jornal* no ano de 1919, intitulado *Frog-trott*, referências que produzem uma imagem positivada sobre os estadunidenses:

Uma bella noite, alguns americanos, chegados, havia pouco, áquella cidade, invadiram o curso. Encantada, Margarida dobrou os preços e lhes fez o melhor acolhimento.

Dentro em pouco, porém, já cansados das polkas e valsas enfadonhas, os recémvindos entraram a confabular.

-“One step”! pediu de repente um delles, dirigindo-se á pianista.

Houve um movimento de pasmo.

- “One step”, repetiu o rapaz com energia.

(...)

No dia seguinte, os americanos, voltando com um phonographo fanhoso, que tocava suas musicas preferidas, reprehenderam elles mesmos a instrucção dos alumnos. Dentro de oito dias, todo o mundo sabia dansar á americana...

Começavam os namoros... Os yankees foram convidados pelas familias...

Houve projectos de noivados... As mães exultaram.

(...)

Aquellas dansas eram de um humor encantador. Mme. Le Gagnat perseguida por um major de cabellos grisalhos, sentia desabrochar em si uma tardia primavera. Eva, transfigurada, trocava promessas de felicidade com um sócio da Associação Christã de Moços, de compleição robusta. A propria pianista punha um laçarote côm de rosa nos seus cachinhos louros e cobria de olhares languidos um rapagão, o qual ainda não se tinha apercebido disso⁷⁴.

Bem afortunados, portadores de energia e de boa constituição física, a imagem produzida sugere que aqueles que vinham dos Estados Unidos seriam capazes de combater a monotonia com espirosidade, de renovar os sentimentos pessoais e de ensinar, com eficiência, elementos de sua cultura. Se o texto sugere uma aproximação cultural entre brasileiros e estadunidenses, os agentes missionários recorriam também a outras formas de linguagem como estratégia para a identificação com sua identidade. Era o caso da bandeira dos Estados Unidos em evento do Colégio Batista, no qual participaram membros do Departamento de Educação Física da Associação Cristã de Moços carioca. Na imagem que mostra com destaque uma pirâmide humana, o símbolo cívico marca presença.

⁷⁴ O jornal, 27 de agosto de 1919. p. 2.



Figura 3: Membros do Departamento de Educação Physica da A.C.M. do Rio em uma festa do Collegio Baptista
 Fonte: Mocidade, março de 1922, n. 337, p. 5.

Ora de forma sutil, ora de modo explícito, é possível identificar um conjunto de elementos mobilizados também pela ACM para aproximação dos brasileiros com práticas culturais, com valores, com o modo de vida “americano”. Em 1919, a Associação publicava em seu periódico a tradução de um texto intitulado *Codigo de Costumes*, premiado no estado de Ohio, que tematizava condutas morais para crianças⁷⁵. Constituída de dez leis, a narrativa remetia a costumes relacionados à saúde, ao governo de si, ao jogo, ao trabalho, ao dever, à confiança, à bondade e à lealdade, os quais o “bom americano” deveria praticar. Referências culturais potenciais para compor práticas acemistas no Brasil. A conservação da boa saúde para o trabalho diário; o governo do temperamento para não permitir a prática de desejos tolos; a ação honesta para ser merecedor da confiança alheia; o exercício do jogo desinteressado, sem trapanças, interesses ou em troca de dinheiro, e o trabalho em cooperação são destacados como costumes a serem incorporados pelo bom cidadão estadunidense. Essa maneira de moldar os sujeitos naquele país estrangeiro constituiu-se como possibilidades interpretativas dos elementos que compunham as “maneiras de fazer” Educação Física no projeto de formação da ACM.

Como produções sociais, datas festivas e modos de comemoração também tiveram sentidos acomodados no Brasil por mãos estadunidenses. O periódico *O jornal* anunciava: “feliz a iniciativa da Associação Christã de Moços, instituindo entre nós a comemoração

⁷⁵ Mocidade, março de 1919, n. 301.

belíssima do ‘Dias das Mães’”, celebração “já instituída por lei nos Estados Unidos, e que no Brasil vae a caminho, de identica consagração. A data já lhe está definitivamente fixada, no segundo domingo do maio de cada anno”⁷⁶. Ao mesmo tempo em que traziam seus costumes e os faziam circular no Brasil, os acemistas deparavam-se com outras referências culturais e manifestavam estranhamento e recusa. O carnaval era a expressão de muitos dos comportamentos condenados pela Associação – “luxúria”, “prazeres da carne”, “mulheres seminuas”, “sedução”, “contágio de insensatez”. Diante dessa experiência festiva, a ACM produzia esforços para a não-adesão aos dias “de pecado”. A responsabilização individual era a tônica – “Póde então um crente *procurar* assistir e ver, ou tomar parte em taes divertimentos? Não, peremptoriamente” – acompanhada de um tom intimidador: “Não pratique, pois, o crente nesses dias, o que jamais seria capaz de praticar em outro qualquer dia do anno, por medo do ridiculo, ou receio da sociedade, mas, acima de tudo, pelo temor de Deus!”⁷⁷. Os argumentos acemistas pareciam centrar-se na manutenção do estado de graça dos sujeitos, conceito que, na obra de Max Weber (2005) sobre a ética protestante, refere-se a “um estado que demarca seu portador fora da degradação da carne” e comum às diferentes manifestações do protestantismo (p. 115). O carnaval, reconhecido pela Associação como ‘festa da carne’, concorreria para a ruína moral dos moços. Símbolo dessa prática popular, a máscara é tomada pela ACM como um sustentáculo para a depravação, pois, sob sua proteção o homem poderia dizer e praticar “coisas” que não fariam com o rosto descoberto. Diante dos perigos oferecidos pelos festejos carnavalescos, os votos acemistas desejavam “que os moços christãos [dessem] um exemplo vivo de virtude e virilidade no meio da luxuria e animalidade destes dias de frenezi carnal”⁷⁸.

O estado de graça dos brasileiros estaria em constante ameaça pelas condições do contexto do país, constantemente lembradas nos documentos da instituição. Em registros encontrados nas fontes consultadas, as condições morais do Rio de Janeiro e de Recife eram descritas com ênfase em dois “grandes males”: um relacionado ao sexo; outro, aos jogos de azar⁷⁹. No Rio, “entre as coisas que ajudam a prejudicar o caráter, certamente nada é pior do que os ideais baixos com referência à higiene sexual”⁸⁰. Na capital pernambucana chamava a

⁷⁶ O jornal, 10 de maio de 1920, p. 3.

⁷⁷ A.C.M., 24 de fevereiro de 1900, p. 2 (grifo do autor).

⁷⁸ A.C.M., 15 de fevereiro de 1901, p. 2.

⁷⁹ A sede da ACM em Recife foi criada em 1907. Baía (2012) indica sua extinção ainda que seja imprecisa a data do encerramento de suas atividades. O autor afirma que “ao se analisar as edições da revista *Mocidade*, encontra-se, a partir de 1924, uma ausência de informações referentes à sede de Recife. No mesmo sentido, na VII Convenção das ACMs no Brasil, realizada em 1929, não há sinais da presença da Associação Cristã de Moços de Recife” (p. 21).

⁸⁰ Survey 1920-24. Questionnaire for Rio de Janeiro, Brazil. p. 6. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

atenção o “(...) grande número de mulheres nas ruas principais, caminhando e em automóveis, depois das oito da noite. Provavelmente não se vê uma mulher na rua neste momento, que não é uma prostituta”⁸¹. Orientada por seus referenciais religiosos, a ACM condenava a prática sexual desmoralizada.

Ainda como um mal a ser combatido, figuravam os jogos de azar. Em Recife, a justificativa para a adesão a tais práticas centrava-se na falta de espaços e atividades para melhor ocupar o tempo livre. “O jogo é realizado em todos os clubes, em casas e, em grande medida, devido à falta de nada melhor para fazer, com poucas instalações recreativas e com tempo em suas mãos, jovens e homens mais velhos caem em piores práticas”⁸². Para combater o malefício, a instalação de *playgrounds* e a promoção de jogos atléticos, era o que sugeria o relator do contexto recifense. Os destaques no Rio recaiam sobre a permissividade do Estado e da Igreja em relação aos jogos e sobre uma produção nacional: o jogo do bicho. Como expresso no relato abaixo:

A loteria oferece ao homem todos os dias a chance de ganhar uma grande soma sem economizar e todo homem espera que seu dia de sorte venha; portanto, os brasileiros, como um todo, não economizam.

Há um esforço para evitar jogos de azar para o homem pobre conhecido como o "bichu" ou o jogo animal. É, obviamente, mal sucedido e será sempre que a loteria funcione com a sanção federal e da igreja.

Há boas leis contra os jogos de azar, mas aqui também ninguém realmente espera ver as leis cumpridas enquanto a loteria continuar a existir⁸³.

Os males que afetavam as condições morais do Brasil estavam descritos em um questionário relativo ao período de 1920 a 1924 e encaminhado ao Departamento Estrangeiro do Comitê Internacional da YMCA em Nova Iorque. Foram encontrados dois documentos datilografados em língua inglesa, um relativo ao Rio de Janeiro, no qual constam apenas as respostas; outro, referente à cidade de Recife que apresenta também as questões. Os questionários produzidos apresentaram-se como representações sobre o Brasil que circularam entre os acemistas estrangeiros, ao mesmo tempo que ofereceram indícios para compreender motivações e interesses que justificaram o empreendimento da Associação no país. Constituída

⁸¹ Survey 1920-24. p. 6. Box 6. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre). Escrito em letra cursiva, tem-se o registro no documento de Recife, Brazil.

⁸² Survey 1920-24. p. 6. Box 6. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre). Escrito em letra cursiva, tem-se o registro no documento de Recife, Brazil.

⁸³ Survey 1920-24. Questionnaire for Rio de Janeiro, Brazil. p. 6-7. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre) (grifos do autor).

como importante lugar social que produziu referências e prescrições sobre temáticas educacionais, a YMCA estudava as condições brasileiras que possibilitassem a ressonância de seu projeto formativo em andamento, posto que as referidas sedes já tinham sido inauguradas. O questionário mencionado expressa um diagnóstico sobre as cidades, uma vez que as questões versavam sobre diferentes temáticas que envolviam a realidade brasileira: dados populacionais, subsídios para compreender o nível de alfabetização e educação, informes sobre condições de saúde e qualidades morais, elementos sobre a ocupação do tempo livre, informações comerciais e econômicas, dentre outros dados relativos à estrutura da Associação naquelas cidades.

A percepção da realidade brasileira indicava uma população em sua metade analfabeta, nas duas cidades pesquisadas. A curiosidade acemista sobre aqueles que poderiam também ler e escrever em inglês foi sanada por números mínimos. Dados que possivelmente orientaram ações no interior das sedes; exemplo disso, pode ser a tradução de textos da língua inglesa para a portuguesa publicados no periódico oficial da Associação. O acesso a uma produção estrangeira não se daria em língua original, demandava uma mediação.

Impressões similares são descritas para as condições de saúde em Recife e no Rio. Destaques para o combate à febre amarela e para as precárias condições de habitação do povo. Para a cidade carioca, chamou-se a atenção para um tipo específico de moradia: “Frequentemente, um grande número de jovens está associado ao que é conhecido como ‘República’ onde as refeições geralmente são fornecidas. Esses lugares são comumente conhecidos como centros de influência imoral”⁸⁴.

A possibilidade de degradação moral também se encontrava nos momentos de tempo livre. Em Recife, “de recreação, há muito pouco. A vida está vazia, com muito (sic) poucos meios de diversão. A maior parte do tempo dos jovens é gasto nas ruas, na conversa. Naturalmente, essa é uma das razões pelas quais o número de prostitutas é tão grande”⁸⁵. Contudo, chamava-se atenção para o cinema, ali bem administrado e digno. No Rio, a presença de jovens nas ruas e a relação ali estabelecida com as mulheres foi descrita de forma mais suave. Além de assistir a filmes e frequentar teatros, os homens ficavam parados ou caminhando lentamente na avenida e teciam “observações” sobre as damas que passavam. A prática de futebol, remo, natação e tênis foi também narrada, bem como a elevação moral promovida pelos jogos atléticos. No contexto da recreação, um dado que poderia ser incômodo para os acemistas,

⁸⁴ Survey 1920-24. Questionnaire for Rio de Janeiro, Brazil. p. 3. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre) (grifos do autor).

⁸⁵ Survey 1920-24. p. 4. Box 6. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

especialmente, aqueles protestantes mais rígidos, o emprego do domingo para práticas esportivas. “O dia mais popular para praticamente todos os esportes é domingo quando muitos jovens, porque não podem realizar exercícios em nenhum outro momento, se dedicam ao excesso e estão menos preparados para o trabalho no dia seguinte”⁸⁶. Na resposta ao questionário, o entrave ressaltado para a realização de jogos no domingo estava ligado à dimensão do trabalho, mas, poderiam existir ainda outras razões religiosas que contestassem o uso de tal dia. Duas décadas antes do referido questionário, a ACM publicava um entendimento sobre o repouso no domingo: “Renunciemos alegremente nós mesmos o trabalho do domingo e os prazeres mundanos para o bem de nossa alma, para o bem de nossos semelhantes e para obedecer a nosso divino Mestre, ainda que custe algum sacrifício”. Nas palavras sugestivas, atividades desejáveis para o dia: “Consagremos o dia do Senhor a repousar de nossos trabalhos da semana e a nos ocupar das obras christãs: culto publico, escola dominicaes, evangelisação da mocidade; visitas aos doentes, aos velhos, etc., etc.”⁸⁷. Vale ressaltar que ao longo dos anos os modos de viver o dia de domingo colocaram-se como questão polêmica no interior da Associação. O entendimento antes consagrado foi redimensionado a partir de uma negociação para atender demandas da própria ACM.

À Associação interessava ainda saber sobre as facilidades para a abertura de *playgrounds* na cidade. As respostas eram bem animadoras. Em Recife, “o trabalho com *playground* poderia muito bem ser incitado e receberia a sanção do governo”⁸⁸. No Rio, diálogos para empreender a ação pareciam já iniciados: “Nós falamos com vários líderes da vida brasileira com referência ao desenvolvimento de *playgrounds* e estamos convencidos de que devemos encontrar assistência pública e governamental pronta quando pudermos fornecer líderes para direcionar o trabalho”⁸⁹. Um país de possibilidades, assim o Brasil aparecia relatado.

Vestígios que perspectivavam o Brasil em condições de ter o projeto acemista lastreado foram também encontrados no documento *Brasil, review of the situation in the country*. O relato sobre o país não tem indicação de autoria e apresenta-se datilografado em língua inglesa. Na narrativa, são tratadas diferentes temáticas, como as condições sociais e políticas brasileiras, entretanto, o documento é dedicado em sua maior parte às discussões sobre a economia no país,

⁸⁶ Survey 1920-24. Questionnaire for Rio de Janeiro, Brazil. p. 4. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁸⁷ A.C.M., 1 de outubro de 1901, p. 3.

⁸⁸ Survey 1920-24. p. 4. Box 6. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁸⁹ Survey 1920-24. Questionnaire for Rio de Janeiro, Brazil. p. 5. Box 2. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

aproximadamente duas folhas, e sobre questões religiosas, que ocupavam em torno de quatro folhas e versavam sobre convicções brasileiras, condições favoráveis ao evangelismo, estatísticas de desenvolvimento de igrejas evangélicas e o lugar da Associação na expansão do espírito cristão.

Economicamente, o Brasil era destacado como um país de vários recursos ainda inexplorados e de uma ilimitada capacidade útil para a humanidade. O que lhe faltava eram investimento e formação pessoal. Afirmava o relator que “inquestionavelmente, o país precisa de capital e gênio para a organização, mas muito mais que isso, é a necessidade de disponibilizar seus possíveis recursos na masculinidade cristã”⁹⁰. Esse tipo de diagnóstico não era uma novidade, ele já havia informado outros sujeitos e agências estadunidenses no sentido de produzir empreendimentos também de ordem econômica no Brasil. Tota (2000) afirma que durante muito tempo, “o americanismo havia forjado uma imagem desabonadora da América Latina. Valorizava-se o homem branco, protestante, sempre mencionado como condutor do progresso na luta contra a vida selvagem e criava-se uma imagem oposta para os latino americanos” (p. 30). Diante da constatação da necessidade brasileira de capital e de genialidade para conduzir questões econômicas, recursos financeiros e competências de liderança e organização poderiam então ser partilhados pelos Estados Unidos. Para Tota (2000), os dispositivos de ação que colocavam o país estrangeiro como modelo, como “os projetos de saneamento e saúde e os programas econômicos tinham um sentido paradigmático, isto é, os Estados Unidos possuíam o segredo do progresso e, o que era mais importante, estavam ‘dispostos’ a compartilhá-lo com o Brasil” (p. 180, grifos do autor). Para compreender o Brasil como espaço de investimento da ACM, considero necessário ressaltar que o diagnóstico brasileiro era orientado por um mecanismo que ora indicava as condições desfavoráveis do país, ora as tomava como o mote para a ressonância das iniciativas da Associação.

Para justificar os empreendimentos do projeto formativo da ACM, a construção da imagem de um povo que necessitava de intervenções de orientação religiosa. Socialmente, as relações estabelecidas entre o povo brasileiro estavam descritas como “a antítese exata do cristianismo. Isto é especialmente verdadeiro na concepção popular da função sexual”⁹¹. Diante desse contexto, o documento produzia uma profunda necessidade de que os princípios de Cristo fossem incorporados pelos jovens, especialmente no período formativo de seu

⁹⁰ Brasil, review of the situation in the country, p. 1. Box 6. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁹¹ Brasil, review of the situation in the country, p. 2. Box 6. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

desenvolvimento. Contudo, esse imperativo esbarraria no contexto religioso do país, a ausência de convicção cristã era apontada como um obstáculo a ser removido. “O povo em geral tem algum sentimento religioso, mas não há a convicção necessária sobre o que é o pecado, ou sobre o que é respeitar a lei de Deus ou a realização de sua presença em todos os lugares, etc.”. Tal entrave era reforçado por um aspecto educacional atestado no país: o analfabetismo. “Não há dúvida de que o maior de todos os obstáculos no sentido de trazer convicção aos corações das pessoas que ouvem o Evangelho, é a prevalência do analfabetismo, infelizmente, em todo o Brasil”⁹². O trabalho de evangelização tinha na leitura da bíblia a condição básica para a conversão dos sujeitos, por isso também, a preocupação incessante com a instrução do povo (CHAMON, 2005).

Indicar limitações, mas também apresentar alternativas, essa parecia a dinâmica dos relatos diagnósticos encontrados nos arquivos YMCA. Operando com essa artimanha, a narrativa referenciava as possibilidades de parceria entre Brasil e Estados Unidos e evidenciava um esforço de forjar uma imagem de sintonia entre os dois países. Contudo, a reciprocidade não parecia o tom, mas sim a adequação dos brasileiros a referências estrangeiras.

Embora sua ideia de educação [a do brasileiro] seja uma forma bastante diferente da que prevalece na América do Norte, não há nada em sua prática ou atitude que torne impossível ou indesejável a cooperação com norte-americanos ou outros. Pelo contrário, ele [o brasileiro] é muito simpaticamente em relação às ideias norte-americanas e mesmo aos ideais e muito pronto para adotar métodos norte-americanos⁹³.

A tônica pretendida consistia em reconhecer os Estados Unidos como um lugar emissor de padrões culturais, e o Brasil como país receptor. Mesmo que a dinâmica social interpusesse uma apropriação condicionada aos choques, às negociações, às rejeições, a produção acemista sobre o povo brasileiro parecia realçar a expectativa de uma simples adequação cultural. Em documento que declarava a necessidade de um edifício para sede da ACM em São Paulo, sem anotação de data, o recurso às precárias condições brasileiras e à autoridade externa como resolução dos problemas é mobilizado a partir da citação de um pastor protestante, Eduardo Pereira.

"A incerteza moral da sociedade brasileira e o abatimento dos espíritos liberais de nosso país, que esperam por um libertador, dão às missões protestantes uma

⁹² Brasil, review of the situation in the country, p. 4. Box 6. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁹³ Brasil, review of the situation in the country, p. 3. Box 6. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

oportunidade única que logo passará. O espírito nacional está aberto a qualquer esperança que nos pode ser oferecida no caos moral e religioso. Parece, além disso, que as forças missionárias, no Brasil, são urgentemente chamadas a ajudar em um novo espírito, com novos métodos, novos planos, novos recursos. A Associação Cristã de Moços, bem compreendida e dirigida, deve ser um excelente meio em si de colocar o Evangelista em contato com o jovem"⁹⁴.

Referenciado na afirmação de que “pensadores” brasileiros estavam à procura de influências que pudessem contribuir para a construção do caráter dos jovens e educá-los para uma cidadania útil, o documento apresentava uma interpretação sobre o Brasil que agregava interesses acemistas.

Embora não tenha sido possível seguir os rastros dos personagens que produziram esses diferentes documentos diagnósticos – alguns, inclusive, sem referência autoral –, destaque-se a possibilidade de seus emissores atuarem nesse lugar jogando com as circunstâncias que estavam envolvidos. Apesar de alguns relatos também não serem datados precisamente, essas narrativas apresentam dados que supõe que a ACM já estava estabelecida no Brasil, inclusive com as sedes instaladas nas cidades citadas: Rio de Janeiro, Recife e São Paulo. Uma vez já iniciado o empreendimento acemista, não seria necessário reforçar o Brasil como lugar de possibilidades para seu projeto formativo? Os elementos trazidos para a cena não precisariam colocar cada qual no seu lugar, o Brasil como agente passivo e as referências estadunidenses como orientadoras do progresso, dos bons costumes, da boa educação? A busca da YMCA por um diagnóstico do Brasil produziu uma trama em que versões sobre o país foram reconstruídas, ideias foram remodeladas, vozes foram silenciadas. Tal interpretação pode ser analisada com alguma desconfiança.

Ressalte-se que as iniciativas da ACM merecem ser analisadas como mais um signo de um projeto cultural maior. A penetração do protestantismo no país é um dos múltiplos elementos estadunidenses que se espalhava por alguns centros brasileiros. Warde (2000) aponta que:

A partir de meados do século XIX, os Estados Unidos representam um espelho no qual o Brasil deveria se mirar. Sem suspender as especulações em torno do que o Velho Mundo poderia oferecer ao nosso futuro, a cultura norte-americana se apresenta como o melhor dos horizontes possíveis, porque além de ser a expressão de uma sociedade que constrói a sua própria identidade, oferece a todos as chances de uma vida de progresso e democracia (p. 37).

⁹⁴ São Paulo, Brazil: statement of need of a central building, p. 3. Box 5. YMCA International work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

Diante das fragilidades do contexto brasileiro, a narrativa dos diagnósticos reflete a aposta na ideia de que a mirada em agentes externos produziria uma espécie de salvação para os problemas nacionais. A genialidade, o capital, os bons costumes, a convicção religiosa, precisariam ser importados, visto que aqui, apesar dos pesares, havia a possibilidade de novas adequações. A YMCA, imbuída da ideia do “destino manifesto”, colocava-se em um lugar autorizado para oferecer aos brasileiros chances de uma vida para o progresso.

Abordar aqui os elementos gerais que constituíram um contexto brasileiro diagnosticado pela e para a YMCA configurou-se como operação importante para investigar as iniciativas dos sujeitos envolvidos no projeto de formação acemista, suas ousadias no intuito de definir o que seria adequado ou não para o progresso brasileiro, suas formas de lidar com os espaços em que viveram, suas maneiras de produzir e expressar sentidos para as práticas culturais. As iniciativas proferidas como alternativas para as carências brasileiras – faltava convicção religiosa, conduta moral, capital, genialidade, dentre outras – compuseram uma trama forjada com uma certa artimanha, para que, como autoridades e intérpretes da ambiência brasileira, os acemistas empreendessem seu projeto formativo.

A presença estadunidense no Brasil promoveu a circulação de ideias e práticas que informavam sobre seus aspectos religiosos, sua política, sua educação, sua cultura. Constituída por aspectos adversos e por condições de possibilidades, a imagem do Brasil tornava-se fértil para a abertura do trabalho missionário acemista. A circulação do protestantismo, a interpretação forjada sobre o povo brasileiro e o país, a prepotente autoridade – com pitadas autoritárias – para organizar questões nacionais, compuseram o cenário favorável para a inserção da ACM no Brasil e a expansão de seu projeto.

No processo de desenvolvimento de suas iniciativas, a Associação gradativamente vai dando ênfase à formação física dos sujeitos, de modo a estabelecer uma “maneira de fazer” Educação Física. Ao demarcar esse modo de intervenção, busquei identificar, como veremos a seguir, como se deu o deslocamento de sentidos atribuídos à contribuição do corpo para os ideais acemistas, bem como, os elementos que compuseram a modelagem de Educação Física anunciada e realizada pela ACM.

CAPÍTULO 2 - A COMPOSIÇÃO DE UM SISTEMA DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS

*Pois bem, todos os medicos do mundo, já em congressos, já em conferencias, livros, etc., estão de acôrdo, em que a ginástica metódica é **indispensavel** a todos que residam em climas quentes, que o melhor remedio para combater os efeitos do calor sobre o funcionamento do nosso organismo, é a Ginástica, bem dirigida e melhor executada. Portanto, é uma falta grave contra a hygiene e a saúde, a vida sedentaria das senhoras e cavalheiros do Rio de Janeiro (Dr. L. O. Roméro, A ginástica, grifo do autor)⁹⁵.*

Proposições de intervenção nas dimensões intelectual, social, religiosa e física dos sujeitos compõem o projeto formador da Associação Cristã de Moços. Neste capítulo, o propósito foi discutir como as ações relacionadas aos exercícios físicos e às prescrições de cuidados com o corpo ganham destaque na ACM, além de delinear os elementos-chave que compunham a Educação Física forjada pela Associação. Ao mobilizar diferentes dispositivos que anunciavam a importância adquirida pela formação física, a investigação incidiu sobre a criação de instalações específicas para o Departamento Físico e sobre os saberes e as práticas ali promovidas, essencialmente, anunciados pelo periódico oficial da Associação no Brasil.

2.1 No Rio de Janeiro, a Associação Cristã de Moços e a criação do Departamento Físico

Rio de Janeiro, então capital da República. Ali foi inaugurada a primeira sede da Associação Cristã de Moços no Brasil, em 1893, por obra do missionário estadunidense Henry Clark. Visando à formação do “homem moderno”, o projeto da ACM constituiu-se a partir de diferentes dimensões: intelectual, religiosa, moral, física. Como evangelizadores, com uma autoridade auto-investida, os acemistas representavam-se como sabedores dos encaminhamentos da vida de outrem. Como que numa passagem bíblica, diziam: “Vinde a mim,

⁹⁵ Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 4.

antes que o torvelinho do mal vos alcance e vos desaprume! Vinde a mim, antes que o egoísmo vos cêgue. Vinde a mim, antes que os vícios vos empolguem! Vinde a mim, antes que a saúde vos falte!”⁹⁶. O ‘torvelinho do mal’, a possibilidade de agir sem prudência, a entrega aos vícios, preocupações possivelmente relacionadas às referências à natureza boêmia e preguiçosa que se tornaram representações dos moradores do Rio de Janeiro e marcaram o clima cultural da cidade em fins do século XIX e início do XX.

Nessa ambiência, “Que é a Associação Christã de Moços?”. Esse era o título de um dos textos publicados no periódico da Associação, *Mocidade*, em 1914. Uma instituição que dizia receber todos os moços “sem distinção de nacionalidade, posição social, raça, emprego, côr, crença ou descrença religiosa, comtanto que sejam de boa moral”. Ali poderiam os homens retomar seus estudos e ser ajudados na carreira profissional por intermédio do departamento educacional e das ações para encaminhamento de moços desempregados. Como centro de Educação Física ajudaria os homens na conservação de sua saúde e força física a partir da prática de exercícios ginásticos e jogos atléticos. Seu departamento social promoveria diversão lícita dentro e fora da sede. “A A.C.M. é, finalmente, uma organização, cujo fim principal é auxiliar a formação do carácter dos moços, e cooperar com os cidadãos em todos os movimentos locais, que tenham por fim elevar o nível intellectual, social e moral da cidade”⁹⁷.

O Dr. L. O. Romero⁹⁸, aquele anunciado na epígrafe deste capítulo, não poupou críticas às formas de viver da população, aqui melhor dizendo, dos homens. Dizia ele que “o modo de vestir é também entre nós outro atentado contra a higiene. Esses colarinhos postiços, altos e apertados, essas roupas escuras e grossas, botinas de verniz, que se usam imitando modas de outros climas, devem ser eliminados”⁹⁹. Defendia o doutor: “Precizamos usar roupas arejadas, próprias do nosso clima”¹⁰⁰. O autor continuava a traçar algumas apreciações sobre os modos de viver na cidade do Rio de Janeiro:

Tem se propagado uma idéa muito falsa, verdadeiro erro dos que residem nos climas quentes, e é que a vida de repouso, a vida de <<cadeira de balanço e abanador>>, a vida calma, inerte, é a mais conveniente. Isto é falso, completamente falso, sendo necessario opormo-nos energicamente a tão errado conceito.

Nos climas quentes, o calor justamente contribue para a preguiça e consequentemente para atrazar o funcionamento do organismo. Assim, a respiração é mais curta, incompleta. A circulação é calma, retardada,

⁹⁶ *Mocidade*, maio de 1918, n. 291, p. 2.

⁹⁷ *Mocidade*, março de 1914, n. 239, p. 11-12.

⁹⁸ Não foram encontrados dados biográficos sobre este sujeito para essa pesquisa.

⁹⁹ *Mocidade*, maio de 1917, n. 279, p. 5.

¹⁰⁰ *Mocidade*, maio de 1917, n. 279, p. 6.

carregada de toxinas; é por isso que o fígado e os rins se tornam muito sensíveis. A digestão, *especialmente a digestão*, (e por conseguinte, os seus efeitos, a absorção, a nutrição, etc)., é pesada, dificultosa, lenta. Como combater estes efeitos da temperatura sobre o nosso organismo?¹⁰¹.

Com a dupla autoridade que assumira, a intitulação de doutor e a voz que lhe foi dada pela ACM, o próprio Roméro respondia à questão no decorrer do texto, e o fazia, em especial, com palavras destinadas aos associados: “Aconselhamos aos nossos consocios sempre a vida activa, abandonando a cadeira de balanço, a espreguiçadeira, á sésta, que tanto mal fazem á digestão, o *tramway*, o passo lento, mole, arrastado”¹⁰². As representações sobre o carioca e sua cultura física não atendiam às novas expectativas do clima cultural que vinha instalando-se no Rio de Janeiro. No processo de metropolização, a eletricidade e a velocidade das máquinas – inicialmente com o advento do bonde elétrico, e, anos mais tarde, com os veículos automotores – eram referências para a vida moderna. Nicolau Sevcenko (1998) fala em uma “ética do ativismo” para sustentar o argumento da ação, explicitada no engajamento corporal, como inspiração e guia para o sujeito urbano. “Era a eletricidade passando para os corpos, imprimindo-lhes a compulsão do movimento, da ação, fosse espontânea, fosse mecânica, fosse em coordenação de massas” (*op. cit.*, p. 569). A interpretação do autor estabelece pontos de contato com o estampado pela Associação em seu periódico no ano de 1922

Vivendo no seculo da electricidade, em que os phenomenos sociaes, crescidos em complexidade, se manifestam quasi inopinadamente mercê do aperfeiçoamento mecanico dos meios de transporte e comunicação, exigindo, correlatamente, solução immediata, ensinam-nos os jogos a governarmos o cerebro, obrigando-nos a pensar com a maxima rapidez e proceder concomitantemente.¹⁰³

Um novo ritmo para a cidade, para os sujeitos, para os corpos. E o Dr. Roméro continuava sua explanação sobre a gente do Rio:

Até no modo de andar se conhece a falta de actividade: - as pessoas arrastam as suas pernas, balançando-se languidamente de um para outro lado, esbarrando em todos, como sem destino, e o que é mais curioso, surpreendendo-se de vêr a marcha viva de um homem activo. Os defeitos da marcha preguiçosa têm chegado entre nós até o ponto inconcebível de se achar ridícula uma pessoa que anda com rapidez, não faltando espirituosos que perguntem se <<vae apagar incendio>>¹⁰⁴.

¹⁰¹ Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 3-4 (grifos do autor).

¹⁰² Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 4-5 (grifo do autor).

¹⁰³ Mocidade, dezembro de 1922, n. 346, p. 14.

¹⁰⁴ Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 4.

A aceleração e a remodelação da cidade produziam também estranhamentos. Se por um lado, caminhar pelas ruas a passos rápidos podia ser visto como um modo moderno de se portar, de outro, tal inovação produzia a ausência de sentido para aqueles que não viam ensejo em tamanha aceleração, a não ser por motivo de urgência. Ainda assim, a “ética do ativismo” espraiava-se por outros dispositivos. Em folheto da ACM, trabalho, ação, saúde e energia formavam um combinado. Apresentados em sequência, as imagens e os textos constituíam um conjunto de orientações que, se seguidas, produziriam um sujeito ativo, vigoroso e feliz.



Figura 4: Folheto de divulgação da Associação Cristã de Moços, Rio de Janeiro, s/d.

Fonte: Folheto ACM Rio de Janeiro, s/d. Box 4. YMCA international work in Brazil: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

O “ativista” Dr. Roméro, ao final do conjunto de censuras e prescrições, aconselhava aos consócios o que seria essencial: “uma razoável Educação Física”. Esta deveria ser “metódica, regularmente executada”. Com as letras grifadas, ressaltava as benesses da prática da ginástica: “*Dá beleza e leveza ao corpo, alegria ao character e rendimento superior no trabalho*”¹⁰⁵. Em sintonia com os novos signos, o Dr. Roméro apresenta na sua publicação a imagem que expressava o desenvolvimento da exuberância física (figura 5):

¹⁰⁵ Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 7, grifos do autor.



Figura 5: Imagem contida no texto intitulado “A ginástica” do Dr. L. O. Romero
 Fonte: Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 5.

As preocupações com a cultura física não ocuparam, inicialmente, centralidade no projeto formador da ACM. Essas foram aparecendo gradualmente no processo de configuração da Associação, que no seu aparecimento esteve fortemente vinculada ao aspecto espiritual. Ainda que membros mais ortodoxos da igreja na Inglaterra condenassem a “diversão frívola - mesmo leitura divertida - e jogos de competição, embora inofensivos, como ímpios”, a YMCA contou com o apoio de “muitos clérigos de liderança em todos os credos protestantes”¹⁰⁶. Diante das contestações do referido grupo ortodoxo, a Associação se posicionou e,

Diversão inofensiva foi reconhecida e promovida; treinamento físico e a aplicação da ética cristã para o espírito esportivo foram aceitos como uma parte legítima do programa YMCA. A terceira etapa do Triângulo Vermelho estava concluída para dar-lhe o simbolismo, mente, corpo e espírito. Uma mente sadia em um corpo sadio foram reconhecidos como a base essencial do poder da alma¹⁰⁷.

¹⁰⁶ George Williams: a tribute to the founder of the red triangle, by E. G. Lentz. n/d, p. 18. Box 225. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

¹⁰⁷ George Williams: a tribute to the founder of the red triangle, by E. G. Lentz. n/d, p. 19. Box 225. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).



Figura 6: Emblema proposto para ser o símbolo da YMCA¹⁰⁸

Luther Gulick, que se tornou uma das autoridades em Educação Física da YMCA nos Estados Unidos, acreditava nas possibilidades educativas do jogo. “Muitos dos escritos de Gulick, como os de seu amigo, G. Stanley Hall, exalavam a fé na recreação, particularmente como um curativo para os problemas urbanos” afirma Putney (2003, p. 70). Foi Gulick quem sugeriu a imagem de um triângulo para constituir o símbolo da Associação. Ele apostava nos termos “corpo, mente e espírito” para descrever a importância da simetria de tais aspectos para o desenvolvimento do caráter. Era também uma tentativa de convencer os cristãos para o valor moral do jogo (PUTNEY, 2003).

Se o aspecto espiritual esteve incorporado ao projeto acemista desde seu início, foi no andamento das ações da Associação que o *físico* passou a ser objeto de maior atenção. Essa dinâmica de desenvolvimento parece acompanhar a organização de outras sedes fundadas em diferentes lugares do mundo. O *físico* também foi tomado nos Estados Unidos e no Brasil como importante dispositivo formativo ao longo dos empreendimentos feitos pela ACM. Para as iniciativas acemistas que tinham por finalidade intervir nos modos de ser dos associados, a aproximação com o corpo era uma estratégia de incorporação de boas atitudes e bons hábitos. Como afirma Weber (2005) para a ética protestante, “o esporte seria aceito se ele servisse a um propósito racional, o da recuperação necessária à eficiência física. Mas como meio de expressão espontânea de impulsos indisciplinados, era-lhes suspeito”. Também era condenado se “fosse apenas um meio de diversão, de estímulo ao orgulho, de despertar de baixos instintos ou do instinto irracional da aposta” (*op. cit.*, p. 125).

As ações sobre o corpo foram também analisadas a partir da ideia do *cristianismo muscular*, uma cruzada do músculo e da saúde “assumida tanto por organizações como a *Young Men’s Christian Association*, quanto por todos aqueles que pregavam um Evangelho social e

¹⁰⁸ Disponível em <<http://www.bristolymca.net/pages/about-the-y/history-of-the-y-logo.php>>. Acesso em 23.10.16. Anterior a esta insígnia, a YMCA adotou um emblema que não possuía o desenho de um triângulo. A sugestão de Luther Gulick para que um triângulo compusesse o símbolo da Associação foi aceita. No decorrer do tempo o emblema foi modificando-se, contudo, a imagem do triângulo permaneceu.

sustentavam que a regeneração espiritual dos Estados Unidos passava por uma reforma do modo de vida” (COURTINE, 1995, p. 92, grifos meus). Não por acaso, as ações e ideias relacionadas ao *físico* formuladas pela ACM, são revestidas, em muitas ocasiões, pela moralidade. Essa vinculação pode ser entendida a partir da constituição do pensamento puritano que “(...) alistando a ginástica no serviço a Deus, ou pelo menos a uma educação moral, ele favorecia os hábitos de ordem, de exatidão, de disciplina, essenciais ao bom funcionamento de uma sociedade industrial e burocrática” (*op. cit.*, 1995, p. 93), assim discorreu Courtine sobre os aspectos religiosos presentes na cultura física dos Estados Unidos.

Putney (2003) assevera que, entre 1880 e 1920, protestantes americanos de muitas denominações testemunharam o aparecimento em seus púlpitos e seminários do *cristianismo muscular*. Dentre seus adeptos, o autor destaca “G. Stanley Hall, um psicologista pioneiro que desejava revigorar os americanos”. Ele e “demais fortes defensores da masculinidade cristã esperavam energizar as igrejas e contrariar os efeitos supostamente enervadores da vida urbana. Para realizar seus objetivos, eles promulgaram esportes competitivos, educação física e outros aspectos da vida moderna” (*op. cit.*, p. 1, tradução livre).

Essa outra perspectiva cristã sobre o corpo possibilitou o desenvolvimento do *cristianismo muscular* como um movimento de compromisso cristão com a saúde e a masculinidade. “Suas origens podem ser atribuídas ao Novo Testamento, que sanciona o esforço viril (Marcos 11:15) e a saúde física (1 Cor. 6: 19-20). Mas nem sempre o cristianismo muscular foi um elemento importante”¹⁰⁹. Se o uso do corpo em atividades atléticas foi antes reprovado por serem estas consideradas distrações indesejadas ao evangelismo, tal entendimento cederá lugar à adoção de exercícios físicos como forma de construir o caráter e agir socialmente. Watson, Weir e Friend (2005) destacam a importância de Luther H. Gulick para as novas relações estabelecidas com o corpo e explicitam que, em termos de promoção do *cristianismo muscular*, foi ele talvez o sujeito mais influente dentro da Associação Cristã de Moços. Os autores também citam G. Stanley Hall para enfatizar seus comentários sobre a importância da YMCA e do movimento do *cristianismo muscular* em que esteve inserido. Afirmam os autores que Hall declarou com grande perspicácia o “maravilhoso” avanço do

¹⁰⁹ Putney, C. (2003) 'Muscular Christianity', the encyclopedia of informal education. The article first appeared in ABC-CLIO (2003) Men and Masculinities: A Social, Cultural, and Historical Encyclopedia (tradução livre). Disponível em: <www.infed.org/christianeducation/muscular_christianity.htm>. Acesso em 27.02.2017. Infed é um site sem fins lucrativos fornecido pelo *YMCA George Williams College*.

Cf. as passagens bíblicas referidas no texto: “¹⁵E vieram a Jerusalém; e Jesus, entrando no templo, começou a expulsar os que vendiam e compravam no templo; e derrubou as mesas dos cambiadores e as cadeiras dos que vendiam pombas” (Marcos 11:15). “¹⁹Ou não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? ²⁰Porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (1 Coríntios 6:19,20).

cristianismo dentro da Associação e que ““(…) o futuro historiador da igreja colocará este movimento de levar o evangelho ao corpo como um dos mais importantes da época”” (p. 9, tradução livre).

Ainda como preocupação de parte dos adeptos do *cristianismo muscular*, figurava uma aversão ao sentimentalismo, ao refinamento e outros traços estereotipicamente femininos que se faziam presentes nas igrejas. Putney (2003) ressalta mais uma vez Hall, que, em torno de 1900, teria pronunciado-se sobre a existência de um “perigo feminino” nas igrejas. “Os que acreditavam neste risco estavam preocupados não só com o número desproporcional de mulheres na igreja, mas também com a influência ‘feminizante’ que elas supostamente tinham em vários aspectos da religião vitoriana” (p. 3, tradução livre). O que se pretendia era um deslocamento na compreensão de masculinidade. O autor discorre que no final do século XIX e no início do século XX, os ‘americanos’ se viram diante de uma série de desafios que incluía a imigração não-protestante, o movimento de direitos das mulheres e a capacidade das grandes empresas para acabar com os pequenos negócios. O antigo modelo de masculinidade “prescrito pelos vitorianos tinha enfatizado o estoicismo, a gentileza e a abnegação”. Contudo, tais características, “na opinião de muitos progressistas, não permitiriam que homens brancos nativos, de classe média, exercessem sua autoridade em um momento em que os políticos imigrantes, os sufragistas articulados e os poderosos monopolistas estavam em ascendência” (p. 5, tradução livre). De acordo com Putney (2003), “convencidos de que o arquétipo do cavalheiro vitoriano abotoado estava mal equipado para lidar com os desafios colocados pela modernidade, muitos progressistas propuseram uma nova masculinidade, que enfatizou a ação em vez de reflexão, e a agressão em vez de gentileza” (p. 5, tradução livre). Como produção cultural, o modelo foi alterado para instituir que o comportamento do homem passava então pela ideia de uma masculinidade viril. O autor comenta como a ideia do *cristianismo muscular* foi ganhando lastro:

A propagação do cristianismo muscular nas últimas décadas do século XIX resultou de inúmeros fatores, incluindo o desenvolvimento atlético, o declínio da antipatia cristã evangélica em relação ao esporte, a adoção pela maioria das YMCA’s de programas de esportes e a invenção da YMCA da “construção do caráter” por intermédio dos esportes como o basquetebol e o voleibol. Também ajudando a avançar o cristianismo muscular no final do século XIX, o impulso imperialista de estender o cristianismo americano no exterior de forma contundente (PUTNEY, 2003, p. 3-4, tradução livre, grifos do autor).

Ao assumir referências do *cristianismo muscular*, a YMCA, além de robustecer seus esforços para a constituição da masculinidade de seus associados, parece fazer do corpo uma

síntese de seus investimentos. O “homem novo” passava a se constituir por uma espécie de treino psicofísico no qual corpo, moralidade, virilidade passavam a compor um todo. As ações no corpo seriam uma intervenção também no território das sensibilidades.

Em sua extensão pelo mundo, a YMCA chegou aos Estados Unidos em 1851. Passados dezoito anos da primeira instalação no país é que sedes construíram ginásios em seus edifícios. Foram os casos da YMCA em São Francisco e em Nova Iorque. Em *A guide to the history of physical education*, Fred Eugene Leonard (1923) dedica um capítulo ao treinamento físico nas *Young Men's Christian Associations*. O autor afirma que a YMCA nova-iorquina foi a que teve o primeiro diretor de ginásio da Associação: William Wood. Seu trabalho parece não ter extrapolado os territórios de Nova Iorque e, dentre os motivos, uma causa interna à ACM:

(...) chefes religiosos da Associação, toleraram no maximo a educação physica como meio de attrahir os moços á influencia religiosa e muitos se oppuzeram activamente a ella.

Todavia a educação physica conseguiu, lenta mas seguramente um lugar de destaque nas actividades da Associação, e mais e mais providencias por installações apropriadas nos novos edificios¹¹⁰.

Ao final de mais dezoito anos, em 1887, “o número de ginásios relatado tinha aumentado para 168, e os diretores pagos para 50” (LEONARD, 1923, p. 309). Tais fatos promoveram a tomada de medidas para formação adequada daqueles que se dedicariam, no interior da Associação, às iniciativas relacionadas ao *físico* dos associados.

No Rio de Janeiro, a abertura do Departamento Físico aconteceu vinte anos após a instituição da sede da ACM carioca¹¹¹. Apesar da inauguração tardia, é preciso indicar que iniciativas para a formação física dos sujeitos aconteceram anos antes. Em 1911, a partir de uma parceria com o general Souza Aguiar, então prefeito do Rio de Janeiro¹¹², a Associação “installou o primeiro posto de gymnastica ao ar livre, no grammado da Quinta da Boa Vista. Lá tinha a ACM barras paralellas e trapezios, e o sr. Mauricio Salassa foi o primeiro professor de gymnastica da Associação, que publicamente deu as primeiras lições de cultura physica”¹¹³. Salassa deixou o cargo e em seguida D. P. Cross assumiu o trabalho.

¹¹⁰ Mocidade, abril de 1921, n. 326, p. 4.

¹¹¹ Embora as fontes mencionem a palavra ‘abertura’, Baía (2012) afirma que “na ACM carioca, o Departamento Físico foi criado em 1903. Se, desde 1897, a ACM carioca conseguiu comprar uma sede própria, esta, para o projeto acmista, não apresentava as condições ideais. Constituíam-se em um espaço físico no qual as práticas corporais poderiam ocorrer de forma improvisada” (p. 55). Dialogando com os estudos do autor, parece que ao divulgar a abertura do Departamento Físico, a Associação pretendia dizer que se inaugurava um novo momento para as práticas àquele espaço relacionadas, porque uma nova estrutura teria o remodelado.

¹¹² Mocidade, setembro de 1922, n. 343.

¹¹³ Mocidade, outubro de 1922, n.344, p. 7.

As notícias acerca da implantação de instalações específicas para a formação física dentro da ACM comumente tinham um tom de euforia, que parece explicitar a crença nas possibilidades formativas da ginástica, dos jogos e demais exercícios físicos, mas ao mesmo tempo, parece revelar uma aposta da Associação que precisaria lograr êxito. Recém-inaugurado, o Departamento Físico já tinha números de adesão expostos na edição da *Mocidade* logo no mês seguinte à sua abertura.

Com muito entusiasmo já se acha funcionando a aula de gymnastica desde o dia 31 do mez findo. Com os melhoramentos introduzidos muito lucrou este departamento, tanto em espaço ocupado, como em installação. A matricula, só nos primeiros dez dias, attingio ao numero de 47, e estão entrando diariamente novos alumnos. As classes estão animadíssimas. O novo professor, Sr. Sims, introduzio uns novos sports de salão, especialmente <<Volley-Ball>> que todos gostam muito¹¹⁴.

Ainda naquela edição do periódico acemista, uma nota com conteúdo muito similar aparece escrita em inglês, em um item intitulado *English Section*. Esta seção continha uma série de notícias curtas, especialmente acerca do trabalho realizado na Associação do Rio. A presença de parte do noticiário em língua inglesa pode indiciar o acompanhamento do trabalho realizado na sede carioca, por membros da ACM responsáveis por seguirem as ações promovidas pelas Associações ao redor do mundo. Apresento essa hipótese porque em pesquisa no arquivo da YMCA nos Estados Unidos também foi encontrada edição completa da *Mocidade* publicada nas duas línguas: português e inglês que estavam guardadas na coleção intitulada *YMCA international work in Brazil: an inventory of its records*. Segue a nota semelhante:

Gymnastics are on the boom. The larger space devoted to the Department, and the new equipment, have drawn in many new men, especially the games, such as Volley Ball. Though only started ten days ago, 47 men are already registered and taking part in class work. The new Director, Mr. Sims, is giving great satisfaction to the men¹¹⁵.

Destaque para aquele que assumira o Departamento Físico, “o novo professor”: Henry Sims. Quem era ele? Que outros aspectos distinguiam o novo espaço? Qual a expectativa em torno daquela inauguração?

¹¹⁴ *Mocidade*, abril de 1913, n. 230, p. 14.

¹¹⁵ *Mocidade*, abril de 1913, n. 230, p. 12. “As ginásticas estão um estrondo. O espaço maior dedicado ao Departamento e os novos equipamentos têm atraído muitos moços, especialmente os jogos, como voleibol. Embora só iniciada há dez dias, 47 homens já estão registrados e participam nos trabalhos da classe. O novo Diretor, Sr. Sims, está dando grande satisfação aos homens” (tradução livre).

Ha muitas especies de exercicios phisicos, os que fazem bem ao homem, e os que fazem mal. Antes não tomar parte em classe alguma de gymnastica do que em uma classe realizada sem systema scientifico e sem exame phisico previo, para evitar resultados desastrosos que ás vezes succedem quando não ha este cuidado da Directoria.

Isto vem a proposito da abertura do Departamento Phisico da Associação do Rio, cujas classes para o novo anno começam no dia 31 do corrente.

Este Departamento é organizado de accôrdo com o mais moderno systema scientifico, e ninguem toma parte nos seus exercicios sem o exame phisico realisado pelo Director, Sr. Henry J. Sims, diplomado pela Escola Pratica de Chicago, E.U.A.; depois de formado nessa Escola de Cultura Phisica, trabalhou por dous annos na A.C.M. de Chattanooga, Tennessee. (...)

Esperamos vêr as classes delle na Associação do Rio muito bem concorridas¹¹⁶.

Em comentário sobre a inauguração do Departamento, a explicitação da expectativa de intervir na formação dos homens associados. Esse era o foco, mas no plano das intenções parece ser possível afirmar uma expectativa de que o Departamento Físico fosse irradiador de uma boa formação física para o povo em geral, a partir de ações que não se localizassem apenas na sede da ACM.

O alvo da Associação Christã de Moços com a installação completa do seu Departamento Phisico é promover o desenvolvimento athletico dos homens da cidade. Naturalmente o seu cuidado principal é com os socios, mas procurará, tambem, ser útil a todos os moços, em qualquer tempo.

A Associação não sómente se esforça por offerecer aos seus membros um systema racional e scientifico de educação phisica; mas pensa, tambem, em promover a formação de installações congêneres, para a propagação de jogos recreativos, proporcionadores de saude e dextreza.

Deste Departamento Phisico, organizado como está, sahirão professores práticos e habeis para dirigir aulas de educação phisica em collegios, igrejas, clubs e campos de jogos athleticos¹¹⁷.

Como lugar que forjou prescrições para o corpo, o Departamento Físico anunciava por meio de diferentes estratégias o intuito de ampliar suas ações para outros meios urbanos, sejam as instituições com finalidades explicitamente pedagógicas, sejam espaços da cidade que poderiam ser afetados pelo seu projeto formativo. O Departamento teria uma dupla tarefa: a formação física dos “homens da cidade” e a constituição de professores específicos para trabalhar com aulas de Educação Física.

¹¹⁶ Mocidade, março de 1913, n. 229, p. 9-10.

¹¹⁷ Mocidade, maio de 1913, n. 231, p. 5.

Para propagar os serviços do Departamento Físico e ter as aulas “muito bem concorridas”, estratégias distintas foram mobilizadas. A divulgação do número crescente de matriculados nas classes de ginástica poderia ser uma forma de atrair novos sócios. As novas práticas, trazidas pelo professor estrangeiro, faziam com que os alunos tomassem gosto pelas atividades e tornavam as aulas “animadíssimas”; assim, o bom ambiente poderia ser um convite para novas matrículas. Junto com o novo professor teria chegado ainda a modernidade científica, que buscava conferir maior legitimidade aos exercícios físicos realizados *na e pela* ACM. Esse conjunto de artimanhas poderia fazer-se necessário em função do modo como a Educação Física era ainda representada quando da inauguração do Departamento Físico. Referências à não compreensão da importância dos exercícios físicos para a população são apresentadas no periódico *acemista*.

O problema da instrução physica tem sido descurado e mal comprehendido no Brasil, onde se o pratica mais como um divertimento sportivo do que como um meio systematico de desenvolvimento organico. E como consequencia d’isso os mais nocivos e perniciosos effeitos se produzem, pois, desde que o sport seja considerado como um fim de divertimento e não de hygiene organica, necessariamente se realisa a obcecação do espirito por tal genero de emulação nociva da vaidade em detrimento da integridade physica que se esgota no desperdicio inutil de forças, no gasto desordenado e sem methodo de energias¹¹⁸.

Ora, parte da igreja na Inglaterra já havia julgado “os jogos de competição como ímpios”¹¹⁹. Quando assim manifestados, os jogos não teriam o caráter formativo desejado pela ACM. Diante da incompreensão no cenário brasileiro, mais elogiável seria a iniciativa da Associação de cuidar desse aspecto na formação dos moços. Após o anúncio da dificuldade, saudações para aquela que se dispôs a enfrentá-la: “A benemerita <<Associação Christã de Moços>> tem sabido, nitidamente, comprehender a importância do problema, de modo que é com alegria que trago os meus sinceros cumprimentos á sua esforçada e digna Directoria”¹²⁰, registrava o autor do texto, um doutor, Crhysolito de Gusmão.

Em seus estudos, Victor Melo (2001) indica como o esporte, na passagem do século XIX para o XX, foi desenvolvido e marcado por diferentes sentidos culturais. Múltiplos elementos foram constituídos no processo de representação do Rio de Janeiro como uma “cidadesportiva”: a criação de *clubs* para a organização dos esportes, as apostas, o mercado

¹¹⁸ Mocidade, janeiro de 1914, n. 239, p. 6.

¹¹⁹ George Williams: a tribute to the founder of the red triangle, by E. G. Lentz. n/d, p. 18. Box 225. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

¹²⁰ Mocidade, janeiro de 1914, n. 239, p. 7.

esportivo, a presença das elites e a adesão das camadas populares, a relação com a imprensa. Na confluência das preocupações acemistas com o cenário esportivo do Rio, merece destaque a dimensão alcançada pelas apostas. Melo (2001) indica o jogo de interesses entre dirigentes de clubes, representantes políticos e negociantes que envolvia a movimentação de dinheiro nas apostas. O autor afirma que “jogava-se realmente muito na cidade. O que cada vez mais parecia interessar aos organizadores era o negócio, em detrimento de um suposto “caráter esportivo”” (p. 167). Nessa ambiência dos “primórdios” do esporte na cidade capital, a preocupação com o simples divertimento, com os efeitos perniciosos da prática dos esportes, com a emulação nociva parece justificar-se.

As primeiras notícias sobre o trabalho no Departamento Físico eram, usualmente, animadoras, a contar do número de matriculados que aumentava com o passar do tempo. “A matrícula da aula de gymnastica cresce dia a dia”¹²¹, informava a ACM com dois meses de funcionamento do Departamento. Como meio de despertar interesse, uma espécie de prestação de contas, a divulgação da crescente adesão ao novo espaço poderia também ser um contentamento, porque a expectativa da Associação não era pequena. “Na alfandega acham-se uniformes próprios para os alumnos, que em breves dias estarão á disposição dos que querem comprar, e bem assim mais 50 dos armarios de aço, de sorte que esperamos ter logar para todos que desejam tomar parte na gymnastica”¹²². O anúncio da adesão à formação física na ACM era feito também para os que compreendiam a língua inglesa:

The physical work in Rio is prospering greatly. An enrollment of over 80 in men’s evening class, with an average attendance of over 40, taxes the hall. A business and professional men’s class meets three times a week at 5.30 P. M. with an enrollment of over 25 and average attendance of 14. And now a boy’s class will begin this month from 3.30 to 4.30 P. M. Sims is kept ‘hard at it’ to carry on the work in Portuguese!¹²³.

Para dar visibilidade às realizações do Departamento Físico, a Associação produzia formas de propagação animadas. O modo excitante de expressar as ações que ali aconteciam parece uma tentativa de incorporar, no público pretendido pela ACM, a ambiência e as benesses da prática dos exercícios físicos: ânimo, entusiasmo, energia, vigor! Mas, com moderação, com

¹²¹ Mocidade, maio de 1913, n. 231, p. 12.

¹²² Mocidade, abril de 1913, n. 230, p. 15.

¹²³ Mocidade, junho de 1913, n. 232, p. 15. “O trabalho físico no Rio está prosperando muito. Mais de 80 homens estão matriculados na classe da noite, com uma média de público de mais de 40. A classe de homens profissionais e de negócios reúne-se três vezes por semana às 5:30 P. M. com matrícula de mais de 25 e média de público de 14. E agora uma classe de meninos vai começar este mês de 3:30 às 4:30 P. M. Sims tem-se mantido firme para realizar o trabalho em Português!” (tradução livre).

governança... A Associação era uma agência reguladora. Regulamentação do comportamento, do exercício, da alimentação, do sono, do asseio. Para contrabalançar a normatização dos costumes, a argumentação de Norbert Elias e Eric Dunning (1992) parece produzir sentido para a dinâmica acemista: “Aqui, como noutras situações, a busca de excitação, o <<entusiasmo>> de Aristóteles, é, nas nossas actividades de lazer complementar relativamente ao controlo e restrição da emotividade manifesta na nossa vida ordinária. Uma não se pode compreender sem a outra” (p.105, grifos dos autores).

As sensações de vivacidade eram permitidas pela leitura da revista *Mocidade* e pela presença nas demonstrações organizadas pela Associação. Estas eram verdadeiros eventos, como o concurso atlético realizado logo aos quatro meses de atividade do Departamento Físico. Em comemoração à data de 14 de julho, a ACM divulgava realizações do então novo espaço:

CONCURSO ATHLETICO

Para festejar o dia 14 de Julho, consagrado á Fraternidade Universal, a Associação do Rio promoveu um grande concurso athletico, sob os auspícios do seu Departamento de Cultura Physica. Os jogos realizaram-se no Campo do Recreio cedido á Associação pela Prefeitura, dentro do recinto da Quinta da Boa Vista.

Ahi compareceu avultado numero de socios e amigos, muitos dos quaes vieram acompanhados de suas respectivas familias, e fizeram *pic-nic* nos bosques do logar antes de começar o programma. Por coincidência a Escola Dominical da Egreja Presbyteriana fazia *pic-nic* na mesma ocasião; e, assim, outro grande numero de familias pode, também, assistir. (...)

O programma começou a ser executado á 1 hora da tarde; em todos os pareos os rapazes concorreram com entusiasmo; mas os espectadores eram em tão grande numero, e tão interessados em tudo ver, que houve muita confusão, devido á falta de cordas para conservar desembaraçada a pista; d'ahi alguma demora imprevista. (...)

O Concurso foi, pois, um real successo, e apresentamos sinceras felicitações ao Director, Sr. Sims, e ao pessoal das classes gymnasticas da Associação¹²⁴.

Uma gentileza do governo da cidade; uma feliz coincidência de encontrar um público bem-vindo à Associação, os presbiterianos; a presença de grande número de sócios; o alvoroço do público tamanho; o ânimo dos competidores. O resultado do evento é apontado ao final da reportagem: um real sucesso. Ainda na tentativa de dar visibilidade ao Departamento Físico, de maneira perspicaz, atividades ali realizadas foram também propaladas em eventos denominados como festas ginásticas.

Festas Gymnasticas

O Departamento de Educação Physica da Associação do Rio levou a effeito duas festas em demonstração dos seus trabalhos. A primeira, no dia 3 de

¹²⁴ *Mocidade*, julho de 1913, n. 233, p. 10-11.

Setembro, constou de trabalhos da classe diurna de homens, em que tomaram parte cerca de 15 alumnos, mostrando a sua dextreza (!) (...).

A segunda festa teve logar no dia 11, e constou de trabalhos das classes nocturnas de moços, em que tomaram parte cerca de 35 alumnos; o programma foi muito semelhante ao da festa anterior, mas os alumnos mostraram-se muito mais adestrados. A ambas as funcções compareceram muitos espectadores, e reinou bastante animação¹²⁵.

A propaganda aparece demarcada por dois termos: *dextreza* – para referir-se aos alunos do dia -, e *adestramento* – para os alunos da noite. Mesmo não aparecendo com regularidade nas formulações da ACM, o uso de tais palavras indica que a aprendizagem técnica parece tomar parte no ensino dos exercícios físicos, porque resultaria em uma habilidade quando do treinamento sistemático dos movimentos.

Como mais uma estratégia de visibilidade, a ACM aliava à demonstração das atividades realizadas na sua sede, o registro otimista de outros sujeitos e impressos, que logo foi estampado nas páginas de seu periódico oficial. A Associação traz para a cena a voz de um “outro” para positivar as iniciativas do seu Departamento de Educação Física.

FESTA GYMNASTICA

(...)

Demos, porém, a palavra ao noticiarista do <<Imparcia>>, que assim descreveu a festa

<<A Associação Christã de Moços realizou ante-hontem, no salão da Real Sociedade Club Gymnastico Portuguez, uma importante festa para demonstração dos principaes divertimentos e dos methodos do seu departamento de educação physica.

O programma muito bem organizado pelo sr. H. J. Sims, despertou o maior interesse na assistencia, que não regateou applausos aos disciplinados alumnos da benemerita Associação (...)>>¹²⁶.

Evidentemente que, como órgão oficial das Associações Cristãs de Moços no Brasil, a *Mocidade* procurava divulgar a pretensa excelência do trabalho ali produzido sem deixar margens para críticas, portanto, não podemos perder de vista que os textos produzidos *pela* e *para* a Associação agregavam interesses em que as anunciações de proposições e práticas poderiam ser sutilmente remodeladas, quando não modificadas. Como um simulacro, a intenção era produzir efeitos de verdade.

¹²⁵ Mocidade, setembro de 1914, n. 247, p. 11.

¹²⁶ Mocidade, setembro de 1913, n. 235, p. 13.

Passado algum tempo da euforia com a inauguração do Departamento Físico na Associação do Rio, a entidade reafirmava a legitimidade de tal instalação, mas ainda se ressentia pela incompreensão acerca da prática dos exercícios físicos.

Em todas as instalações que a Associação Christã de Moços tem pelo mundo a fóra o Dep. Físico é objecto de particular cuidado. (...)

Muita gente, porém, acha que é tolíce aprender a respirar; muita gente acha que é brinquedo a natação; muita gente zomba da necessidade de fazer ginastica. A educação física ainda não entrou no numero das cousas axiomáticas. Ha muito quem não acredite que a sua herança reumatica pode ser conjurada numa aula metodica e regular de Ginastica.

Eis porque a Associação Christã de Moços tomou a peito a propaganda da educação física, aparelhando-se rigorosamente para esse ramo dos seus serviços á mocidade (...) ¹²⁷.

O Departamento Físico seguiu com suas ações, oferecendo aulas, nas quais a ginástica, jogos, e lutas se faziam presentes. Anunciava-se que as práticas ali realizadas eram revestidas de conhecimentos científicos, trazidos por aquele estrangeiro, Sims, que chegara ao Rio depois de uma formação especializada nos Estados Unidos. A ACM adotara a máxima *mens sana in corpore sano*.

2.2 Sobre o físico, a cultura física e a educação física: os saberes e as práticas da ACM do Rio

Nas fontes consultadas, as instalações especialmente criadas para cuidar das proposições relativas ao *físico* dos associados da ACM aparecem nomeadas com diferentes termos. Departamento de *Cultura Física*, Departamento *Físico*, Departamento de *Educação Física*. Esta última denominação foi afirmando-se no decorrer da década de 1920¹²⁸. Considerando o

¹²⁷ Mocidade, junho de 1918, n. 292, p. 7.

¹²⁸ A própria ACM demarcou distinções entre o que denominava Cultura Física e o que considerava Educação Física. A primeira “visa tão sómente o desenvolvimento muscular do individuo e, muito amiúde, ainda mais restrictamente, o de certos musculos, como os do thorax ou dos braços. E’, por conseguinte, de per si, um fim. A *Educação Physica* tem objectivos mais amplos”. Tais finalidades compreendiam a saúde, a educação neuromuscular, a recreação e a educação moral e social (Livreto Educação Physica, Associação Christã de Moços do Rio de Janeiro, s/d, p. 3 (grifos do autor). Box 4. YMCA international work in Brazil: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota). Com o andamento das ações da ACM os termos “cultura física” e “físico” que inicialmente denominavam os Departamentos ou o Diretor por eles responsável – Departamento de Cultura Física, Departamento Físico, Diretor Físico – foram substituídos processualmente pela expressão Educação Física – Departamento de Educação Física, Diretor de Educação Física.

processo de constituição e configuração desse espaço, o propósito foi investigar os elementos que modelaram a Educação Física pretendida pela ACM, especialmente, no tocante às suas finalidades, às práticas mobilizadas para tais intentos e aos conhecimentos que a subsidiaria.

2.2.1 Para que Educação Física?

Diferentes eram os benefícios quando da prática dos exercícios físicos. Dos mais evidentes relacionados à constituição do corpo, destacam-se as habilidades físicas, o desenvolvimento muscular, a correção de distorções ortopédicas, e a prevenção de doenças. Intencionalidades essas reunidas para buscar saúde, em qualquer idade que se tivesse, como exposto no texto intitulado *A educação física na A.C.M.*: “Em aulas distintas e sucessivas vão crianças buscar robustez, adultos procurar destreza e corrigir defeitos; doentes procurar saúde; homens velhos vão enfrentar as ameaças do reumatismo, conservar a elasticidade dos tecidos, entreter a flexibilidade das articulações”¹²⁹.

Logo no início dos trabalhos, a robustez foi uma característica atribuída aos alunos do Departamento. O noticiário de *O Imparcial*, ao descrever a festa ginástica em 1913, dizia que os exercícios demonstrados “provocaram ensejo para que se observassem a musculatura desenvolvida dos alunos da Associação Christã de Moços”¹³⁰. Não só em função de uma presumível saúde, mas os músculos em evidência produziam efeitos sobre outros aspectos da vida. Pareciam também ser um atrativo diante do público feminino, como indica um fragmento do já citado texto publicado em *O jornal*, em 1919. “Eva, transfigurada, trocava promessas de felicidade com um sócio da Associação Christã de Moços, de compleição robusta”¹³¹. O desenvolvimento dos músculos serviria também à masculinidade. Jean-Jacques Courtine (1995), ao estudar a cultura americana do corpo, argumenta que “na virada do século, o ideal corporal masculino vai reclamar uma massa muscular aumentada. (...). Nessa valorização moral e estética do volume muscular, o homem americano lia uma tradução *literal* da superioridade do sexo viril, e eventualmente da raça branca” (p. 97, grifo do autor). O doutor Jorge J. Fisher, em texto intitulado *La nueva Educación Física*¹³², publicado em documento da Federação Sul-

¹²⁹ Mocidade, junho de 1918, n. 292, p. 6.

¹³⁰ Mocidade, setembro de 1913, n. 235, p. 13.

¹³¹ O jornal, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 72, 27 de agosto de 1919, p. 2.

¹³² O texto é uma tradução de um artigo publicado em *Association Men*.

Americana das ACM's, em 1921, demarca ainda outro elemento constitutivo da relação entre os músculos e a masculinidade: “Cristo fuerte, robusto, masculino, es el Cristo que hoy apela con éxito a los hombres, y la educación física es parte de Su programa, porque tiende a engrandecer la vida”¹³³. Talvez se refira a tal entendimento o que os acemistas vão chamar de “virilidade cristã”.

Robustez física, robustez moral. A Educação Física “é preciso que se diga, raia muito de perto com a educação moral”¹³⁴. A afirmação feita no texto intitulado *O Dep. Physico da A.C.M.* reforça a hipótese de incorporação de bons hábitos por parte dos seus frequentadores. Como dimensão que passaria menos pelo intelectual e mais pelo sensível, a moralidade poderia ser mais facilmente agregada às ações quando passasse pela corporeidade. As palavras de Gulick, expostas em um dos números do periódico acemista, revelam tal entendimento.

Póde a Associação Christã de Moços fazer com que o caracter sobrepuje a victoria? Si o póde, encontrará no desporto esplendido auxiliar para a formação do caracter. Si não o póde, encontrará no desporto os meios efficientes para a introducção daquelles elementos que levam ao aviltamento do caracter¹³⁵.

Na publicação seguinte da *Mocidade*, a expressão e o reconhecimento de que a ACM tinha por orientação a argumentação de Gulick. Por ocasião do 3º campeonato de basquete, promovido pela Liga Metropolitana de Desportos Terrestres no Rio, em 1921, enfrentaram-se o Fluminense Futebol Clube e a ACM, que perdeu a partida e consagrou o primeiro time como campeão do torneio. Para noticiar o resultado do jogo, mais uma vez a estratégia de levar para as páginas do periódico acemista as notas de outros impressos:

Descrevendo com pericia o alludido jogo, externou o chronista desportivo de *O Paiz* as suas impressões da seguinte maneira: <<O quadro da Associação, se bem que dominado, não esmoreceu um só instante e só por uma infelicidade nos seus arremessos finaes, não teve coroados os seus esforços. Assim mesmo vencido, o valente quadro da Associação soube se conduzir de fôrma perfeitamente desportiva, perdendo com honra. O seu procedimento foi o attestado flagrante de que os moços, que recebem alli a verdadeira educação desportiva, fazem sport pelo sport e para o sport. Registramos este facto, porque hoje em dia elle é tão raro, que se torna necessario o seu registro>>. Pelo mesmo diapasão se afinaram as linhas do popular vespertino *A Noite*: <<E’ sempre com prazer que se assiste a um encontro desportivo na sede da A.C.M., pela ordem e disciplina irreprehensíveis que alli imperam. Ainda ante-hontem, gentilmente convidados pela Directoria da pujante sociedade,

¹³³ YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 11.

¹³⁴ *Mocidade*, junho de 1918, n. 292, p. 7.

¹³⁵ *Mocidade*, setembro de 1921, n. 331, p. 7.

não nos furtamos ao prazer de nosso comparecimento e termos a satisfação de, mais uma vez, constar o que acima ficou dito. Embora derrotados, os seus dois teams de basket ball pelos do Fluminense Foot Ball Club, o meeting foi de primeira ordem, pois que a cordialidade e o amor sportivo se patentearam em toda a linha. E o saber perder é tão difficil!>>¹³⁶.

Os impressos parceiros mobilizados na *Mocidade* repercutiam valores considerados centrais quando da prática dos jogos promovida pela ACM. Uma educação esportiva permeada por honradez, cordialidade, disciplina e amadorismo. Para os significados desse último termo, a exposição de motivos que levaram a ACM a dar “um passo corajoso” quando deliberou “o funcionamento da sala de gymnastica no domingo e a representação da A.C.M. em eventos athleticos nesse dia”. A iniciativa, que visava “achar o meio de fazer com que o dia contribua para o bem estar do homem em todo o terreno e não para sua perdição”, destacava o amadorismo como uma característica para a prática dos exercícios físicos, especialmente, dos jogos realizados nos “eventos athleticos”¹³⁷. Para expor os sentidos desse modo de interação com os jogos, foi apresentada a tradução de um texto inicialmente publicado em *Association Men*, em dezembro de 1921:

AMADORISMO

<<Um amador é aquelle que se entrega ao sport sómente por prazer e para o fim de gosar dos beneficios phisicos, mentaes e sociaes que provêm delle e para quem o de (sic) sport não é mais de que uma distracção.

O espirito do amadorismo traz com elle tudo que está incluído na definição de um amador e muito mais. Representa a alta concepção de honra, honstidade (sic), jogo licito, cortezia e vida moderada, da parte dos participantes, hospedes ou convivas, officiaes ou espectadores. Não se curva para pequenas technicalidades para voltar ou evitar as regras ou ganhar uma vantagem desleal dos adversarios. Significa o reconhecimento da grande influencia do atletismo no desenvolvimento do vigor organico, aptidão physica, eficiencia intellectual, qualidades moraes e habitos sociaes. Procura augmentar o valor desta qualidade, engrandecendo os padrões de todos os desportos. E’ em opposição a toda pratica que seja nociva para o individuo ou o atletismo amador em geral, como jogar por dinheiro, ou ganho de qualquer especie, apostar, vender premios, fazer proselyto e especializar em jogadores espectaculares para a conclusão da maioria dos jogadores. Reconhece a necessidade de uma organização sabia, fiscalização de atletas e cooperação para fazer estes efficientes.>>¹³⁸.

São sentidos culturais para a prática esportiva que se aproximam da análise procedida por Baía (2012) ao investigar o projeto formador da ACM: “os jogos diziam de hábitos,

¹³⁶ *Mocidade*, outubro de 1921, n. 332, p. 15 (grifos do autor).

¹³⁷ *Mocidade*, janeiro de 1922, n. 335, p. 10.

¹³⁸ *Mocidade*, janeiro de 1922, n. 335, p. 10.

comportamentos e valores que, orientados pela indissociabilidade moral-religiosa, eram também elementos formativos” (p. 32). O autor assevera ter acontecido um investimento acemista para o ajustamento do associado a uma “forma protestante de viver” e, a partir do diálogo com Max Weber, estabelece contornos para essa denominação. Os sujeitos deveriam estar permanentemente orientados pela necessidade de alcançar a graça divina “através de seu trabalho, de sua atividade constante, criando, assim, a necessidade do protestante puritano trabalhar constantemente a serviço de Deus e assegurando, de forma subjetiva, a salvação da alma” (*op. cit.*, p. 41). Como aspecto do conjunto argumentativo estabelecido pelo autor, a conduta moral do associado seria conformada por esse *ethos* protestante. Nas ações cotidianas, e também naquelas menos corriqueiras, promovidas ou aderidas pela ACM, a formação física vai ganhando suas feições, demarcando valores e modos de interação com práticas sociais.

Exercício físico no domingo? Inicialmente adotada com reservas pela ACM, a iniciativa provocou estranheza, porque parecia controversa, mas, logo os diretores acemistas apresentaram a razão de tal ação dizendo que “o espírito que prevaleceu entre elles não foi um espírito de descuido e sim de um profundo desejo de achar uma solução christã do problema que se apresenta ao moço, presa das exigencias da nossa vida extenuante”¹³⁹. Para a exercitação física fora dos dias úteis, moral e trabalho constituíam-se como aspectos representativos daquela “forma protestante de viver”. Essa argumentação é desenvolvida por Courtine (1995) ao discutir a cultura física como elemento integrante da sociedade dos Estados Unidos no final do século XIX.

A antiga desconfiança puritana a respeito das distrações assim como as condenações religiosas da ociosidade encontram na prática cotidiana e generalizada de exercícios físicos, a possibilidade de enquadrar o tempo individual num modelo de *atividade contínua*: o exercício físico passa a ser um lazer às margens do tempo de trabalho e um trabalho instalado no coração do tempo de lazer. Ninguém ficaria mais sem fazer nada. Lutar contra o tempo morto, a vacuidade, a desocupação: esses prolongamentos da ética puritana da “tarefa” marcaram profundamente o desenvolvimento de uma civilização americana do lazer, tendendo a nela confundir o dever e o prazer, o útil e o agradável (p. 94, grifos do autor).

Para a Associação, “a Moral é constructora do character”¹⁴⁰. Para essa construção, a ACM fazia também uso de sua revista, publicando ali noções que deveriam ser seguidas para a conquista da saúde corporal, moral e social. No texto intitulado *A Ginástica*, prescrições para a

¹³⁹ Mocidade, janeiro de 1922, n. 335, p. 10.

¹⁴⁰ Mocidade, junho de 1918, n. 292, p. 6.

moralização dos costumes que colocavam em evidência a produção de proposições para os corpos e seus usos.

Os vícios sexuaes quer sejam solitarios, quer sejam os da vida desordenada, são outros tristes factores que destróem não só o vigor físico como o intelectual.

A vida genital não deve ser começada em tenra idade; o homem pode esperar sem perigo a época do matrimonio para exercer suas funções, chegando ao talamo nupcial nas mesmas condições de pureza que exige da esposa¹⁴¹.

Junto à moral, o bem social e corporal que decorreria do bom costume: “Só assim se conseguem filhos sãos, e se obtem a verdadeira felicidade conjugal. Eis um poderoso meio de evitar no lar o triste flagelo da sífilis hereditaria”¹⁴².

Considerando a existência mundial da ACM, no processo de incorporação mais decisiva da formação física, diferentes propósitos foram reunidos aos objetivos iniciais do Departamento Físico, o que comportou um movimento de reacomodações. Henry Sims, em texto intitulado *Qual é o campo de educação physica da A.C.M. e como é determinado*, apresenta o alargamento dos fins do Departamento à medida que seus líderes tiveram maior entendimento da influência da Educação Física sobre a vida e o carácter dos homens.

Revela o estudo de sua historia cinco distinctos estagios progredindo até á importante posição actual na politica da Associação.

Primeiro: - Compreendiam-na simplesmente como attractivo em opposição ao crescente numero de divertimentos duvidosos nas grandes cidades, e como meio de pôr os homens debaixo da influencia religiosa da Associação.

Segundo: - Reconheceu-se que a saude era factor primario no moral, tanto quanto no exito dos negocios. Logo que a população nas grandes cidades se tornou mais e mais congestionada e, correlativamente, decresceram as opportunidades de exercicio e recreação saudaveis, os resultados se fizeram sentir na diminuição da vitalidade e no crescimento da corrupção na vida dos moços.

Terceiro: - Redundaram tambem numa perda consideravel da efficiencia do systema neuro-muscular a urbanisação e a especialisação da industria e reconheceu-se a necessidade de exercicios e jogos organizados para enfrentar esta situação.

Quarto: - Em seguida, reconheceu a Associação que o exercicio não era o unico factor na manutenção da saude, mas que a cada phase da vida physica se deve prestar a devida attenção, uma vez que se queiram obter os melhores resultados. Por este motivo, ella adoptou o seu programma de <<Educação da Saude>>, que visa instruir os homens ácerca de todos os assumptos pertinentes ao bem viver.

Quinto: - Com o progresso da biologia, o enorme lugar que as recreações e jogos occupavam no desenvolvimento do character deu á Associação a

¹⁴¹ Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 5.

¹⁴² Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 5-6.

perspectiva do seu talvez mais amplo campo de serviço, o de usar suas actividades recreativas como meio de determinar e dirigir as características da raça, as quaes são fundamentaes á virilidade Christã na pujança do seu desenvolvimento¹⁴³.

Tal publicação consta como uma tradução e adaptação feita por Sims a partir do livro *Educação Physica*. O diretor não explicita o ano de publicação da obra, nem as demarcações temporais dos estágios estabelecidos. Na investigação foi realizado o exercício de encontrar nas fontes vestígios, ora sobre a YMCA, ora sobre a realidade do Rio de Janeiro, que se aproximavam dos significados estabelecidos no texto de Sims para cada fase do Departamento. Longe da intenção de descolar as ideias de seu tempo, a operação de relacionar os estágios com iniciativas promovidas pela ACM vinculou-se mais à sua compreensão como uma dinâmica cultural. Esse modo de operar permitiu perceber que os fins do Departamento Físico não obedeceram a um sentido evolutivo do tempo e fragmentário do estabelecimento de fases, porque a documentação revela finalidades imbricadas e ênfases que não necessariamente adotam a ordem dos estágios.

O primeiro momento destacado por Sims remete ao conflito já antes mencionado entre parte da igreja na Inglaterra e a YMCA, quando de sua segunda década de existência naquele país. Em contrapartida à contestação dos divertimentos e dos jogos de competição, a YMCA decidiu por promover a “diversão inofensiva” e “a aplicação da ética cristã para o espírito esportivo”. Os exercícios físicos eram uma oportunidade para vivenciar valores cristãos.

No estágio dois, a saúde é vinculada à moral e ao sucesso nos negócios. A “degeneração” na vida dos moços certamente era marcada por diferentes feições. Passada mais de uma década da inauguração do Departamento Físico da ACM carioca, aspectos relacionados ao combate à “corrupção” dos jovens ainda constituíam princípios para a organização de proposições para tal público. Em *Educação physica dos adolescentes*, a expressão da preocupação com instintos sexuais que poderiam engrandecer ou degradar os moços, por isso seria “necessario incluir no programma a instrucção respectiva para incutir-lhes os ideaes de força, de cavalheirismo” buscando, se possível, parcerias com outras autoridades no assunto. Ainda constituía preocupação da Associação “o uso do alcool e do fumo, affectando seriamente o physico e o intellecto dos rapazes”. Aqui, a colaboração ficaria a cargo dos pais, uma vez que, deveriam exercer a “importancia moral do exemplo”¹⁴⁴. No tocante aos negócios, a relação estreita entre a dimensão física dos sujeitos com o mundo do trabalho é percebida no texto de

¹⁴³ Mocidade, setembro de 1921, n. 331, p. 6-7.

¹⁴⁴ Mocidade, fevereiro de 1925, n. 372, p. 6

Romero, aquele que teve um fragmento exposto na epígrafe deste capítulo. “Geralmente se proclama que todos os que fazem ginastica *alcançam nos seus trabalhos mais belos resultados do que o homem inactivo*”¹⁴⁵, destacava o doutor.

O segundo e terceiro estágios evidenciam mudanças nos costumes em função da urbanização das cidades. Nesse processo de remodelação, reacomodações nas formas de relacionamento, de trabalho, de diversão. Para dizer do Rio, Sevcenko (1998, p. 554) afirmava: “Uma vez mais é preciso pensar como a urbanização acelerada pôs em contato gentes estranhas entre si, vindas de diferentes partes do país ou de diferentes regiões do mundo”. Nessa ambiência “congestionada” o autor destaca “uma escalada alarmante das práticas do jogo, com destaque para essa grande contribuição carioca ao repertório lúdico da humanidade que é o jogo do bicho” (p. 554). Estaria aí uma das práticas de “corrupção na vida dos moços”... Exercícios, jogos, recreação, desde que “saudáveis”, reiterava a ACM.

Especificamente sobre o terceiro momento, destaque-se uma noção fundamental no contexto de intensificação dos ritmos da cidade: a *eficiência*. A situação ali denunciada e que merecia ser enfrentada sugere um estreitamento das conexões entre corpo e máquina que indicam preceitos de uma formação física orientada para um melhor resultado. Um ajustamento no sistema neuromuscular que aprimorasse a recepção de um estímulo e a resposta muscular. Aperfeiçoamento do rendimento, destacando-se sua necessidade para o mundo do trabalho: “*A eficiencia do individuo depende da manutenção da saude. O valor de um homem para a sociedade é determinado pela quantidade de trabalho mental ou physico, que é capaz de produzir*”¹⁴⁶. Parece residir nessa compreensão a terceira finalidade da organização dos exercícios físicos pela Associação Cristã de Moços.

Para o quarto momento, a ampliação dos cuidados com a saúde. Não só exercícios físicos comporiam as ações do Departamento Físico para a manutenção de uma vida saudável. Outros elementos são incorporados às iniciativas acemistas no sentido de cuidar do bem-estar dos associados. Expressão desse entendimento é o artigo intitulado *O minimo que todo o homem deve saber quanto á sua saude* editado por Sims, “escripto por um medico de renome nos Estados Unidos, chefe do Departamento Physico da Comissão Internacional das A.C.M., Dr. George J. Fisher¹⁴⁷”. No texto, uma série de prescrições em relação aos exercícios físicos, mas ainda sobre a respiração, a dieta, o dormir, o asseio, a dor e o incômodo, os primeiros socorros,

¹⁴⁵ Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 7 (grifos do autor).

¹⁴⁶ Mocidade, outubro de 1921, n. 332, p. 12 (grifos do autor).

¹⁴⁷ É possível inferir que o médico nomeado como George J. Fisher seja o mesmo que publicou o texto *La nueva Educación Física* e teve seu nome traduzido da língua inglesa para Jorge, como é conhecido em língua espanhola.

o contágio, o casamento. Ao final de tantos preceitos, um encerramento astuto: “não vos irriteis a toa, e sereis alegres e felizes”¹⁴⁸!

No quinto estágio, a presença dos conhecimentos biológicos e o reconhecimento dos jogos como meio de desenvolvimento do caráter são considerados fundamentais para o trabalho na ACM. Biologia e recreação para servir à constituição da raça. Para essa discussão, trago as contribuições de Ana Carolina Vimieiro Gomes e Meily Linhales (2010) a respeito da legitimação de saberes e práticas sobre a saúde e as condições necessárias à vida em uma sociedade moderna, a dos Estados Unidos. A partir do filme *Novo mundo*¹⁴⁹, as autoras abordam políticas seletivas de imigração daquele país estrangeiro referenciadas em padrões higiênicos e eugênicos vinculados a princípios étnicos, políticos e morais do país. “Cabe chamar a atenção para o fato de que, em princípios do século XX, vigorava, nos Estados Unidos, um movimento eugênico, de cunho racista, que se estruturava na matriz de pensamento mendeliana, ou seja, da genética que atualmente conhecemos” (p.159). O entendimento consistia em conceber cada raça com uma identidade biológica fixa, que orientaria as características físicas, as condições de vida, as doenças. O doutor Fisher demonstrava sintonia com o ritual de controle social e a expressava nos contornos que estabelecia para *La nueva educación física*:

La educación física nueva debe producir en el hombre típico las siguientes características: de talle más bien delgado que grueso, gracioso, de musculatura flexible, con ojos claros, piel sana, ágil, despierto, derecho, dócil, entusiasta, alegre, potente, imaginativo, con imperio sobre si mismo, sincero, honesto, limpio de acto y de pensamiento, con el sentido de honor y la justicia, complacido con el compañerismo de sus semejantes, y llevando el amor de Dios en su corazón¹⁵⁰.

Homem típico, olhos claros, pele sã e um bocado de valores, não seriam também as palavras de Fisher referenciadas em padrões higiênicos e eugênicos vinculados a princípios étnicos, políticos e morais dos Estados Unidos? Afinado também com o discurso de supremacia, G. Stanley Hall, aquele psicologista com quem a YMCA travou interlocução, acreditava no primado dos instintos e emoções “primitivas”. Ao explicar que o primitivismo não era uma condição permanente, demonstrava uma visão que ressaltava a superioridade da raça branca. “Os não-brancos na opinião de Hall podem languir para sempre em um estado de primitividade permanente. Mas o primitivismo para os meninos brancos era supostamente apenas uma fase pela qual eles tinham que passar”. Se eles obtivessem força e coragem necessárias em sua fase

¹⁴⁸ Mocidade, junho de 1913, n. 232, p. 7-8.

¹⁴⁹ NOVO Mundo. Direção: Terrence Malick. São Paulo: Playarte, 2006. Tradução de *The New World*.

¹⁵⁰ YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 11.

primitiva, “Hall afirmava que eles poderiam dominar as complexidades da civilização sem medo de um colapso nervoso” (PUTNEY, 2003, p. 6, tradução livre).

Ainda no quinto estágio é possível arrazoar que o destacado movimento de ampliação de atuação da ACM vai ao encontro do que a Associação denominou de formação de um “homem social”. As fontes indicam que o caráter permanecia como importante dimensão formativa, mas, junto a isso, premissas como ser útil, viver em sociedade, atuar segundo a coletividade também permeavam o ideário acemista. “Si alguém quizer ser util e viver feliz, tem de se conformar com os costumes e com as leis da comunidade em que vive”. Na consecução dessa finalidade, um aliado mostrou-se proveitoso: as práticas de jogos e esportes. “As regras e regulamentos por que se governam esses jogos, conformam-e (sic) com os principios sociaes que os homens têm adoptado para regularem por êles a vida comum de todos os dias”¹⁵¹. Vivência da democracia, formação do cidadão:

As primeiras lições de civismo podem ser aprendidas pelo rapaz quando se inscreve membro de um *team* atletico – ahi não tem êle ocasião de aprender regras parlamentares, reclamando contra irregularidades <<pela ordem>>, mas recebe sua iniciação na essencia da democracia, de maneira real e vivida, participando efectivamente do regimen. Tem êle a experiencia do civismo democratico, quando perde a noção de sua propria individualidade na do grupo com que joga: isto é praticar o civismo democratico, e não, apenas, aprender theorias a respeito dêle. Quando o rapaz joga *foot-ball*, *basket-ball* ou qualquer outro jogo gregario, esta perda do individualismo na consciencia colectiva do grupo, subordinando inteiramente a sua vontade á da colectividade afim de conseguir um objectivo comum, não constitue um sacrificio mas um complemento da sua personalidade, tornando-o parte de um todo social ou politico.

Começa então a nascer dentro de um corpo juvenil o *homem social*, o *homem cidadão* – *leal, honesto, bravo e generoso*¹⁵².

Para justificar a importância do jogo, um conjunto de ideias que parecia estar em sintonia com formulações de uma nova pedagogia. O sentimento de coletividade e a experiência significativa são facetas desse encontro. Conexão que será expressa em reformas do ensino primário inspiradas nas modernas teorias pedagógicas e psicológicas do movimento escolanovista. Nas experiências de Educação Física, mediadas por acemistas, empreendidas no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul, e que serão analisadas no decorrer dessa investigação, os jogos podem ser a representação da presumível sintonia. “De facto, além da honestidade, ensinam-nos respeito ás leis e obdiencia (sic) aos seus executores, amor do

¹⁵¹ Mocidade, setembro de 1920, n. 319, p. 7.

¹⁵² Mocidade, setembro de 1920, n. 319, p. 7, grifos do autor.

direito, paciência, coragem, auto-governo, colaboração, coordenação, amor aos princípios que se defendem – qualidades básicas do bom cidadão”¹⁵³. Estes configuravam aprendizagens relacionadas a um projeto mais amplo empreendido na ACM e com fortes pontos de contato com a cultura dos Estados Unidos, como bem expressou a Associação em um retrospecto do ano de 1923:

A grande contribuição do Departamento de Educação Physica para a grandiosa obra da ACM. foi exactamente esta: nutrir no animo dos moços o espirito democratico, facilitar-lhes a pratica do auto-governo, incutir-lhes o senso da responsabilidade individual no bemestar da collectividade¹⁵⁴.

Menos que compreender de modo fragmentado as finalidades do Departamento Físico ao longo do tempo, os cinco estágios apresentados por Sims configuram-se como um imbricado de códigos culturais que informaram a presença dos exercícios físicos na Associação. O próprio estágio de número cinco parece ser uma expressão de uma trama de finalidades, nomeadas por “características da raça”. No processo de constituição das iniciativas relacionadas à Educação Física o que parece acontecer é que, ora as finalidades poderiam ser tomadas particularmente em função de alguma ênfase necessária, ora seriam mobilizadas para compor um arranjo argumentativo. Expressão dessa segunda possibilidade é o texto intitulado *Um esplendido negocio*:

Arthur: – onde vaes com essa cara tão alegre?

Henrique: – vou depositar no Banco quatrocentos e setenta e sete mil réis

A. – como é isso? Será uma herança?

H. – nada disso. Um esplendido negocio que fiz.

A. – Parabens. Quem déra que a sorte me tratasse tão bem!

H. – É só querer...

A. – Ah, disso não ha duvida. Explique, explique depressa!

H. – Bem, Arthur, contar-te-ei o segredo. Lembras-te como sempre depois de comer, à noite, eu ia a um tal café na Avenida, e ali com brincadeiras e bebidas gastava um ou dois mil réis diarios? Bem, uma tarde, em Julho do ano passado, eu lá estava sentado com alguns amigos, tomando um dos taes aperitivos. Aconteceu entrar o Frederico, e logo começou a fazer-me um discurso elogiando a A.C.M e seu Departamento Physico. Tanto fallou que eu resolvi inscrever-me como socio, e entrei numa das aulas de gymnastica. E então, que milagre! Encetei os exercicios, enthusiasmei-me de tal modo que não quiz mais saber do café, e resolvi pôr à parte todo o dinheiro que antigamente gastava lá. Tres noites por semana ia às classes do departamento physico, e logo depois entrei para as aulas de Arithmetica e Portuguez, e todas as noites, ao chegar em casa depositava mil e quinhentos numa caixinha, tres do café, quatro dos cigarros que deixei de fumar, e oito das 169 drogas e cinema, de que não mais necessitava. Um total de 547\$000. No fim dum ano tirei os

¹⁵³ Mocidade, dezembro de 1922, n. 346, p. 15.

¹⁵⁴ Mocidade, janeiro de 1924, n. 359, p. 11.

20\$000 da annuidade na A.C.M, mais 30\$000 para a cultura physica e 20\$000 para as duas aulas, e sobraram-me 477\$000. Quer dizer isto que, com 70\$000 de capital obtive em um anno 477\$000, o que significa juros de uns seiscentos e oitenta por cento. Quando viste tal negócio?

A. – Nunca, nunca

H. – Mas isso não é tudo. Ha poucos dias o meu patrão depois de perguntar acerca das melhoras que tinha reparado no meu trabalho, disse-me que no mez vindouro, eu havia de receber augmento de ordenado. Fico, portanto, muito devedor à Associação Cristã de...

A. – Basta de conversa. Leve-me para lá já, já, que eu também quero ser socio dessa Associação Cristã de Moços¹⁵⁵.

Essa fonte foi analisada por Baía (2012) que enfatizou a cultura física como instrumento para a atração de moços descrentes e para o desenvolvimento do bem-estar físico. Representando uma conversa entre amigos, o texto informal da ACM parecia mesmo uma medida para aumentar o número de associados. Os resultados da adesão ao departamento físico (ou o “milagre”, como dizem os acemistas) eram expressos por entusiasmo, interesse pelo desenvolvimento intelectual, hábitos moralizados, rendimento no trabalho, êxito financeiro. Este último, considerado pela ética protestante como “o resultado e a expressão da virtude e da eficiência em certo caminho” (WEBER, 2005, p. 49). Esse combinado de sentidos fazia do ingresso na Associação *um esplêndido negócio*.

Se o jogo como atrativo, a dimensão da eficiência, a moralidade, as regras de bem viver, a constituição do “homem social” configuraram-se como finalidades do Departamento Físico, no processo de circulação e apropriação promovido pelos mediadores acemistas, tais elementos também apareceram como argumentos para a presença da Educação Física na escola, para o arranjo de repertório na formação de professorado, para a construção de *playgrounds*.

2.2.2 Sobre ginástica: entre calistenia e esportes

Para o alcance do conjunto de finalidades, uma multiplicidade de práticas estava presente nas iniciativas do Departamento Físico da ACM. Aqui, uma tentativa de decifrar o léxico da época ganha visibilidade. Aulas de ginástica. Assim era anunciada a principal ação do Departamento logo no início dos seus trabalhos. “Com muito entusiasmo já se acha

¹⁵⁵ ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, [19--], [s.p.]. Tal documento, presente no acervo da Federação Brasileira das Associações Cristãs de Moços no Brasil, foi acessado a partir do arquivo pessoal de Anderson Baía, a quem agradeço a cópia.

funcionando a aula de gymnastica desde o dia 31 do mez findo”. Para o conteúdo das aulas, Sims já havia introduzido o vôlei e pretendia “inaugurar uma classe á tarde, para homens do commercio e das profissões letradas, em que Hand-ball e outros passa-tempos farão grande parte do programma”¹⁵⁶. Nesse momento, ginástica compreendia um programa com diferentes tipos de exercícios físicos, e não uma prática corporal específica. Essa argumentação parece plausível também quando as fontes anunciam as festas ginásticas. Nesses eventos, uma variedade de exercícios era apresentada para os espectadores. Em nota que divulgava a realização, pelo Departamento de Educação Física, de duas festas ginásticas, em setembro de 1914, é possível destacar a presença de atividades como *barn dance*, calistenia, basquete, beisebol¹⁵⁷. Atividades que eram uma demonstração do trabalho realizado no Departamento. Exercícios de marcha, ginástica sueca, dança de marinheiros, luta livre, pirâmides, compuseram o programa da festa ginástica de encerramento do ano de 1914, em dezembro¹⁵⁸.

Uma década após a inauguração do Departamento Físico, a expressão da diversidade de práticas que compunham as aulas de ginástica na Associação. Se havia uma variedade de exercícios físicos, existiam também diferentes finalidades para o uso de cada um.

As aulas de gymnastica abrangem marchas, corridas, exercicios calisthenicos, exercicios sobre colchões ou aparelhos, além de um periodo de jogos diversos. As marchas e as corridas servem para iniciar os exercicios (para aquecer) e despertar a attenção. Os exercicios calisthenicos são de duas especies: por vozes de commando, servindo como gymnastica correctiva e assegurando posição correctá á espinha, peito e hombros e estimulando a attenção; e rythmados, exercicios propriamente hygienicos, que têm por fim fortalecer e desenvolver os orgams (sic) vitaes, estimular a circulação e desenvolver e treinar os grupos de musculos do tronco, pernas, etc., os quaes estão relacionados de perto com os orgãos vitaes. Os exercicios educativos, taes como os de aparelhos, nos quaes o corpo tem de occupar differentes posições, desenvolvem o dominio, e forma destreza. Esses exercicios affectam directamente os centros do systema nervoso. Ha tambem os exercicios recreativos, os jogos, para os quaes não ha necessidade de grande pratica afim de se obter diversão e ter proveito. Para o commerciante ou para o que se occupa em qualquer serviço sedentario, os jogos recreativos fornecem a necessaria recuperação das forças¹⁵⁹.

Na multiplicidade de exercícios físicos promovidos pela Associação, dois tipos merecem destaque nessa investigação: a calistenia e os esportes. A primeira, por sua prescrição em experiências escolares com a Educação Física no Brasil e por ser representada, em alguns

¹⁵⁶ Mocidade, abril de 1913, n. 230, p. 14-15.

¹⁵⁷ Mocidade, setembro de 1914, n. 247.

¹⁵⁸ Mocidade, dezembro de 1914, n. 250.

¹⁵⁹ Mocidade, dezembro de 1923, n. 358, p. 2.

estudos historiográficos, como uma prática que foi disseminada, especialmente na América do Sul, pela ACM. Os segundos, pelas novidades pedagógicas que poderiam promover e pela presença em diferentes espaços da cidade: escolas, clubes, e associações atléticas.

2.2.2.1 A calistenia

Presente nas aulas de ginástica ministradas no Departamento Físico da Associação no Rio, a calistenia também fez parte do aprendizado de brasileiros formados fora do país, bem como esteve presente em iniciativas produzidas em diferentes experiências de escolarização da Educação Física no Brasil.

Durante o processo de investigação, foi mobilizado um conjunto de obras que apontam como a calistenia, quando assumida como prática pela YMCA nos Estados Unidos, constituiu-se a partir de um exercício de circulação e apropriação cultural. A investigação indiciária tomou como referência inicial as indicações de Inezil Penna Marinho (s/d) sobre *Os sistemas e métodos de Educação Física*, quando afirma a presença da calistenia na ACM, bem como seu trânsito por intermédio de mediadores acemistas ao redor do mundo. A partir daquela obra, foi possível localizar o livro de A. Wood, *Calistenia: la fuerza armoniosa por el ejercicio*, publicado em 1938¹⁶⁰. As fontes sugerem que o autor trata-se de Alfredo Wood, argentino, nascido em 1900, que entrou para a *Asociación Cristiana de Jóvenes* de Buenos Aires no ano de 1921 e cursou estudos no Instituto Técnico da Federação Sul-Americana das Associações Cristãs de Moços. Ainda teve passagens pela ACM no Brasil¹⁶¹. No referido livro, a dedicatória de Wood é destinada a James Summers e Felipe Conard, diretores do Instituto Técnico à época, a quem o autor chamava de bons amigos e mestres. A publicação de Wood parecia então ter um local de interlocução para a emissão de suas ideias. No decorrer do texto, o destaque ao papel assumido pela ACM no tocante à circulação da calistenia pelo mundo¹⁶².

La Asociación Cristiana de Jóvenes en los Estados Unidos, por intermedio de William Wood y Robert Jeffries Roberts, adoptó para su programa de educación física lo que Lewis había denominado “la nueva gimnasia” y que se popularizó rápidamente, no sólo en el Norte, sino que, gracias a la

¹⁶⁰ No livro de Inezil Penna Marinho, em tópico intitulado *Leitura indicada*, consta o livro *Calistenia* do prof. A. Wood.

¹⁶¹ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926.

¹⁶² Inezil Penna Marinho cita fragmentos de tal resenha histórica presente no livro de Alfredo Wood.

influencia que la institución desarrolla en todo el mundo, pronto se vió desparrramada por los cinco continentes, llevada por los Secretarios y Directores de Educación Física graduados en las escuelas de Springfield y Chicago. En alguna forma se le adjudicó a la “nueva gimnasia” el título de Calistenia y en esa forma llegó a la América del Sur por intermedio de la Asociación Cristiana de Jóvenes (WOOD, 1938, p. 22, grifos do autor).

Pistas sobre Lewis e a nova ginástica foram encontradas em *A guide of the History of Physical Education*, de Fred Leonard (1923). Em sua proposta, Dio Lewis¹⁶³ preocupava-se com um conjunto de sujeitos que não pareciam ser atenção prioritária de outros métodos ginásticos. Dizia ele que a ginástica alemã, tão comum nos Estados Unidos, não estaria adaptada para aqueles que mais precisavam de treinamento. “Homens velhos, homens gordos, homens fracos, meninos, e mulheres de todas as idades – as classes que mais precisam de treinamento físico – não foram atraídos para o antigo ginásio” (LEONARD, 1923, p. 255, tradução livre). Novo na filosofia e também nos detalhes práticos, o sistema por ele desenvolvido dispensava todo o aparato “embaraçoso” do ginásio comum, seria de fácil gestão e projetado com o propósito de dar flexibilidade, agilidade e graça aos movimentos e menos preocupado em dar mera força ao músculo. No conjunto dos benefícios do “novo sistema de cultura física”, uma permanente comparação com a ginástica alemã, que Lewis denominava como velha, antiga. “O impulso centrífugo da série predominante assegura a integridade e graça alcançada por nenhum outro meio, enquanto o caráter centrípeto do método antigo ou alemão tem sido o opróbrio da cultura física”. A nova ginástica estaria aberta à participação de todas as pessoas, de ambos os sexos, de variadas idades, enquanto que o “velho ginásio” falhava por não incluir tal diversidade. O atendimento às necessidades e características individuais dos sujeitos ao invés da subordinação às performances difíceis do “antigo” sistema era uma aposta da nova ginástica. Música e coletividade eram consideradas atrativos. “Sem a apatia pode resistir o estímulo delicioso. As cem pessoas no chão participam das evoluções inspiradas por um impulso comum. No sistema antigo, cada indivíduo trabalha por si mesmo, privado de simpatia e energia evocada por música e o movimento associado”. Ainda sobre os benefícios, a dimensão da eficiência que comumente esteve presente no discurso sobre os exercícios físicos promovidos pela ACM e nas apropriações produzidas em experiências brasileiras com a Educação Física: “O objetivo fisiológico de todo o treinamento muscular é para aperfeiçoar o casamento entre nervos e

¹⁶³ Dioclesian Lewis nasceu nos Estados Unidos, em 1823 e faleceu no ano de 1886. Foi considerado como o sujeito que “deu a ginástica na América um impulso maior do que qualquer homem antes dele tinha feito, que seria suficiente para ele merecer a gratidão de todos os interessados em treinamento físico. Mas ele fez mais. Ele despertou pela primeira vez o público americano à apreciação do fato de que o mero desenvolvimento de músculos enormes não é a verdadeira ideia de treinamento físico” (LEONARD, Fred Eugene. *A guide to the History of Physical Education*. Philadelphia and New York: Lea & Febiger, 1923, p. 263) (tradução livre).

músculos. A habilidade exigida pelas linhas precisas, a mudança de atitudes e combinações difíceis dos novos métodos obriga a interação mais completa entre alma e corpo” (LEONARD, 1923, p. 261, tradução livre).

A referência à *novidade* que comumente acompanhava as proposições de Lewis não permite ser lida a partir da ideia de pureza de invenção. Nas fontes consultadas, a indicação de que a sistematização da “nova ginástica” dialogava inclusive com aspectos da ginástica alemã, mas não aquela dos ginásios e grandes aparatos, por ele criticada. Ao contrário, uma sistematização alemã que parecia sintonizada com alguns elementos enfatizados pelo autor. Leonard (1923) cita o livro de Lewis, *The New Gymnastics for Men, Women, and Children*, publicado pela primeira vez em 1862, e indica que a parte intitulada *Ginástica livre* é composta por exercícios selecionados da obra de Daniel Gottlob Moritz Schreber. A análise realizada por Diogo Puchta (2015) sobre a obra *Gymnastica domestica, medica e hygienica* produzida por Schreber em 1855, indica proposições de uma ginástica “para os dois sexos e para todas as idades, para uso contínuo e em qualquer local, tanto pelos médicos, como por homens, mulheres, crianças e ‘velhos’ de mais de sessenta anos, além de professores e pais de família, sem a exigência de nenhum aparelho ou auxílio ‘estranho’” (p. 96-97, grifos do autor). Características das formulações de Schreber que parecem afinadas com os anseios de Dio Lewis.

A análise da constituição da “nova ginástica” é também um alerta para o risco de classificação das práticas culturais em grandes arranjos. Uma compreensão generalizada da “ginástica alemã” como uma prática *una*, não deixa ver singularidades que marcaram diferentes ‘maneiras de fazer’ os exercícios físicos naquele país. Dessa maneira, o entendimento sobre o perigo das generalizações implica em um esforço para tentar ler nas fontes vestígios que possam desvendar a pluralidade presente nas práticas culturais. As proposições de Lewis parecem ser expressão de um processo que rejeitou aspectos de uma determinada ginástica alemã – aquela praticada nos ginásios, com grande aparelhagem, realizada por sujeitos com o corpo bem treinado –, mas aderiu a feições de outra sistematização produzida também na Alemanha – preocupada em alcançar uma variedade de sujeitos, e mais leve.

Já incorporada pela ACM, a calistenia presente na Associação do Rio era praticada de formas diferenciadas: “os exercicios calisthenicos são de duas especies: por vozes de commando, (...) e rythmados”¹⁶⁴ anunciava Sims. O diretor físico ainda demarcava as diferenças

¹⁶⁴ Mocidade, dezembro de 1923, n. 358, p. 2.

que subsidiariam o ensino de uns e outros. Benefícios dos primeiros, a correção da postura; dos segundos, o desenvolvimento da circulação, músculos e órgãos vitais.

A atenção à bibliografia mobilizada por autores que tematizaram a calistenia em suas obras, nos permitiu recorrer a Staley (1926)¹⁶⁵. Em seu livro *Calisthenics – modern methods of free-exercise instruction*¹⁶⁶ o autor explicita com mais detalhes os diferentes métodos dos exercícios calistênicos, e é possível perceber pontos de contato com as proposições emitidas por Sims. O método por comando consistiria em expor para a classe o movimento a ser realizado e o seu comando de direção. As posições deveriam ser mantidas por alguns segundos e, nesse momento, o instrutor faria as correções. Para caracterizar o método, um exemplo de procedimento: “Mãos lateralmente – Lugar. Instrutor inspeciona a classe, faz uma ou duas correções gerais, diz, ‘abdômen para dentro’, faz uma correção individual ou duas, então, após a posição mantida por um longo tempo comparativamente – 5-8 segundos – fala a próxima posição” (STALEY, 1926, p. 91, tradução livre). Valores disciplinares, porque exigiria atenção; precisão na execução dos exercícios; e desenvolvimento de uma boa postura são benefícios conquistados à custa de algumas objeções ao método como menor estimulação orgânica; alto grau de tensão; e exercícios laboriosos e desinteressantes.

Familiarizar a classe com os exercícios a serem utilizados. Essa era a primeira tarefa do instrutor de calistenia pelo método ritmado. Aprendidos por descrição ou demonstração, os movimentos eram realizados por meio de contagem ritmada – regular e uniforme. Palmas e batidas no chão ajudavam a marcar os tempos. O piano foi também utilizado para dar o ritmo de trabalho. Prazer pela exercitação rítmica; maior aumento da frequência cardíaca e capacidade respiratória – aspecto considerado por Staley como higiênico –, aliado ao que o autor considerava fisiologicamente correto.

A contração ritmicamente alternada e o relaxamento dos músculos auxiliam o fluxo de sangue facilitando assim o metabolismo e a remoção de resíduos, enquanto as contrações prolongadas interferem seriamente neste procedimento e produzem resultados prejudiciais. Contrações prolongadas são fatigantes e contrações intermitentes e relaxamentos não são. Daí o exercício rítmico ser preferível (STALEY, 1926, p. 100, tradução livre).

Da obra de Staley (1926) destaquem-se outros vestígios para a compreensão da dinâmica de apropriação de diferentes referências que produziu a calistenia, bem como, outras sistematizações sobre a ginástica. O autor cita Clías, um professor suíço que trabalhou também

¹⁶⁵ Agradeço a Luciana Bicalho da Cunha a cópia do referido livro.

¹⁶⁶ Essa obra consta na bibliografia do livro “Calistenia: la fuerza armoniosa por el ejercicio”, de Alfredo Wood.

na França e na Inglaterra, e, em 1829, publicou o livro *Kallisthenie*. A versão produzida por Staley (1926) destaca a apropriação da obra de Clias por um professor alemão de ginástica. “Spiess não usou o termo calistenia, embora preferisse o título ‘A Ginástica das meninas’, o trabalho era essencialmente o mesmo que aquele usado por Clias”. Ao enfatizar, em seguida, o papel de Dio Lewis para a produção da “nova ginástica”, Staley (1926) comenta que “por um tempo ele pretendeu que as atividades utilizadas fossem novas e originais, mas verificou-se que a maior parte de seu material foi retirada do programa de ginástica leve dos alemães, e não era essencialmente diferente da calistenia usada anteriormente” (p. 3, tradução livre).

Ao trazer para a narrativa fragmentos de históricos produzidos pelos autores aqui mobilizados, não intencionamos estabelecer as origens da calistenia, mas buscar sentidos para o estabelecimento dessa prática na ACM. A constituição da trama que produziu a calistenia sugere que tal prática foi composta pela apropriação de diferentes sistematizações para os exercícios físicos. Parece ter sido a partir de um imbricado de referências que se propôs a calistenia para trabalhar com uma diversidade de sujeitos, inclusive, os menos treinados; essa prática estabeleceu-se a partir de exercícios rijos, mas também aqueles que comportavam uma fluidez, porque ritmados; configurou finalidades que combinaram correção dos corpos e eficiência dos gestos¹⁶⁷.

A afirmação de nomenclaturas diferenciadas não necessariamente forjava ginásticas inteiramente distinguidas umas das outras. Entre *calistenia*, *ginástica das meninas*, *nova ginástica*, e *ginástica livre*, parecia haver pontos de contato. O que quero sugerir é que se tem mostrado mais fecundo compreender a calistenia menos como uma produção pura do que o resultado de um conjunto de apropriações. Um dos aspectos que indicam uma nova produção de sentido em relação a outros exercícios físicos é a presença do ritmo, já destacada na obra de Staley (1926), aspecto que também Alfredo Wood (1938) demarcou para explicitar distinções entre os termos ginástica e calistenia.

Gimnasia se entendía lo que practicaban las escuelas alemana, sueca y dinamarquesa, es decir, ejercicios sin aparatos y con y sobre aparatos; aparatos de mano e aparatos pesados. Mientras que Calistenia dejaba sentado que los ejercicios eran completamente sin aparatos, es decir, ejercicios “libres”; pero no libres en el sentido que lo entendían los suecos e alemanes, sino que en el sentido de ser también ejercicios rítmicos (WOOD, 1938, p. 21, grifos do autor).

¹⁶⁷ Estou adotando aqui argumentos utilizados por Tarcísio Mauro Vago (2002) quando investigou “Educação Física” e “Gymnastica” no ensino público primário de Belo Horizonte, nas primeiras décadas do século XX.

A partir de referências específicas, a calistenia foi forjada por sujeitos que também nos Estados Unidos produziram sentidos particulares para ela. Entendida como caixa de ressonância¹⁶⁸, a Associação Cristã de Moços disseminou a circulação de tal prática pelos diferentes países em que esteve presente, inclusive, em cidades de uma ‘outra’ América.



Figura 7: Exercícios calistênicos na praça de esportes em Montevideu.

Fonte: YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 121.

¹⁶⁸ Tomo de empréstimo o termo usado por Sevckenko (1998) ao se referir ao Rio de Janeiro como uma “capital irradiante” na transição do século XIX para as primeiras décadas do XX. O autor discorre que “o Rio passa a ditar não só as novas modas e comportamentos, mas acima de tudo os sistemas de valores, o modo de vida, a sensibilidade, o estado de espírito e as disposições pulsionais que articulam a modernidade como uma experiência existencial e íntima” (p. 522). Parece ser possível afirmar que existia por parte da ACM a expectativa de tornar-se referência para valores a serem incorporados pelos sujeitos, práticas de exercícios físicos para a formação de diferentes públicos, modos específicos de experimentar os jogos, os esportes, a ginástica. Entendo a circulação da modelagem cultural ali forjada como um importante indício de tal expectativa.

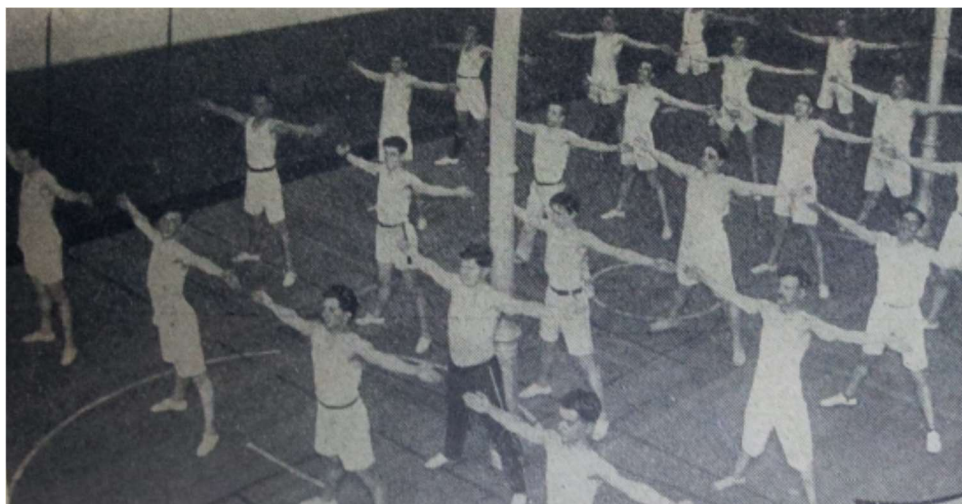


Figura 8: Uma classe praticando exercícios calistênicos, sob a direção de H. Sims, na ACM do Rio de Janeiro.
Fonte: YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921,
p. 131.

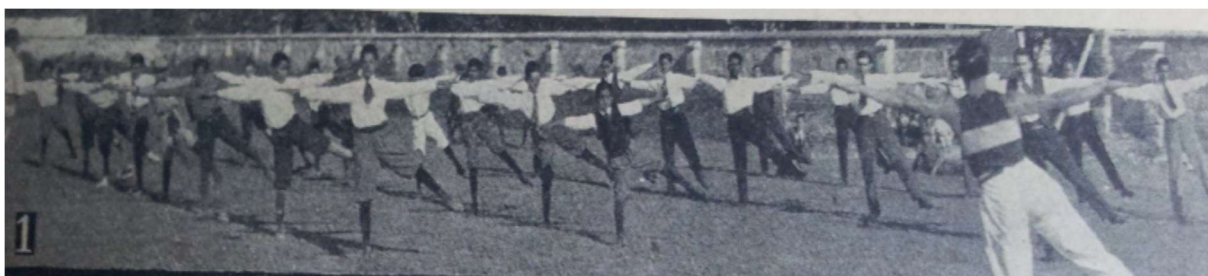


Figura 9: Classe da Escola Nacional Preparatória, praticando exercícios calistênicos sob a direção de líderes do
Departamento de Educação Física. *Asociación Cristiana de Jóvenes* da Cidade do México.
Fonte: YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921,
p. 134.



Figura 10: Crianças de escolas públicas, fazendo exercícios calistênicos sob a direção de líderes da Associação.
Asociación Cristiana de Jóvenes de Monterrey, México.
Fonte: YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921,
p. 139.



Figura 11: Uma das classes da Escola McKay, fazendo exercícios calistênicos sob a direção de um dos líderes da Associação. *Asociación Cristiana de Jóvenes* de Valparaíso.

Fonte: YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 149.

As imagens foram publicadas em 1921, nos *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos* sob a intitulação *La América Latina ilustrada* na qual também estão apresentadas outras práticas presentes na Associação: basquete, boxe, exercícios com aparatos, *pelota de mano*, vôlei, entre outras. Atividades para crianças, jovens e adultos, presentes em diferentes espaços da cidade como praças, instituições escolares e a própria ACM. A diversidade de sujeitos abrangida pelas ações (não apenas os associados), a variedade de espaços envolvidos (não restritos à estrutura das sedes acemistas) possibilitam perceber a expectativa da Associação em tornar-se irradiadora de práticas e de significados culturais a elas atribuídos.

Na tentativa de acionar sentidos característicos assumidos pela calistenia no seu processo de configuração, Wood (1938) explicita os significados de tal prática no tempo de produção de sua obra. A calistenia seria um “sistema de ejercicios físicos, ejecutados principalmente sin aparatos y destinados a contrarrestar los efectos deprimentes que la vida moderna de las ciudades tienen sobre el organismo” (p. 15).

A vida moderna no clima cultural do Rio de Janeiro modificava jeitos de viver, sentir, de estar na cidade. Em texto publicado na *Mocidade*, em 1922, as impressões de Oswaldo Murgel Rezende¹⁶⁹, derivadas de observações feitas na cidade, retratavam o Rio de Janeiro marcado por um quadro de mazelas: o analfabetismo, o alto índice de mortes decorridas de doença, as más condições de habitação, falta de higiene. Essa mostra de efeitos da vida

¹⁶⁹ Formado em Educação Física, Oswaldo Murgel Rezende criou, junto com Paulo Lotufo, a *Revista Educação Physica*. Produzido no Rio de Janeiro, o impresso foi veiculado entre 1932 e 1945 (SCHNEIDER; FERREIRA NETO, 2008).

moderna, que afetavam os sujeitos de forma deprimente, estava presente na seção intitulada *Departamento de Educação Physica*.

Não me consta haver nenhum estudo acerca deste palpitante assumpto, que concerne tão de perto á estrutura da nossa raça. O que ahi segue é, assim, unicamente, juizo por mim formado com o pouco que tenho podia (sic) observar nesta cidade. Não representa isto, pois, o resultado de pesquisas especiaes, mas sim o transumpto do contacto diario com os meus pequenos patricios.

Em geral, é pessimo o estado physico dos meninos entre os 12 e 18 annos.

Varias causas concorrem para esta situação, podendo-se citar entre ellas: o analphabetismo, as endemias e a falta completa de qualquer educação, encarada em todos os seus aspectos.

Veja-se, por exemplo, um destes pequenos vendedores de jornaes; sigamos-lhe o desenvolvimento e ficaremos assombrados com o atrazo e os defeitos delles.

Morando em casebres immundos e em porquissimas casas de habitação collectiva, onde não se percebe a acção da Saude Publica com alimento da peor especie, mourejando dia e noite expostos á inclemencia dos tempos, sem instrucção primaria, sem educação hygienica de especie alguma, pervertendo-se no meio em que vivem, resentem-se, naturalmente, estes infelizes e soffrem physicamente, com as mais graves repercuções na vida social.

Os pulmões se encarquilham e cedo os ganha a tuberculose, cujo indice de mortalidade é simplesmente phantastico no Rio, onde morrem por mez cerca de 400 pessoas!¹⁷⁰.

Para enfrentar os efeitos da vida moderna, um novo modo de fazer ginástica – a calistenia, e as novas formas de jogar – as práticas esportivas. Combinando esses exercícios, a ACM buscava tanto promover a constituição física dos sujeitos como a formação do caráter e do “homem social”.

2.2.2.2 Os esportes

Regulamentação de concursos e jogos atléticos, invenção de práticas esportivas, organização e realização de campeonatos internos, participação em torneios instituídos por ligas esportivas, aulas para os associados, publicações que versavam sobre os jogos coletivos. Esse conjunto de ações marcou a presença dos esportes na Associação Cristã de Moços, que, em um auto-entendimento, seria a responsável pela introdução de modalidades como “o *basket ball* e

¹⁷⁰ Mocidade, maio de 1922, n. 339, p. 7-8.

o *volley ball* no Brasil”¹⁷¹, bem como, ocuparia um lugar de destaque no desenvolvimento dos esportes no país. “Devemos em parte á iniciativa da Associação Christã de Moços o gosto pelos *sports*, que cada vez mais recrudescer no Rio e quasi que no Brasil inteiro”¹⁷².

A adoção das práticas esportivas pela ACM é marcada fortemente pelo aspecto de formação do caráter e pelo sentimento de coletividade. “(...) é ahi, nos torneios e campeonatos, jogos e partidas, que melhormente se distingue o trapaceiro do honesto, o leal do desleal; e esta diferenciação, por si só bastaria para elevar os jogos a alta categoria de escola de moral, como indutavelmente é”¹⁷³. Futebol e beisebol, por exemplo, “exigem grande força, resistencia aos revêzes, cooperação, e subordinação a um chefe para o exito do grupo”¹⁷⁴.

Indícios da visibilidade dos esportes são também as iniciativas que pretendiam criar espaços específicos para sua prática. Se, no início de suas ações no Rio, a ACM criou instalações destinadas a exercícios ginásticos, com o passar do tempo, lugares para as práticas esportivas também foram produzidos. “O departamento de educação physica prosegue na instalação do campo de athetismo (sic) na esplanada do Castello, comprehendendo dois campos de volley, um de basket e outro de base-ball, além do local para a pratica do atletismo”¹⁷⁵.

Inicialmente, os termos *jogos*, *esportes*, *jogos atléticos*, *atletismo* se confundem e não parecem ser usados com tanta distinção para tratar práticas diferenciadas. A partir de um movimento de afirmação, o uso da palavra *esporte* parece ganhar contornos mais específicos para designar práticas que necessitavam de espaços característicos para sua realização, com uma materialidade particular, presentes em campeonatos organizados por entidades que promoviam as competições e regidas por regras comuns às ACM’s da América do Sul. Assim, os sentidos do termo *esporte* parecem ficar mais circunscritos.

Nesse processo de regulamentação, a Associação participou efetivamente da produção de normas para a prática esportiva. “Los juegos de competencia entre los cuadros, exigen, para evitar cuestiones y divergencias, la sujéccion extricta y acatamiento completo a reglas precisas y claras” justificava quando publicou, em 1921, *Reglamentos de juegos atléticos* adotados como oficiais pelas Associações Cristãs de Moços Sul-Americanas. Na publicação, há vestígios de que a normatização para os esportes já vinha acontecendo, pelo menos, desde a década anterior. Quando da realização da primeira conferência continental de diretores de Educação Física das

¹⁷¹ Mocidade, setembro de 1922, n. 343, p. 14 (grifos do autor).

¹⁷² Mocidade, outubro de 1922, n. 344, p. 7 (grifos do autor).

¹⁷³ Mocidade, dezembro de 1922, n. 346, p. 15.

¹⁷⁴ Mocidade, novembro-dezembro de 1921, n. 333-334, p. 21.

¹⁷⁵ Mocidade, janeiro de 1924, n. 359, p. 14.

Associações Cristãs de Moços da América do Sul, em 1914, foi decidido por representantes de diferentes países, dentre eles Sims, “emplear en todas las Asociaciones Cristianas de Jóvenes Sudamericanas, idénticos reglamentos para los distintos juegos que se practican en la Asociación”. Complementando as regras da multiplicidade de jogos presentes no documento, “traducciones de algunos reglamentos publicados en Spalding’s Athletic Library”¹⁷⁶. O nome da obra é uma referência a Albert Goodwill Spalding que inaugurou no ano de 1876, em Chicago, um negócio de artigos esportivos que levava seu sobrenome. Como parte das ações, o conjunto de publicações que promovia a divulgação de esportes e atividades físicas¹⁷⁷. Na instituição de normas para a prática esportiva na América do Sul, a Associação recorria a códigos esportivos estadunidenses que subsidiavam referências para o treinamento físico, para o estabelecimento de regras para os jogos e para a criação de equipamentos específicos, a partir do mercado acerca dos esportes que lá se constituía.

Não era suficiente instituir regras, também se mostrava necessário um mecanismo para que fossem cumpridas, por isso, a figura do juiz. “Los oficiales serán considerados como árbitros imparciales y competentes. Las decisiones serán acatadas sin disputas”¹⁷⁸. Para os modos de conduta, também uma fundamentação. “Recomendamos entonces, sea considerado anti-deportivo, indigno, deshonoroso para un aficionado, el no demostrar un concepto superior del honor, honestidad, buen juego, cortesía, templanza, tanto hacia sus compañeros, como hacia sus adversarios y público”¹⁷⁹. Sentidos que passam a se aproximar de acepções que vão afirmar o fenômeno esportivo no decorrer do século XX; contudo, diferentes termos e expressões como *jogo*, *atletismo* e *jogo atlético* ainda permaneciam sendo usadas pela ACM. No processo histórico de constituição do esporte como prática moderna, a Associação ordenou sobre maneiras de jogar; especificações de quadras e aparelhamentos para a prática esportiva; modos de conduta; diferentes funções dos sujeitos presentes nas competições: do jogador, do juiz, do cronometrista.

Os esportes foram objeto de interlocução com outras instituições, como o Comitê Olímpico Internacional. Os diretores de Educação Física da Associação eram correspondentes e consultores do Comitê no Extremo Oriente e na América Latina. Em relatório, publicado em 1924 pela *Mocidade*, sobre o que vinha se desempenhando na Ásia e na América, um membro do Comitê Internacional destacava a autoridade da ACM. “Sua grande experiencia na

¹⁷⁶ YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 3.

¹⁷⁷ Disponível em <<http://xroads.virginia.edu/~hyper/incorp/baseball/spalding.html>> e <<http://www.spalding-basketball.com/en/about-spalding/history/>>. Acesso em 17.10.16.

¹⁷⁸ YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 21.

¹⁷⁹ YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 23.

organização de encontros internacionais, seu conhecimento das regras, sua competência na educação física dão às opiniões formadas por conselhos técnicos, peso e valor”. Ainda na publicação, um sinal sutil de que a interlocução estabelecida poderia ser, para alguns, uma audácia da ACM. E para os avessos, a Associação estampava nas páginas do seu periódico as palavras elogiosas do Comitê, com um recado: “Eis, sem floreios de linguagem e sem o elogio superficial palavroso como a mais alta auctoridade do atletismo faz o panegyrico da Associação, frizando a modestia, o espirito serviçal e nunca intrometido da ACM”¹⁸⁰.

Nas formulações da Associação para as práticas esportivas, um posicionamento que possivelmente conflitava com outras organizações que também tinham nos esportes um conjunto de interesses: o combate ao profissionalismo e às apostas. A arma para o combate? A formação do caráter. Como podemos ver no trecho abaixo:

O profissionalismo tem sido a praga, dos nossos grandes desportos sociais. Deve, pois, ser principal artigo do credo da ACM. combatel-o tenazmente. Alonga-se contra o profissionalismo disfarçado, uma de cujas principais modalidades é a da collocação no commercio e na industria. (...) Passando a tratar da segunda praga, que corrompe os desportos no Brasil, confessa ser impossivel evitar as apostas. Mas os altos ideaes do verdadeiro desporto precisam organizar-se de tal modo que eliminem estas fórmulas viciosas¹⁸¹.

Para a ACM, jogar por dinheiro ou ter qualquer tipo de ganho em função da prática esportiva eram comportamentos considerados nocivos para os sujeitos. Abordando o processo de profissionalização de jogadores, no Rio de Janeiro, na transição da década de 1910 para a de 1920, Leonardo Pereira (2000) comenta que “o grande incremento do público, transformando o futebol em assunto sério, gerava para os clubes e ligas uma fonte de receita da qual a maior parte não poderia prescindir” (p. 309). A transformação do esporte em um negócio rentável ajudou a promover uma mudança na representação sobre tal prática no Brasil: de elemento que promoveria o bem do corpo à atração financeira. O autor comenta o início desse processo, quando da ocorrência do “‘profissionalismo oculto’, que mantinha sob a aparência dos princípios amadores equipes constituídas em grande parte por jogadores remunerados” (*op. Cit.*, p. 310, grifos do autor). Era o deslocamento dos princípios formativos do esporte para os utilitaristas.

A “praga” das apostas fazia-se presente na cidade capital não apenas vinculada aos esportes. Expressão de tal prática era o jogo do bicho. Herschmann e Lerner (1993), recortando

¹⁸⁰ Mocidade, fevereiro de 1924, n. 360, p. 10.

¹⁸¹ Mocidade, abril de 1924, n. 362, p. 10.

como temporalidade as últimas décadas do século XIX e as primeiras do XX, enfatizam que “a loteria dos bichos, segundo os cronistas da época, mobilizava todos os grupos sociais, pois todos podiam apostar, bastando para isso ter um tostão, ao contrário das loterias federais que eram caras, o que reforçava seu caráter democrático e popular” (p. 71). Os autores afirmam que o incentivo às apostas era percebido pelas inúmeras casas lotéricas “por exemplo, Casa Mascotte, Loterias Nacionaes do Brazil, Loteria da Candelária e Loteria Esperança” (*op. cit.*, p. 77). A Associação Cristã de Moços fazia a denúncia e lamentava: “Jogam os paes, jogam as mães, jogam as moças, jogam os filhos pequenos e os grandes: todos esperam anciosos os jornaes para ver *que bicho deu*, como dizem. Horror! Onde irá parar uma sociedade que despreza a pureza do caracter?!”¹⁸².

No tocante às práticas esportivas, Melo (2001) discute a popularização das apostas na cidade do Rio de Janeiro e aponta que, para atender às camadas populares, “os clubes passaram até mesmo a criar modalidades de apostas mais baratas” (p. 167). O autor expõe dispositivos de negócios que foram produzidos interessados na captação de dinheiro a partir daquela prática moralmente discutível: o aparecimento de casas especializadas; a reivindicação por parte de clubes para a exclusiva exploração das apostas; o surgimento de publicações caracterizadas por oferecer dicas para os apostadores. “Por um lado, atestava-se uma vitória do ‘espírito do capitalismo’; por outro, este mesmo espírito vinha desacompanhado de uma ética protestante, vinculada ao trabalho” (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 77, grifos dos autores). Representadas como via para enriquecimento fácil, porque seriam possibilidades de escapar das difíceis condições sociais a que os populares eram submetidos, as apostas contrariavam, especialmente, os princípios da moralidade e do trabalho, tão caros à ACM. Em comemoração ao dia 1º de maio, a Associação exaltava a nobreza do trabalho e criticava aqueles que “estão sempre á espera de succeder alguma cousa que os ponha ao abrigo de trabalhar: estão sempre aguardando a chegada da sorte grande”. Orientada pelas palavras de Deus “<<Seis dias trabalharás>>”, posicionava-se a ACM: “indigna é a ociosidade, a indigencia, a preguiça. O trabalho nobilita o character, porque dá ao moço a satisfação de que elle vale alguma cousa, e que presta serviço á causa da humanidade”¹⁸³.

A Associação não considerava o esporte positivado em si mesmo, mas um dispositivo potencial para a formação dos sujeitos. “O esporte livra os rapazes de muitos vicios, dando-lhes

¹⁸² A.C.M., 1 de março de 1901, p. 2 (grifos do autor).

¹⁸³ A.C.M., 1 de maio de 1901, p. 1-2.

outras preocupações. Quer dizer que o esporte *póde ser* um factor de grande importancia na formação do character, como tambem um grande perigo”¹⁸⁴.

Demarcadas as possibilidades educativas dos esportes, a ACM posicionou-se também em organizações que visavam formulações para a educação no Brasil, especialmente, nas discussões afeitas à escolarização daquela prática. No âmbito do debate educacional, os esportes foram temática de diálogo com a Associação Brasileira de Educação. Sujeito atuante na interlocução estabelecida, Sims agiu posicionando-se sobre questões afeitas à Seção de Educação Física e Higiene da ABE. Propostas para a formação de professores e técnicos, implantação de praças de jogos e formulações sobre educação esportiva compuseram pautas de debate (LINHALES, 2006).

Se os esportes e a calistenia fizeram-se presentes como conteúdo das aulas de ginástica é porque fundamentos científicos também poderiam justificar sua importância para a formação física dos sujeitos. A cientificidade foi ainda um elemento que compôs a Educação Física empreendida na ACM.

2.2.3 Um moderno sistema científico

“O mais moderno sistema científico”, assim foi anunciado o fundamento que subsidiaria o trabalho no inaugurado Departamento Físico da ACM do Rio, em 1913. Quais seriam os sentidos de tal expressão? Em texto adaptado por Sims sobre *As origens da educação physica da A.C.M.*, é destacado o papel que Luther Gulick ocupou para conferir cientificidade à Educação Física produzida na Associação. As fontes anunciam o vínculo de Gulick com a YMCA desde 1887, quando um departamento de treinamento físico foi adicionado à *Young Men’s Christian Association Training School*, em Springfield, a qual a partir daquele ano, dedicar-se-ia também à formação de diretores de ginásios.

Luther H. Gulick, um jovem estudante que tinha acabado de terminar seu primeiro ano no departamento médico da Universidade de Nova York, foi

¹⁸⁴ Mocidade, março de 1925, n. 373 (a numeração relacionada à edição da revista que consta no documento é 39, mas parece equivocada. O número 373 é considerando a continuidade das publicações), p. 14 (grifos do autor).

escolhido para ocupar o cargo assim criado, e também foi feito um dos dois instrutores no novo departamento na Escola de Formação de Springfield¹⁸⁵.

Gulick esteve associado com Roberts na Escola de Treinamento em Springfield entre 1887 e 1889. Neste ano completou seus estudos em medicina. Em seguida assumiu como superintendente do Departamento Físico no período de 1889 a 1900. Ali aliou a Educação Física a conhecimentos científicos.

No seu início o departamento de educação física da escola de Springfield deu instrução em anatomia, fisiologia, higiene, diagnóstico físico, física elementar, todas as condições de doença que podem ser controladas sem remédios, as inter-relações de corpo e mente, a filosofia de exercício, e todos assuntos afins, com o objetivo de torná-los viáveis o quanto possível¹⁸⁶.

Durante dezesseis anos, Gulick ainda ocupou o cargo de secretário especial responsável pelo trabalho de supervisão do trabalho físico nas YMCA's da América do Norte. Foi a primeira pessoa nomeada para assumir essa função (LEONARD, 1923).

Conhecedor das ginásticas alemã e sueca, Gulick teceu considerações acerca desses dois métodos. Sobre a primeira, afirmou não encontrar ali um valor psicológico ou fisiológico, mas uma ginástica espetacular que exigiria rotina, atenção aos detalhes e paciência, características que avaliou como desagradáveis para os americanos. No tocante à segunda, não vislumbrou em seus exercícios recursos para o jogo ou a recreação, dizia ser uma ginástica que demandava muita atenção e despertava pouco interesse nas pessoas. Contudo, destacou um aspecto positivo: o que deveria determinar o valor de um exercício seriam os conhecimentos dos efeitos que ele produziria, e não sua beleza. Na compreensão de Gulick, “os professores suecos de ginástica foram os únicos a desafiar assim a atenção dos educadores físicos, que em sua maior parte eram, então, tão pouco influenciados pelo fato de que eram seguidores da ginástica alemã”. Dizia ainda “que a Associação não precisava de sistema, que a base do trabalho era os princípios fundamentais da fisiologia e psicologia”¹⁸⁷.

Atento à temática da formação, Gulick, em 1890, ao tratar dos estudos para diretores físicos da ACM, apresentava saberes que seriam fundamentais à profissão: “um profundo

¹⁸⁵ O segundo instrutor era Robert Jeffries Roberts, “um veterano com 12 anos de experiência como diretor de ginásio na Associação Cristã de Moços de Boston, e nesse período o mais influente e amplamente conhecido professor de ginástica envolvido no trabalho da Associação” (LEONARD, 1923, p. 309, tradução livre).

¹⁸⁶ DORGAN, Ethel Josephine. *Luther Halsey Gulick 1865-1918*. Teachers College, Columbia University. New York City, 1934, p. 28. Box 76. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

¹⁸⁷ DORGAN, Ethel Josephine. *Luther Halsey Gulick 1865-1918*. Teachers College, Columbia University. New York City, 1934, p. 44. Box 76. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

conhecimento da psicologia e fisiologia, um bom conhecimento da história e uma familiaridade com a filosofia”¹⁸⁸. Ao se questionar sobre que tipo de treinamento técnico seria necessário para a formação de diretores físicos da ACM, ele apresenta na sua argumentação a noção acerca de sistematizações europeias de ginástica, e defende estudos que proporcionassem um repertório de conhecimentos a ser mobilizado a partir da autoria dos sujeitos. Esse constituiu mais um elemento da modelagem de Educação Física estabelecida na Associação. Mais que um conjunto de roteiros de lições que descrevessem exercícios a serem ministrados pelo diretor físico, como uma reprodução de modelos, interessava uma formação ampla baseada, sobretudo, em conhecimentos científicos.

Acreditamos mais completamente não em ensinar um sistema de ginástica, mas em fazer um homem familiarizado com toda a gama do assunto, de modo que se entenda o porquê e o para quê, e possa satisfazer as condições que obtêm no ginásio. Um homem que prescreve exercício para o corpo, e supervisiona sua evolução sob condições muito variáveis, também deve ter um conhecimento profundo da fisiologia e anatomia; não é uma fisiologia que olha para frente principalmente ao estudo subsequente da patologia, mas que estuda continuamente o homem como ele é; não uma anatomia que se refere continuamente para a cirurgia, mas que estuda o homem como máquina. Um conhecimento profundo da higiene também é essencial. Em conexão com a fisiologia do sistema nervoso, um homem precisa ter um conhecimento profundo da psicologia, para os efeitos mais notáveis produzidos hoje em educação física (...). Nenhum homem pode completamente lidar com este campo a menos que ele esteja bem familiarizado com a história da educação física, - a menos que ele saiba, tanto quanto possível, o que foi feito pelos gregos, o que está sendo feito pelos suecos e ingleses, e neste país. Ele deve saber o trabalho de Delsarte da França, de Jahn da Alemanha, Ling da Suécia, e Maclaren da Inglaterra. É só por saber o que os homens têm aprendido e praticado após investigação nestas linhas, que ele vai ser capaz de usar seus métodos de inteligência e de originar métodos e trabalho de sua autoria. Ele deve compreender os fundamentos subjacentes aos diferentes sistemas de ginástica. Ele deve estar totalmente familiarizado com o diagnóstico físico (...). Ele precisa ter um conhecimento profundo da forma humana e as leis que o regem. Refiro-me a antropometria. Ele deve estar familiarizado com os métodos modernos de tabulação e as estatísticas de uso do sistema operacional nesse sentido. Ele também deve estar familiarizado com aparelhos de ginástica do seu lado mecânico. A prescrição de exercício em todos os seus diferentes ramos é um dos assuntos mais importantes, que um homem pode dominar apenas após estar bem familiarizado com a anatomia, fisiologia, diagnóstico físico, antropometria e os efeitos do exercício¹⁸⁹.

¹⁸⁸ GULICK, Luther. *The physical directorship of the Young Men's Christian Association as a life work*. The International Committee of Young Men's Christian Associations. New York City, 1890, p. 9-10. Box 76. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

¹⁸⁹ GULICK, Luther. *The physical directorship of the Young Men's Christian Association as a life work*. The International Committee of Young Men's Christian Associations. New York City, 1890, p. 18-20. Box 76. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

Parece justificar-se a referida menção a Gulick, no texto adaptado por Sims, sobre as origens da Educação Física da ACM, atribuindo ao primeiro o desenvolvimento da base científica da Educação Física. Seus “escriptos e estudos em assumptos de phylosophia dos exercicios; a biologia, a psychologia, e physiologia da adolescencia foram não sómente um estímulo para o serviço da Associação, mas tambem para todo o movimento de Educação Physica”¹⁹⁰.

Em documento datado de 1899, citado por Dorgan, Gulick indicava uma fragilidade na formação no tocante aos conhecimentos de psicologia, uma vez que “estudos de educação física na América tem sido feitos quase inteiramente a partir de uma base fisiológica, ao passo que as condições psicológicas e neurais precisam ser consideradas”¹⁹¹. A psicologia constituiria fundamentação para o imbricado que envolvia saúde, moral e trabalho nas proposições da ACM.

A depressão dos poderes de alguém, devido á má saude, é, mais do que qualquer outra, a causa frequentissima dos desastres nos negocios e outras empresas. As idéas pessimistas sobre a vida e a religião são, em geral, o resultado de pessimas condições phisicas. Condições anormaes do corpo, oriundas de doenças chronicas, fadiga, ou abuso de drogas, ferem justamente o que ha de melhor no homem¹⁹².

Sob condições anormais, seriam os indivíduos submetidos a várias tentações. “Reconhece-se agora a intima relação que existe entre o crime e as tendencias criminosas, e os defeitos phisicos”¹⁹³. Se a delinquência se constituiu como preocupação no interior da ACM, o contexto do Rio de Janeiro fazia jus à apreensão. No início do século XX, a então capital da República contava com significados índices de marginalidade infantil e juvenil que se juntavam à presença na cidade de bêbados, bandidos, mendigos e prostitutas. Sevckenko (1995) afirma que, “de 1907 a 1912, segundo os dados do Gabinete de Identificação e Estatística do Distrito Federal, mais de um quarto (26%) dos criminosos presos pela polícia tinha menos de vinte anos, sendo que destes, 10% tinham menos de quinze anos de idade” (p. 62). Elementos do contexto que possivelmente informaram formulações da ACM, convencida “de que os moços de uma cidade constituem seu maior cabedal; a riqueza é produzida por seus esforços, a moral publica

¹⁹⁰ Mocidade, maio de 1921, n. 327, p. 7.

¹⁹¹ DORGAN, Ethel Josephine. *Luther Halsey Gulick 1865-1918*. Teachers College, Columbia University. New York City, 1934, p. 43. Box 76. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

¹⁹² Mocidade, outubro de 1921, n. 332, p. 12.

¹⁹³ Mocidade, outubro de 1921, n. 332, p. 13.

depende de seus hábitos pessoais, o patriotismo desenvolve-se conforme suas ideias, e o futuro da cidade determina-se por seu progresso”¹⁹⁴.

Os estudos de G. Stanley Hall foram mobilizados por Sims, em uma tradução, na qual este abordava o fim e os princípios da Educação Física e tratava da relação entre criminalidade e condições físicas anormais. Operando com contribuições científicas para o trabalho com a Educação Física, a ACM experimentou um diálogo com modernas teorias psicológicas, que envolviam temas relacionados ao jovem e à delinquência.

Warde (2014) destaca a importância de Hall para a produção de estudos psicológicos sobre a criança e sua educação, em fins do século XIX e início do XX. Dentre as temáticas presentes nos trabalhos do *child study*¹⁹⁵ encontram-se “a moral...; o vício, a criminalidade, a rivalidade, a formação de gangs entre os jovens adolescentes” (*op. cit.*, p. 259). A Associação parece encontrar nesse autor distintos aspectos de sociabilidade. Além da discussão acerca do *cristianismo muscular*, do jovem, da tentativa de compreensão da marginalidade, ele acomodou ciência e religião.

Hall se deu conta, também tardiamente, que seu esforço de harmonizar religião e ciência – num sentido, então, bem aceito nos meios acadêmicos liberais norte-americanos – tinha tomado uma direção em que as preocupações morais e religiosas se imiscuíram desmesuradamente sobre suas ‘descobertas’ científicas, comandando seus diagnósticos e prescrições, principalmente para os adolescentes, em uma curiosa e romântica dinâmica entre os evolucionistas e Deus (WARDE, 2014, p. 266, grifos da autora).

No texto traduzido por Sims estão expressas ideias que Hall produziu em diálogo com a religião. “Creio que a varonilidade cristã é producto em maior proporção do que jamais cuidamos antes, da boa saúde física”¹⁹⁶. No decorrer da tradução, diante de uma variedade de males e tentações que poderiam afetar o homem, a referência ao autor:

Vem a lançar as palavras do Dr. G. Stanley Hall: <<Quando vejo em torno de mim, no campo das conquistas intelectuais e da cultura ou de negócios, e na vida familiar, tantos desastres e tragédias desenhados, devido falta de saúde, colapso do nervo, do cérebro e do músculo, sinto que a saúde é o único baluarte sobre o qual podemos erigir tudo o que estimamos: cultura intelectual e sentimento religioso>>¹⁹⁷.

¹⁹⁴ Mocidade, março de 1914, p. 12.

¹⁹⁵ Stanley Hall produziu esforços para que o *child study* configurasse-se “como nova disciplina científica, que estabeleceria o nexo entre os estudos (científicos) da criança e a educação a ela destinada” (WARDE, 2014, p. 246-247)

¹⁹⁶ Mocidade, outubro de 1921, n. 332, p. 13.

¹⁹⁷ Mocidade, outubro de 1921, n. 332, p. 13.

Formulações de Hall foram também encontradas em um discurso pronunciado, no ano de 1922, por alunos de Sims, quando de uma homenagem ao diretor físico. Ao argumentar sobre a oportunidade que tinha a Educação Física de desenvolver o caráter, enfatizavam: “melhor definição não ha sobre os jogos de força do que a fornecida pelo Dr. Stanley Hall; ‘O jogo athletico é uma escola de moral’”¹⁹⁸.

Na interlocução estabelecida a Associação baliza um contato com estudos de psicologia que pretendiam uma demarcação social da produção do jovem. Parecem ter contribuído para o diálogo estabelecido entre a ACM e Hall, os princípios da instituição; o cenário social do Rio de Janeiro; o interesse do autor pelos estudos da adolescência e sua vinculação a aspectos religiosos.

No repertório de saberes delineado por Gulick, o autor ainda faz referência à antropometria. No conjunto científico desejável ao diretor físico, esse saber ocupava um lugar destacado. Tal relevo também pode ser observado no noticiário sobre a chegada de Sims ao Brasil, quando da inauguração do Departamento Físico da ACM do Rio, em 1913. Ao propagandear a abertura do novo espaço, crítica às aulas de ginástica “sem systema scientifico e sem exame physico previo”, e o anúncio de uma marca distintiva, pois o Departamento seria “organizado de accôrdo com o mais moderno systema scientifico, e ninguem toma parte nos seus exercicios sem o exame physico realizado pelo Director, Sr. Henry J. Sims”¹⁹⁹. Da conexão estabelecida pelos acemistas entre ciência e exame físico, a antropometria parece ser o elo, uma vez que dela “nasceu o extensivo systema de medidas e provas por largo tempo considerado como parte principal dos exames physicos”²⁰⁰.

Ao assumir o Departamento Físico da ACM carioca, são ressaltadas a formação e a atuação de Sims em sedes da Associação nos Estados Unidos. Formado pela Escola de Educação Física da YMCA em Chicago, assim como demais brasileiros que ainda tomarão voz neste estudo, Sims era a figura que encarnava a representação de especialista, de conhecedor das bases científicas da Educação Física. As palavras no periódico acemista reforçam esse modo de representar o diretor físico da ACM do Rio, que sugere também uma forma de distinção da própria Associação. “Para se tirar proveito do ensino é preciso que se esteja muito seguro da profissão, muito senhor da materia, (...) e o Sr. Sims que muito bem sabe disto, estuda sempre, com o que adquire uma infinidade de recursos para fazer executar o que nos pareceria

¹⁹⁸ Mocidade, dezembro de 1922, n. 346, p. 14.

¹⁹⁹ Mocidade, março de 1913, n. 229, p. 9.

²⁰⁰ Mocidade, junho de 1921, n. 328, p. 5.

impossível”²⁰¹. Domínio dos conhecimentos necessários à atuação como diretor, repertório de saberes para organizar a prática, Sims parece a expressão do que Gulick delineava para a formação de diretores físicos na escola de Springfield. “Tem perfeito conhecimento da *Fisiologia do Movimento (...)*”, conhecia “a Psico-fisiologia e a Higiene geral e social (...)”. O conhecimento sobre tais saberes era expresso nas práticas do diretor físico. Seus alunos eram agrupados nas classes seguindo critérios que as tornassem homogêneas: idade, conhecimentos e estado social. Sims, “mesmo nos trabalhos livres aproxima-se no momento oportuno *pars (sic)* recomendar o repouso, especialmente aos novos e entusiasmados, o perigo de fatigar um coração, que no dia seguinte irrigará mal o cerebro produzindo uma enxaqueca”. Regulação, prudência, cuidado com o excesso, podem ser considerados princípios de realização dos exercícios físicos propostos na ACM, que estavam informados pelas ciências essencialmente biológicas. Em nome da eficiência, Sims “regula os esforços dos seus alunos, não deixa gastar inutilmente suas forças”. Ao mobilizar o repertório da psicologia, chegou “em variados exercícios a deixar-se vencer modesta e oportunamente, dando assim maior entusiasmo e vontade para o trabalho, e exercitando a emulação, para que o aluno se sinta mais confiante em si mesmo noutros exercicios”. Informado por diferentes saberes, tal diretor físico “sabe valorisar a saúde dos seus alunos; e, quando observa que esta não é proporcional ao esforço empregado, procura encontrar um defeito higienico ou alimenticio, ás vezes falta de temperança, que paternalmente corrige”²⁰².

A presença dos saberes científicos no curso frequentado por Sims, em Chicago, foi destacada em um histórico da Educação Física da ACM.

Em 1884, reuniu-se a primeira conferencia dos directores de educação physica nos estados do oeste dos Estados Unidos. Realizou-se na afamada Lake Geneva. Desta conferencia resultou a fundação da segunda escola superior de educação physica da A.C.M., em Chicago e Lake Geneva, a primeira sendo a de Springfield supramencionada. Outras escolas têm sido organizadas, mas estas foram as pioneiras no desenvolvimento do curso de educação physica scientifica, e ellas ainda conservam a deanteira. O curso de quatro annos conduz ao gráo de bacharel de educação physica. Alem da base dos principios e pratica das diversas actividades de atletismo, gymnastica, exercicios defensivos, natação, etc., são estudadas as sciencias fundamentaes, como biologia, anatomia, physiologia, physiologia de exercicios, hygiene, massagem, etc.; sociologia, economia, phylosophia, psychologia, historia, administração, installação, etc., de educação physica; e educação religiosa e ethica.²⁰³.

²⁰¹ Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 8.

²⁰² Mocidade, maio de 1917, n. 279, p. 8-10 (grifos do autor).

²⁰³ Mocidade, junho de 1921, n. 328, p. 6.

Cursos específicos em Educação Física tiveram lugar nas escolas de Springfield e de Chicago, nos Estados Unidos, mas lastrearam-se também para outros lugares. Na América do Sul, o Instituto Técnico das Associações Cristãs de Moços, em Montevideú, no Uruguai, foi também responsável por formar diretores de Educação Física. Na modelagem forjada na ACM, a formação especializada era condição essencial para o alcance das finalidades acemistas, conforme analisado no capítulo seguinte.

No interior da Associação, meninos, jovens e adultos compunham o público das aulas de ginástica. No alargamento dos espaços para a prática dos exercícios físicos entram em cena instituições escolares, praças, clubes atléticos, lugares ao ar livre. Da ginástica sem aparatos aos poucos vão surgindo maiores especificidades para os exercícios físicos: a invenção dos campos esportivos, os equipamentos específicos para jogos, os modos de regular os esportes. Como finalidades que acompanharam as prescrições dos exercícios físicos figuravam a correção dos corpos, a dimensão da eficiência, a formação do caráter e do “homem social”. Para conduzir os trabalhos no departamento físico, a necessidade de formação de diretores para ali atuar impulsionou a criação de cursos especializados em Educação Física baseados na incorporação de um conjunto de saberes, sobretudo, científicos, em detrimento do conceito de reprodução de atividades. Ao demarcar elementos que constituíram a Educação Física forjada na ACM, busquei, no capítulo seguinte, identificar como, nos seus itinerários, Sims, Andrade e Gaelzer, estabeleceram contato com essa modelagem.

CAPÍTULO 3 - PORQUE NEM AS IDEIAS NEM AS INTERPRETAÇÕES SÃO DESENCARNADAS: A FORMAÇÃO ESPECIALIZADA NOS ITINERÁRIOS DE SIMS, ANDRADE E GAELZER

Porque não devemos como directores sentir o mesmo interesse e responsabilidade nos negocios da Associação, que sentimos nos negocios da casa que dirigimos, ou da qual somos empregados de confiança? Tanto n'um caso como n'outro, servimos realmente a Deus, e não aos homens. Será porque pensamos que os negocios da Associação, por serem o trabalho do Senhor, serão por Elle dirigidos, e portanto não precisam do nosso cuidado? Funesto engano; não nos esqueçamos que, embora sejam do Senhor, teem que ser feitos por instrumentalidade humana, e sejamos cada vez mais fieis por termos sido escolhidos para tão solemne e honrosa incumbência (O cargo de Director, assinado por um director)²⁰⁴

Apreender as práticas formadoras das quais Sims, Andrade e Gaelzer participaram na ACM constituiu operação fundamental para a compreensão de suas atuações. Ao realizarem estudos para tornarem-se diretores físicos, participaram eles de uma iniciativa considerada fundamental pela Associação para que seus empreendimentos lograssem êxito: a formação de secretariado especializado para trabalhar nas ações acemistas.

Inicialmente, a necessidade dessa formação específica constituiu-se em um ofício sob a designação de *Secretariado Geral da Associação Cristã de Moços*. O secretário era visto “como um administrador e como um agente executivo”²⁰⁵. Com o andamento da atuação da ACM e a crescente importância que as intervenções sobre o *físico* alcançaram no interior da Associação, mais um novo cargo foi ali gestado: o de *diretor físico*.

Neste capítulo serão discutidos o campo de atuação, as características desejáveis a cada cargo e os processos de formação dos profissionais acemistas. Ao trazer para a narrativa os sentidos da preparação como *secretário geral*, buscou-se abordar aspectos constitutivos do projeto de formação acemista que se mostraram bastante orientados pela ética protestante. Para a formação como *diretor físico*, interessou-nos também reconhecer o lugar que a Educação Física passou a ocupar na ACM, bem como analisar o repertório investido pela Associação nas

²⁰⁴ O Amigo da Mocidade, abril de 1909, n. 232, p. 3.

²⁰⁵ O Amigo da Mocidade, janeiro de 1909, n. 229, p. 2.

carreiras de Sims, Andrade e Gaelzer. A constituição da trama que envolveu os itinerários de formação desses três sujeitos permitiu destacar fragmentos de suas histórias de vida que ajudaram a compreender como foi possível a eles pensar o que pensaram, agir como agiram.

3.1 A formação do secretário geral

A epígrafe deste capítulo traz para o debate a evidência de que os negócios eram constitutivos da estrutura acemista, e se estes eram atribuições dos homens, e não do Senhor, a ACM investiu na produção de um ofício para forjar executivos a serviço de Deus. “É bom notar-se que a principal função de um secretario é a de um agente executivo. (...) Deve ter bastante experiencia que mostre a sua aptidão para negocios”²⁰⁶. Esses fragmentos do artigo intitulado *O secretariado* reforçam a ênfase administrativa da Associação. Orientada por uma ética protestante, a ACM aparentava lidar com o ganho de dinheiro como uma glorificação do trabalho. A estrutura de negócios presente na Associação parece justificada pela ideia de um serviço social aprovado aos olhos de Deus, medido “primeiramente em termos morais e depois em termos de importância dos bens por ela gerados para a comunidade. A seguir, porém, e em termos práticos acima de tudo, pelo critério mais importante da *lucratividade do empreendimento*” (WEBER, 2005, p. 122, grifos nossos). O ganho financeiro não contrariaria a ética da instituição, e sendo entendido como resultado do cumprimento da vocação, não só seria moralmente aceitável, como recomendado.

O texto do periódico acemista ainda traz maiores detalhamentos do que se esperava do homem que assumisse o secretariado geral, e logo, os negócios da instituição:

O arranjar dinheiro para novos edificios, para fundo de reserva e patrimonio, o pagamento de dividas, a despeza corrente, o alistamento de um bom numero de socios, e os meios de organizal-os para o serviço, requerem de um Secretario uma alta habilidade em negocios. O Secretario deve ser capaz de levantar o interesse da comunidade, afim de que elle possa contar com os seus donativos e com a dedicacão dos moços para o serviço, (sic)
 Não sómente o Secretario deve ser um homem de habilidade executiva, que possa administrar os differentes departamentos de que se compõe a actividade das Associações, como tambem deve ser um homem de negocio, propriamente dito. Elle deve conhecer os cuidados de um escriptorio, saber como se escripturam livros e contas, como se organizam estatisticas, ser capaz de, em qualquer tempo, apresentar uma exposiçãõ acurada dos negocios da

²⁰⁶ O Amigo da Mocidade, fevereiro de 1909, n. 230, p. 3-4.

Associação, e estar sempre de olhos abertos, vigiando os interesses que se acham sob a sua responsabilidade²⁰⁷.

A captação de recursos financeiros e de pessoal parecia um problema a ser enfrentado pela Associação no Brasil. Muitas vezes revestida de um aspecto benéfico para o sócio, sob a denominação de oportunidade, de espiritualidade, a demanda por prestação de serviços sem remuneração financeira é propagandeada no órgão oficial das ACM's brasileiras com destacada participação do secretário geral no seu gerenciamento. A instituição expressava ressentir-se “porque as Associações nunca soffreram da abundancia de donativos e ofertas” no Brasil em comparação “ás avultadas dadivas recentemente feitas ás Associações Christãs de Moços” na América do Norte²⁰⁸. Em um país essencialmente católico, outras eram as referências culturais para lidar com o trabalho, com o ganho financeiro dele decorrente e com a iniciativa de doação demandada pela Associação. Nos Estados Unidos, onde o protestantismo representava as crenças religiosas de grande parte da população, a concessão de donativos expressava o resultado de uma lógica: se a eficiência no trabalho era expressa em ganho de dinheiro e se o trabalho era o exercício de uma vocação divina, justo era partilhar os lucros com o Senhor.

Uma das estratégias para angariar dinheiro era a publicação de textos no seu periódico. Mobilizando passagens bíblicas, o artigo intitulado *O emprego do nosso dinheiro* tentava convencer os leitores a confiarem alguma quantia para “a extensão do reino de Deus” e ao fim sugestionava: “começae agora a dar com regularidade uma certa parte do vosso ordenado ao trabalho do Senhor, e mais tarde sereis ricamente recompensado”²⁰⁹. Ainda que não expressando explicitamente ser o lugar esperado para tais doações, a ACM parece agir sutilmente, porque suas ações marcadamente possuíam uma dimensão religiosa, assim, a instituição seria um bom destino para a porcentagem de salários de muitos cristãos convencidos da contribuição para a extensão do “reino do Senhor”.

Além da doação de dinheiro, o donativo em forma de trabalho era uma necessidade da instituição, uma vez que “as multiplas actividades de uma Associação nunca podem ser levadas a effeito com bom exito sómente pelos Secretarios Geraes remunerados”. Ali haveria um vasto campo de serviços internos, para o qual os sócios poderiam ter o “privilégio” de destinar seu tempo e seu trabalho. Os secretários incumbir-se-iam de ajustar as “oportunidades” aos “dons” de cada interessado²¹⁰. Como um fim em si mesmo, o trabalho na ACM incorporava elementos

²⁰⁷ O Amigo da Mocidade, janeiro de 1909, n. 229, p. 3.

²⁰⁸ O Amigo da Mocidade, dezembro de 1909, n. 240, p. 4.

²⁰⁹ ACM, 1 de junho de 1901, n. 123, p. 2.

²¹⁰ O Amigo da Mocidade, maio de 1910, n. 245, p. 1-2.

da ética protestante no sentido de ser exercido como uma vocação a qual não poderia ser estimulada apenas por baixos ou altos salários. Weber (2005), ao traçar as relações de tal ética com o desenvolvimento do capitalismo recorre às palavras de Benjamin Franklin, que alertava: “lembre-se que *tempo é dinheiro (...)*” (p. 46, grifo do autor). Dedicar tempo à Associação, seria, de algum modo, doar-lhe dinheiro. Estar a serviço de Deus era a motivação a ser incorporada.

Myron Augusto Clark, missionário estadunidense, ocupou o secretariado geral na sede da ACM carioca e assumiu a responsabilidade de atrair a comunidade para o voluntariado. Em texto publicado no *ACM*²¹¹ produz diferentes estratégias para tentar sensibilizar os homens do Rio de Janeiro a prestarem serviços de forma voluntária. A primeira delas constituiu-se em se colocar como um dos jovens da cidade: “Si eu fosse moço, começando a minha carreira no Rio de Janeiro, teria na conta de sorte feliz o ser nomeado membro de uma comissão da Associação Christã de Moços”. Em seguida, elenca uma série de benesses quando do trabalho na Associação: o conhecimento pessoal com outros homens, a educação prática para ser bom negociante, e a oportunidade de empregar-se fora da ACM. Se a consciência altruística falhasse, Clark recorria ao proveito individual. “Tudo isto vos parece egoista? Confesso que o é (...). Escrevo estas linhas para os que olham os seus proprios interesses. Outros ha, os melhores, que desinteressadamente trabalham com altruismo para o bem do seu proximo. A estes não é preciso appellar”²¹².

Junto às tarefas como agente executivo, a Associação anunciava em seu periódico que o secretário estava incumbido “de extender o Reino de Christo entre os moços”. Esse trabalho requeria, de quem assumisse o cargo, o recrutamento de jovens para participar “em reuniões religiosas, em Estudos Biblicos e em trabalho individual”. Como contribuição às tarefas de cunho religioso, competia ao secretário geral promover meios para uma vida social sã. “Os salões de palestra, de diversões, conferencias, concertos, musicaes, clubs para diversos fins, jogos licitos, dormitórios, restaurants, recepções sociaes” faziam da ACM um importante elemento social. Outra exigência do officio ressaltado no texto *O secretariado* era a necessidade de “comprender as necessidades e caracteristicos sociaes dos moços”. O secretário geral deveria prover oportunidades para que os jovens fossem cidadãos mais úteis, “por meio de classes educacionaes, de conferencias publicas, de salões de leitura, de bibliothecas”. As fontes também sugerem uma aproximação das atribuições do secretário com ações referentes aos cuidados físicos dos moços. “Actividade physica vigorosa e banhos tambem concorrem para

²¹¹ Nesta edição do “ACM”, Myron A. Clark era também integrante da comissão de redação.

²¹² ACM, agosto de 1905, n. 188, p. 1-2.

manter a pureza e a virtude entre os moços. E' muito importante, pois, que o Secretario Geral esteja familiarizado com as necessidades phisicas dos moços e com o gymnasio e seu respectivo trabalho”²¹³.

Se as atribuições do cargo de secretário estavam bem definidas, quem seriam os jovens para formarem-se como tal? A Associação já delimitava uma possível multiplicidade de interessados e anunciava que a formação para o ofício não se destinava a todos: “Não ha necessidade de uma multidão, pede-se sómente o que houver de melhor”²¹⁴. Dentre as características desejáveis para o secretariado, o moço deveria cultivar a qualidade de *leader* no trabalho cristão, a aptidão para os negócios, a força de caráter e o amor pela carreira escolhida²¹⁵. Para que pudessem demonstrar algum tipo de vocação, uma das formas de preparação para o cargo seria ocupar a função de ajudante de secretário. Revestida do caráter de oportunidade, tal ocupação parecia uma estratégia da Associação para conseguir serviços que não onerassem seus recursos financeiros. Elencando elementos para convencer o jovem a se tornar um ajudante de secretário, a Associação mais uma vez mobiliza a ideia de interesse próprio como a grande recompensa do trabalho:

O secretario ajudante que estudar a litteratura acerca da Associação, que toma parte em convenções e conferencias, que considerar este periodo de sevrigo (sic), como secretario-ajudante, como um periodo de preparação, e que estiver prompto a fazer sacrificios quanto aos seus recursos financeiros em beneficio do seu proprio progresso, assim como fazem muitos estudantes de escolas profissionaes, muito poderá fazer para tornar-se, em breve, um homem a altura da posição a que foi chamado a occupar²¹⁶.

A ACM reconhecia os limites desse modo de formação. As preocupações referiam-se a uma concepção restrita do cargo e ao risco de reprodução do sistema de trabalho, uma vez que estudos mais aprofundados sobre os negócios da Associação e sobre as características dos associados não eram contemplados quando adotado esse formato. “Ainda que muitos moços tenham se julgado satisfeitos com o aprendizado de secretario-ajudante, como uma preparação para o secretariado-geral, comtudo, a preparação mais satisfactoria e mais apropriada é a que é ministrada pelas Escolas Normaes Especiaes de Secretarios”²¹⁷. Esse segundo modo de formação teria que ser feito no estrangeiro, onde se encontravam tais escolas.

²¹³ O Amigo da Mocidade, janeiro de 1909, n. 229, p. 2-3.

²¹⁴ O Amigo da Mocidade, janeiro de 1909, n. 229, p. 2.

²¹⁵ O Amigo da Mocidade, fevereiro de 1909, n. 230.

²¹⁶ O Amigo da Mocidade, fevereiro de 1909, n. 230, p. 5.

²¹⁷ O Amigo da Mocidade, fevereiro de 1909, n. 230, p. 5.

A discussão travada no periódico acemista sobre o secretariado específico da Associação não era ingênua. Baía (2012) destaca que ter um pessoal especializado para levar a termo o projeto da ACM era elemento fundamental para o estabelecimento das sedes brasileiras. Quando da implantação da instituição no país, Myron Clark foi o secretário geral da Associação na cidade capital; Alvaro de Almeida realizou sua formação nos Estados Unidos e figurou como secretário da ACM em São Paulo; um brasileiro, de nome não identificado, teria se formado em Springfield e ocupado o cargo na sede porto-alegrense; e John Warner, enviado pela ACM dos Estados Unidos, atuou como secretário geral na instituição em Recife. Em sua análise, o autor afirma que “todas as Associações que se mantiveram vivas contaram com a presença de secretários gerais, com formação específica no exterior, para atuarem no gerenciamento da instituição, indicando a centralidade do cargo na consolidação da missão acemista” (*op. cit.*, p. 83). Assim, recrutar jovens dispostos a receberem a formação necessária para secretariarem a Associação era parte do trabalho estratégico para o bom andamento do seu projeto.

Durante muito tempo, as Associações constituíram-se a partir do trabalho de secretários formados nas escolas de preparação existentes nos Estados Unidos. Contudo, havia uma expectativa tanto de dirigentes de países da América do Sul quanto do Comitê Internacional que o projeto da ACM fosse realizado por homens com nacionalidade do local onde a sede estava instalada. “La experiencia demuestra que esos candidatos a Secretarios y Directores Físicos a quienes tocará la gerencia y administración futura de las Asociaciones Sudamericanas deben educarse en Sudamérica (...)”²¹⁸. A defesa em torno de uma formação mais contextualizada em termos de padrões culturais era justificada pela ineficiência de processos formativos anteriores. Justificando a necessidade de criação de um Instituto para formação técnica, na América do Sul, argumentava um acemista: “a aprendizagem no serviço (já em desuso também nas profissões liberais) e a viagem de estudos ao estrangeiro não merecem, de facto, a grande consideração que até hoje se lhes emprestou”²¹⁹. Tal argumento foi ratificado por Arthur Ferreira dos Santos já na condição de aluno da nova instituição: “houve, felizmente, quem conhecesse que a direcção técnica de uma ACM não se póde adquirir pela mera pratica no serviço, e que o estudo no estrangeiro em meio completamente diverso do nosso não podia ser de utilidade compensadora dos sacrificios feitos”²²⁰.

²¹⁸ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926, p. 4.

²¹⁹ Mocidade, janeiro de 1925, n. 371, p. 4.

²²⁰ Mocidade, janeiro de 1925, n. 371, p. 6.

A referida nova instituição era o Instituto Técnico das Associações Cristãs de Moços, organizado, como mencionado, em 1922, e que tinha suas escolas locais, ou de primeiro grau, em Montevidéu, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, e sua escola continental, ou de segundo grau, na capital uruguaia. Formar “hombres del ambiente, de la lengua y de las costumbres, para que la Asociación, en cada país, sea la expresión firme de una realización nacional en favor de bienestar social”²²¹, essa era a justificativa para a fundação de uma escola de formação de secretários na América do Sul. Essa criação fundamentava-se ainda pelas razões que dificultavam a ida aos Estados Unidos de jovens interessados nos cursos de secretariado da YMCA. A dificuldade em recrutar um número suficiente de homens com características adequadas ao cargo e que se dispusessem a passar anos de estudos em outro país, o alto custo dessa formação, e a alta taxa de desistência compunham o conjunto dos obstáculos.

Os argumentos a favor da constituição de uma escola de formação na América do Sul privilegiavam a necessidade de contato com a cultura própria do país do jovem.

(...) que el estudiante educado en su medio ambiente donde ha de actuar, entra en contacto, durante el tiempo de su preparación, con los dirigentes intelectuales, espirituales y comerciales de su país; que puede aplicar inmediatamente sus principios a los problemas que han de constituir su trabajo; que la institución que prepara a esos estudiantes contribuye verdaderamente al estudio y a la solución de los problemas espirituales, intelectuales e sociales del país (...) ²²².

Além do pertencimento cristão e da habilidade administrativa que compunham uma identidade institucional, a Associação mobilizava um novo elemento para demarcar a formação técnica: a ideia de contexto. Argumento reforçado no periódico acemista: “Temos a impressão de que a ACM, nos países latinos da América, mercê da organização deste Instituto Técnico, entra com uma fase nova de radicação criando o pessoal técnico, que é, em definitiva, o responsável pela obra em benefício da mocidade de suas respectivas patrias”²²³.

A preparação para o secretariado promovida pelo Instituto Técnico das ACM’s compreendia um total de quatro anos, subdividindo-se em um curso de dois anos nas escolas locais, e ainda dois anos de estudos na escola continental²²⁴. Essa organização pode indicar a

²²¹ INSTITUTO TECNICO DE LA FEDERACION SUDAMERICANA DE ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JOVENES – 25º Aniversario de su Fundación 1922 – 1947, p. 52.

²²² INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926. p. 5.

²²³ Mocidade, junho de 1923, n. 352, p. 14.

²²⁴ Muitas fontes mobilizadas citam escolas locais funcionando apenas em Montevidéu, em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, contudo, a *Mocidade*, de janeiro de 1925, n. 371, indica a existência de mais uma escola localizada em Santiago, no Chile.

preocupação em trabalhar especificidades locais de diferentes países da Sul América. Tal porção continental não poderia ser tomada como um todo homogêneo. H. P. Clark²²⁵, em relato de viagem a Buenos Aires, narrou diferenças entre a cidade argentina e a brasileira. “Assim como o Rio não tem rival em beleza, também Buenos Aires não precisa temer a rivalidade do Rio quanto á industria, commercio e outras indicações de progresso”. Sobre a ocupação das cidades, tecia suas impressões: “(...) em suas ruas muito mais movimentadas (refiro-me aqui não ao nosso ‘movimento parado’ da Avenida ás 5 horas da tarde) não se vêm tantos mendigos, ociosos e pessoas descalças e seminuas”²²⁶. As palavras de H. P. Clark ajudam a compreender o motivo pelo qual questões locais passaram também a ser orientadoras para a formação e atuação na ACM: Porque seriam reguladoras das iniciativas. Clark sugere, por exemplo, que os sujeitos da cidade carioca mereceriam ser moralizados, porque não ocupavam o tempo com trabalho, e pela exposição despropositada do corpo. Talvez, em Buenos Aires, o caráter moral implícito nas ações acemistas assumisse outra roupagem. Ainda as questões climáticas, pois se “o frio é o amigo da industria e do progresso” como disse Clark, como proceder então com o clima quente do Rio de Janeiro? Lembremos dos conselhos do Dr. Roméro no periódico acemista brasileiro: ginástica para amenizar os efeitos do calor, supressão da vida sedentária e estímulo para uma vida ativa.

A estrutura curricular não permitia ao estudante cursar matérias relativas ao terceiro ano do curso, caso não tivesse completado todo o plano de estudos referente aos dois primeiros anos de formação. Felipe Conard, segundo relato próprio, foi designado diretor organizador do Instituto e esteve “un tiempo en Norteamérica visitando instituciones y educadores, estudiando programas de materias, formando la biblioteca, consultando sobre personal docente, etc.”²²⁷. Se os Estados Unidos não mais configuravam-se como destino exclusivo para os interessados no secretariado da ACM, a estruturação, os saberes, os referenciais que lá informavam a formação técnica parecem apropriados pelos estudos promovidos pelo Instituto. No conjunto de professores que ministrariam as matérias do curso, consta Henry James Sims, o diretor físico da ACM do Rio de Janeiro que se diplomou em Chicago. Tal presença pode sugerir uma expectativa de mediação entre a preparação técnica empreendida nos Estados Unidos e aquela proposta pelo Instituto.

²²⁵ Henry P. Clark era filho de Myron A. Clark. Henry nasceu no Rio de Janeiro e, em 1925, diplomou-se em direção técnica de Educação Física pelo Instituto Técnico das Associações Cristãs de Moços (INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926).

²²⁶ Mocidade, janeiro de 1924, n. 359, p. 8-9.

²²⁷ CINCUENTENARIO DE LA FUNDACIÓN DE LA ASOCIACIÓN CRISTIANA DE JÓVENES DE MONTEVIDEO, URUGUAY. 1909 – Abril 6 – 1959. p. 60.

Instalado o Instituto Técnico, a ACM do Rio fez circular propaganda para despertar o interesse e promover a formação técnica de interessados em seu secretariado. O reclame foi divulgado em seguida a uma nota extensa referente à organização e aos cursos do Instituto. Estampado em letras destacadas por seu tamanho e ainda sublinhadas, a Associação anunciava: *Uma profissão de futuro*. Em seguida, ressaltava, como uma estratégia para adesão de estudantes, o *status* e o proveito daqueles estudos:

A ACM. está á procura de homens para as posições mais altas na sua secretaria.
 Se houvesse agora vinte novos peritos, já preparados haveria logares importantes para todos.
 Se está interessado em preparar-se para ser secretario ou director de educação physica, dirija-se immediatamente a H. C. MELBY.
 Rua da Quitanda, 47 – Caixa 254
 Rio de Janeiro²²⁸.

Passadas algumas edições da *Mocidade*, o anúncio sofre alterações e o que ganha destaque não mais é “uma profissão de futuro”, mas o espaço que promoveria a formação para a carreira: o Instituto.

INSTITUTO TECNICO DA ASSOCIAÇÃO CHRISTÃ DE MOÇOS
 ESCOLA DO RIO DE JANEIRO
 Para a preparação de secretarios e directores da educação physica
 Informações com o director
 Rua da Quitanda, 47
 Caixa 254
 Rio de Janeiro²²⁹.

Interessar-se pela carreira não era suficiente para o candidato tornar-se um estudante do Instituto Técnico. Quatro eram os requisitos para ingressar na escola: bom caráter, conclusão dos estudos secundários, aptidão para a obra acemista demonstrada em alguma Associação, e boa saúde²³⁰. A condição saudável deveria ser comprovada por um atestado de exame médico completo²³¹. É possível inferir que o fato de já ter se relacionado com alguma obra dentro da ACM era a possibilidade de o estudante ter demonstrado atitudes e capacidades adequadas para atuar como um possível secretário, que a conclusão, no mínimo, do ensino secundário

²²⁸ *Mocidade*, junho de 1923, n. 352, p. 14.

²²⁹ *Mocidade*, setembro de 1923, n. 355, p. 16.

²³⁰ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926.

²³¹ INSTITUTO TECNICO DE LA FEDERACION SUDAMERICANA DE ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JOVENES – 25º Aniversario de su Fundación 1922 – 1947.

contemplava a expectativa sobre as qualidades intelectuais, e que o bom caráter era indício da conduta moral do candidato.

Atendidas as condições indispensáveis, o aluno teria acesso a um programa de estudos que compreendia três agrupamentos: cultura geral, técnica geral e técnica especial.

Las primeras tienen por objeto preparar al estudiante en estudios de índole ampliamente cultural; las segundas, darle a conocer aquellas ciencias de las cuales deben sacarse los principios fundamentales que impulsan toda acción social; las terceras, ponerlo en contacto con el espíritu y trabajo de la Asociación, como su historia, sus principios e sus métodos²³².

Na listagem das matérias constam biologia, higiene e cursos anexos; cristianismo e religião em geral; sociologia; matérias técnicas da Associação Cristã de Moços; psicologia e pedagogia; filosofia; idiomas e literatura; visitas educacionais a outras Associações; cursos especiais sobre acampamentos na escola de verão; prática em trabalho regular da Associação; e escrita de tese²³³. Apesar das fontes consultadas não explicitarem as particularidades dos programas de estudos destinados à formação de secretários e à preparação de diretores físicos²³⁴, é possível sugerir algumas temáticas dos planos de cada matéria que se aproximavam mais de um ofício do que de outro. Tomando como exemplo o conjunto “matérias técnicas da Associação Cristã de Moços”, os temas que discorrem sobre métodos, finanças e administração parecem mais afeitos à formação do secretário geral. Desse mesmo conjunto, temáticas que trazem em seu título especificidades que interessavam ao cargo de diretor físico: Introdução à Educação Física, História da Educação Física, e Organização e Administração da Educação Física na Associação.

3.2 A preparação do diretor físico

O trabalho físico teve uma entrada mais decisiva na ACM a partir de mudanças em concepções médicas, pedagógicas e religiosas, que passaram a justificá-lo pela sua relação de

²³² INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926, p. 6.

²³³ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926.

²³⁴ As informações encontradas limitam-se a afirmar que “na organização do curriculum, ha materias que serão estudadas em conjunto por todos os alumnos, e materias especiaes para alumnos que se destinam a ser secretarios da ACM. e outras que serão cursadas tão sómente pelos que se destinam a ser instructores de educação physica” (MOCIDADE, junho de 1923, n. 352, p. 13).

equilíbrio com a mente, pelo serviço que prestaria ao desenvolvimento físico, intelectual e espiritual, pelo estabelecimento de uma conduta moral. Winfield Scott Hall, professor de fisiologia, publicou, em 1912, pelo Instituto e Escola de Treinamento das Associações Cristãs de Moços em Chicago um livro intitulado *The physical directorship as a profession*. Esta obra compõe uma encadernação sob o título *Literature of the Institute & Training School of Young Men's Christian Ass.n. Chicago – Lake Geneva*. Possivelmente utilizado como material do curso de preparação de diretores físicos em Chicago, o livro aborda condições que possibilitaram o surgimento e desenvolvimento da nova profissão, modos de atuar com tal ofício em diferentes momentos da história, e a preparação para tornar-se um diretor físico.

Em sua produção, Winfield Scott Hall demonstra como os discursos sobre o corpóreo não se constituíram como referências estáticas. No processo de remodelação da compreensão do corpo, a produção de novos modos de acomodá-lo na cultura. O autor comenta como tal mudança produziu uma aproximação da medicina com um novo fazer que seria atribuição do diretor físico. A comunidade médica reconheceu ser um dever profissional manter o bem-estar das pessoas, e não apenas restabelecê-lo depois que adoecessem. Contudo, o maior cuidado com o desenvolvimento físico não seria uma atividade da esfera de atuação dos médicos. Abria-se um novo campo de trabalho.

Este campo novo e muito ampliado de atividade vem naturalmente dentro da esfera do trabalho do diretor físico e do consentimento comum do peso deslocado a seus ombros. Embora isso aumente grandemente seu trabalho e sua responsabilidade, eleva proporcionalmente a dignidade de sua função na apreciação da comunidade e seguramente o estabelece nos corações dos benfeitores²³⁵.

A direção física foi desenhando-se como profissão ao longo do tempo. Mobilizando as memórias de sua formação, Winfield Hall destaca como os diretores físicos com quem estabeleceu contato quando estudante universitário e também na YMCA constituíram-se como tal. Pelo menos dois dos diretores citados por ele tinham origem circense. Ao rememorar isso, o autor comenta que à medida que foram envelhecendo e perdendo habilidades necessárias para se apresentarem, configuraram os exercícios ginásticos do circo para serem praticados em clubes atléticos, faculdades e associações. Nesse momento, para exercer tal ofício parecia ser suficiente algum tipo de experiência com o treinamento físico. “Como regra, o diretor físico

²³⁵ HALL, Winfield Scott. *The physical directorship as a profession*. Published by The Institute and Training School of Young Men's Christian Associations, Chicago-Lake Geneva, 1912. p. 8-9. Box 124. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

daquele período era um homem de pouca ou nenhuma educação e com correspondente falta de visão e concepção”²³⁶.

Esse entendimento foi progressivamente modificando-se e o trabalho encarado como mera experiência prática foi tornando-se uma profissão, no sentido estabelecido pelo autor como “*um campo de serviço social que requer uma formação mais ou menos extensa em matéria técnica e uma formação mais ou menos extensa na arte da prática, cuja formação deve necessariamente basear-se numa educação e cultura amplas e liberais*”²³⁷. Como características para exercer a profissão, o diretor físico deveria ter alto grau de desenvolvimento físico e boa saúde, atributos físicos como força, agilidade e flexibilidade, um caráter forte e elevado propósito moral, e, ser um líder. Ao mobilizar os termos *serviço social, formação, matéria, técnica, arte da prática, educação e cultura*, o autor indica maiores elementos que dariam identidade à direção física como profissão. Inovações que se constituíram como valorização social. “Há uma geração, a posição de diretoria física tinha muito pouco a oferecer por meio de salário e posição social, e, praticamente nada a oferecer em termos de posição profissional. A direção física de hoje tem muito a oferecer em todas estas três direções”²³⁸, enfatizou Winfield Hall.

As mudanças na configuração da direção física estabelecem pontos de correspondência com três dimensões centrais estabelecidas por Antônio Nóvoa (1987) para o processo de profissionalização da atividade docente: a evolução do estatuto social e econômico, a organização de um conjunto de normas e valores que orientam o trabalho, e a construção de um corpo de conhecimentos e de técnicas próprias à profissão. Em relação à primeira, Winfield Hall reiterava que “a direção física assim fica como uma nova profissão com oportunidades cada vez mais convincentes, com responsabilidades cada vez mais alargadas, com uma remuneração constante e digna”²³⁹. Para conduzir as atividades do novo ofício configuravam-se como valores o bom caráter, a liderança, e ainda o propósito moral da profissão. Como

²³⁶ HALL, Winfield Scott. The physical directorship as a profession. Published by The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations, Chicago-Lake Geneva, 1912. p. 10. Box 124. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²³⁷ HALL, Winfield Scott. The physical directorship as a profession. Published by The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations, Chicago-Lake Geneva, 1912. p. 20. Box 124. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre, grifos do autor).

²³⁸ HALL, Winfield Scott. The physical directorship as a profession. Published by The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations, Chicago-Lake Geneva, 1912. p. 13. Box 124. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²³⁹ HALL, Winfield Scott. The physical directorship as a profession. Published by The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations, Chicago-Lake Geneva, 1912. p. 27. Box 124. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

norma, ressalte-se a formação de *homens*. A direção física era um lugar masculino. Sobre a terceira dimensão, Winfield Hall explicitava:

Reconhecer-se-á que as oportunidades de tal vocação exigem uma preparação adequada. Antes que a direção física assumisse a sua presente dignidade, havia uma tendência por parte de muitos que eram hábeis em atos de ginástica e atletismo a assumir que eles estavam assim qualificados para se tornarem diretores físicos. Entrando neste campo sem preparação suficiente, logo sentiram suas limitações e perceberam o erro. Hoje os que se tornarão líderes no campo da educação física mergulharão profundamente na anatomia, fisiologia, higiene, saneamento geral, terapêutica e patologia do desenvolvimento racial na história de jogos, com vista a introduzir o melhor de todas as idades e todos os povos entre a juventude de sua própria idade e povo. O diretor físico deve compreender psicologia, sociologia e pedagogia. Ele deve necessariamente ser um líder dos homens. Para adquirir esta formação prolongada em temas técnicos exige anos de estudo e prática. Quanto mais liberal for a sua educação, melhor estará apto a adquirir formação profissional e a exercer a profissão²⁴⁰.

Para aquele que desejava seguir a carreira na Associação Cristã de Moços, Hall aconselhava: “além do domínio da técnica de sua profissão, deve, para sua maior eficiência, familiarizar-se com a história e gênese da organização da qual ele pretende se tornar parte, e também com a ampla vida e os objetivos deste movimento maravilhosamente desenvolvido do século XX”²⁴¹.

Muitos foram os diretores físicos formados pela YMCA que assumiram o trabalho internacional realizado pela instituição. “Dos Estados Unidos, os seus directores de educação physica têm sido chamados literalmente aos fins do mundo, onde sua missão como apóstolos de saude tem sido coroadas (sic) de grande exito. São universalmente recebidos e bem vindos”, anunciava a *Mocidade*²⁴². Para a sede da Associação no Rio de Janeiro, Sims foi quem ocupou a direção do departamento físico. Sua imagem era representada a partir dos novos contornos da profissão apresentados por Winfield Hall. Sims “não só dirige musculos como sabe orientar moralmente para que se tire o maior proveito da vida. O nosso Professor Sims é um exemplo de saúde moral, corporal e social. Conhecendo a Psico-fisiologia e a Higiene geral e social, aplica-as com brilhantes resultados”²⁴³.

²⁴⁰ HALL, Winfield Scott. *The physical directorship as a profession*. Published by The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations, Chicago-Lake Geneva, 1912. p. 22. Box 124. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁴¹ HALL, Winfield Scott. *The physical directorship as a profession*. Published by The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations, Chicago-Lake Geneva, 1912. p. 24. Box 124. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁴² *Mocidade*, junho de 1921, n. 328, p. 7.

²⁴³ *Mocidade*, maio de 1917, n. 279, p. 10.

A partir das memórias produzidas por Henry James Sims é possível constatar que ele nasceu em *York*, Alabama, em 12 de junho de 1886 em uma família de nove filhos - seis meninos e três meninas. Ele era o terceiro. Logo mudou-se para *Chattanooga*, onde passou a infância. Lá, tomou gosto pela natureza, dizia gostar das montanhas e colinas arborizadas, dos vales com seus riachos. Cedo começou a trabalhar adquirindo experiência em mercearia, sapataria, e indústria de fundição. O curso na escola secundária foi feito com sacrifícios. “Nossa renda familiar era modesta, mas as exigências não eram”, escreveu ele. Estudou duro, trabalhou e, nos quatro anos do ensino secundário, fez parte de equipes atléticas. Pouco antes de formar-se em junho de 1906, o pai faleceu. Esse episódio fez com que desistisse de cursar a universidade e procurasse uma carreira para sua vida e não simples ocupações. Nesse momento, Mr. McGill, da *Young Men’s Christian Association* em *Chattanooga*, apresentou-lhe oportunidades na instituição. Logo, Sims iniciou ali sua trajetória como secretário de escritório. Em seguida começou sua trajetória como diretor físico, quando o homem que ocupava tal cargo na Associação saiu e Sims foi nomeado para a função. Ele teria encontrado o trabalho para o qual envidaria seus esforços. “Minha experiência em esportes e ginástica me permitiu fazer um bom trabalho e, assim, com o conselho urgente do sr. McGill, e em função das possibilidades, decidi dedicar minha vida a isso”. Sua família, especialmente a mãe e o irmão Oscar, e Mr. McGill o ajudaram para que pudesse começar seus estudos no *Institute and Training School* em Chicago no ano de 1907. Durante os três anos de preparação, ele atuou como diretor físico em outras instituições, para em seguida à sua formatura, retornar a YMCA de *Chattanooga*²⁴⁴.

Foi também no Instituto e Escola de Treinamento da Associação Cristã de Moços, em Chicago, que estudaram Frederico Guilherme Gaelzer e Renato Eloy de Andrade, então já denominado *The Young Men’s Christian Association College*. Como lugar de preparação, de fermentação de ideias, de conexão de sujeitos, tal instituição compôs os itinerários formativos dos investigados. Desse processo, que comportou saberes compartilhados e apropriações singulares, buscou-se apreender os arranjos e os procedimentos para a formação dos diretores físicos.

²⁴⁴ Henry James Sims biography, s/d, s/p. Box 187. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre). Documento manuscrito, com texto em primeira pessoa.

3.2.1 Em Chicago: compondo o itinerário dos diretores físicos atuantes no Brasil

O *Young Men's Christian Association College*, assim designado a partir de 1913, foi resultado do anseio de líderes da Associação do meio oeste dos Estados Unidos que demandavam o treinamento profissional de seu quadro funcional. Iniciado sob a nomeação *Western Secretarial Institute* em 1884, teve o nome mudado para *The Young Men's Christian Association Training School* em 1890. O propósito do Instituto consistia no treinamento, educação e ajuste de secretários e diretores físicos da ACM “instruindo-os na palavra de Deus e na prática da Associação Cristã de Moços”²⁴⁵.

A configuração da preparação técnica na instituição sofreu modificações, por vezes sutis, ao longo de sua história. Uma mudança de denominação, alterações de espaço e de estrutura, transformações no plano de estudos, dentre outras, constituem diferenças nas formações de Sims, Gaelzer e Andrade. Considerando seus tempos de formação, a narrativa que organiza esta seção foi estabelecida em dois momentos. Primeiramente, apresento aspectos da formação de Sims, porque teria iniciado seus estudos no período de 1907-1908²⁴⁶. Em seguida, a composição dos estudos de Gaelzer e Andrade, porque partilharam um período de estudos semelhante. Respectivamente, os períodos de 1919-1920 e 1920-1921 constam como seu primeiro ano de formação na instituição. Um movimento de idas e vindas a alguns temas, ações e estratégias, que aparecem como elementos da formação dos diretores físicos.

No catálogo anual do *The Institute and Training School Young Men's Christian Associations* referente ao período de 1908 a 1909, Henry Sims consta como estudante júnior. Nesse momento, o Instituto parecia não ter construção própria e utilizava a estrutura da Associação em Chicago: escritórios, biblioteca, salas de aula, um ginásio, uma quadra de handebol, natatório e banheiros, laboratório de histologia e química. Para as aulas de anatomia em laboratório, as acomodações utilizadas pertenciam à *Northwestern University Dental School*. Além dos equipamentos em Chicago, o Instituto ainda mobilizava espaços em Lake Geneva. Ali, os estudantes passavam o chamado *summer term*, momento integrante da formação e, no tocante aos espaços para o trabalho físico, sua estrutura contava com um ginásio, campo para jogos, quadras de tênis, espaço para golfe, um píer para natação, barcos a remo,

²⁴⁵ The Young Men's Christian Association College. Announcements for 1920-21. April, 1920, p. 18. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁴⁶ O calendário letivo na escola de formação em Chicago compreendia dois anos cronológicos subsequentes. Em geral, o período escolar tinha início no segundo semestre e terminava no primeiro semestre do ano seguinte.

canoas e iates à vela. O curso regular para os alunos aspirantes a diretores físicos consistia em nove períodos de estudo em Chicago, e dois em Lake Geneva, totalizando três anos de preparação.

Dos critérios elencados para admissão no curso, Sims relata o atendimento a vários deles: já era maior de 18 anos, teve sucesso como empregado na Associação, tinha habilidade com ginástica, esportes e jogos. Esta última, requisito específico para aspirantes a diretores físicos. Além destes, o Instituto exigia que o candidato fosse membro de alguma igreja evangélica, tivesse concluído um bom curso de estudos referentes ao *high school* e, particularmente para o curso frequentado por Sims, conhecimento elementar em física e química. Condições que reforçam o sentido religioso do trabalho na Associação, a ideia de vocação para dar cumprimento ao projeto acemista, a valorização da experiência prática e a necessidade de um repertório de saberes teóricos²⁴⁷.

Organizada em cinco departamentos de instrução – estudos bíblicos e sociais; história, filosofia e administração da Associação; promoção e publicidade da Associação; treinamento físico, e visitação e prática – a Escola proporcionava uma formação baseada em diferentes saberes.

O estudo da bíblia era o principal intuito do primeiro departamento. “Um pré-requisito para o sucesso em tal posição é a fé em Deus e um propósito governante para fazer a Sua vontade. Para ser duradoura e vital, esta fé e este propósito devem descansar sobre fundamentos profundamente postos em um conhecimento com Deus”²⁴⁸. Cultivar fé e caráter, ensinar para a retidão nas ações e promover a experiência cristã de comunhão com o Senhor eram finalidades atribuídas à instrução bíblica. Ainda nesse departamento, os estudos sociais ficariam a cargo da psicologia e da sociologia. Para a psicologia, temas que abordavam aspectos gerais da consciência e especial atenção às mudanças na infância e na juventude. As crianças e os jovens formaram o público ao qual os diretores físicos atuantes no Brasil concentraram suas iniciativas, seja na própria Associação – especialmente preocupada com a juventude –, ou em outros espaços como a escola, os *playgrounds*. Para a sociologia, os estudos das condições sociais eram tratados a partir de temáticas como “a natureza e o propósito da sociologia, os elementos sociais fundamentais, os principais agrupamentos sociais em sua origem, evolução e problemas

²⁴⁷ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁴⁸ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 24. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

atuais”²⁴⁹. Para o *Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations*, a psicologia e a sociologia “lidando com o homem em seu indivíduo e em sua capacidade associada, formam um complemento lógico para os cursos bíblicos”²⁵⁰.

No departamento de história, filosofia e administração da Associação, a investigação sobre as duas primeiras era considerada um dever para o secretariado em formação. A compreensão da vida era considerada fundamental para a orientação das ações. “No último quarto de século todos os tipos de investigação humana assumiram o ponto de vista histórico. O estudo da vida como ela foi e é, para formular princípios para a vida de hoje e do futuro, é o propósito predominante de todos os tipos de alunos”²⁵¹. Como filosofia da Associação, figurava o estudo dos homens da época, das condições em que viviam e trabalhavam, das relações que estabeleciam, da produção de seus ideais e suas necessidades. Sem a filosofia, “o secretário é um seguidor cego de precedente, um imitador, um seguidor de dispositivos e expedientes”. O aluno, ao apreender tal matéria, “ganha poder como líder de homens e mestre em assuntos, e, se torna capaz de dirigir inteligentemente, autossuficiente e sabiamente, as diversas atividades da Associação, de modo harmonioso e firme, em direção ao desejado fim”²⁵¹. Como alternativa à formação puramente pautada pela experiência prévia, a instituição, orientada por referências científicas e deslocamentos culturais, propunha uma tomada de consciência da ACM e do homem, para legitimar a autoria de ações do secretariado em detrimento à imitação de práticas.

A comunicação constituía o cerne das matérias sob encargo do departamento de publicidade e promoção da Associação. Princípios sobre o uso eficaz da linguagem, elaboração de textos para a imprensa e redação de correspondências compunham os estudos denominados como *inglês aplicado*. Se nestes estudos a linguagem escrita prevalecia, o *public speaking* ocupava-se do exercício de falar em público. Orientações para apresentar-se de forma metódica, direta e profissional eram abordadas nas aulas e ainda “prática na preparação e entrega de breves discursos sobre tópicos pertinentes à vida e ao trabalho do secretariado da Associação. (...) A prática é dada em uma sala pequena, uma sala de tamanho médio e em um auditório grande, e

²⁴⁹ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 27. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁵⁰ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 25. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁵¹ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 28-29. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

ao aluno é ensinado adaptar sua voz”²⁵². Na formação do diretor físico, a construção de uma habilidade para a narrativa institucional. Para a circulação do projeto acemista, por intermédio da linguagem escrita ou falada, um exercício de legitimar-se pelo discurso a partir de um lugar preparado para a emissão das ideias e práticas da Associação, o seu secretariado. Era a instituição atuando na produção de líderes.

No plano de estudos estabelecido pelo departamento de treinamento físico para a formação dos diretores, a parte teórica era composta por anatomia, fisiologia, exame físico, primeiros socorros aos feridos, bacteriologia, história e literatura do treinamento físico, filosofia do treinamento físico, administração, construção e equipamentos do departamento físico. A descrição dos temas abordados em cada matéria nos permite pontuar que, no âmbito da Associação Cristã de Moços, havia arranjos plurais que iam ordenando uma sistematização para intervir sobre o físico dos sujeitos. Aprendidos em Chicago, elementos presentes nas matérias do curso foram mobilizados no periódico oficial da Associação no Brasil. No processo de circulação das proposições acemistas, uma das ações que configura Sims como um agente mediador é a presença nos seus textos de aspectos que compuseram sua formação. Tome-se a fisiologia. Na formação em Chicago, o conhecimento geral de tal matéria “é aplicado à vida diária dos indivíduos. Uma atenção considerável é dada ao estudo da digestão, alimentos e dietas com o propósito de fundamentar completamente o aluno para que não seja falsamente orientado por ‘modas’, mas pode ser útil em dar conselhos sobre alimentação”²⁵³. Integrava o plano de estudos da fisiologia a higiene, que versava sobre saneamento público, a atenção com água, esgoto, lixo, ventilação, desinfecção e bacteriologia, e os processos de doenças contagiosas. No tocante à higiene pessoal, os cuidados com banho, vestuário, sono, dentre outros. Destaques da preparação em Chicago que ressoaram no Brasil, afirmando saberes para o exercício profissional e demarcando referências para a constituição física dos sujeitos. Sims, quando já ocupava a direção física da ACM no Rio, editou um texto de autoria de George Fisher, médico que ajudou a estabelecer contornos para a Educação Física da YMCA, em que elementos da formação em fisiologia acima destacados aparecem como o mínimo que todo o homem deveria saber sobre sua saúde.

²⁵² The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 32. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁵³ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 14-15. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre) (grifos do autor).

Em relação á dieta:

Ha duas especies de comida, a que produz os tecidos do corpo e a que desenvolve energia. As carnes pertencem áquella; os legumes a esta. O trabalhador sedentario deve usar pouca carne, porque não gasta tantos os tecidos; si usa muita carne, o coração e os rins soffrem por trabalho excessivo. A comida em demasia decompõe-se no intestino delgado, e envenena o corpo; portanto, não deveis comer demais; comei de vagar, com alegria, e sempre mastigae muito bem. A comida, cujo gosto sentis na boca além de 1 a 3 horas, deveis evitar, embora gosteis muito della.

Em relação ao dormir:

Durante o somno o corpo crea tecidos; quando acordado estes se gastam; portanto, dormi muito. Antes demais do que de menos.

Em relação ao asseio:

O banho morno descança, abre os póros, tende a adormecer. O banho frio é um tonico. Este ultimo deve ser curto, ligeiro, e não demasiado frio para não poder reagir depressa.

(...)

Em relação ao contagio:

Não bebaes de um copo commum, não useis toalha commum, não escarreis no soalho, e não permittaes que outros o façam. Uma constipação é contagiosa, embora considerada de tão pouco importancia. Protegei a vossa casa de insectos e de ratos e camondongos; elles levam a infecção²⁵⁴.

Essas prescrições construídas a partir de um referencial médico-pedagógico demonstram como diferentes matrizes científicas se colocavam em diálogo para consolidar a Educação Física promovida pela ACM. Tais conexões estabelecidas com o campo médico também participaram da produção de sentidos culturais para as intervenções acemistas que tinham o corpo como um lugar formativo.

Exercer a diretoria física como profissão na Associação Cristã de Moços exigia, desde então, um amplo conjunto de saberes científicos que sustentasse as mais diferenciadas iniciativas que tocassem o físico, não apenas para os benefícios em sua própria materialidade, mas ainda, para a intervenção na vida social, como no alcance da moralidade. “O diretor físico é um homem profissional e, como tal, identifica-se de maneira abrangente com aquelas forças que contribuem para o aperfeiçoamento físico e moral de toda a comunidade”²⁵⁵, anunciava o *Institute and Training School Young Men’s Christian Associations* na exposição da parte teórica do curso. Em sintonia com essa descrição, o plano de estudos incluía, na matéria filosofia do treinamento físico, o debate acerca do corpo e da mente conectado aos códigos culturais da cidade moderna e às possibilidades de ação em problemas sociais. Na apresentação da matéria, aspectos sociológicos demarcam as temáticas tratadas:

²⁵⁴ Mocidade, junho de 1913, n. 232, p. 7-8

²⁵⁵ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 32. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

A relação entre mente e corpo. Apresentar condições físicas sob as quais os homens vivem. O efeito da fábrica, da escola e da vida urbana na mente e no corpo. Os problemas sociais criados pelas condições modernas. As necessidades físicas do país e da cidade, do menino e do homem, e como o treinamento físico pode melhor suprir estas necessidades. Jogo e seu lugar na vida moderna. A função do treinamento físico em instituições educacionais, organizações sociais, igrejas, etc. *Playgrounds* públicos e sua importância²⁵⁶.

Tais estudos ajudaram a produzir um arranjo argumentativo para a atuação de Sims no Brasil, seja nas ações no interior da ACM, seja na interlocução com outras instituições, como a Associação Brasileira de Educação e sua Seção de Educação Física e Higiene. O debate do jogo e a formação do caráter, as praças de jogos como espaços e tempos educativos são elementos constituintes da modelagem acemista que circularam no Brasil e ganharão destaque no capítulo seguinte.

A parte prática dos estudos constituía-se de ginásticas, esgrima, boxe, jogos, luta livre, atividades aquáticas. No conjunto de ginásticas, atividades com aspecto militar, com a presença de música, o uso de aparelhos pesados, com proposta de correção. As evoluções consistiam em troca de infantaria de acordo com as táticas dos Estados Unidos e o método sueco de marcha para o ginásio. Na calistenia, composta por exercício com ou sem aparatos de mão, como os halteres, atenção especial era dada ao modo de condução das aulas. Aqui, se desejável, o acompanhamento musical poderia ser utilizado. Na dança ginástica, o propósito era o desenvolvimento do senso rítmico, da graça e da coordenação muscular geral. Com os aparatos pesados o trabalho incluía, dentre outros, as barras paralelas, a barra horizontal, o cavalo e as barras paralelas suspensas. Havia ainda exercícios com fins higiênicos e de correção feitos com polia.

As atividades aquáticas eram compostas por natação *outdoor* e *indoor*, remo, canoagem e vela. A descrição do plano de estudos não apresenta a designação *sport* ou derivados. O termo utilizado era *athletics*, que englobava um conjunto de esportes como atletismo, futebol americano, basebol, basquetebol, voleibol, handebol, tênis. Esse uso nos permite compreender a multiplicidade de práticas que poderiam constituir o termo em português *jogos atléticos*, por vezes presente nas publicações do periódico oficial das ACM's no Brasil. Na trama que envolveu a disseminação de tais práticas no país, um léxico diferenciado foi mobilizado antes da palavra *esporte* consolidar-se.

²⁵⁶ The Institute and Training School of Young Men's Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 36. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

A parte prática do curso não consistia em simples execução e instrução de técnicas para ensinar os exercícios. Os modos de realizar as diferentes atividades propostas eram subsidiados por um conjunto de saberes, a instrução prática consistia na “aplicação dos princípios subjacentes do exercício físico como trazido pelo estudo da fisiologia, da anatomia, da fisiologia do exercício e da psicologia. Os exercícios são estudados com seu efeito higiênico, seu valor educacional e moral para vários grupos de indivíduos”. A instituição demarcava o intuito de formação, recusando a centralidade do elemento *habilidade física* presente nas experiências anteriores de constituição de diretores físicos. “O objetivo deste curso não é, principalmente, desenvolver ginastas e atletas experientes – embora o desenvolvimento do estudante nessas particularidades receba a atenção necessária para torná-lo um praticante competente –, mas sim desenvolver instrutores especializados”²⁵⁷.

A mobilização do conhecimento aprendido durante a formação estava sob coordenação do departamento de visitação e prática. Se o trabalho prévio na Associação se constituía como requisito para a entrada no curso, a formação insistia na familiarização com o projeto acemista ou de organizações afins durante o processo de preparação. A prática do ofício extramuros da instituição estaria de acordo com os métodos aceitos na moderna formação técnica e profissional. Diferentes lugares ofereciam ocupações aos estudantes: os departamentos da Associação, igrejas, organizações sociais, instituições educacionais, onde os alunos investiriam algumas horas por semana. Mais uma vez, o interesse próprio suplantava o ganho em dinheiro. “A experiência e a formação adquiridas no preenchimento destas posições são de maior valor para eles do que a compensação financeira recebida” argumentava a instituição, reafirmando a ideia do trabalho como o cumprimento de uma vontade divina, encorajado menos pelo proveito financeiro, mas essencialmente pelas finalidades da vocação. A escola de formação apostava em uma multiplicidade de ocupações que pudesse constituir esse momento do curso, assim, “as atribuições de trabalho de prática são mudadas de vez em quando para dar ao estudante a maior e mais variada experiência possível”²⁵⁸. Em documento biográfico, Sims expressou que esse período do curso foi de inestimável valor, porque conheceu novas condições de trabalho. Como desejado, ele exerceu atividades em diferentes instituições.

²⁵⁷ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 36-37. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁵⁸ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 14-15. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

Durante meus três anos de curso, ocupei três cargos de responsabilidade além do meu trabalho na escola. Em 1907-08 e 1908-09 fui diretor físico da *Lincoln St. M. E. Institutional Church*. Durante o verão de 1908 e parte de 1909, eu era responsável pelo *River Forest Tennis Club*. Em julho de 1909, fui nomeado instrutor assistente e mais tarde instrutor do ginásio masculino na *Davis Square* no *South Park System*²⁵⁹.

Para o trabalho prático, o departamento estabelecia algumas orientações. Durante todo o curso, os alunos deviam reservar semanalmente um período de horas para se dedicar às visitas e práticas de trabalho da Associação; a Escola, em diálogo com o aluno, estabelecia as atribuições dessa atividade; além das tarefas da Associação, os estudantes eram designados ainda para lecionar a *bible class*, para visitar ginásios em igrejas, organizações sociais, instituições educacionais e *playgrounds* públicos. Os sentidos agregados a tais tarefas relacionavam-se à demarcação da identidade acemista. Argumentava o departamento de visitação e práticas que “as atribuições são tão importantes que permitem um amplo espectro de observação, treinamento e experiência nas diferentes seções e departamentos de operação da Associação”²⁶⁰. Se a formação pretendia a ocupação de cargos nas Associações Cristãs de Moços, a vocação para o trabalho na instituição era exercida e acompanhada cotidianamente.

No processo de formação dos diretores físicos, cada ano de estudos era composto por quatro momentos, com períodos de tempo diferenciados²⁶¹. Para 1908-1909, segundo ano de Sims na Escola, o *summer term* teve início em 2 de julho de 1908 com fim no dia 30 do mesmo mês; o *fall term* começou os trabalhos em 1 de outubro finalizando em 18 de dezembro; já em 1909, o *winter term* teve duração de 5 de janeiro a 17 de março; e logo em seguida, o *spring term* de 18 de março a 28 de maio. O primeiro momento realizado em Lake Geneva, os demais em Chicago.

A tabela abaixo apresenta a distribuição das matérias sob responsabilidade de cada um dos departamentos da instituição durante os três anos da preparação de diretores físicos, bem como, o momento em que os alunos teriam a instrução em cada uma delas.

²⁵⁹ Henry James Sims biography, s/d, s/p. Box 187. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁶⁰ The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 41. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁶¹ A exceção era o terceiro ano de curso no qual nenhuma matéria era ministrada no *summer term*.

Tabela 1: o agrupamento e a sequência de estudos para diretores físicos em 1908

MATÉRIAS	Primeiro ano				Segundo ano				Terceiro ano			
	Fall term	Winter term	Spring term	Summer term	Fall term	Winter term	Spring term	Summer term	Fall term	Winter term	Spring term	Summer ter.
Aulas por semana												
I. ESTUDOS BÍBLICOS E SOCIAIS												
A vida de Cristo	4
Os atos e as epístolas	4
Os ensinamentos de Jesus e seus apóstolos	3
Introdução bíblica	5
Fundamentos cristãos	2	..
História do velho testamento e profecia	2	2	2
Início da história Hebraica	3
<i>Inductive book study</i>	5
Pedagogia religiosa	2
Psicologia	4	4
Sociologia	4	3	..
A cidade americana	2	..
II. HISTÓRIA, FILOSOFIA E ADMINISTRAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO												
História e administração	2
Seminário	1	..	1	..	1	..	1	..	1	..	1	..
Gestão de negócios	1
<i>Boy's work</i>	2
Filosofia	2
Construções	1
Trabalho social	5
III. PUBLICIDADE E PROMOÇÃO DA ASSOCIAÇÃO												
Inglês aplicado	4
Tese	1	..	1	1
Fala em público	3
IV. TREINAMENTO FÍSICO												
Teoria												
Anatomia	3	4	4	..	2	4
Histologia	3
Neurologia	3
Bacteriologia	3
Fisiologia	3	2	3	..	2	3	2	..
Fisiologia do exercício	2	..	2	..
Exames físicos – incluindo antropometria, prescrição de exercício e diagnóstico físico.	2	2	2	..
Higiene	5
Primeiros socorros para feridos	5
Mecano-terapêutica	5
História do treinamento físico	1
Filosofia e pedagogia do treinamento físico	2	2
Administração do departamento físico	2
Construção e equipamento do departamento físico..	2

Prática												
Ginásio	4	4	2	..	4	4	2	..	4	4	4	..
Evoluções, aparatos pesados, jogos ginásticos, jogos como basebol, <i>ring-hockey</i> , voleibol												
Jogos	4	4	4
(a) <i>outdoor</i>	5	5
1. Futebol americano												
2. Atletismo	2	2
(b) <i>indoor</i>												
1. Atletismo												
Aquáticos	5
(a) <i>outdoor</i>
1. <i>Boating</i>												
2. Natação	2	2
(b) <i>indoor</i>												
1. Natação												
V. VISITAÇÃO E PRÁTICA	2	2	2	..	2	2	2
Prática designada e trabalho de campo (mínimo)	2
Visitas a ginásios, campos de jogos e <i>playgrounds</i> públicos												

Fonte: The Institute and Training School of Young Men's Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 45. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

Os requisitos para a aprovação do aluno consistiam no cumprimento da carga horária do curso, na demonstração de qualidades necessárias para organizar com sucesso o trabalho na Associação e na elaboração de uma tese, que pudesse ser reconhecida pela originalidade da pesquisa. No plano de estudos estabelecido, a presença de uma matéria específica para tratar a produção desse estudo. Nessa, as aulas eram “organizadas para auxiliar o aluno a entender claramente qual deve ser a natureza, o objetivo e o escopo de uma tese, o trabalho do curso direcionará os membros da classe na tarefa de coletar material, delinear e desenvolver a tese exigida de cada aluno que se gradua”²⁶². O estudo deveria ser datilografado e encadernado para que pudesse compor a biblioteca.

Em 1910, Sims apresentou sua tese para diplomar-se como diretor físico. Intitulada *The Relation of the Young Men's Christian Association to the Liquor Problem*²⁶³, tinha como objeto de estudo o consumo de álcool nos Estados Unidos. Sims sinalizava em sua pesquisa a ingestão de bebidas entre os jovens e ressaltava o dever da YMCA em tomar parte no seu combate em

²⁶² The Institute and Training School of Young Men's Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908, p. 32. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁶³ Annual catalog of The Institute and Training School of Young Men's Christian Associations. May, 1910. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

favor da temperança. A associação do álcool com a criminalidade, a perda de dinheiro e de saúde são argumentos essenciais mobilizados pelo autor.

Sims discorria em sua tese que no início da história dos Estados Unidos, beber era comum e que o progresso do tráfico de bebidas estava relacionado à avareza, ao crime e à corrupção. Especialmente sobre o *liquor*, seu consumo era barato e o acesso parecia fácil, uma vez que era vendido em hotéis, lugares públicos e lojas. Afirmava o autor que as companhias de seguro há algum tempo discriminavam os bebedores, que o álcool era um veneno e que os prejuízos mental e físico relacionados à sua ingestão não eram mais contestados. Ao mobilizar a bibliografia da pesquisa, Sims asseverava: “Um estudo do problema das bebidas alcoólicas nos seus aspectos econômicos revela uma enorme perda anual de vida, saúde e dinheiro, implicando uma interminável procissão de morte, crime, miséria e sofrimento”²⁶⁴.

Lugar decisivo para o acesso ao álcool, o *saloon* mereceu destaque no trabalho de Sims. Com localização conveniente e de fácil acesso, este espaço seria “sem dúvida a maior força corruptora dos Estados Unidos. É a maldição de nossas cidades, moralmente, fisicamente, e é seu problema supremo. É duplamente perigoso já que se tornou um grande centro social da cidade e a fonte da maioria dos seus crimes”. Nas palavras do autor, as características e os serviços oferecidos por tal lugar estimulavam a demanda por bebida. Ali, jogos de cartas, bilhar, música e dança eram também elementos de diversão dos frequentadores. Ainda, a presença de mulheres de “má reputação”. Onde “beber, jogar e prostituição andam de mãos dadas”, o clima era “de uma liberdade social e um tom moral muito baixo”²⁶⁵. Sims ressaltava que a YMCA constituía-se como oposição às atividades dos *saloons*. “As forças construtivas e destrutivas da juventude de nosso país estão em grande parte enfrentadas entre si nestas duas instituições. A Associação, com suas atrações poderosas, sociabilidade e serviço social para homens, é a contra-atração mais poderosa para o *saloon*”²⁶⁶. Atento às informações que anunciavam o álcool como um problema social, Sims indaga sobre o papel da *Young Men’s Christian Associations* nesse contexto. Moralizar os costumes, sob a denominação de “temperança”, parecia ser a

²⁶⁴ SIMS, Henry James. The Relation of the Young Men’s Christian Association to the Liquor Problem. Graduation Thesis. The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. 1910, p. 4. Box 20. George Williams College: an inventory of its dissertations and theses. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁶⁵ SIMS, Henry James. The Relation of the Young Men’s Christian Association to the Liquor Problem. Graduation Thesis. The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. 1910, p. 5-6. Box 20. George Williams College: an inventory of its dissertations and theses. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁶⁶ SIMS, Henry James. The Relation of the Young Men’s Christian Association to the Liquor Problem. Graduation Thesis. The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. 1910, p. 19. Box 20. George Williams College: an inventory of its dissertations and theses. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

resposta. Aspectos relacionados à abstinência (assumida como incumbência dos sujeitos), regulação e restrição ao álcool (encaradas como responsabilidade de Estado) são citados para abalizar os sentidos daquele termo. A respeito da participação da YMCA no combate do problema, Sims explicitava:

Além de seu próprio trabalho, a Associação tem uma participação direta na reforma da temperança. Está constantemente conduzindo campanhas de mobilização e educação por palestras e sermões; instrução, especialmente, no departamento físico; e a distribuição de literatura. Está fortalecendo os caracteres masculinos e ensinando-os a servir a outros homens, tornando-os assim duplamente impermeáveis à tentação. Quem pode estimar a influência positiva deste corpo de jovens que trabalha na cidade? Está promovendo e energizando outras organizações tais como associações de *playgrounds*, ligas da lei e da ordem. Está agindo para o sentimento de temperança em muitas comunidades²⁶⁷.

A moralidade, a formação do caráter e o altruísmo discutidos na tese para diplomação de Sims, foram aspectos presentes em sua ação como diretor físico quando na ACM do Rio. Reconhecendo o valor da formação na Escola, dizia que “o conhecimento, a inspiração e a visão obtidos em Chicago e em Lake Geneva serão cada vez mais valiosos para mim”. No mesmo ano de apresentação de sua tese, 1910, Sims casou-se, discretamente, com Margaret Campbell Turner a quem conheceu em uma igreja. Ao dizer de sua esposa, destaca a “doce companhia” e a “devoção altruística” como responsáveis pelo melhoramento de sua vida. As esferas profissional e pessoal da vida de Sims pareciam assim envolver elementos comuns como a religiosidade e o valor de servir ao outro. Talvez este último o tenha animado para o trabalho internacional que realizou. “Eu sinto que Deus tem sido muito bom para mim e, especialmente, me abençoado de muitas formas. ‘O que muito é dado, muito será necessário’. O único caminho aberto para mim é dedicar minha vida ao Seu serviço onde for mais necessário e, certamente, este é o campo estrangeiro”²⁶⁸. Depois de sua formação na Escola, Sims retornou para seu antigo cargo na YMCA em Chattanooga, quando em 1912 foi chamado para viajar ao Brasil, país com uma ambiência fértil para o lastro dos argumentos mobilizados em sua tese como a reforma da temperança, o fortalecimento do caráter, a energização dos sujeitos. Em documento datilografado que aborda sua trajetória, contada em 3ª pessoa – de conteúdo similar ao

²⁶⁷ SIMS, Henry James. The Relation of the Young Men’s Christian Association to the Liquor Problem. Graduation Thesis. The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. 1910, p. 20. Box 20. George Williams College: an inventory of its dissertations and theses. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁶⁸ Henry James Sims biography, s/d, s/p. Box 187. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

manuscrito, este ao que tudo indica produzido por Sims porque em 1ª pessoa, intitulado biografia –, o comum caráter enaltecedor de seu trabalho é ressaltado. “Ele viajou em novembro de 1912 para o Rio de Janeiro onde, como diretor físico da ACM, é pioneiro em Educação Física, ginásio e *playground* para a maior república da América do Sul”²⁶⁹. Representado como profissional dedicado, os elogios à atuação de Sims no Rio de Janeiro são comuns nas páginas do periódico oficial da ACM’s brasileiras.

O Sr. H. J. Sims representa esse typo nobre do norte americano, *que tem a virtude por norma e o trabalho por satisfação*. E’ um puro na vida privada, tal como na sua vida publica. Com inocencia infantil, não comprehende que os homens possam deixar de sentir-se felizes como elle. Vemol-o sempre risonho em nosso meio, com a sua face alegre, e sem bigodes *para nada ocultar ou dissimular*²⁷⁰.

As representações produzidas sobre Sims no cenário brasileiro contrastam com um episódio no interior da Associação em âmbito internacional, no qual é acusado de insultar secretários acemistas. O caso aconteceu na França. Sua viagem foi anunciada no noticiário da *Mocidade* e, como de costume no periódico, palavras valorizavam sua figura. “Mr. Sims, o muito bem quisto e muito amavel Mr. Sims, faz, portanto, uma ausencia temporaria deste meio em que exerceu grande e benefica actividade. Vae ser util noutro continente, noutro clima, noutras circumstancias”. Sims partira para o país chamado pela Comissão Internacional, onde “vae beneficiar o físico e divertir o moral dos guerreiros: A sua alegria comunicativa, a sua sinceridade inquebrantavel hão de ser muito bem recebidas lá, nos campos da tristeza. Que volte breve!”²⁷¹. O acontecimento que confrontava as representações sobre Sims é relatado por Fred Freeman em uma carta datada de 29 de julho de 1919, datilografada em papel timbrado do Comitê Internacional das Associações Cristãs de Moços, sediado em Nova Iorque. Ele referia-se a um “caso muito vergonhoso que ocorreu no escritório do nosso Departamento Pessoal em Paris, em maio”. Conta que Sims “aproveitara todas as ocasiões para criticar os vários departamentos, inclusive o Sr. Kyle. No Escritório Pessoal, ele tentou derrubar o Sr. Pate, que está no comando do Sailing Bureau”. Na narrativa é destacada como a conduta de Sims desagradara outros acemistas. “Um número de nossos secretários falou de suas relações com ele, que se ele era o tipo de homem que representava o Comitê Internacional, eles tinham pouco respeito pela comissão”. O mal-estar com o diretor físico da ACM do Rio parecia instalado.

²⁶⁹ Henry James Sims, physical diretor, Rio de Janeiro, s/d. Box 187. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁷⁰ *Mocidade*, maio de 1917, n. 279, p. 8 (grifos do autor).

²⁷¹ *Mocidade*, novembro de 1917, n. 285, p. 18.

“Eu não conheço bem o Sims e só estou interessado no caso por causa da maneira muito notável como ele se conduziu enquanto estava na França, e as críticas que foram feitas dele”, ressaltava o emissor da carta. Ao final, destacava a confiança no trabalho satisfatório de Sims, contudo deveria este “controlar-se e conduzir-se como um cavalheiro”²⁷². Tal episódio não foi tornado público nas páginas da *Mocidade*, parece ter permanecido confidencial aos sujeitos do acontecimento e ao emissor e destinatário da correspondência.

Essa indisposição não alterou o lugar de Sims na ACM do Rio. “Finda a guerra regressou aos Estados Unidos, obteve baixa, apresentou-se a Y.M.C.A.; e retomando a família, embarcou para esta capital, seu lugar de exercício em prol da educação física”²⁷³. Ao anunciar seu retorno em 1920, a *Mocidade* valoriza, mais uma vez, sua dedicação e a estima que todos tinham por ele. O contratempo parece também não ter impedido o reconhecimento do trabalho de Sims no Brasil perante a instituição nos Estados Unidos. Indício desta hipótese é o momento quando ele retorna à escola de formação em Chicago, não mais como aluno, mas assumindo a função de palestrante de assuntos especiais. Ele foi responsável por abordar o trabalho físico da Associação na América do Sul, no curso de formação de diretores físicos quando a instituição em Chicago já se denominava *The Young Men’s Christian Association College*²⁷⁴.

A novidade na designação da escola de formação acarretou também mudanças estruturais. Foi nesse novo contexto que Gaelzer e Andrade estudaram. O novo estabelecimento do *College* em Chicago foi inaugurado em 1915 e contava com um edifício principal, no qual, as instalações para a Educação Física comportavam três andares. A descrição dos espaços da instituição indicia sobre a dimensão prática da formação, bem como, alguns conhecimentos que a subsidiariam: dois ginásios, o menor com a medida de 40 x 72 pés²⁷⁵ e o maior com 62 x 92 pés, com destacada menção para a iluminação e ventilação consideradas excelentes no local; um natatório com um tanque de 24 x 60 pés, armários e banheiros com chuveiros; os laboratórios, de fisiologia, anatomia e química; salas de aula; biblioteca; sala de leitura; escritório para organizações de estudantes.

Modificações também nas especializações profissionais oferecidas pelo *College*. Além de administração geral e de Educação Física, os estudantes poderiam formar-se nos cursos de

²⁷² Letter from Fred B. Freeman to E. C. Jenkins. The International Committee of Young Men’s Christian Associations. Box 187. YMCA Biographical Files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁷³ *Mocidade*, abril de 1920, n. 314, p. 14.

²⁷⁴ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1920-21. April, 1920. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁷⁵ Para fins de conversão 1 pé equivale a 0,3048 metros.

boy's work, county work, community work, industrial work, transportation work, que, sublocados na administração secretarial, compreenderiam diferentes fases do trabalho da Associação. Nos requisitos para admissão, a instituição apresenta, com mais ênfase nos detalhes, as qualificações exigidas para o secretariado da Associação:

- a. Boa saúde e uma personalidade atraente.
- b. Capacidade de fazer e manter amigos, habilidade de cooperar com os outros e liberdade de excentricidades marcadas no hábito, maneira ou aparência.
- c. Senso de boa conduta e bom senso, com potencial capacidade executiva, iniciativa e tato.
- d. Uma educação liberal, de preferência um curso de faculdade ou seu equivalente, com a vontade de procurar qualquer formação e experiência profissional especial, pode ser necessária.
- e. Adesão leal a uma igreja evangélica, forte caráter e convicções cristãs, liderança religiosa, um propósito de sacrifício e capacidade de ajudar religiosamente jovens e meninos.
- f. Ausência da menor sugestão de delinquência moral. É absolutamente essencial que um líder da Associação, por causa de seu contato íntimo com homens e meninos, seja moralmente acima de qualquer reprovação²⁷⁶.

Como elementos da identidade institucional, as condições para candidatura ao curso explicitavam eixos orientadores do projeto acemista antes mesmo do início da formação. Saúde, capacidade executiva, repertório de saberes, religiosidade, altruísmo, moralidade. A Associação dizia que a demanda não era por mais homens, mas por aqueles que tivessem tais capacidades e aspectos de personalidade. Deixar mais evidente as características exigidas para admissão no curso era também dizer que assumir funções no interior da ACM não era para qualquer um, mas para uma elite que a Associação pretendia formar.

Na nova organização de preparação, os departamentos de instrução foram reduzidos a quatro, e revestidos de ciência logo na nomenclatura: ciência da Associação (responsável pelos estudos em administração geral, *boy's work, county work, community work, industrial work, transportation work* e inglês), religião e ética (encarregado pelos estudos da bíblia, da igreja cristã e de educação religiosa), ciência social (responsável pela instrução em psicologia, sociologia e economia) e ciência física (incumbido da educação física, da biologia – compreendendo zoologia, anatomia, fisiologia e higiene – e das atividades físicas). No projeto de formação do secretariado das ACM's, o *College* redesenhava seus espaços, sua nomenclatura, anunciando por meio de uma alteração linguística, um novo elemento de

²⁷⁶ The Young Men's Christian Association College. Announcements for 1921-22. May, 1921, p. 29. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

potencial reconhecimento: a ciência. Da organização anterior, vivenciada por Sims, não mais compunham-se como departamento a promoção e publicidade da Associação, e a visitação e prática de trabalho. Talvez como diferença mais significativa, o apartamento dos estudos bíblicos e sociais, os primeiros passaram a ser focados na instrução religiosa e os últimos configurados como conhecimento científico. Nos encontros e desencontros desses saberes, o *College* demarca limites para religião e ciência, ao mesmo tempo que anuncia sua complementariedade. Não era possível formar um secretariado que não partilhasse significados de ambas referências culturais.

A estrutura do curso também sofreu modificações. Quando Gaelzer e Andrade ali estudaram, todos os alunos do *College division* teriam as mesmas matérias durante os dois primeiros anos, e em seguida, aconteceriam as especializações para cada curso. A formação para diretores físicos totalizaria assim quatro anos de preparação. O ano acadêmico era composto por três períodos – outono, inverno e primavera – de 11 a 12 semanas cada.

Tabela 2: Currículo do *College division* para a formação em Educação Física em 1921

CURSO GERAL (PRIMEIRO E SEGUNDO ANOS)	
PRIMEIRO ANO	
Matérias do Outono	Crédito
Ciência da Associação: história e princípios	½
Inglês: retórica e composição	1
Zoologia: introdução	1
Bíblia: ética cristã	½
Atividades físicas	½
Matérias do Inverno	Crédito
Ciência da Associação: história e princípios	½
Inglês: literatura	1
Fisiologia: introdução	1
Atividades físicas	1
Matérias da Primavera	Crédito
Ciência da Associação: relações da Associação	½
Psicologia: introdução	1
Higiene: introdução	½
Inglês: falar em público	½
Atividades físicas	½
SEGUNDO ANO	
Matérias do Outono	Crédito
Ciência da Associação: atividades	1
Bíblia: introdução bíblica	1
Sociologia: introdução ao estudo da sociedade	1
Atividades físicas*	½
Atividades físicas**	½

Matérias do Inverno	Crédito
Ciência da Associação: contabilidade**	1
Bíblia: história do novo testamento e literatura	1
Economia: introdução	1
Anatomia: histologia*	½
Atividades físicas*	1
Atividades físicas**	½
Matérias da Primavera	Crédito
Ciência da Associação: construções	½
Ciência da Associação: relações mundiais	½
Bíblia: história do novo testamento e literatura	1
Psicologia: psicologia social**	1
Ciência física: física e química aplicadas*	1
Atividades físicas*	1
Atividades físicas**	½

* Para estudantes do curso em Educação Física

** Para estudantes dos cursos em administração secretarial

EDUCAÇÃO FÍSICA (TERCEIRO E QUARTO ANOS)
TERCEIRO ANO

Matérias do Outono	Crédito
Educação Física: campo, história e princípios da Educação Física	1
Sociologia: problemas sociais	1
Higiene: bacteriologia	1
Atividades físicas	½
Matérias do Inverno	Crédito
Educação Física: Equipamentos do departamento físico	½
Anatomia: dissecação	1
Igreja Cristã: a igreja moderna	1
Atividades físicas	1
Matérias da Primavera	Crédito
Educação Física: organização e administração do departamento físico..	
Higiene: antropometria e diagnóstico físico	1
Higiene: primeiros socorros	1
Atividades físicas	½
	1

QUARTO ANO

Matérias do Outono	Crédito
Educação Física: seminário em Educação Física	1
Fisiologia: músculos, circulação, respiração	1
Bíblia: a vida de Jesus	1
Atividades físicas	½
Matérias do Inverno	Crédito
Higiene: massagem	½
Fisiologia: digestão, metabolismo, excreção	1
Educação religiosa: materiais	1
Atividades físicas	1
Matérias da Primavera	Crédito
Bíblia: fundamentos cristãos	1
Higiene: avançado	1
Fisiologia: o sistema nervoso	½
Anatomia: neurologia	½

Atividades físicas	1/2
Total de 42 créditos necessários para obter o grau acadêmico de bacharel em Ciências da Associação, em Educação Física.	

Fonte: The Young Men's Christian Association College. Announcements for 1921-22. May, 1921. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

Além do lugar privilegiado ocupado pelos conhecimentos biológicos, a análise do currículo para a preparação técnica em Educação Física comportava, mesmo que timidamente, uma dimensão educativa que incorporava questões sociais. Concentrado no primeiro trimestre do terceiro ano, o debate relativo às atualidades, à organização da sociedade, a condutas de referência, vinculava-se às matérias “problemas sociais” e “campo, história e princípios da Educação Física”. Destaque-se a discussão referente às condições prejudiciais da época que causavam ineficiência física, tais como as industriais e as recreativas.

Um curso geral, com o intuito de dar ao aluno alguma familiaridade prática com os problemas pendentes (...) que confrontam a sociedade contemporânea, particularmente os que foram acentuados pela guerra, juntamente com os esforços de solução que têm se desenvolvido. Entre os temas considerados estão: dependência, deficiência, delinquência, crime, vício, bem-estar infantil, desintegração familiar, padrões de vida, recreação, saúde pública, segurança e saneamento. São feitas investigações sobre o trabalho das agências locais de socorro e melhoria social. Cada aluno é obrigado a realizar um estudo pessoal dos métodos de pelo menos uma organização líder de serviços sociais de Chicago e apresentar à classe um relatório formal²⁷⁷.

Na preparação dos diretores físicos, a expectativa de não restringir sua ação ao *físico*, mas abranger o corpo social, ou, de modo mais contundente, intervir no físico para a vida social. Seja nas ações no interior das Associações, seja nas iniciativas de acemistas que atuavam em outros espaços, a demanda pela ocupação do tempo livre para evitar a delinquência, o jogo como necessidade da criança, a prática de exercícios físicos para a manutenção da saúde, o caráter moralizador envolvido no desenvolvimento corporal, são elementos que compõem a tessitura que envolvia o *físico* e a vida social.

A preparação no *College* continuava não se restringindo aos seus muros. A relação com o entorno do estabelecimento era considerada de valor inestimável na educação dos estudantes. “As relações com a comunidade – os variados e únicos elementos, as agências e as influências

²⁷⁷ The Young Men's Christian Association College. Announcements for 1921-22. May, 1921, p. 47. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

constitutivas da vida urbana moderna são fatores valiosos em uma educação liberal”²⁷⁸. A cidade era considerada um laboratório social, uma estação de observação onde grandes questões relacionadas aos aspectos comercial, industrial, político, econômico, educacional, religioso e filantrópico poderiam estar mais visíveis. “O que é característico das cidades em geral é particularmente verdadeiro em Chicago”, anunciava o *College*²⁷⁹.

Na relação com a cidade, os alunos teriam a oportunidade de exercer sua “vocaçãõ”. Igrejas, escolas, faculdades, organizações sociais, *playgrounds* permaneciam como laboratórios práticos para o secretariado em formação. Em um exercício de narrativa da experiência em Chicago, no documento intitulado *Report to the Hyde Park Y.M.C.A. of my work done at the William Ray GR. School* relativo ao período de 11 de maio a 7 de setembro de 1920, Gaelzer expressa sentidos da prática vocacional. Ocupando o tempo pós-escolar de garotos, organizou jogos, exercícios de campo e de pista. O trabalho logrou êxito e nos eventos esportivos que se sucederam a *Ray School* posicionou-se em primeiro lugar. Ainda no período relatado, Gaelzer participou de uma conferência estudantil em Lake Geneva e em seguida começou as atividades no *Summer Playground* na *Ray School*. Ali, envolveu-se fundamentalmente com baseball e futebol. A nataçãõ também fez parte da experiência descrita quando semanalmente frequentava uma sede da YMCA. Na narrativa, além do trabalho esportivo, outros preceitos acemistas podem ser destacados: a assistência e a moralidade.

Fomos uma vez para *Jackson Park* e uma vez para *Washington Park*, onde eu aluguei alguns barcos e foi um verdadeiro prazer ver alguns deles - meninos pobres - que pela primeira vez em suas vidas estavam em um barco como esse. Outra vez fomos para *Beverly Hills* onde passamos o dia inteiro em jogos, descansos e caminhadas. Os rapazes estavam contentes de estar em um lugar tão agradável longe da agitaçãõ da cidade e pagando apenas um transporte de 8 centavos²⁸⁰.

A rua como espaço vivenciado pelos garotos atendidos por Gaelzer impunha dificuldades ao seu trabalho. Para algumas disputas esportivas, dizia que um entrave era reunir os garotos para os jogos, porque “com muita frequência eu tinha que trazê-los dos becos onde

²⁷⁸ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1920-21. April, 1920, p. 21. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (traduçãõ livre).

²⁷⁹ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1920-21. April, 1920, p. 22. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (traduçãõ livre).

²⁸⁰ Report to the Hyde Park Y.M.C.A. of my work done at the William Ray GR. School, 1920, s/p. Álbum pessoal organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 41 (traduçãõ livre). Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40797>>. Acesso em 17.01.17.

eu os encontrei atirando dados”. Ele andava pelas vielas resgatando alguns deles, que talvez tivessem encontrado outras ocupações para o dia de competição. Para costumes que não eram bem-vindos, normas. “Nossa política foi ‘sem fumo e sem jogos de azar’ e muito frequentemente eu tive severas conversas com os meninos para reforçar nossas regras”. No encerramento do relato da experiência, Gaelzer indicia sobre uma acertada escolha do *College* em apostar no trabalho de campo como complementação do plano de estudos, levando os alunos a diferentes espaços da cidade e permitindo o conhecimento de instituições e de serviços à comunidade. “Em conclusão preciso dizer que estou muito grato ao pessoal do *Hyde Park YMCA* e do *Principal Rape of Ray School*, por ter me dado uma oportunidade de aprender e preparar-me para servir o meu Deus, o meu país e a ACM com uma melhor compreensão”²⁸¹. Em trechos de uma carta enviada por Gaelzer a um amigo, publicada na *Mocidade*, a menção ao conjunto de atividades no qual se envolveu durante o período em que esteve nos Estados Unidos:

Nem imaginas como estou aproveitando os ensinamentos da Escola. Não só estudo no Colégio, porém trabalho fóra fazendo o que eles chamam <<Outside Work>>. Tres vezes por semana dou aulas de Ginástica, duas noites são para natação em uma das sucursales da Y. Aos Domingos dou aulas biblicas aos menores, pela manhã; das 10 ás 11 tomo parte em discussões biblicas no University Bible Club; das 11 ás 13 tenho Culto. A’ noite sempre tenho alguma igreja onde dirijo a Sociedade dos Jovens. Incluo um programa do domingo passado. Amanhã, domingo, irei dirigir a <<Butler Class>> na Hyde Park Baptist Church, e assim sempre estou <<busy>>²⁸².

Parecia não haver tempo de descanso para Gaelzer, “pois que cada hora perdida é perdida para o trabalho de glorificação a Deus” como afirmado por Weber (2005, p.119) para a ética protestante. A Associação reiterava elementos do projeto renovador cristão e colocava seus alunos sempre a serviço do Senhor. No que chamavam *outside work*, promoviam um serviço de interesse para o meio social, de modo a operar com o afirmado por Weber (2005): o trabalho de pública e impessoal utilidade promoveria a glória de Deus, sendo assim, por Ele desejado.

No anúncio da rotina atarefada, Gaelzer reuniu em sua narrativa elementos da expectativa que a Associação mantinha sobre os diretores que se dedicariam à Educação Física:

²⁸¹ Report to the Hyde Park Y.M.C.A. of my work done at the William Ray GR. School, 1920, s/p. Álbum pessoal organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 41-42 (tradução livre). Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40797>>. Acesso em 17.01.17.

²⁸² *Mocidade*, julho de 1920, n. 317, p. 12.

o trabalho com ginástica e esporte, a demonstração do serviço ao próximo e a vinculação com instituições religiosas.

Todo esse processo formativo no *College* tinha um custo. As despesas educacionais incluíam a taxa de matrícula, o pagamento das matérias estudadas, um depósito caução (para ser usado caso o aluno fosse responsável por algum dano à instituição), um valor para o uso de vestiário e toalhas acrescido de uma taxa desse serviço, os custos de diferentes laboratórios (zoologia, anatomia, fisiologia, higiene, física e química aplicadas) e o pagamento referente à graduação. Denominadas como outras despesas do currículo, encontravam-se os livros de texto, cadernos e periódicos da Associação, os materiais ginásticos e a taxa atlética estudantil.

Para estudantes estrangeiros que vislumbravam retornar aos países de origem e trabalhar na Associação Cristã de Moços, bolsas de estudos eram uma possibilidade de terem diminuídas as despesas com a formação nos Estados Unidos. As bolsas eram mantidas por um fundo especial composto por associações interessadas, amigos, comitês nacionais e internacionais. Algumas orientações regulavam o processo de distribuição do auxílio: o pedido deveria ser feito antecipadamente em formulário especial, o candidato deveria ser aprovado pelo *College* e pelo comitê nacional do país de origem ou pelo departamento de trabalho estrangeiro do comitê internacional, e a bolsa poderia ser suspensa, mediante aviso prévio, caso houvesse alguma razão suficiente que levasse o *College* ou comitê nacional ou internacional a interromper o subsídio ao aluno²⁸³. No estabelecimento de assistência aos estudantes estrangeiros, a expectativa da Associação era que o aporte financeiro investido na formação retornasse em benefício próprio quando, formados como secretários gerais, diretores físicos ou outras especialidades, pudessem ocupar cargos nas ACM's. A Associação parecia não prever, de início, os desvios nas trajetórias individuais e a complexidade na composição dos campos profissionais. No específico da Educação Física, o debate no Brasil relativo à sua presença especialmente na escola, mas também em outros espaços educativos, possibilitou a criação de órgãos públicos, e demandou o posicionamento em disputas de diferentes projetos educacionais, que promoveram a presença de Gaelzer e Andrade em outros cargos de atuação, que não apenas na ACM.

Nos documentos do *College*, Gaelzer consta como aluno do primeiro ano de curso, subsidiado por bolsa de estudos, no período de 1919-1920. Ele conta que chegou em Nova Iorque em 5 de junho de 1919, e logo pôs-se em contato com a YMCA local e com o Comitê

²⁸³ The Young Men's Christian Association College. Announcements for 1921-22. May, 1921. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

Internacional. Em seguida, aceitou um convite para participar de conferências de estudantes em Lake Geneva. Eram 800 estudantes de 25 nacionalidades diferentes, entre eles 7 brasileiros, “confessores todos da mesma fé em Christo, possuidores todos da mesma moral pura e são propalada pela Associação Chistã (sic) de Moços”. Das conferências, realizadas no período de 15 a 25 de junho, Gaelzer destaca os “conselhos proveitosos para combater os males da juventude”²⁸⁴. Estando em Lake Geneva, achou proveitoso inscrever-se para o curso de verão do *College*. Durante o mês de formação, fez aulas de ginástica prática, jogos atléticos, natação e bíblia. Além das atividades do curso, também se ocupou de ganhar algum dinheiro que mantivesse seus custos no país estrangeiro. “Por ser necessária muita economia, empreguei-me (sic) no Restaurante do Collegio como Garçon, desta forma recebia casa e comida mais \$24 por mez”. Ainda no curso de verão encontrou Myron Clark e família que, nas palavras de Gaelzer, “foram incansáveis em facilitar e alegrar o (sic) meus primeiros tempos nos Estados Unidos”²⁸⁵. O curso de verão promoveu ainda a aproximação com novos sujeitos que seriam partícipes de sua formação como diretor físico.

Com a minha frequencia á Summer School travei relações com os meus futuros mestres e todos elles têm dado provas de seu interesse para comigo e facilitado a minha frequencia aos diversos “Playgrounds” e eventos sportivos da saison para que eu estude o desenvolvimento actual dos sports. E vi que estão tomando logar dos sports individuaes, os executados em grandes massas²⁸⁶.

Já em Chicago, Gaelzer tomou contato com aquela que seria uma das iniciativas mais reconhecidas de sua atuação no Brasil, os *playgrounds*. Para os estudos no *College*, também esboçou suas preocupações em relação aos custos com a vida noutro país. No processo de intentar subsídio para cursar as matérias, ele destaca o papel exercido pelos acemistas estrangeiros atuantes no Brasil. Diz que se matriculou no *College* “sem pagar nada pela frequencia das aulas, por intermedio dos Srs. Long²⁸⁷ e Clark, que muito se empenharam em

²⁸⁴ Relatório à Diretoria da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 3. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 11.02.2017.

²⁸⁵ Relatório à Diretoria da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 9. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 11.02.2017.

²⁸⁶ Relatório à Diretoria da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 10. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 11.02.2017.

²⁸⁷ Frank M. Long foi secretário geral da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. “Depois de 21 anos de lutas pela mocidade brasileira” retornou aos Estados Unidos na década de 1930 (Recorte de jornal, “Primeiras palavras de S. S., ao ser abordado por um colega da Paulicéia. Como a ACM pode construir o seu edificio próprio.

me auxiliar. Foi uma sorte conseguir a tal ‘Free Tuition’ pois doutra forma eu não poderia acarretar os gastos fabulosos que a vida aqui me obriga a fazer”²⁸⁸. Gaelzer parecia ter se programado para as despesas nos Estados Unidos, não viajou desavisado, contudo, os valores empenhados para sua manutenção cotidiana superaram o esperado. Se para alguns gastos contou com o auxílio da Associação, para outros, era do investimento pessoal que retirara o dinheiro.

Tenho que seguir sempre o dilemma de nosso ex-presidente sobre a parcimonia nos gastos, pois quando parti de Porto Alegre esperava passar com \$50,00; ou sejam Rs.200\$000; mas é completamente impossível. Sou obrigado á gastar só em casa e comida \$61,00, ou sejam em moeda nacional Rs.244\$000. Esta importância com outros gastos inevitáveis, perfazem uma quantia com a qual eu não contava. Como por ora não quero perder meus tempos de estudos em algum emprego, vou retirando dinheiro do meu capital de reserva e conto para o anno que vem empregar-me, nas horas vagas que o Collegio me der, em alguma Y.M.C.A. daqui. Assim poderei equilibrar os meus gastos com o ordenado do emprego²⁸⁹.

Mesmo enfatizando que, do ponto de vista educacional, seria melhor para o aluno estar livre de responsabilidades de emprego, o *College* reconhecia que para muitos frequentarem o curso, dependeriam de um ordenado para pagar pelo menos parte dos custos. Para atender a essa demanda, a instituição mantinha uma agência de empregos e envidava esforços para ajudar o aluno que necessitasse trabalhar, contudo, fazia um alerta “as oportunidades de emprego são, regra geral, abertas ao estudante até que ele tenha estado na cidade por algum tempo, e tenha se familiarizado”²⁹⁰. No seu primeiro ano em Chicago, Gaelzer parecia estar nessa condição de quem ainda estava a se habituar com a cidade, logo, ainda na expectativa de empregar-se em algum estabelecimento para custear parte das despesas.

Ao narrar, para a Associação Cristã de Moços de Porto Alegre, experiências de seu cotidiano nos Estados Unidos e de sua formação, ainda no primeiro ano de estudos, o relatório de Gaelzer indica uma prestação de contas à instituição. No documento, ele diz submeter os atos praticados, até a data de 16 de setembro de 1919, à apreciação da ACM. No encerramento

Introdução da Educação Física nas escolas”, 20 de junho de 1934 (sem indicação de periódico. Data manuscrita). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

²⁸⁸ Relatório à Diretoria da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 10. (Grifos do autor). Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 11.02.2017.

²⁸⁹ Relatório à Diretoria da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 36. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 11.02.2017.

²⁹⁰ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1920-21. April, 1920, p. 29. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

de seu relato, pronunciava a expectativa de apoio às ações passadas e o aguardo de ordens para os futuros atos. Na ocasião dessa narrativa, Gaelzer sinalizava atender à expectativa acemista de que os estudantes do *College*, em especial os bolsistas, retornassem ao seu país de origem para trabalhar em prol do seu projeto formador. Na rotina estabelecida, procurava “ocupar todo meu tempo em estudos que são uteis para o meu futuro trabalho em Porto Alegre”. Ao comentar sobre registros fotográficos de eventos e encontros que participara, também um indício do anseio de continuidade do compromisso com a Associação. “Talvez com algumas economias conseguirei comprar uma Kodak melhor e mais apropriada para os meus trabalhos sportivos e de futura propaganda da A.C.M., quando de volta em Porto Alegre”²⁹¹. Aspiração partilhada pelos acemistas que estavam na capital gaúcha. Um recorte de jornal, sem identificação do periódico, sob o título F. G. Gaelzer, anunciava a expectativa.

No mez passado recebemos uma longa carta deste consocio, que está matriculado em escola superior na cidade de Chicago E.U.A. aperfeiçoando-se em Educação Physica. Seu curso terminará no próximo anno (1922), sendo que, nesta ocasião virá á nossa Capital para tomar conta do departamento physico da nossa Associação²⁹².

Para o ano letivo seguinte, 1920-1921, Gaelzer aparece, nos documentos do *College*, no segundo ano de formação e Renato Andrade²⁹³ iniciava seus estudos, os dois contemplados com bolsa. Em 1921-1922, Andrade permanecia arrolado na lista de estudantes do primeiro ano²⁹⁴, já Gaelzer não consta em nenhuma das listagens apresentadas de alunos do curso. Se, num primeiro momento, o estranhamento pelo seu não aparecimento como aluno do *College* produziu um conjunto de interrogações, logo, este sugeriu um deslocamento no modo de ler as fontes. No cruzamento dos documentos institucionais com os pessoais, um olhar que continuava a buscar pela Associação Cristã de Moços, mas também atento às possibilidades de encontro com outras perspectivas formativas. Assim, outra instituição entra em cena no percurso de Gaelzer: a Universidade de Chicago. Em currículo produzido por sua filha, consta a menção

²⁹¹ Relatório à Diretoria da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 35-36. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 11.02.2017.

²⁹² Álbum pessoal organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 49. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40797>>. Acesso em 13.02.2017.

²⁹³ Em comparação com os documentos sobre Gaelzer, as fontes localizadas que informam sobre a formação de Renato Eloy de Andrade nos Estados Unidos são mais escassas. Contudo, não é possível afirmar que este não tenha produzido memórias, relatórios, ou outros registros sobre o período no qual esteve em Chicago.

²⁹⁴ No documento *The Young Men's Christian Association College. Announcements for 1922-23* em que o *College* anunciava o fundo de bolsas para estrangeiros, não estão arrolados os titulares de bolsas do ano letivo referente a 1921-1922.

“1921 – ‘Master of Science’ em Educação Física e Recreação – Universidade de Chicago, USA, 1920 (matrícula nº 83027)”²⁹⁵. A partir desse vestígio foi possível localizar na documentação do *College* uma parceria deste com a Universidade.

The master. Coordenando os cursos profissionais do *Association College* com os cursos de pós-graduação da Universidade de Chicago ou da Universidade do Noroeste, o estudante pode assim organizar seu trabalho de modo a torná-lo aplicável para o *Master* (A.M ou M.S) de uma dessas duas instituições durante o tempo que ele está trabalhando em seu curso profissional²⁹⁶.

As duas universidades solicitavam que o candidato possuísse “licenciatura de uma instituição de nível educacional satisfatório e o trabalho de graduação deve ter incluído uma sequência de matérias aceitáveis em conteúdo e caráter para o departamento da universidade em que o grau é procurado”. Para o *master* na Universidade de Chicago, os requisitos para formação constituíam-se do cumprimento de uma carga horária de aulas e elaboração de uma tese, tarefas que comporiam um ano completo de trabalho acadêmico. Diante de tais condições, o *College* ressaltava que “o estudante que é candidato a um diploma universitário em tal curso de combinação deve satisfazer os requisitos de entrada e outros da universidade em que ele se matricula”²⁹⁷. Gaelzer apresentou indício de que seus estudos aconteceriam em duas instituições já em 1919. Dizia que, “passado o Summer School, voltei a Chicago, onde estou residindo actualmente. Aluguei um quarto a cinco quadras do Collegio e tres da Universidade, estando desta forma perto de minhas aulas”²⁹⁸. Nesse momento, Gaelzer encontrava-se formalmente vinculado no *The Young Men’s Christian Association College*, cuja matrícula como aluno foi registrada em 5 de julho de 1919. A admissão para a Universidade de Chicago teria acontecido em 21 de junho de 1920, como consta em um documento da instituição²⁹⁹.

²⁹⁵ Cópia do curriculum vitae de Frederico Guilherme Gaelzer, organizado por sua filha Lenea Gaelzer na década de 1980. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40698>>. Acesso em 13.02.2017.

²⁹⁶ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1920-21. April, 1920, p. 42. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁹⁷ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1920-21. April, 1920, p. 42. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

²⁹⁸ Relatório à Diretoria da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 10. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 13.02.2017.

²⁹⁹ Álbum pessoal organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 20. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40797>>. Acesso em 13.02.2017.

Nos documentos do *College* para o período de 1922-1923, a situação não se alterou. Gaelzer não tinha seu nome na listagem dos alunos. Andrade ainda no primeiro ano de curso. O fato de não ter avançado na formação em Educação Física chama atenção. Não parece um erro de impressão do documento, uma vez que as listas apresentadas indicam nomes de diferentes estudantes durante os três períodos letivos em que Andrade (re)aparece no primeiro ano. As palavras de sua partida do Brasil para os estudos nos Estados Unidos podem sugerir uma pista: a insegurança. Comentando sobre a responsabilidade de ter sido distinguido para fazer o curso no exterior, exprime que teria “motivos de justo desvanecimento se me não sobressaltasse o receio da minha deficiência, obstáculo irremovível, talvez, para corresponder cabalmente à confiança que em mim depositada (...)”. Andrade conta que ao esboçar as palavras de agradecimento para aquela que seria uma reunião de despedida, a imaginação “o transportava para o silêncio de um quarto de estudos em Chicago, um pensamento inquietante e desconsolado veio roubar a tranquilidade com que traçava estas linhas”. A preocupação fazia-o interrogar-se a si próprio: “E se não tiver força para vencer as dificuldades? E se fôr vencido, e não lograr triunfar das minhas deficiências?”. Os motivos da insegurança demonstrada por Andrade não são explicitados: a língua estrangeira, o distanciamento, o pequeno repertório de saberes relacionados à Educação Física? Uma mistura de sentimentos? Seu texto de despedida colocava sob interrogação ter sido ele o melhor candidato para cursar a formação no exterior. Ao citar Sims como amigo, revela “que entre tantos, quiçá mais competentes, quiz escolher a mim para seu companheiro de magisterio”³⁰⁰. Uma escolha baseada em critérios técnicos, em características pessoais, na aptidão demonstrada para o projeto acemista, na amizade construída pelos dois? Um bocadinho de cada aspecto? O que se pode afirmar é que o missionário estrangeiro teve importância para a viagem de Renato Andrade aos Estados Unidos. Manoel Eloy de Andrade, seu pai, relata em uma espécie de diário, a vinculação do filho à Associação Cristã de Moços no Rio de Janeiro e afirma que “alí, logrando amizade com um dos seus diretores, Mr. Sims, conseguiu, com pequena subvenção, ir estudar nos Estados Unidos, em Chicago, onde estive dois anos e meio”³⁰¹.

Sujeito presente na trajetória de Andrade, Sims foi quem o inspirou, o modelo a ser seguido, o que demandava de Andrade o peso da responsabilidade e da expectativa em torno do seu nome, da sua formação, de suas ações. Ele parecia constituir-se como aposta, “uma das

³⁰⁰ Mocidade, setembro de 1920, n 319, p. 8-10.

³⁰¹ Livro do Eloy, 14 de janeiro de 1940. Acervo pessoal Eloy de Andrade. Agradeço a Eloy Franca de Andrade a cópia de algumas páginas desse documento.

melhores esperanças na A.C.M. no Brasil”³⁰². No processo de mediação estabelecido pela Associação, ele poderia ser um herdeiro da obra empreendida por Sims como diretor físico no Rio³⁰³. Uma fotografia de 1919 (Figura 13) sugere uma releitura de uma imagem publicada anos antes (Figura 12), em que, numa mudança de papeis, Andrade de aluno/jogador parece passar a atuar como professor/técnico, assumindo assim um papel que fora de Sims quando, em 1915, atuava como diretor.



Figura 12: O time de basquete da ACM do Rio de Janeiro em 1915: Sims, diretor; Andrade, jogador.
Fonte: Revista Educação Physica, numero dedicado á Technica do Basket Ball, 1932, p. 100.

³⁰² Recorte de jornal, s/d. Acervo pessoal de Cristina Garnett Brum. Agradeço a Cristina, sobrinha neta de Renato Eloy de Andrade, o envio desse documento.

³⁰³ Tomo aqui como referência a contribuição de Sirinelli (2003), ao afirmar que um intelectual também se define por referência ao patrimônio dos mais velhos, seja pela adesão ou pela ruptura.



Figura 13: Na Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro, Renato Eloy de Andrade e os campeões de um campeonato interno de basquete em 1919.

Fonte: YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 130.

Entre a possibilidade de adesão e ruptura com o projeto acemista, as imagens sugerem que Andrade agia como um legatário. A Associação ressaltava o legado e afirmava que nele, “a A.C.M. justificadamente antevê um Director físico *digno* do seu animoso, jovial, e sincero Professor, H. Sims”³⁰⁴. Ressalte-se que foi Andrade a suceder Sims no departamento físico da ACM do Rio quando se ausentou para a guerra. Sua vocação para o trabalho ali demandado foi enaltecida. “Emquanto esteve fóra, Mr. Sims foi substituído pelo novo consocio Sr. Renato de Andrade, que a todos contentou, pela sua grande aptidão, e pela irradiação permanente de sua bondade”³⁰⁵.

Em 1923, a *Mocidade* anunciava que em junho daquele ano fora autorizada verba para o regresso de Gaelzer e Andrade que se encontravam em estudos nos Estados Unidos³⁰⁶. Se as fontes indicam a vinculação dos dois brasileiros à instituição formativa em Chicago, não é possível afirmar que eles concluíram os estudos no *College*. Para Andrade, uma evidência, porque a repetição incessante no primeiro ano nos permite supor que não cumpriu os requisitos para aprovação. No caso de Gaelzer, o aparecimento de seu nome só até o segundo ano de curso e a inscrição em seu currículo dos estudos na Universidade de Chicago, podem sugerir que ele tenha diplomado-se pelo curso combinado desta com o *College*. Em setembro daquele mesmo ano, o periódico acemista, referindo-se à ACM de Porto Alegre, registrava que era

³⁰⁴ *Mocidade*, setembro de 1920, n. 319, p. 8 (grifo meu).

³⁰⁵ *Mocidade*, abril de 1920, n. 314, p. 14.

³⁰⁶ *Mocidade*, agosto de 1923, n. 354.

“ansiosamente esperado o sr. Gaelzer, director de educação physica, de regresso dos Estados Unidos”³⁰⁷. Já em outubro, noticiava a realização de uma festa, “que tambem teve o caracter de recepção em honra do senhor Renato de Andrade, que regressou dos Estados Unidos”³⁰⁸.

A não diplomação de Andrade no *College* pode sugerir porque ele posteriormente estudou e formou-se no Instituto Técnico das Associações Cristãs de Moços, em Montevidéu. Parece ter sido ali que, de fato, ele certificou-se como diretor físico. Seguindo essa pista, um recorte de jornal afirma que Andrade estava “ultimando no Uruguay estudos começados nos Estados Unidos, em Chicago e Lake Geneva, e nesta cidade, no nosso bem aparelhado Instituto Technico”³⁰⁹.

Também Gaelzer esteve no Instituto Técnico. Recortes de jornal por ele reunidos, sem indicação de data e procedência, indicam sua passagem por Montevidéu.

F. G. Gaelzer

Chegou esta semana, de regresso dos E. U. da America do Norte, o nosso consocio cujo nome encabeça estas linhas. O senhor Gaelzer esteve cursando as escolas do departamento physico nos E. U. durante quatro annos. A sua demora nesta capital será sómente de algumas semanas seguindo em seguida para Montevidéo onde vae aperfeiçoar os seus conhecimentos. A sua passagem pelas escolas superiores da America do Norte foi brilhante, tendo tirado as melhores notas nos seus estudos; isto é certamente para nós motivo de alegria, pois assim a nossa Associação foi honrada fora das nossas fronteiras por um filho digno e dedicado.

Frederico Guilherme Gaelzer

Em transito para Porto-Alegre e Montevidéo, onde cursará o nosso Instituto Technico, está entre nós o sr. Frederico Guilherme Gaelzer, um dos esteios mais fortes do progresso da educação physica nos próximos annos. O sr Gaelzer frequentou a Escola de Chicago, indo especializar-se agora em Montevidéo³¹⁰.

No quadro de preparação técnica estabelecido pela Associação Cristã de Moços, o Instituto Técnico constituiu-se como instância formadora do secretariado, especialmente, para a América do Sul. Na formação de diretores físicos organizada no Uruguai, a produção de referências pedagógicas e culturais para atender às especificidades dos países daquele espaço continental.

³⁰⁷ Mocidade, setembro de 1923, n. 355, p. 16.

³⁰⁸ Mocidade, outubro de 1923, n. 356, p. 9.

³⁰⁹ Recorte de jornal, s/d. Acervo pessoal de Cristina Garnett Brum, sobrinha neta de Renato Eloy de Andrade.

³¹⁰ Álbum pessoal organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 103-104. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40797>>. Acesso em 18.02.2017.

3.2.2 No Instituto Técnico das ACM's: uma preparação *na e para* a América do Sul

“Vengo para adaptar los conocimientos adquiridos en Norte América al espíritu latino.”³¹¹. A resposta de Gaelzer ao questionamento sobre sua missão no Uruguai, quando de uma entrevista a um jornal do país, apresenta uma das justificativas centrais para a criação do Instituto Técnico, o estudo de elementos sociais, culturais, de países como Brasil, Argentina, Uruguai e Chile, nos quais a ACM constituía sedes.

Para a formação de diretores gerais e de Educação Física, um plano de estudos que abarcava “junto con la enseñanza técnica específica una sólida preparación cultural, e incorporando métodos cada vez más científicos de servicio social, a impulso de los nuevos requerimientos”³¹². Perspectiva de preparação mais ampliada que balizou os cursos na Escola de formação e no *College* da Associação Cristã de Moços, nos Estados Unidos. Como ressaltado, o país foi referência para a organização do Instituto. Ganha destaque de forma mais explícita, o aspecto de serviço social que permeava a preparação e atuação do secretariado acemista, de tal modo que os homens ocupantes dos serviços na Associação foram chamados “engenheiros sociais”. Quando da ocasião dos primeiros diplomados pelo Instituto, pronunciou-se a *Asociación Cristiana de Jóvenes*, de Montevideú, no seu boletim mensal:

Los jóvenes mencionados en el artículo anterior, son los primeros sudamericanos que, después de haber cursado estudios especiales, se dedicaron a una profesión que, muy justamente, ha sido clasificada con el nombre de “ingeniería social”. El título es novedoso como, entre nosotros, lo es también la profesión. Empero, no por novedoso es fantástico; se ajusta estrictamente a la realidad; a la misión, de carácter sociológico, que se confía a esos hombres que, en contacto con la juventud de sus respectivos países, tratarán de ayudarla en la formación de su carácter, en la orientación de sus ideales³¹³.

Nas iniciativas da ACM na América do Sul, talvez fossem demandadas e esperadas com mais vigor ações motivadas pela realidade social. O que estava em jogo era a modificação de costumes considerados inadequados, talvez mais acentuados em alguns países sul-americanos, para a vinculação de condutas cristãs. A Associação assumiria uma forma de responsabilidade

³¹¹ Álbum pessoal organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 106. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40797>>. Acesso em 18.02.2017.

³¹² INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926, p. 3.

³¹³ Boletín Mensual Asociación Cristiana de Jóvenes, año VIII, n. 88, diciembre de 1925, p. 3.

social, um comprometimento para com os problemas experimentados nos contextos dos países sul-americanos.

A descrição do programa de estudos reforça a explicitação da atuação social do secretariado. O ensino teria um objetivo eminentemente prático “de acuerdo con las finalidades de la carrera, que son de servicio social”. Este, pautado no desenvolvimento de ações intimamente relacionadas aos problemas contextuais, especialmente, aqueles relativos à formação do jovem. O método pedagógico do curso consistia, fundamentalmente, no desenvolvimento individual do aluno e “su vinculación cada vez más profunda con los problemas del medio ambiente en que ha de desarrollar su acción, mediante la constante aplicación de sus conocimientos a ese medio”³¹⁴.

Em uma organização similar ao do *College* em Chicago, a formação no Instituto consistia em quatro anos de estudos. Para cada ano, três períodos de doze semanas. Ainda era requisitado ao aluno cursar dois períodos na Escola de Verão. No conjunto de matérias estabelecido para a preparação do secretariado, outras semelhanças com o curso organizado nos Estados Unidos. Os conhecimentos biológicos, o estudo da religião, o saber que envolvia a especificidade da Associação Cristã de Moços, a presença da tese, as temáticas das ciências sociais, a aposta na prática de trabalho como uma forma de exercitar a vocação são indícios da afinidade estabelecida entre a formação no Instituto Técnico e na instituição de Chicago.

A) Biología, Higiene y Cursos anexos.

1. Biología (incluyendo elementos de Bacteriología e Antropología). 2. Higiene individual. 3. Educación sexual. 4. Primeros auxilios. 5. Anatomía y Quimesiología. 6. Anatomía y Fisiología. 7. Física y Química Fisiológicas. 8. Higiene (General, Escolar, Doméstica e Industrial). 9. Fisiología. 10. Fisiología del Ejercicio. 11. Antropología Física (Antropometría). 12. Masaje. 13. Examen Físico. 14. Prescripción del Ejercicio y Gimnasia Terapéutica.

B) Cristianismo y Religión en General.

1. Introducción al Estudio de la Biblia. 2. Antecedentes del Cristianismo. 3. Biografía de Jesús. 4. Enseñanzas de Jesús. 5. Vida y Epístolas de San Pablo. 6. Fundamentos de la Fe Cristiana. 7. Historia del Cristianismo desde el siglo II al XV. 8. Cristo y el individuo. 9. Historia de la Reforma. 10. Ideología y Expansión del Cristianismo Moderno. 11. Religiones Comparadas. 12. Cristo y la Sociedad.

C) Sociología.

1. Historia de la Civilización. 2. Elementos del Catastro Social. 3. Introducción. 4. Legislación Social del país. 5. Industria Moderna. 6. La Ciudad Moderna. 7. Economía Política. 8. Problemas Sociales. 9. Métodos modernos de Filantropía, Acción Social y Evangelización. 10. Derecho Constitucional Americano Comparado. 11. Problemas internacionales modernos y Sudamérica contemporánea.

³¹⁴ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926, p. 6-7.

D) Materias Técnicas de la Asociación Cristiana de Jóvenes.

1. Historia. 2. Teoría. 3. Métodos. 4. Finanzas. 5. Administración. 6. Relaciones. 7. División Menores. 8. Introducción a la Educación Física. 9. Historia de la Educación Física. 10. Organización y Administración de la Educación Física en la Asociación. 11. Idem en Escuelas, Clubs, Colegios, etc. 12. Idem en Plazas de Deportes. 13. Dibujo e construcción. 14. Fomento e publicidad. 15. Preparación del personal. 16. Contacto Social (Principios del Arte de Convencer, aplicado a la Asociación).

E) Psicología y Pedagogía.

1. Odegética. 2. Psicología de la Religión, de la Experiencia Religiosa. 3. Psicología Genética, Experimental, Social. 4. Pedagogía.

F) Filosofía.

1. Historia del Pensamiento Antiguo. 2. Historia de la Filosofía. 3. Filosofía Moderna.

G) Idiomas y Literatura.

1. Inglés o Francés. 2. Castellano o Portugués. 3. Literatura Espiritual Edificante. 4. Literatura Clásica.

H) Visitas Educativas a otras Asociaciones.**I) Cursos especiales sobre campamentos, etc, en la Escuela Veraniega.****J) Práctica en el trabajo regular de la Asociación.****K) Tesis³¹⁵.**

O conjunto geral de temáticas a ser tratado no curso do Instituto Técnico foi também noticiado pela *Mocidade* no Brasil. Em sintonia com o programa exposto pela instituição, anunciava o periódico que “além das materias propriamente technicas referentes ao serviço interno da ACM leccionam-se materias biologicas, historicas, pedagogicas, philosophicas, juridicas, hygienicas, linguisticas, moraes e sociaes”³¹⁶. Para ministrar as aulas que tinham lugar na Escola do Rio, durante os primeiros anos da preparação, um grupo de professores que incluía o diretor físico, Sims. O periódico das ACM's no Brasil anunciava para o ano de 1925:

O trabalho didactico foi assim destribuido pelo corpo docente:

Dr. Ugo Pinheiro Guimarães, Biologia; *Dr. Ignacio Raposo*, Historia, Sociologia; *Dr. J. P. Fontenelle*, Hygiene; *Rev. Odilon D. R. Moraes*, Hodegetica, Pensamento antigo, Litteratura; *Dr. Oswaldo M. Rezende*, Historia da ACM e da Educação Physica; *Dr. Francisco Salles Malheiros*, Portuguez; *H. J. Sims*, Educação Physica; *Dr. Savio Gasparini*, Anatomia; *Onofre Machado*, Finanzas da ACM.; *W. B. Davison*, Principios do acemismo. Leituras edificantes; *Dr. Amilcar F. da Rosa*, Primeiros soccorros; *Rev. N. S. Harris*, Biographia de Jesus, Ensinos de Jesus, Vida e cartas de S. Paulo, e Principios fundamentaes do Christianismo³¹⁷.

³¹⁵ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926, p. 7-8 (grifos do autor).

³¹⁶ *Mocidade*, janeiro de 1925, n. 371, p. 5.

³¹⁷ *Mocidade*, março de 1925, n. 373, p. 15 (grifos do autor). Destaque-se do grupo de professores o Dr. J. P. Fontenelle, médico, que estabeleceu interlocução com a Associação Brasileira de Educação, assumindo durante um período sua Seção de Educação Física e Higiene (LINHALES, 2006). Espaço no qual Sims constituiu diálogo referente à preparação técnica do professorado e à criação de praças de jogos.

Cultura geral, um conjunto de técnicas, convicções cristãs, visão de gestão social eram elementos destacados pelo Instituto Técnico para apontar os traços distintivos daqueles que, quando diplomados, exerceriam a direção geral ou física nas ACM's. A formação do secretariado na América do Sul produziu uma expectativa de que a Associação fosse conduzida por sujeitos com a nacionalidade do país em que a sede estava instalada. Referindo-se aos alunos formados em 1925 pelo Instituto, a publicação da ACJ em Montevideu informava que eles “se incorporan a la obra Sudamericana como los primeros secretarios nacionales para trabajar en colaboración con los secretarios extranjeros que tan fundamental, e intensa obra vienen realizando en estos países”³¹⁸.

É possível afirmar que o Instituto Técnico teve no período entre 1925 e os anos iniciais de 1930 a primeira fase de seu trabalho, sustentada pelos elementos até aqui analisados. A estrutura de estudos inicialmente organizada sofreu alterações no decorrer da década de 1930 em função do menor aporte institucional concedido.

La crisis mundial del período 1929-33 repercutió sobre el Instituto Técnico obligándolo a modificar su funcionamiento. Las contribuciones del Comité Internacional y de las Asociaciones federadas, que constituyen el sostén del Instituto, sufrieron una considerable merma, por causa de la situación económica en que cayeron todos los países. De allí que fué necesario establecer métodos más moderados en el costo para seguir manteniendo en función el Instituto. La modificación consistió en cerrar las Escuelas de Buenos Aires y de Río de Janeiro y concentrar los cursos en Montevideo en la totalidad de su duración, cuatro años.

Em relação aos brasileiros que frequentaram o Instituto Técnico, a expectativa, em alguma medida, pareceu ser atendida. No período relativo a 1925-1932 podem ser citados Ernesto Thenn de Barros e Edyl T. Marques, formados em Direção Técnica Geral; Henry P. Clark, Renato Eloy de Andrade, Oswaldo Diniz Magalhães, Silas Raeder e Cyro A. de Moraes formados em Direção Técnica de Educação Física³¹⁹.

Sobre Edyl T. Marques, nascido em Niterói e formado pelo Instituto em 1930, as informações encontradas são restritas. Contudo, parece que seguiu atuando junto à Associação. Quando de sua formatura, Edyl “ha asistido a dos Escuelas Veraniegas en Piriápolis como también en carácter de delegado extraoficial a la IV Convención de la Federación Sudamericana

³¹⁸ Boletín Mensual Asociación Cristiana de Jóvenes, año VIII, n. 88, diciembre de 1925, p. 3.

³¹⁹ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926; Idem Diplomados de 1927; Idem Diplomados de 1928; Idem Diplomados de 1929; Idem Diplomados de 1930.

en el mismo lugar, y ha hecho dos visitas educacionales, una a la Argentina y la otra al Brasil”³²⁰.

Filho de Myron Clark, missionário da ACM no Brasil, Henry P. Clark nasceu no Rio de Janeiro e diplomou-se em 1925 pelo Instituto. Retornou ao Rio nesse mesmo ano quando passou a ocupar o cargo de subdiretor do departamento físico da Associação na cidade³²¹. Foi atuante no diálogo estabelecido entre a ACM e a Associação Brasileira de Educação. Henry Clark esteve disponível nas ações de formação de professores especializados em Educação Física, participou de um inquérito produzido pela Seção de Educação Física e Higiene da ABE, emitindo opiniões em um questionário que continha quatro perguntas que versavam sobre os métodos de Educação Física, a identidade do professor, a formação e ação governamental frente às questões que envolviam a Educação Física (LINHALES, 2006).

Formado em 1926 pelo Instituto, Renato Eloy de Andrade teria passado a ocupar a partir de então o cargo de diretor físico da ACM em Porto Alegre³²². Antes, registros indicam sua vinculação com a Associação Cristã de Moços desde 1913, quando teria entrado para o “Corpo de Monitores, começando a trabalhar oficialmente em 1916, no Departamento de Educação Physica”³²³. Já em 1915, foi realizado o primeiro campeonato metropolitano de basquete no então Distrito Federal, organizado pela ACM do Rio. O time dessa instituição foi campeão de tal torneio e Andrade era um de seus jogadores³²⁴. Em seguida, ele ocupou o cargo de diretor do departamento físico da ACM quando Sims precisou ausentar-se do país no período de 1917 a 1920. Renato Andrade era prestigiado nas produções acemistas. A referência feita em publicações da Associação à sua pessoa e ao seu trabalho é marcadamente enaltecida. São citadas menções a ele como sujeito portador de “grande aptidão”, que agradava a todos “pela irradiação permanente de sua bondade”³²⁵ e ainda “muito simpático, sempre de bom humor, infatigável”³²⁶. Passados seus estudos na ACM, Andrade constituiu sua trajetória profissional em Minas Gerais, quando, em 1928, foi nomeado como Inspetor de Educação Física. A partir dali, passou a organizar cursos para especialização de professoras na disciplina, escreveu artigos, protagonizou a criação de praças de jogos em Minas, dentre outras ações na Inspeção

³²⁰ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Diplomados de 1930, p. 7.

³²¹ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926.

³²² INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Graduados de 1925 y 1926. Não foi possível precisar se Renato Eloy de Andrade teve essa passagem por Porto Alegre. Os documentos mobilizados nesta pesquisa mostram sua maior inserção na sede da ACM no Rio de Janeiro.

³²³ Recorte de jornal, s/d. Acervo pessoal Cristina Garnett Brum.

³²⁴ Revista Educação Physica, 1932.

³²⁵ Mocidade, abril de 1920, p. 14.

³²⁶ Mocidade, setembro de 1920, p. 8.

de Educação Física do estado. Também estabeleceu interlocução com a ABE. Foi convidado a responder o questionário anteriormente citado, participou da VI Conferência Nacional de Educação realizada no Ceará, em 1934, na condição de relator da Seção de Educação Física e Recreação. Em 1935, ocupou a vice-presidência da Seção de Educação Física da ABE Nacional, além de ter se associado ao departamento mineiro da Associação já em 1929 (SILVA, 2009).

Em 1927 aconteceram as formaturas de Oswaldo Diniz Magalhães e Silas Raeder. Sobre o primeiro, ao regressar o Brasil, dirigiu o departamento de Educação Física da ACM de São Paulo. Foi idealizador e executor da *Hora da Ginástica*, programa de rádio que teve seu início em 1932, na Rádio Educadora Paulista. Ao comentar sobre a ideia do programa radiofônico, Oswaldo Diniz Magalhães afirmou que

Tudo começou no último trimestre de 1927, em Montevidéu, quando terminei o Curso de Professor de Educação Física do Instituto Técnico das Associações Cristãs de Moços Sul-Americanos.

(...) Dias antes das provas finais, examinando dados estatísticos e culturais do Brasil, destaquei três melancólicas revelações: o baixo nível da saúde de nossa gente, a pouca aplicação das atividades físicas e os precários recursos técnico-pedagógicos da difusão educativa em todo o território do nosso vasto País (CARVALHO, 1994, p. 29).

A análise da estrutura da Hora da Ginástica permite indicar a presença de elementos do projeto acemista. O programa era dividido basicamente em duas partes: a ginástica, que consistia no sistema calistênico³²⁷; e o suplemento, uma espécie de divulgação educativa, que se constituía, dentre outros, de temas cristãos, valor da ginástica, objetivos da Educação Física e higiene pessoal e social (CARVALHO, 1994). O diretor físico também esteve presente no diálogo com a ABE. Respondeu ao citado questionário sobre Educação Física, assumiu a secretaria da SEPH, e em 1933 foi nomeado para comissão de Educação Física da mesma Seção. No VII Congresso Nacional de Educação, em 1935, foi conferencista e discorreu sobre *O valor da recreação na vida adulta* (LINHALES, 2006).

Silas Raeder, assim que formado no Instituto, também seguiu prestando trabalhos à Associação. Foi designado *diretor de menores* da ACM do Rio³²⁸. Ainda, como outros diplomados em Montevidéu, estabeleceu relações com a ABE. Foi convidado a responder o já referido questionário produzido pela Associação em 1929, participou de reuniões da SEPH, foi

³²⁷ Inezil Penna Marinho destacou o papel da Associação Cristã de Moços, nos Estados Unidos, para a difusão da calistenia pelo mundo. Afirmou ele que tal prática popularizou-se e “logo se viu espalhada pelos cinco continentes, levada pelos Secretários e Diretores de Educação Física graduados nas escolas, de Springfield e Chicago” (MARINHO, s/d, p. 265-267).

³²⁸ INSTITUTO TÉCNICO DE LAS ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JÓVENES. Diplomados de 1927.

signatário do documento intitulado *A Educação Física no Brasil*, publicado em 1930. Este era um parecer sobre a proposta de um anteprojeto elaborado pelo Ministério da Guerra relativo à Educação Física no país (LINHALES, 2006). Raeder estabeleceu ainda uma parceria com Oswaldo Diniz Magalhães no programa Hora da Ginástica quando, em parte dos anos de 1933 e 1934, ficou responsável por um horário das aulas (CARVALHO, 1994).

Em 1929, diplomou-se Cyro A. de Moraes, que após a formatura, voltou ao Rio Janeiro para dedicar-se ao Departamento de Educação Física da ACM. Na relação com a ABE, foi convidado para apresentar uma tese no VII Congresso Nacional de Educação na sessão intitulada *A organização de institutos de Educação Física* (LINHALES, 2006).

Cabe ainda destacar que entre os brasileiros formados no Instituto Técnico, no período de 1925 a 1932, Renato Eloy de Andrade, Oswaldo Diniz Magalhães, Silas Raeder e Cyro de Moraes³²⁹, escreveram textos para a *Revista Educação Physica*, sendo assim colaboradores do periódico que foi criado

conforme seus editores, pela necessidade que percebiam de os professores de Educação Física ter acesso a um impresso que servisse como meio de fazer circular os ideais da verdadeira educação, o que para eles consistia em levar em consideração as três dimensões do processo educativo: a intelectual, a moral e a física (SCHNEIDER; FERREIRA NETO, 2008, p. 142).

Percebe-se assim que a formação no Instituto Técnico ressoou em diferentes instâncias de atuação. Seja na própria ACM ou a partir de outros pertencimentos institucionais, os diretores brasileiros parecem fazer circular no Brasil elementos da formação acemista, especialmente, a partir das iniciativas relativas à Educação Física. Modos de atuar que passaram a ser reconhecidos pela própria Associação:

La gran mayoría de los graduados del Instituto Técnico se hallan desempeñando cargos de Secretarios en las diversas Asociaciones del Continente.

No pueden faltar razones que alejen a aquéllos del propósito de dedicarse a la obra de la Asociación, pero es interesante manifestar que los graduados sobre quienes han imperado aquellas razones se hallan, en general, ocupando cargos de alta responsabilidad en otras instituciones y llevando a cabo tareas en las que tienen aplicación los conocimientos y métodos impartidos por el Instituto Técnico³³⁰.

³²⁹ No estudo feito por Schneider e Ferreira Neto (2008) são apresentados outros nove nomes que também eram colaboradores da *Revista Educação Physica* e mantinham relações diretas com a ACM.

³³⁰ INSTITUTO TECNICO DE LA FEDERACION SUDAMERICANA DE ASOCIACIONES CRISTIANAS DE JOVENES – 25º Aniversario de su Fundación 1922 – 1947, p. 49.

Nos nomes apresentados como formandos no período de 1925 a 1932, não aparece Frederico Guilherme Gaelzer. Apesar dos indícios de formação no Uruguai, inclusive aqueles presentes em um impresso que parece ser do próprio Instituto, não foram encontradas pistas que ele tenha ali se diplomado. “El señor Federico Guillermo Gaelzer cursará en nuestra Escuela, los últimos dos años que le faltan para graduar-se de Director de Educación Física”, aponta um recorte de publicação. O próprio Gaelzer admite sua passagem pela instituição ao dizer que “los uruguayos tienen en su ciudad la Escuela Profesional Técnica de las Asociaciones Cristianas de Jóvenes, y a ella pues debo concurrir para conseguir adaptar mis conocimientos”³³¹. A ausência de datas em alguns documentos mobilizados, especialmente aqueles que são recortes de publicação, dificultou o cruzamento mais preciso dos vestígios; contudo, é possível sugerir que Gaelzer tenha feito tal ‘aperfeiçoamento’ não na condição de estudante, mas, de um colaborador do Instituto, ou ainda, como aluno que teria frequentado aulas e mobilizado estudos na instituição, sem, no entanto, ter uma vinculação formal. Em ata da ACJ de Montevideu, em 1923, consta a aprovação de seu nome para a prestação de trabalhos no ginásio da Associação.

Dirección del Gimnasio. En la imposibilidad de llenar, por este año, el cargo de Director Físico de nuestro Gimnasio y teniendo en cuenta el peligro que esto representa para la buena marcha del Gimnasio se resolvió, después de un largo cambio de ideas, aceptar la recomendación presentada por la Comisión del Departamento Físico, en el sentido de reforzar el personal técnico de aquel departamento dando un cargo en el mismo al Sr. Gaelzer de Porto Alegre, quien habia cursado dos años en el Colegio profesional de Chicago y podría además, continuar su estudios en la Escuela Profesional de Montevideo³³².

A expectativa de Gaelzer depois de sua passagem pelo Uruguai era retornar ao Brasil, porque estaria comprometido com a ACM de Porto Alegre. A exemplo de outros brasileiros, ocupou outros cargos, inclusive vinculados a órgãos públicos, fazendo circular elementos das proposições da Associação Cristã de Moços.

No modelo de formação estabelecido pela ACM, a necessidade de discussão de problemas sociais locais produziu a constituição de um instituto para preparação técnica atento às especificidades culturais dos países da América do Sul. Constituir uma carreira baseada em ideais cristãos e em intervenção social e, ao mesmo tempo, atentar para a diversidade dos

³³¹ Álbum pessoal organizado por Frederico Guilherme Gaelzer (1919), p. 106-107. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40797>>. Acesso em 22.02.2017.

³³² ASOCIACIÓN CRISTIANA DE JÓVENES, Montevideo. Acta de la 1ª sesión del Directorio en su 14º ejercicio social. 15 de fevereiro de 1923.

espaços de intervenção, promoveu uma perspectiva de formação baseada em conhecimento geral e também em saberes afeitos à ambiência plural em que o projeto acemista era empreendido. A perspectiva de preparação da ACM estava informada por uma ideia de educação liberal apresentada recorrentemente nas fontes a partir de uma preparação mais alargada no tocante aos saberes, e prolongada no que diz respeito ao tempo, na relação dos estudos com as práticas na comunidade, na expectativa de formação de uma elite.

Uma estratégia acemista para incentivar a preparação técnica eram as práticas internas para uma formação de público potencial para atuação na instituição. Para o período estudado, existia uma mediação que se fazia no interior da própria ACM, entre missionários estadunidenses, secretários, diretores físicos experientes e jovens com competências desejáveis para o trabalho na Associação. Sims, Gaelzer e Andrade iniciaram sua preparação técnica nos Estados Unidos pelas mãos de sujeitos já estabelecidos naquela instituição. Gomes e Hansen (2016) ressaltam um interesse característico de muitos mediadores na “elaboração de produtos culturais que atinjam públicos mais jovens – os ‘cidadãos do futuro’ –, por via da instituição escolar ou não, e que reforcem narrativas identitárias, as quais contribuem para a formação de culturas políticas que defendam valores por eles acreditados” (p. 28). A Associação pareceu dedicar-se a tal dinâmica e produziu uma carreira representada pela figura do homem executivo, pelos atrativos profissionais para os jovens, e, essencialmente vinculada à dimensão altruística e ao valor social de sua ação responsável. Pareceu relevante perceber a ACM como um *microcosmo* e tomar como referência as contribuições de Sirinelli (2003). A Associação constituiu-se como espaço no qual sujeitos compartilharam uma identidade, empreenderam uma formação especializada que os demandou atributos específicos, e estabeleceram relações, muitas afetivas, marcadas pela afinidade, lealdade e pelo apadrinhamento.

Para a manutenção e afirmação da identidade acemista, as experiências com os afazeres sociais representativos da ACM aparecem como tarefa estudantil no decorrer dos cursos. Esse aspecto de relevo no processo de produção do secretariado seria uma forma de exercer a vocação tão estimada pela Associação. Não por acaso, um dos requisitos para admissão nos estudos promovidos em Chicago ou em Montevideu era a indicação de membros da própria ACM onde o candidato a estudante tivesse já demonstrado trabalho e características coerentes com o projeto desenvolvido pela instituição.

Constituir-se como diretor físico pressupunha uma preparação técnica com ênfase nos conhecimentos biológicos – higiene, anatomia, fisiologia, etc. – mas também com acesso aos saberes dedicados à psicologia, sociologia e filosofia que permitiriam o trato do jovem a partir de uma perspectiva social. Pensada a partir da intencionalidade de ocupação de cargos

acemistas, a formação demandou ainda a compreensão da estrutura e política interna da Associação. O acesso a diferentes práticas de exercícios físicos também configurou os estudos de Sims, Gaelzer e Andrade promovidos pela ACM. Ao constituir uma identidade profissional para os que trabalhariam com a Educação Física, é possível operar com os sujeitos em formação e atuação na Associação Cristã de Moços a partir de uma chave interpretativa anunciada por Gomes e Hansen (2016) que permite pensar “os intelectuais mediadores que dirigiram suas ações para a formação de profissionais em sua própria área de especialidade, objetivando disseminar práticas e saberes que seriam responsáveis por circunscrever campos disciplinares e conferir uma identidade a seus membros” (p. 20). Os diretores físicos ali formados parecem atuar dessa forma tanto no interior da Associação, quanto no espraiamento de ações relativas à formação do professorado do ensino primário, à construção de praças de jogos, à presença do esporte nos diferentes espaços urbanos. A modelagem aprendida/produzida/ensinada pelos diretores físicos acemistas participou da constituição da Educação Física como disciplina no Brasil, ainda que não tivesse sido gestada na ACM com tal finalidade.

O intuito inicial era de que a formação como secretário geral ou diretor físico significasse especializar-se para atuação naquela instituição. Contudo, à medida que maior número de secretariado se formava, a Associação reconhecia a possibilidade de vínculo com outros estabelecimentos e órgãos, sem que fosse abandonado o projeto por ela estabelecido. Apesar da pretensão primeira de circunscrever as ações e os significados das iniciativas acemistas aos jovens, especialmente aqueles associados, não foi possível à ACM ignorar outras intencionalidades, outros sentidos para o projeto por ela organizado. Era a ressonância de conhecimentos, princípios, prescrições e práticas acemistas em espaços e para sujeitos inicialmente não priorizados pela instituição. Nesse processo de circulação, apropriações produzidas pelos diretores físicos-mediadores foram incorporadas a diferentes iniciativas que compuseram a Educação Física no Brasil.

CAPÍTULO 4 - A PARTIR DA ASSOCIAÇÃO CRISTÃ DE MOÇOS, EXPERIÊNCIAS DE ESCOLARIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL: MODOS DE CIRCULAÇÃO, PRÁTICAS DE APROPRIAÇÃO

Arduo será o mister de adaptar os processos e idéas correntes na America do Norte ás condições peculiares do Rio. Lastimavel, por exemplo, seria que fossemos viver, de novo, enclausurados em gymnasios confinados. Quem possui a admiravel e salubre natureza do Rio não póde construir gymnasios em que o ar é, forçosamente, escasso e a luz comparativamente nulla. No nosso clima, em que o inverno é uma figura de rhetorica, parece-nos verdadeiro absurdo os gymnasios “dentro de casa” medida que entretanto, reconhecemos necessaria na America do Norte para a protecção contra o frio (O. M. Rezende, Gymnasios ao ar livre)³³³.

As palavras de Oswaldo Rezende, publicadas na revista *Mocidade*, indicam sua preocupação em construir sentidos próprios para práticas culturais que chegavam da América do Norte, leia-se dos Estados Unidos. Na sua forma de interpretar, as condições brasileiras possibilitavam e até mesmo exigiam outros modos de construção dos espaços para a prática dos exercícios físicos, diferentes daqueles do país exterior. O autor sugeria uma mudança no olhar lançado para as ideias estrangeiras que aqui circulavam, não mais de recepção passiva, uma vez que a continuidade da simples replicação de tais ideias seria “lastimável”, mas de transformação em função dos condicionantes naturais e climáticos que marcavam o Rio de Janeiro. Era a partir de condições particulares da cidade que o autor propunha a apropriação de aspectos da cultura física estadunidense. Essa maneira de agir exigia trabalho árduo, mas, nas suas palavras, as adaptações eram vistas como imperativas, condições necessárias para empreender ações referentes aos exercícios físicos no Rio. Para Rezende, seria descabido na capital brasileira a edificação de um ginásio “dentro de casa”, denominação bem expressa ao analisarmos a imagem de uma das construções utilizadas para aula prática de ginástica no *summer camp* da YMCA em *Lake Geneva*.

³³³ *Mocidade*, outubro de 1924, n. 368, p. 11-12.



Figura 14: Local onde eram ministradas as aulas de ginástica prática em *Lake Geneva*.
 Fonte: Relatório à Diretoria da Associação Cristã de Moços de Porto Alegre. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 9.³³⁴

Na epígrafe que anuncia este capítulo destaca-se a dinâmica de interpretação de um elemento cultural com o propósito de constituir novas formas de concebê-lo. Esse modo de agir, próprio dos mediadores, é orientador para a análise que se pretendeu neste momento da investigação. A partir da circulação da modelagem acemista promovida por diferentes diretores físicos, em especial, o trânsito de saberes realizado por Sims, Andrade e Gaelzer, a operação aqui recai sobre o movimento de apropriação e reelaboração de sentidos, prescrições e práticas da ACM em experiências de escolarização da Educação Física no Brasil. Esse modo de análise toma como contribuição a operação proposta por Marta Carvalho (2009), ao abordar objetos culturais como produtos de práticas sociais determinadas. A autora afirma que, do ponto de vista histórico, a análise desses objetos demanda apreendê-los nos processos que os produzem, os propagam e deles fazem uso.

Assim, tomando as proposições da ACM como um objeto cultural, é possível ressaltar um conjunto de ações que revela um trânsito de elementos da Educação Física ali promovida em debates e práticas que pretendiam maior sistematização para o ensino da disciplina. Processos formais de transmissão de saberes, ampliação dos espaços de sociabilidade, produção de material escrito e ocupação de cargos públicos compunham tal conjunto. Compreendido como sujeito “entre dois mundos” o mediador cultural é a noção aqui mobilizada pela capacidade de produzir novas interpretações e novas sínteses porque “não apenas promove a circulação, ou o trânsito, como também produz novas configurações culturais dele resultantes”

³³⁴ Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 12.03.2017.

(FONSECA, 2012, p. 307). Os sujeitos destacados na narrativa atuaram por meio de práticas e projetos políticos variados. Ao tomar como objeto de investigação suas ações que intentaram promover a escolarização da Educação Física, foi preciso não perder de vista que elas estavam integradas a outros espaços, outras atribuições, que se constituíram como variáveis para o surgimento de novas maneiras de pensar, sentir e agir. Isso considerado, ao mesmo passo que elementos regulares foram identificados, configurações particulares às experiências de cada sujeito puderam também ser estabelecidas.

Informada pelo estudo de Baía (2012) que aborda a relação entre o americanismo e o projeto formador acemista, tomei o que o autor denominou de *valores presentes na cultura norte-americana que circularam no Brasil* - dos quais muitos mantinham afinada conexão com a ética protestante -, como possibilidade interpretativa para as ações de Sims, Andrade e Gaelzer³³⁵. Esta operação permitiu identificar nas experiências brasileiras para a escolarização da Educação Física a presença da eficiência, do governo de si, da orientação moral, da responsabilidade individual e dos costumes humanitários ora como justificativas, ora como finalidades das ações que envolviam os elementos de constituição da disciplina.

4.1. A partir da produção e tradução de textos, divulgando maneiras de fazer Educação Física

A veiculação de proposições a respeito da Educação Física forjada na ACM foi mobilizada por Sims pela publicação em impressos, tanto pela produção de textos próprios, quanto pela prática editorial da tradução. O periódico oficial da Associação no Brasil, *Mocidade*, foi veículo privilegiado para fazer circular as palavras do diretor físico da sede do Rio de Janeiro.

³³⁵ “No processo de construção do projeto de formação acemista, percebe-se a presença de alguns traços da cultura norte-americana, os quais marcaram a construção da identidade de Myron Clark – em maior ou menor grau – e circularam pelo Brasil. Valores como: Vitória e Êxito; Atividade e Trabalho; Orientação Moral; Costumes Humanísticos; Eficiência e Espírito Prático; Progresso, Ciência e Racionalidade Secular; Igualdade e Liberdade, que emergiram das fontes consultadas, foram também destacados por Williams Jr (1969) como parte do que ele considerava “valores dominantes”, ou seja, aqueles diferenciados, compreendidos como centrais na cultura norte-americana” (BAÍA, 2012, p. 34).

Quadro 1: Textos produzidos por Sims, como autor ou tradutor, publicados na *Mocidade*

Título	Autoria/tradução	Data de publicação
O mínimo que todo o homem deve saber quanto á sua saúde	Autoria de George Fisher. Editado por H. J. Sims.	Junho de 1913
As origens da educação physica da A.C.M.	Tradução e adaptação tirada do livro “Educação Physica”, por H. J. Sims.	Abril de 1921
As origens da educação physica da A.C.M. (continuação)	Adaptado por H. J. Sims	Mai de 1921
As origens da educação physica da A.C.M. (continuação)	Adaptado por H. J. Sims	Junho de 1921
Qual é o campo de educação physica da A.C.M. e como é determinado	Tradução e adaptação do livro “Educação Physica”, por H. J. Sims.	Setembro de 1921
Fim e principios da Educação Physica	Tradução e adaptação do livro “Educação Physica”, por H. J. Sims.	Outubro de 1921
Fim e principios da Educação Physica (continuação)	Tradução e adaptação do livro “Educação Physica”, por H. J. Sims.	Novembro/Dezembro de 1921
Exercicio matutino para o quarto de dormir	Sistema organizado por H. J. Sims	Julho de 1923
Gymnastica de quarto	Sistema organizado por H. J. Sims	Outubro de 1923
Gymnastica de quarto	Por H. J. Sims	Novembro de 1923
Como podem as instituições particulares contribuir para a educação hygienica do povo? (These aprovada pelo 1º Congresso de Hygiene) ³³⁶	Por H. J. Sims	Dezembro de 1923

Muitos fragmentos dos textos escritos por Sims foram mobilizados no decorrer desse trabalho, uma vez que anunciavam elementos das proposições de Educação Física traçadas na ACM. Cabe ressaltar o papel mediador por ele assumido ao traduzir e adaptar referências estrangeiras para serem lidas no Brasil. Os diagnósticos produzidos sobre o país já indicavam para a YMCA a impossibilidade de operar com a língua inglesa nas cidades brasileiras. O acesso ao conhecimento estrangeiro sobre a Educação Física, sobretudo aquele produzido pelos estadunidenses, deu-se por intermédio da tradução.

³³⁶ No início do texto, Sims aparece como único autor do texto, contudo, ao fim consta o nome de O. M. Rezende.

A passagem de uma língua a outra era prática comum aos acemistas. Na *Mocidade*, além das traduções elaboradas por Sims, aparecem textos com indicação de tradução, sem, contudo, revelar quem a produziu³³⁷. Ainda é comum citações traduzidas de obras e periódicos, especialmente dos Estados Unidos. Como propulsores de ideias, os agentes que realizaram a produção escrita da Associação promoveram uma circulação de ideias estrangeiras que buscava formar e influenciar seu público. O impresso da Associação constituiu-se como dispositivo para valorização de referências externas que precisavam ser conhecidas, incorporadas e disseminadas.

Não foi possível localizar os textos originais que passaram pela tradução de Sims. Tal operação poderia revelar aspectos do dilema entre manter-se fiel ao texto e/ou elaborar formas de interpretação para tornar o estrangeiro compreensível aos leitores de uma outra língua, oferecendo a eles condições de inteligibilidade. “Entre a fidelidade que não é totalmente inteligível e a inteligibilidade que não é fiel” (PALLARES-BURKE, 1996, p.17), quais teriam sido as escolhas de Sims? O estudo comparativo entre os textos originais e aqueles traduzidos/adaptados iluminaria a compreensão do processo de apropriação da Educação Física acemista, de feição estadunidense, no país. Como desdobramento da pesquisa aqui empreendida, a ênfase sobre as alterações, os acréscimos e os desvios nos textos traduzidos, poderia revelar meandros dessa prática criativa.

De todo modo, os textos traduzidos e assinados por Sims sugerem a intenção de tornar comum ao Brasil um projeto para a Educação Física. A prática de fazer conhecer os elementos da cultura física acemista visava propósitos abrangentes. A incorporação de hábitos relacionados à saúde, a compreensão sobre a presença da Educação Física na ACM, o conhecimento dos propósitos do departamento físico, o convencimento para a prática de exercícios físicos, parecem compor finalidades com a tradução de publicações estrangeiras. Esse conjunto sugere uma pretensão de público abrangente, uma vez que os temas têm sua organização textual variada, alternando-se em narrativas mais aconselhadoras – de compreensão fácil devido ao estabelecimento de tópicos curtos e de orientação prática –, e narrativas mais longas e densas, que demandavam um interesse maior pela leitura. As primeiras parecem destinadas ao associado comum, a quem a ACM interessava (re)formar alguns costumes; as últimas, recomendavam um leitor curioso, quiçá com um repertório mais apurado de saberes para que se interessasse e compreendesse os elementos presentes no texto.

³³⁷ É o caso do texto *A necessidade da educação física e suas bases modernas*, de autoria de J. T. Hopkins, que teve sua primeira parte publicada em novembro de 1920 e a segunda em dezembro do mesmo ano.

Esse movimento acemista de tradução pode ser percebido também na *Revista Educação Physica*. Fundada por iniciativa de Paulo Lotufo e Oswaldo Murgel Rezende³³⁸, sujeitos que tiveram formação e atuação na ACM, foi produzida no Rio de Janeiro no período de 1932 a 1945 e, em suas perspectivas iniciais, pretendia ser reconhecida como orientadora da Educação Física em âmbito nacional (SCHNEIDER, 2010). Tal periódico teve marcada presença de textos cujos autores mantiveram em algum momento relações com a ACM, inclusive Sims e Andrade, constituindo-se como dispositivo de mediação para a difusão do projeto forjado na Associação Cristã de Moços³³⁹. Schneider e Ferreira Neto (2008) afirmam que:

A cultura esportiva veiculada por meio da revista Educação Physica fazia parte de um movimento mais geral de difusão da cultura Norte-Americana sobre a América Latina, os editores representantes da Associação Cristã de Moços acreditavam serem os apóstolos da Educação Física que possuíam um evangelho a ser compartilhado com a sociedade (p. 156).

Muitas das produções textuais para a revista eram traduções. Destaque-se uma delas, intitulada *A nova Educação Física*. Seu modo de difusão e suas versões em diferentes línguas sugerem um esforço de internacionalização da Educação Física promovida pela Associação. Na versão em espanhol o autor é Jorge Fisher; nos textos em português, Dr. Fisher. Embora nominado como Irving Fisher em algumas publicações brasileiras, a versão em língua espanhola sugere que se trate de George Fisher, autor de outros textos traduzidos e veiculados no periódico *Mocidade*, e Chefe do Departamento Physico da Comissão Internacional das ACM's. O referido texto, traduzido de uma revista dos Estados Unidos, *Association Men* (indícios a vinculam à YMCA), teve uma versão em espanhol publicada em 1921, nos *Reglamentos Oficiales de Juegos Atlético*s, adotados como oficiais pela Federação Sul-americana das Associações Cristãs de Moços, e, em 1922, no boletim da ACJ de Montevideú³⁴⁰. O texto em português teve sua primeira publicação na *Revista Educação Physica* em 1934 e, na mesma década, foi reproduzido, de maneira completa e em fragmentos, em outras edições do periódico. À primeira vista, a tradução, nesse caso, além de atravessar fronteiras espaciais –

³³⁸ Schneider (2010) afirma que Paulo Lotufo diplomou-se em Educação Física no Instituto Técnico das Associações Cristãs de Moços e trabalhou na ACM do Rio, e, Oswaldo Murgel Rezende foi professor de Educação Física também na sede carioca. Pelo envolvimento com a ACM, a assinatura de O. M. Rezende como autoria da epígrafe deste capítulo, sugere que se trate do referido Oswaldo.

³³⁹ O texto de autoria de Sims intitula-se *Histórico do basket-ball no Brasil* e foi publicado no primeiro número da Revista em 1932. O artigo de Renato Eloy Andrade, *Os parques de recreação physica popular*, foi divulgado no número 18 do periódico, em 1938. Tais produções não foram aqui analisadas pois não tratam, notadamente, de elementos da escolarização da Educação Física, mas relacionam o esporte e os espaços recreativos a outros aspectos como a institucionalização esportiva e a urbanização das cidades.

³⁴⁰ Boletín de la Asociación Cristiana de Jóvenes de Montevideo, marzo de 1922.

dos Estados Unidos para países de língua espanhola e para o Brasil –, caracterizou-se pela travessia temporal de ideias. Não foi possível localizar a data de produção do original, mas, considerando-se a versão espanhola e a portuguesa, foram 13 anos de diferença para a publicação. Além do mais, existe a indicação de que tal tradução tenha sido divulgada na revista brasileira ainda na década de 1940 (FERREIRA NETO, 2002). Ao mesmo tempo em que as proposições da ACM pareciam produzir lastro, a insistência do impresso em estampar “a nova Educação Física” pode indicar uma tentativa de afirmação contínua para sua execução. Ainda, é possível sugerir a presença de entraves para que as propostas fossem executadas. Dificuldade de pessoal, limitações financeiras, projetos políticos, proposições concorrentes, muitos poderiam ser os obstáculos para o êxito do projeto acemista³⁴¹.

O exercício comparativo das versões em espanhol e em língua portuguesa indica que uma marca peculiar da primeira não aparece na tradução para os brasileiros: a referência religiosa.

El nuevo día requiere una nueva y atrayente forma de interpretar la religión. La nueva educación física, presenta el tipo viril y la bondad. La religión para esta nueva época, es más objetiva que subjetiva. Avalúa más los hechos que los credos. Cristo fuerte, robusto, masculino, es el Cristo que hoy apela con éxito a los hombres, y la educación física es parte de Su programa, porque tiende a engrandecer la vida³⁴²

Das traduções expostas na *Revista Educação Physica* por mim acessadas, a publicada em dezembro de 1937 apresenta apenas um fragmento do texto espanhol. As divulgadas em abril de 1937 e em julho de 1939 trazem o artigo quase na íntegra, pois suprimem o referido parágrafo sobre a dimensão religiosa. Apesar da marcante presença acemista na revista, é importante ressaltar que outras pessoas, outros projetos para a Educação Física também tiveram visibilidade ali. Não tomar parte na manifestação de caráter religioso expressa pelo Dr. Fisher pode ter configurado para o tradutor, não identificado nas fontes, uma pretensão de neutralidade diante da diversidade de sujeitos e de ideias que se apresentava no todo do periódico. Isso porque, como colaboradores do impresso, figuravam “diretores de colégios, diretores de associações esportivas, educadores, jornalistas, cultores do esporte e militares” (SCHNEIDER, 2010, p. 209). Para aglutinar esse conjunto, que se apresentava de modo não necessariamente coerente, era necessário um arranjo que parecia comportar negociações.

³⁴¹ O trabalho feito por Renato Eloy de Andrade a frente da Inspeção de Educação Física de Minas Gerais, que indica uma boa adesão às propostas acemistas, foi interrompido por mudanças políticas de governo. Cf. Silva (2009).

³⁴² YMCA. *Reglamentos Oficiales de juegos atléticos*. New York: American Sports Publishing Co. 1921, p. 11.

As demais orientações para “a nova Educação Física” defendiam, sobretudo, o vigor orgânico, o domínio de si, os hábitos morais e a educação social. Elementos que organizaram experiências com a Educação Física no país impulsionadas por mãos acemistas, incluindo-se aí aquela empreendida em Minas Gerais por Renato Eloy de Andrade.

Como estratégia para fazer circular a Educação Física que se queria ver praticada em Minas, Andrade organizou diferentes ações: cursos intensivos, reuniões formais com professoras, e publicações em impressos. Por meio destas, ele e suas colaboradoras na Inspeção produziram orientações para a sistematização do exercício docente, que foram aqui analisadas operando com as contribuições de Marta Carvalho (1998b) quando esta, ao tomar a noção de estratégia de Michel de Certeau, aponta as possibilidades de utilizar os impressos para proceder a uma história cultural dos saberes pedagógicos.

Aplicado, por exemplo, a uma história dos impressos de destinação escolar, o conceito põe em evidência dispositivos de imposição de saberes e normatização de práticas, referidos a lugares de poder determinados: uma casa de edição; um departamento governamental; uma instância eclesiástica; uma iniciativa de reforma educacional; etc. Analisados como produtos de estratégias determinadas, os materiais impressos deixam ler as marcas de usos prescritos e de destinatários visados. Fornecem indícios sobre as práticas escolares que se formalizam nos seus usos, mas têm o seu peso documental fortemente demarcado por sua relação com as estratégias de que são produto (p. 35).

Pressupostos pedagógicos, atividades para o ensino, procedimentos metodológicos, finalidades da matéria, múltiplas prescrições que, analisadas, deixam ver na Educação Física proposta em Minas, elementos daquela forjada pela ACM. A produção individual e coletiva³⁴³ de Andrade foi publicada principalmente em dois suportes: a *Revista do Ensino* de Minas Gerais, que tinha, entre suas finalidades, instruir e harmonizar o exercício do magistério, colocar o professorado a par dos acontecimentos do ensino, publicar iniciativas docentes, e divulgar atos oficiais³⁴⁴; e o *Boletim Educação Physica (Jogos e Callisthenia)*, produção que integrou um conjunto de publicações organizadas pela Secretaria da Educação e Saúde Pública de Minas³⁴⁵.

³⁴³ Em alguns textos, Renato Eloy de Andrade partilha a autoria com professoras auxiliares da Inspeção de Educação Física: Guiomar Meirelles Becker, Zembla Soares de Sá e Diumira Campos de Paiva.

³⁴⁴ MINAS GERAIS. Decreto n. 6.655, de 19 de agosto de 1924. Collecção das Leis e Decretos do Estado de Minas Geraes, 1924. Bello Horizonte, 1925.

³⁴⁵ Registros informam que tal impresso contou com a circulação da *Revista do Ensino* para ser distribuído por todo o Estado. Em outubro de 1935, existe a indicação de remessa a docentes de 77 cidades de Minas (Jornal Minas Geraes, 9 de outubro de 1935). No mês seguinte, a Inspeção avisava o despacho do *Boletim* para Escolas Normais da capital e do interior (Jornal Minas Geraes, 15 de novembro de 1935).

Quadro 2: Textos de autoria de Renato Eloy de Andrade publicados na *Revista do Ensino*

Título	Autoria	Ano de publicação
Educação Physica - Marchas	Renato Eloy de Andrade	1928
Educação Physica – Sua eficiencia e a professora	Renato Eloy de Andrade	1929
Educação Physica - Jogos menores	Adaptação de Renato Eloy de Andrade	1929
Educação Physica - Callisthenia	Renato Eloy de Andrade	1929
Objetivos na organização e administração da Educação Física escolar	Renato Eloy de Andrade, Guiomar Meirelles e Zembla Soares de Sá	1931
Corpo de <i>leaders</i>	Renato Eloy de Andrade, Guiomar Meirelles e Zembla Soares de Sá	1931
Excursão e sua relação com a Educação Física	Renato Eloy de Andrade, Zembla Soares de Sá e Guiomar Meirelles	1932
Para a gymnastica historiada	Contribuição da Inspectoria de Educação Physica	1935
A Educação Physica tratada em Congresso	Renato Eloy de Andrade	1935
Inspetoria de Educação Física - Portaria n. 1	Renato Eloy de Andrade	1937

Quadro 3: Textos de autoria de Renato Eloy de Andrade publicados no *Boletim Educação Physica (Jogos e Callisthenia)*

Título	Autoria
O espirito e o systema neuro muscular	Renato Eloy de Andrade
O uso dos jogos	Renato Eloy de Andrade, Guiomar Meirelles, Zembla Soares de Sá e Diumira Campos de Paiva
Calistenia	Zembla Soares de Sá, Guiomar Meirelles e Renato Eloy de Andrade

Como textos oficiais, essas produções buscavam seus leitores - o professorado mineiro, e apresentavam ao seu público tanto uma dimensão mais formativa, na qual eram explicitadas prescrições de práticas, orientações metodológicas, diretrizes para a organização do ensino de Educação Física, quanto uma dimensão informativa, que noticiava instruções oficiais e informações de eventos e ocorrências no país.

No arranjo de proposições anunciado pelos textos do Inspetor de Educação Física, destaca-se, até mesmo pelo título, a constituição do corpo de *leaders*. Indícios sobre a vinculação de Andrade à Associação Cristã de Moços anunciam sua adesão a uma organização de denominação similar. “Entrou para a A.C.M. em 1913 no Corpo de Monitores”, registrou

um recorte de jornal³⁴⁶. Na experiência que pretendeu para Minas, o Inspetor demonstra pontos de contato com práticas acemistas. Dentre as atribuições do *leader*, encontravam-se a de auxiliar a professora e fomentar a prática da Educação Física. Deveria ser ele um altruísta, uma vez que, “deve possuir uma convicção profunda da necessidade de se identificar com uma organização com alcances tão vitais e que bem vale o tempo, o esforço, o sacrifício, o preparo e o serviço que a ela se dedique”³⁴⁷. No estatuto da organização, outro código em diálogo com a ACM: “constitue-se o emblema dos leaders de um circulo com um triangulo inscrito, trazendo ao centro as iniciais do estabelecimento a que pertencem”³⁴⁸. Este símbolo é muito similar a uma versão usada pela Associação Cristã de Moços (figura 15). São práticas, valores e marcas identitárias que sugerem com quem o Inspetor em Minas dialogava.



Figura 15: Símbolo da ACM (1920)
Fonte: Mocidade, n. 320, outubro de 1920, p. 1.

Das práticas sugeridas para as aulas de Educação Física, dá-se ênfase à calistenia e aos jogos. Para a primeira, sua finalidade educativa consistia “na boa postura, no avivar da atenção e das reacções mentaes e na educação do aparelho neuro-muscular, de modo a dar ao individuo o governo do seu corpo”.³⁴⁹ Em estudo anterior, afirmei que dois diferentes primados estavam em debate nas proposições para a calistenia. “Um relativo à ortopedia que fazia alusão às práticas de prevenção e correção da deformação, e outro, referente à eficiência, metáfora de uma intervenção pedagógica impregnada pelos ritmos fabris e pela pretendida vida moderna”

³⁴⁶ Recorte de jornal, s/d. Acervo pessoal de Cristina Garnett Brum.

³⁴⁷ Revista do Ensino, n. 59, 60, 61, julho/setembro de 1931, p. 81.

³⁴⁸ Revista do Ensino, n. 59, 60, 61, julho/setembro de 1931, p. 87.

³⁴⁹ Revista do Ensino, n. 39, novembro de 1929, p. 28.

(SILVA, 2009, p. 104)³⁵⁰. Em relação à ortopedia é possível sugerir uma nuance na compreensão que envolvia a correção dos corpos proposta por Andrade. Considerando as apropriações que realizou a partir da sistematização acemista, é possível sugerir que, ainda que não explicitado, tal endireitamento corporal estivesse também afinado com uma dimensão religiosa que demarcava a compreensão sobre o corpo. A ACM propagandeava: “Mantém o corpo em posição que não prejudique a saúde e a beleza. A MA’ POSIÇÃO DO CORPO REVELA UM ESPIRITO VENCIDO”³⁵¹.

Ao exigir posições controladas e disciplinadas pela vontade, a calistenia promoveria o vigor orgânico e o domínio de si. Elementos afinados com a proposta de “nova Educação Física” do Dr. Fisher. Renato Andrade ainda orientava que a professora deveria “despertar o indolente e apathico para uma vida mais calida a expansiva”, de modo a assegurar que os alunos incorporassem hábitos mais ativos e enérgicos; contudo, tal entusiasmo deveria ser regrado, cabendo também à professora “procurar sempre moderar os que vibram e sentem com excessiva intensidade”.³⁵² Às docentes incumbia conduzir a liberdade das crianças, de modo que elas desenvolvessem um autogoverno, combinando energia, interesse, paixão e moderação. Talvez resida nesse ajustamento o que o Inspetor de Educação Física chamou de dar aos alunos “o governo do seu corpo” quando da prática da calistenia. Na bibliografia elencada pelo autor, há o registro da interlocução com H. J. Sims.

A ideia de vigor também compunha os benefícios com a prática de jogos. “As crianças que são lerdas, retardadas e lethargicas; que observam pouco o que as cerca; que reagem vagarosamente a um estímulo externo; que são, numa palavra, lentas para ver, ouvir, pensar e fazer, podem ser completamente libertadas dessas deficiências”, afirmavam Renato Andrade e suas auxiliares na Inspeção, referindo-se aos “jogos, inteligentemente ministrados”³⁵³. Nas palavras anunciadas, outro elemento comum às ideias acemistas refere-se ao entendimento de que os jogos não encerrariam em si mesmos valores educativos, mas ofereceriam oportunidades para se alcançar finalidades biológicas e sociais. A partir da orientação inteligente das atividades é que tais objetivos seriam efetivamente alcançados. Daí, a importância primordial da formação do professorado de Educação Física. Nas diretrizes para o ensino de jogos na

³⁵⁰ Para maiores esclarecimentos sobre os primados da ortopedia e da eficiência, ver Marta Carvalho (1997) que trabalha com essas referências no campo educacional e Tarcísio Mauro Vago (2002) que traz esse debate para a Educação Física.

³⁵¹ Livro *Pró Saúde. Semana de Previdência*. Associação Christã de Moços do Rio de Janeiro. s/d. s/p. Box 4. YMCA international work in Brazil: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

³⁵² *Revista do Ensino*, n. 39, novembro de 1929, p. 29.

³⁵³ *Boletim Educação Physica (Jogos e Callisthenia)*, n. 18, 1935, p. 29.

escola é dado realce aos benefícios para a vida social. Afirmavam os autores que “os traços de caracter requeridos e cultivados por um trabalho em ‘team’, são altamente valiosos na vida pratica e social”³⁵⁴. Desse modo, o projeto de Educação Física estabelecido nas produções textuais da Inspetoria em Minas anunciava os jogos também como tempo/espço irradiador de códigos sociais e formador do caráter.

O controle científico do trabalho docente também foi tema de relevo nos artigos de Renato Andrade. Escrevia ele que “um programma de educação physica, preparado com todo o criterio scientifico, e ministrado sob as mesmas bases” estimularia a expansão instintiva dos alunos.³⁵⁵ Para tanto, a fisiologia cumpriria papel importante. O Inspetor asseverava que a “efficiencia da educação physica pode ser, *de visu*, cotada em uma só classe, pelos resultados physiologicos” observados nas crianças. Ao voltarem de uma aula de Educação Física, os alunos deveriam retornar com uma “physionomia alegre”. Se assim o fosse, era porque os exercícos haviam contribuído “no minimo, para descongestionar o cerebro, com saudavel uniformização das correntes de irrigação sanguinea por todo o corpo”. Caso contrário, se as crianças voltassem com “a cabeça baixa, olhar vago e passo frouxo”, as atividades possivelmente teriam sido contraproducentes. Uma hipótese para o trabalho negativo: “a dosagem do trabalho muscular foi excessiva e addicionou á fadiga intellectual a fadiga physica”. No repertório que deveria ser mobilizado, a presença da psicologia também é ressaltada. O sucesso no ensino de Educação Física dependia “em grande parte, senão na sua totalidade, do cabedal tecnico de que faz uso a professora; dos seus conhecimentos da natureza da criança através das suas observações e experiencias pessoaes e dos ensinamentos theoreticos colimados pela psychologia pedagogica moderna”³⁵⁶.

Importante destacar que, se é possível estabelecer interlocução entre a Educação Física promovida por Renato Andrade e aquela forjada na ACM, o Inspetor mobilizava também nos seus textos argumentos de educadores preocupados com o conhecimento sobre as crianças e sobre a psicologia infantil. Os diálogos estabelecidos com Claparède³⁵⁷ e Froebel³⁵⁸ são indícios do processo de apropriação elaborado por Andrade. Se na ACM, por seus estudos e por sua atuação, travou contato prioritariamente com o público jovem, ao tornar-se Inspetor, buscou oferecer condições ao professorado primário para ministrar às crianças o ensino de Educação

³⁵⁴ Boletim Educação Physica (Jogos e Callisthenia), n. 18, 1935, p. 32.

³⁵⁵ Revista do Ensino, n. 30, fevereiro de 1929, p. 53. (A numeração da folha está invertida, considerando a paginação continuada, o número correto seria 35).

³⁵⁶ Revista do Ensino, n. 30, fevereiro de 1929, p. 33.

³⁵⁷ Revista do Ensino, n. 33, maio de 1929, p. 6.

³⁵⁸ Boletim Educação Physica (Jogos e Callisthenia), n. 18, 1935, p. 5.

Física. A mudança de geração exigiu de Andrade um deslocamento de interlocução, de saberes e de argumentos. É possível que tal processo tenha contado com a contribuição das professoras que, junto a ele, organizaram os trabalhos na Inspeção de Educação Física³⁵⁹. Guiomar Meirelles, por exemplo, já tinha uma inserção escolar anterior à criação da Inspeção. Em 1914, foi designada para ministrar aulas de Ginástica em um grupo escolar de Belo Horizonte. Depois, em 1927, teve participação importante no Congresso de Instrução Primária, reconhecido como trabalho preparatório da reforma do ensino promovida naquele mesmo ano em Minas Gerais. No referido evento, Guiomar participou da elaboração de proposições que pretendiam sistematizar a presença da Educação Física nos estabelecimentos de ensino primário. Renato Andrade, logo quando chegou a Minas Gerais, destacou “a dedicação de sua colega, d. Guiomar Meirelles, que perante o poder legislativo estadual defendeu proficientemente a these que deu origem à criação da Inspeção de Educação Física”³⁶⁰. Parceria na Inspeção que se estendeu para o departamento mineiro da ABE, para a Escola de Aperfeiçoamento, e, quiçá, para o processo de recodificação operado por Andrade.

Com características diferentes - a *Mocidade* era o órgão oficial da Associação Cristã de Moços, a *Revista Educação Physica* destinava-se ao desenvolvimento do campo no Brasil, a *Revista do Ensino* e o *Boletim* tinham destinação escolar -, as publicações aqui destacadas circularam entre diferentes públicos comportando tanto textos mais devotados ao projeto acemista, porque originados em nome da Associação, quanto produções com maiores elementos de apropriação da modelagem forjada. Estas últimas, especialmente, elaboradas a partir de um outro lugar, um cargo público, que demandou interpretações daquela sistematização para constituir o processo de escolarização da Educação Física. Como dispositivos didáticos, participaram também do processo de formação do professorado. No movimento de diálogo com o espaço escolar e com a demanda de qualificação docente, os cursos para capacitar professoras a ensinar a matéria constituíram-se como ação de destaque.

³⁵⁹ Para maiores detalhes sobre as professoras auxiliares da Inspeção de Educação Física, ver Silva (2009).

³⁶⁰ Jornal Minas Geraes, 5 de outubro de 1928, p. 9.

4.2 Os cursos para a preparação do professorado: ressonância de uma estratégia acemista

Em divulgações marcadas pelo caráter altruístico, a Associação Cristã de Moços explicitava seu envolvimento com outros estabelecimentos interessados no desenvolvimento dos exercícios físicos, fossem eles voltados para a prática esportiva – “ocupa o cargo de director o sr. H. J. Sims, cujos conhecimentos technicos se acham ao dispor dos clubs e demais organizações desportivas dentro e fóra da capital”³⁶¹ –, fossem aqueles voltados para a educação escolar.

E não contente com cuidar carinhosamente dos seus socios, promptifica-se sempre em auxiliar collegios e instituições que manifestem o louvavel proposito de desenvolver o ensino da gymnastica entre os seus alumnos. Assim, por exemplo, durante o mez de janeiro, o sr. H. J. Sims, esforçado director de educação physica da A.C.M. do Rio, dirigiu com alta proficiencia um curso intensivo e eminentemente pratico dos principios e methodos de educação physica adoptados pela A.C.M., curso frequentado por uma senhorita e tres rapazes, todos brasileiros, cujos serviços serão aproveitados alhures para garantirem á Patria uma nova geração forte e robusta³⁶².

Formatada como um “curso intensivo e eminentemente pratico”, a preparação empreendida por Sims teve a duração de um mês e, possivelmente, em função do curto tempo, o diretor físico optou por lhe dar um caráter fundamentalmente prático, em detrimento de estudos mais abrangentes. Mesmo cerceado pela brevidade de sua duração, o curso configurou-se como espaço para ratificar uma das premissas acemistas: a formação moral. A notícia de sua realização exaltava aqueles “que se esforçam por salvar-lhe os filhos por intermedio da educação physica”³⁶³.

O empenho em desenvolver a Educação Física no Brasil possibilitou à ACM a conexão com outras instituições. A Associação Brasileira de Educação (ABE) configurou-se como um dos espaços de sociabilidade onde vínculos identitários foram estabelecidos, discussões de ideias foram travadas, negociações de interesses foram experimentadas, práticas culturais foram projetadas. Ao reunir sujeitos com diferentes formações e convicções, a ABE constituiu-se de agentes que ocupavam posições distintas no cenário que envolvia a educação, seja como representantes de outras associações, de impressos periódicos, ou de cargos públicos. Espaço de fermentação intelectual, conformou-se como importante lugar de produção de sentidos para

³⁶¹ Mocidade, setembro de 1922, n. 343, p. 18.

³⁶² Mocidade, abril de 1922, n. 338, p. 11-12.

³⁶³ Mocidade, abril de 1922, n. 338, p.12.

a educação brasileira, posicionando-se em uma multiplicidade de questões relativas a políticas públicas educacionais. Expressão dessa variedade são os diferentes grupos internos de trabalho, denominados *Seções*, ali estabelecidos³⁶⁴. É nessa trama de conexões que a Associação Cristã de Moços travou interlocução com a Seção de Educação Física e Higiene.

Constituída como um dos subgrupos de trabalho da ABE, a SEPH operou a partir de diferentes iniciativas. Reuniões, conferências, cursos de preparação docentes, diagnósticos temáticos e produção de documentos foram ações que marcaram a atuação de diferentes sujeitos na referida Seção. As atas das reuniões ali realizadas no período de 1926 a 1937 indicam um trânsito de pessoas, um fluxo de temáticas, um conjunto de proposições, como também, alguns silêncios pelos próprios limites do documento.

Miss Paulison, recém-chegada em 1928 à Associação Cristã Feminina (ACF)³⁶⁵, e diretora do seu departamento de Educação Física³⁶⁶, parece ser o primeiro nome acemista, expresso nas atas das reuniões, a estabelecer interlocução com a SEPH. Seu nome e sua vinculação à ACF aparecem em 1929 quando expôs sua compreensão acerca da preparação em Educação Física para professores primários. Por deliberação da Seção, houve o estabelecimento de uma parceria, a partir da qual ela dirigiria um curso especial da disciplina³⁶⁷.

Sob a direção da especialista Miss Helen C. Paulison, da Associação Christã Feminina, começa hoje, 23, o curso de educação physica para professoras, planejado pela Secção de Educação Physica e Hygiene.

Graças á gentileza do Club de Regatas Flamengo, o curso será dado no rink do mesmo club, á rua Paysandu' n. 267. Funcionará o mesmo todas as quintas-feiras, ás 11 horas da manhã durando uma hora. A inscripção foi aberta para professoras de escolas, quer publicas, quer particulares. O programma será o seguinte: 1º - taticas de marcha; 2º - gymnastica; 3º - jogos; 4º - danças regionaes³⁶⁸.

Como missionários no Brasil, Paulison e Sims, ao proporem cursos de formação, agiram, em alguma medida, sintonizados com o processo histórico de constituição da profissão daqueles que trabalhariam com a cultura física. Tempo de estudo em detrimento da atuação

³⁶⁴ A tese intitulada “A atividade da Associação Brasileira de Educação durante o ano de 1927 – relatórios das seções”, publicada nos anais da I Conferência Nacional de Educação, apresenta a existência de algumas seções como a de Ensino Técnico e Superior, de Ensino Primário, de Higiene e Educação Física, de Cooperação da Família, de Ensino Doméstico, de Radiocultura, de Assistência à Infância Abandonada e a de Divertimentos Infantis. Linhales, Lima e Oliveira. (2008, p. 9) ressaltam “que ao longo dos anos, algumas destas seções foram desmembradas ou tiveram seus trabalhos redimensionados enquanto outras deixaram de funcionar”.

³⁶⁵ Não foram localizados estudos que tenham se debruçado sobre a instalação da Associação Cristã Feminina no Brasil, suas características, propostas e seu funcionamento.

³⁶⁶ Jornal do Commercio, 25 de abril de 1928.

³⁶⁷ Ata da 13ª Reunião da Seção de Higiene e Educação Física. Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1929. Acervo ABE.

³⁶⁸ Jornal do Commercio, 23 de maio de 1929, p. 7.

circunscrita à experiência prática e à capacidade de demonstração de habilidades com os exercícios físicos. Contudo, na dinâmica de apropriação das iniciativas forjadas no interior da ACM, a preparação empreendida por Paulison distancia-se de uma formação mais abrangente, embasada no aprendizado de conhecimentos mais amplos relacionados à pedagogia, fisiologia, psicologia. No programa anunciado para o curso de Educação Física para professoras do Rio, observa-se um conjunto que se limitava a expressar os conteúdos a serem organizados pela disciplina: as marchas, a ginástica, os jogos e as danças.

Entre a formação voltada para diretores físicos e a preparação para sujeitos que atuavam em outros espaços da cidade, aqueles fora da Associação, a ACM parece produzir um lugar intermediário. A primeira, marcada por uma educação ampliada que promovesse a incorporação de um repertório de saberes, uma vez que a cultura física na ACM deveria ser orientada por “um profissional competente e diplomado, e não por um simples amador ou *sportman*”³⁶⁹. A segunda, rápida e pragmática. Entre o acesso a uma diversidade de conhecimentos e experiências, e o exercício leigo com os exercícios físicos, os acemistas inventaram um novo lugar que pudesse promover a disseminação de aspectos do seu projeto de Educação Física, mas não aos moldes oferecidos àqueles que se preparavam em seus institutos de formação.

É também em 1929 que Sims aparece como participante nas reuniões da SEPH. Um plano para a Educação Física dos escolares, a criação de *playgrounds* e a formação de técnicos foram temáticas discutidas pelo missionário acemista. Na ata da sessão de 02 de maio de 1929, a narrativa produzida pela secretária sobre os posicionamentos de Sims naquela reunião forjava um lugar de distinção em relação aos agentes acemistas. O diretor físico da ACM carioca “acha que a ABE deve tomar a si a organização de um plano geral que abranja e sistematize” aspectos relativos à presença da Educação Física nas escolas, “para isso deve a Seção de higiene promover uma reunião de técnicos no assunto. Está disposto a colaborar nesse estudo assim como seus companheiros de A.C.M.”³⁷⁰. Seja pela autodenominação de “técnicos no assunto” ou pela pertença de “especialista” atribuída pelo jornal do Commercio a Miss Paulison, as fontes produzem uma interpretação sobre os agentes acemistas que destaca seu lugar autorizado para opinar, discutir e atuar sobre a Educação Física. Portadores de saberes, eles disponibilizaram-se para a formação de professoras e técnicos que para a realização de seu ofício na escola ou nos extramuros da instituição escolar, demandavam uma preparação especializada. Sims, ao reiterar seu movimento para a criação de praças de jogos na cidade do

³⁶⁹ Mocidade, julho de 1918, n. 293, p. 11 (grifos do autor).

³⁷⁰ Ata da 20ª Reunião da Seção de Higiene e Educação Física. Rio de Janeiro, 02 de maio de 1929. Acervo ABE (grifo meu).

Rio de Janeiro, ponderou que “se essa Seção aprovar o seu programa, poderá organizar um curso para instruir os técnicos que irão encarregar-se da educação dos escolares nos ‘ground-players’”³⁷¹.

A articulação da ACM com a ABE acontece em um momento que parece de inflexão no interior da SEPH. Se no início de seus trabalhos, a higiene parece destacar-se, Linhales, Lima e Oliveira (2008, p. 4) afirmam que, “no ano de 1929, assuntos relacionados ao ensino e à organização curricular da Educação Física, bem como à formação de seus professores, começavam a ter maior regularidade nas reuniões da Seção”. A interlocução estabelecida entre as Associações pode ser interpretada como uma tentativa de engajamento da ACM nas questões políticas e pedagógicas que permeavam a educação de crianças e jovens, aumentando assim a ressonância de suas ideias, práticas e iniciativas. A ABE considerava o lugar autorizado dos acemistas. Evidência do reconhecimento foi a realização de um inquérito sobre a Educação Física, em 1929, no qual, sujeitos que mantiveram relação com a ACM foram chamados para produzir suas interpretações sobre o problema posto. O debate em torno de um anteprojeto que pretendia regulamentar o ensino de Educação Física no Brasil, enviado pelo Ministério da Guerra ao Congresso Nacional e de forte vínculo militar, chamou para o embate um conjunto de diretores físicos, brasileiros e estrangeiros, formados pela ACM, destacados pela ABE como reconhecidos conhecedores do assunto³⁷². Na correspondência enviada em nome da SEPH por Gustavo Lessa aos especialistas,³⁷³ havia um questionário composto por quatro perguntas, a saber:

1º – Quaes os methodos de educação physica que julgais aconselhaveis nas escolas primarias e secundarias?

2º – Deverá a educação physica nas escolas primarias ser ministrada por uma professora que leccione tambem outras disciplinas, ou por um membro do magisterio especializado, ou por ambos?

3º – Em que especie de instituição devem ser preparados os professores de educação physica destinados ás escolas primarias e secundarias? Achais aconselhaveis para tal fim escolas de educação physica no tipo do Instituto Central de Stocholmo, ou da Escola de Gand ou da Escola de Joinville-le-Pont?

4º – Qual deve ser a acção respectiva dos governos federal e estadoaes, na solução do problema?

³⁷¹ Ata da 20ª Reunião da Seção de Higiene e Educação Física. Rio de Janeiro, 02 de maio de 1929. Acervo ABE.

³⁷² Para maiores detalhes sobre o referido anteprojeto e o inquérito estabelecido na ABE, cf. Linhales (2006).

³⁷³ Linhales (2006) apresenta indícios de que a consulta aos especialistas foi ampla, envolvendo sujeitos com diferentes pertencimentos, inclusive signatários do anteprojeto.

Parece-nos possível assumir para as respostas ao inquérito uma argumentação esboçada por Sirinelli (2003), que entende os manifestos e os abaixo-assinados como uma forma possível das pessoas contarem-se em um ato. De modo mais recortado, interessou compreender como os acemistas mobilizaram a partir da sistematização de Educação Física empreendida na ACM, articulações para o debate relativo à formação de professores³⁷⁴. Modos de interpretação diferenciados e marcados pelas trajetórias profissionais. *Contar-se* no inquérito foi também um exercício de exposição de outros pertencimentos. Dos respondentes acemistas, muitos ainda mantinham vínculo de trabalho com a Associação, outros haviam se formado ali mas encontravam-se ocupando outros espaços, exercendo práticas de apropriação dos aprendizados na ACM. Para o debate relativo à formação de professores, essa foi uma baliza importante porque permitiu evidenciar uma nuance nas formas de articulação.

A necessidade de um instituto para preparação especializada do professorado primário e secundário – o da ACM sediado em Montevideu foi citado como exemplo –, e a denominação “diretor” como responsável pelas aulas de Educação Física ou como orientador dos professores dedicados ao ensino da matéria foram recorrentes nas respostas daqueles que ainda mantinham vínculo formal com a Associação. É o caso de Alberto Regina, James Summers, Cyro de Moraes, Frederick Dickens e Oswaldo Diniz Magalhães que emitiram suas opiniões em papel timbrado das respectivas sedes com que mantinham relação. Convidados a estabelecer reflexões para outro espaço onde a Educação Física se realizaria - a escola-, reforçavam elementos do modo de formação que conheceram no interior da ACM. Para estes sujeitos, aqueles que se dedicavam ao ensino de exercícios físicos, à administração de um departamento físico, às proposições de divulgação da cultura física na cidade estudavam em *institutos* da Associação (em Springfield, em Chicago, em Montevideu) e eram diplomados como *diretores físicos*. Talvez não tivessem eles tido a oportunidade e a necessidade de operar na realidade com as demandas de organização da Educação Física na escola, como foi o caso de Emilio Chapella, egresso da *Springfield College YMCA* (MORO, 2012). Ocupando o cargo de Inspetor Técnico na Comissão Nacional de Educação Física do Uruguai, Chapella atuou como instrutor em cursos intensivos para a preparação de professores da matéria. Nas suas respostas, indica os

³⁷⁴ Do acervo da ABE foram acessadas as respostas de Alfredo Wood (Porto Alegre), Oswaldo Diniz Magalhães (São Paulo), Alberto Regina (Buenos Aires), Federico Dickens (Buenos Aires), James Summers e Cyro de Moraes (Montevideu), e Hugo Grassi (Montevideu) (As cidades inseridas nos parênteses correspondem à localidade onde foram emitidas as respostas). Os nomes de H. J. Sims e Renato Eloy de Andrade constam em uma “lista das pessoas que ainda não enviaram resposta do inquerito da secção de Educação Physica”, presente no acervo da ABE. Também nesse acervo, uma correspondência de Frederico Guilherme Gaelzer, datada de 26 de agosto de 1929, na qual este acusava o recebimento do questionário, justificava a ausência de suas respostas devido às ocupações como Inspetor Educação Física do Rio Grande do Sul, e se comprometia a enviar o Programa Estadual de Educação Física a Gustavo Lessa.

serviços de um diretor físico se o intuito fosse para o desenvolvimento de um programa amplo de Educação Física “incluyendo en ésto, la preparación del personal, construcciones, ligas deportivas, liceales y escolares y todo lo necesario al tipo de programa adaptable a niños y jóvenes”. Tratando especificamente da formação de um magistério especializado, mobiliza sua experiência para afirmar: “la situación financiera de las organizaciones es las que aconseja los procedimientos a usar. – Aquí en el Uruguay se emplean todos los medios posibles”³⁷⁵. Os cursos periódicos para especializar professores era um deles. Se nuances entre o papel do diretor físico, as aulas de Educação Física na escola e a formação de professores podem ser indicadas nas respostas dos acemistas, em sua regularidade eles afirmam como imperativo a preparação técnica, os estudos científicos e o desenvolvimento de competências para os sujeitos responsáveis pela Educação Física nas escolas.

Renato Eloy de Andrade, convidado pela SEPH a responder o questionário, também empreendeu ações para formação especializada quando assumiu o cargo de Inspetor de Educação Física de Minas Gerais³⁷⁶. No estado, ele vinculou-se ao departamento mineiro da ABE em 1929³⁷⁷. Não foram encontradas maiores informações sobre o funcionamento desse núcleo da Associação. É possível registrar a ocorrência de algumas sessões naquele ano em que foram tratados a organização da representação do departamento mineiro no congresso da ABE em São Paulo e “diversos assumptos importantes do maior interesse para a causa do ensino”³⁷⁸. A escassez de vestígios pode ser justificada pelo olhar lançado às fontes, que acabou por captar circunstancialmente a existência desse núcleo em Minas e, talvez, porque a expectativa inicial da ABE de ser uma entidade de abrangência nacional não tenha sido plenamente colocada em prática, e seu departamento carioca acabou por comportar uma centralidade nas práticas institucionais (LINHALES, 2006). Contudo, a conexão de Andrade com a ABE estabeleceu-se ainda por ocasião de outras iniciativas da Associação, como a participação em congressos organizados pela entidade e o posto de vice-presidente da sessão de Educação Física. Tal relação por vezes ganhou visibilidade na imprensa mineira que noticiou em matérias relativas aos VI e VII Congresso Nacional de Educação a participação do Inspetor de Educação Física, destacando-o como “técnico de reconhecido valor e realmente interessado pelo assunto de sua especialidade”³⁷⁹.

³⁷⁵ Correspondência de Emilio Chapella a Gustavo Lessa, 27 de setembro de 1929. Acervo ABE.

³⁷⁶ No acervo da ABE, suas respostas não foram localizadas. Seu nome aparece em uma listagem da Associação que apresentava as pessoas que ainda não haviam dado retorno à ABE sobre as questões do inquérito.

³⁷⁷ Jornal Minas Geraes, 6 de abril de 1929.

³⁷⁸ Jornal Minas Geraes, 17 de abril de 1929, p. 8.

³⁷⁹ Jornal Minas Geraes, 21 de setembro de 1933, p. 7.

Desde que assumiu o cargo de Inspetor de Educação Física em 1928, até a extinção da Inspetoria em 1937, Renato Andrade, sintonizado com a necessidade de formação específica para aquelas que atuavam com o ensino de Educação Física, propôs iniciativas para o aperfeiçoamento do professorado mineiro. Os cursos intensivos constituíram-se como uma ação basilar para o intento de qualificação docente, ainda que marcados por diferentes modos de estruturação. Pelos anúncios do jornal *Minas Gerais*, órgão oficial do Estado, é possível sugerir que nos anos de 1933 e 1934 acontecem a forma mais sistematizada dos cursos que conferiu maior regulamentação e sistematização à formação especializada em Educação Física³⁸⁰. Embora com configurações diferenciadas, os vestígios que informam sobre os cursos – por vezes denominados como intensivo, ora chamados “de aperfeiçoamento”, ou designados como orientação dos trabalhos e aulas semanais da matéria – foram aqui analisados naquilo que informam sobre um processo de apropriação que Renato Andrade vinha empreendendo em terras mineiras.

A Inspetoria de Educação Física configurava-se como um novo lugar de atuação para Andrade. Outras finalidades a alcançar, outros lugares e sujeitos para intervir. Criada pelo decreto 7.970-A, que aprovou o regulamento do ensino primário para Minas Gerais no ano de 1927, a Inspetoria tinha sua ação relacionada, sobretudo, ao espaço escolar. O dispositivo legal que a estabeleceu, bem como, as finalidades a ela atribuídas evidenciam essa relação.

Art. 94. A Inspectoria da Educação Physica terá por fim:

- a) organizar programmas e horarios de exercicios, jogos, gymnastica, etc., de accordo com as estações e circumstancias locais, idade e desenvolvimento physico das creanças;
- b) organizar instrucções para a orientação dos professores de educação physica e inspeccionar as respectivas aulas;
- c) ministrar na Capital um curso especial para formação e aperfeiçoamento do pessoal docente destinado ao ensino da educação physica;
- d) organizar, de accordo com a Inspectoria Medica, classes especiaes de educação physica para creanças mal constituidas, debeis organicos, defectivos mentaes e portadores de defeitos orthopedicos;
- e) collaborar nos programmas e na organização das excursões escolares, prescrevendo e recommendando os jogos e exercicios physicos adequados;
- f) propôr a aquisição dos aparelhos e materiaes apropriados ás diversas classes de educação physica;
- g) estabelecer na Capital e nas outras cidades praças de exercicios physicos convenientemente localizadas para que possam concorrer a ellas todos os alunos das escolas publicas, devendo cada praça ser dirigida por um dos auxiliares, designados pelo inspector;
- h) incentivar e orientar a organização do escoteirismo nas escolas publicas, formando e preparando o necessario corpo de instructores³⁸¹.

³⁸⁰ Para maiores detalhes dos cursos, ver Silva (2009).

³⁸¹ MINAS GERAIS. *Decreto n. 7.970-A de 15 de outubro de 1927*. Collecção das Leis e Decretos (1927), vol.

Das finalidades estabelecidas, a primeira que ganha visibilidade nas páginas do *Minas Gerais* é o curso intensivo de Educação Física. Porque configurou-se como ênfase nas ações da Inspeção, coube investigar como a experiência de formar professoras especializadas para o ensino de Educação Física foi impregnada de práticas inventivas a partir do repertório acemista de Renato Andrade. De início, uma evidência em consonância com a modelagem da Associação Cristã de Moços: a necessidade de uma formação específica. Em seguida, uma novidade para o diretor físico lá formado: o trabalho com mulheres, uma vez que o público alvo dos cursos eram as professoras do ensino primário e, em alguns momentos, da escola normal³⁸². Essa configurou-se como dimensão transformativa da experiência como um acemista, já que sua formação e atuação na Associação esteve voltada para o universo masculino. Ao proferir a palestra de inauguração do curso de 1928, Andrade mobilizava um vocabulário que seria mais afinado ao universo feminino da época. Parecendo fazer uso de uma certa docilidade, o Inspetor pronunciava: “Dirigindo-me, finalmente, às minhas futuras alunas, faço um fervoroso apelo, para que acompanhem com amor o presente curso”³⁸³. Palavras sintonizadas com o contexto de feminização do magistério e com as representações sobre o ser professora, baseadas em uma estreita relação entre a escola e a família e entre as funções sociais do magistério e da maternidade. Em nome do amor, as mulheres exerceriam suas vocações. Se em fotografias de Andrade com seus alunos esportistas da ACM a imagem revela uma impositação do corpo sugerindo altivez e robustez (veja figura 13), com suas alunas monitoras do curso intensivo o registro, ainda que de pouca qualidade, sugere suavidade e descontração (inclusive, muscular). Nas representações em cena, a prática esportiva remetia à produção de um corpo atlético marcado por referências masculinas de um lado, e de outro, a formação de professoras para o ensino escolar apresentava sensibilidades outras para o público feminino.

II, Belo Horizonte, 1928, p. 1170-1171.

³⁸² Em 1930 foi promovido um curso para o professorado de Educação Física das escolas normais de Minas Gerais. No ano de 1933 o curso intensivo de Educação Física teve por foco as professoras dos grupos escolares do estado, contudo, a juízo do secretário da educação, também poderiam participar aquelas responsáveis pelo ensino da matéria nas escolas normais mineiras.

³⁸³ *Jornal Minas Geraes*, 5 de outubro de 1928, p. 9.



Figura 16: Renato Eloy de Andrade e monitoras do curso intensivo de Educação Física.
Fonte: Revista de Educação Física, janeiro de 1934, p. 27.

Os cursos promovidos pela Inspeção eram de curta duração. A forma encontrada para viabilizar a participação de professoras em exercício, sobretudo, nos grupos escolares, foi organizar uma preparação intensiva que não ultrapassasse quatro meses. O *Minas Gerais* ratificava esse entendimento: “(...) cursos intensivos de Educação Física, destinados à formação rápida de professores especializados (...)”³⁸⁴. A presença das docentes no curso impactava a organização interna dos estabelecimentos de ensino. Às diretoras dos grupos escolares da capital era solicitado que dispensassem as participantes do dia de leitura e que admitissem um horário diferenciado para as professoras inscritas. Quando a formação especializada foi estendida aos grupos do interior, outras prerrogativas foram definidas: percepção dos vencimentos integrais, ainda que as professoras estivessem afastadas do exercício de suas funções, custeio das despesas com transporte por conta do Estado e, em uma das edições do curso, o pagamento de 50\$000 mensais às inscritas durante o período de especialização. Nesses moldes, os impactos orçamentários eram um entrave para um prolongamento aperfeiçoamento docente. Na solenidade de encerramento do curso intensivo de Educação Física de 1933, o então Secretário da Educação e Saúde Pública, Noraldino Lima, comentava sobre as “vantagens” que foram oferecidas às matriculadas: “Ao Governo, em face das atuais dotações orçamentárias, mais não era dado, infelizmente a fazer. O convite significava, pois, do ponto de vista material, um sacrifício”³⁸⁵. Referia-se o secretário à monta

³⁸⁴ Jornal Minas Geraes, 30 de novembro de 1934, p. 9.

³⁸⁵ Jornal Minas-Gerais, 2 de dezembro de 1933, p. 9.

de quase 150 professoras que frequentaram o curso, em sua maioria vinda de diferentes cidades de Minas Gerais³⁸⁶. Junto a elas, os custos referentes aos seus vencimentos integrais e demais “benefícios” e, ainda, a reorganização estrutural dos diferentes grupos escolares do interior que perdiam os serviços de parte de seu quadro funcional. Diante dos investimentos empreendidos, o governo mineiro expressava uma expectativa de reconhecimento dos esforços dedicados à realização do curso, ao mesmo passo que reafirmava as dificuldades financeiras. Noraldino Lima pronunciava-se para as alunas diplomadas naquele ano:

Aos vossos colegas de magisterio – em cada casa de ensino onde se manifestar vossa atuação – dissei que o Governo de Minas não é insensível á resolução do problema, antes dedica-lhe o melhor de seu carinho e que se a realidade não correspondeu, ainda, integralmente, aos objetivos colimados, é porque as condições do erario têm limitado o anseio construtivo dos que respondem, nesta hora de asperas dificuldades, pela marcha do ensino na terra mineira³⁸⁷.

Apesar do curto tempo para a realização dos cursos, Renato Andrade reafirmava em Minas uma característica essencial da formação empreendida pelos acemistas: a necessidade de estudos de um conjunto de saberes, e não apenas a habilidade em executar os exercícios físicos. Dizia o Inspetor de Educação Física que “em lugar de aprender exclusivamente jogos e exercicios e então considerar-se apto para ensinar e guiar a creança no desenvolvimento do seu organismo, deve, principalmente, fazer um estudo mais ou menos detido da anatomia, physiologia, hygiene, psychologia (...)”³⁸⁸. Nesse momento de início do aperfeiçoamento na matéria – o ano era 1928 – talvez Andrade tivesse maiores expectativas em relação às aulas, aos conhecimentos e às orientações que poderia dar às suas alunas. Levanto essa hipótese, porque alguns anos depois da primeira edição do curso intensivo de Educação Física, foram organizadas, em 1933, instruções para as professoras interessadas na especialização sobre a matéria. Uma das condições para a matrícula no curso era ser normalista diplomada por escola oficial ou reconhecida pelo Estado. Talvez a expectativa fosse que tal formação garantisse às

³⁸⁶ O número à frente das cidades refere-se à quantidade de professoras daquela localidade chamada para o curso: Araxá 1, Abaeté 1, Alfenas 2, Araçuaí 1, Areado 1, Barbacena 2, Baependi 1, Brazópolis 1, Coimbra 1, Caeté 1, Campanha 1, Caxambu 1, Conceição 1, Cambuquira 1, Carmo de Paranaíba 1, Campo Belo 1, Carmo do Rio Claro 1, Conceição do Rio Verde 1, Carangola 1, Cataguazes 3, Curvelo 2, Capela Nova 1, Dolores do Indaiá 1, Diamantina 1, Divinópolis 1, Frutal 1, Guanhães 1, Guarani 1, Guaxupé 1, Itapeçerica 1, Itabirito 1, Itabira 2, Itaúna 1, Itajubá 1, Itanhandu 1, Juiz de Fora 5, Leopoldina 1, Lavras 1, Luz 1, Monte Santo 1, Mirai 1, Montes Claros 1, Muriaé 1, Manhuaçu 2, Nova Lima 1, Oliveira 2, Ouro Preto 1, Pará de Minas 1, Pitangui 1, Pedra Branca 1, Peçanha 1, Paracatu 1, Ponte Nova 1, Palma 1, Poços de Caldas 1, Queluz 2, Rio Novo 1, Rio Branco 2, Rio Preto 1, São João del Rei 3, Santos Dumont 1, Sete Lagoas 1, São Gonçalo do Sapucaí 1, Santa Rita do Sapucaí 1, São João Evangelista 1, Santa Bárbara 1, Sabará 1, São João Nepomuceno 1, Santo Antônio do Monte 1, São Sebastião do Paraíso 1, Uberaba 1, Ubá 1, Venda Nova 1, Varginha 1 (Jornal Minas-Gerais, 30 de agosto de 1933).

³⁸⁷ Jornal Minas-Gerais, 2 de dezembro de 1933, p. 9.

³⁸⁸ Jornal Minas Geraes, 5 de outubro de 1928, p. 9.

alunas um repertório de saberes relacionados às finalidades do ensino, aos modos de ensinar, ao desenvolvimento das crianças, dentre outros, de modo que não fosse necessário ser objeto de estudo no curso intensivo promovido por Andrade. Essa hipótese ganha sentido ainda nas palavras de uma participante da formação realizada em 1933. Sem assinar seu nome, ela produziu alguns textos que foram publicados no jornal *Minas Gerais*, por sentir-se na “obrigação de não silenciar-me ante tão propícia oportunidade para difundir entre os professores do Estado, o conhecimento das diretrizes que temos aprendido nas aulas do Curso e que, postas em pratica, darão incomensuráveis resultados”. Nas palavras publicadas no periódico oficial do Estado, a aluna afirmou a necessidade do título de normalista para a professora de Educação Física, ressaltando um dos motivos que orientavam sua assertiva: o não cometimento de erros “no campo da psicologia-pedagógica (sic)”³⁸⁹. Esse posicionamento causou desconforto entre as demais matriculadas no curso, o que exigiu da autora do texto maiores esclarecimentos sobre a questão. “Ficarei satisfeita se o meu pequeno esforço fôr interpretado no seu significado real e não sobre os aspectos mínimos, como tem acontecido com a minha afirmação de ser necessária á professora de Educação Física e Educação da Saúde o título de normalista”. Argumentava a aluna: “Como iniciar um curso intensivo sobre qualquer assunto, sem um ponto de partida para julgamento do cabedal propedêutico dos alunos, de sobre o qual terão que partir os ensinamentos?”³⁹⁰. O referido cabedal propedêutico pode ter orientado as escolhas que certamente tiveram que ser feitas para a constituição das aulas do curso.

Os indícios reunidos no *Minas Gerais*, principal fonte que informou sobre os cursos intensivos no estado, não revelam detalhes sobre os programas de ensino da especialização em Educação Física. Para o curso de 1928 é possível destacar da palestra inaugural de Renato Eloy de Andrade as noções científicas que deveriam orientar o ensino da matéria, especialmente, sob o ponto de vista da biologia e da psicologia. Para conhecer o desenvolvimento da criança, tais saberes seriam essenciais. Referindo-se ao infante, dizia que “depois do 7.º ano segue-se o período que mais nos interessa conhecer”. O inspetor destacava mudanças fisiológicas nas crianças como o rápido crescimento de músculos e ossos, e uma insuficiência do sistema circulatório que as fatigariam com maior facilidade. Do ponto de vista psicológico, afirmava Andrade, “o menino se assemelha, neste período, a um índio incivilizado”. Em seguida, explicava a analogia: “manifesta inclinações pelos actos que proporcionam as emoções do medo ou da coragem, gosta de jogar pedras, etc. Seu poder inibitorio é empregado poucas vezes;

³⁸⁹ Jornal Minas-Gerais, 17 de outubro de 1933, p. 5.

³⁹⁰ Jornal Minas-Gerais, 19 de outubro de 1933, p. 8.

atende aos seus desejos e às suas emoções sem reflectir nos resultados”³⁹¹. Nas palavras do Inspetor, uma afinidade com as proposições de um conhecido interlocutor da ACM, Stanley Hall, sobre o período da adolescência. Para este, o adolescente “é o primitivo que carrega todas as forças da natureza que podem explodir produzindo o caos, ou pode desenvolvê-las trazendo a maturidade e a civilização. Na sua base está a erupção de um processo acelerado de crescimento do corpo, da mente e dos sentimentos” (WARDE; PANIZZOLO, 2015, p. 747). Como representação do primitivo brasileiro, o índio era a referência acionada por Andrade para dizer de um estado sem maiores aspectos de civilização. Os saberes psicológicos por ele mobilizados ainda acionavam a tese de que “o desenvolvimento biológico de cada indivíduo repete o desenvolvimento evolutivo da espécie humana. Hall incorporou essa ideia à Psicologia: o desenvolvimento psicológico de cada pessoa repete a história evolucionária da humanidade” (WARDE; PANIZZOLO, 2015, p. 745). Na mesma palestra inaugural do curso intensivo de 1928, Andrade estabelecia pontos de contato com os referenciais produzidos por Stanley Hall:

Si estudarmos a creança paralelamente á historia da humanidade, notaremos uma relação muito interessante: assim como o embryão passa biologicamente por todas as phases da evolução racial, assim tambem a creança recapitula ethnologicamente os caracteristicos fundamentaes das gerações por que tem passado o ser humano. Tanto mais tenra a idade da creança, tanto mais ella se assemelha, em suas tendencias e instinctos, a individuos de uma época longinqua.

Si a observarmos de perto, encontramos em quasi todas as suas manifestações sociaes e comportamento physico, revivencias dos seus antepassados³⁹².

O inspetor ressaltava que logo as professoras poderiam observar tal ação instintiva em suas aulas, pois “a creança nos jogos manifesta-se tal como é”³⁹³. O ensino de Educação Física configurava-se como tempo e espaço de experimentação de comportamentos afinados com os estudos científicos sobre as crianças. “No pateo da escola temos o nosso laboratorio” afirmava o Inspetor. Talvez seja possível afirmar que as aulas de Educação Física proporcionassem a vivência da ambivalência que Warde e Panizzolo (2015) destacam para o entendimento de adolescência de Hall: “é ao mesmo tempo o desejo de ampla liberdade de autoexpressão e o desenvolvimento das potencialidades; é também o desejo de controle e direção que aponte para formas de conduta respeitáveis e éticas” (p. 747). É possível que essa compreensão fosse um pressuposto que influenciasse o ordenamento das práticas de Educação Física. Aquela dupla

³⁹¹ Jornal Minas Geraes, 5 de outubro de 1928, p. 9.

³⁹² Jornal Minas Geraes, 5 de outubro de 1928, p. 9.

³⁹³ Jornal Minas Geraes, 5 de outubro de 1928, p. 9.

expectativa era também acionada por Andrade quando se referia ao “laboratório” da disciplina. Uma liberdade controlada pela intervenção docente:

Ali se ensinam praticamente as leis cujos principios basicos se encontram nos codigos sociaes.

Cultiva-se o espirito de cooperação e de sacrificio pessoal nas competições entre *teams*; pratica-se a cortezia que deve reinar entre companheiros e adversarios; a obediencia ás decisões do professor são excelentes praticas para as creanças.

Pelo exposto não se deve concluir que é a pratica deste ou daquelle jogo que desenvolve ou aperfeiçoa caracteres, senão que por seu intermedio se póde exercer uma acção decisiva na formação do caracter da mocidade.

Um professor que não utilize em sua classe as oportunidades que se lhe apresentam para influir na formação de bons caracteres, tem seus ideaes profissionaes limitados e o seu trabalho, sobre ser deficiente, é prejudicial, pois não tendo os impulsos naturaes da creança qualidades moraes proprias, actuam de accordo com o meio, razão esta da necessidade de acurada orientação pedagogica, da qual dependerá a felicidade do individuo e da sociedade³⁹⁴.

A ideia de formação de bons caracteres é anunciada como possibilidade educativa do jogo, a qual se concretizaria pela ação da professora. Intervenção esta que demandava a constituição de um repertório a partir do qual as responsáveis pelo ensino de Educação Física pudessem organizar seus trabalhos. Constituir, mesmo que com limites, esse conjunto de orientações, saberes e habilidades, era a motivação para a realização dos cursos intensivos. A difusão de modernas doutrinas pedagógicas, os frutos que poderiam resultar para o ensino, o maior número de instrumentos para o bom desempenho do professorado, o aprimoramento de métodos e processos pedagógicos, a elevação do nível cultural das professoras, eram os ensejos anunciados nas fontes para a realização dos cursos de aperfeiçoamento.

Das atividades elencadas para as aulas de Educação Física, Andrade, além de defender os jogos como possibilidade de formação do caráter, destaca a necessidade de exercícios para o desenvolvimento orgânico normal, para a correção de defeitos físicos e para o aperfeiçoamento da coordenação neuromuscular. Para cumprir essa parte do trabalho nas escolas, recomendava a prática da calistenia. Além dos benefícios listados, o Inspetor, no seu processo de apropriação, parece construir mais um argumento que justificaria a presença da calistenia nos estabelecimentos de ensino, pois ela teria “um caracter suave adequado ás condições da creança”³⁹⁵. A ideia de formação social por intermédio dos jogos e de intervenção no físico para benefícios de ordem essencialmente biológica pela prática da calistenia,

³⁹⁴ Jornal Minas Geraes, 5 de outubro de 1928, p. 9-10.

³⁹⁵ Jornal Minas Geraes, 5 de outubro de 1928, p. 10.

representaram sentidos educacionais anunciados pela ACM e acomodados por Andrade nos cursos intensivos para que tivessem lastro na escola.

Se Andrade defendia a necessidade de diferentes saberes para a orientação do ensino de Educação Física, a importância dada às habilidades com os exercícios físicos não era dispensada. Nas solenidades de encerramento dos cursos, era comum que as alunas formandas realizassem apresentações de diferentes práticas aprendidas. Exercícios com alteres e bastões, ginástica de chão, corrida de estafetas, bailados, marcha, partidas de voleibol – demonstrações “no intuito de mostrar ao nosso mundo oficial e ao público o quanto conseguiram realizar, sob o ponto de vista de aproveitamento, no curto espaço de tres meses, que foi o da duração das aulas”³⁹⁶. Diferentemente da formação dos diretores físicos na YMCA que, nos momentos finais de seu curso, tinham a oportunidade de exercer suas aprendizagens em uma espécie de trabalho de campo, as demonstrações práticas, por parte das alunas dos cursos em Minas, é que inicialmente sugeriam certa eficiência em Educação Física, especialmente, perante às autoridades do governo presentes nas solenidades que encerravam a preparação especializada. No seu trabalho de ensino, cabia à professora explicar aos alunos os movimentos “e ao mesmo tempo executá-los”³⁹⁷. A demonstração perante à turma configurava-se como uma das competências docentes elencadas por Renato Andrade que também sugeria que a professora mantivesse uma atitude correta e servisse de modelo ao alunado, falasse em voz clara, firme e em tom convincente.

O único programa de ensino encontrado na documentação refere-se a um curso de Educação Física realizado em 1930 para o professorado das Escolas Normais de Minas Gerais dedicado à matéria. Dos estudos anunciados, embora seja possível indicar estreitas conexões com o aperfeiçoamento destinado às professoras dos grupos escolares, como a presença de saberes científicos e as práticas de jogos e da calistenia, vale aqui notar a explicitação da relação da Educação Física com o espaço específico da escola.

- 1- Pratica de calisthenia, commando e marchar;
- 2- Pratica e estudos das regras de jogos;
- 3- Pratica da arte de ser juiz;
- 4- Estudo das bases scientificas para a organização de séries de exercicios, obedecendo precipuamente a ordem progressiva das dificuldades anatomicas e de coordenação neuro-muscular, nos diversos periodos da idade physiologica dos alumnos;
- 5- Pratica de direcção de classes;
- 6- Anthropometria;

³⁹⁶ Jornal Minas-Gerais, 2 de dezembro de 1933, p. 9.

³⁹⁷ Jornal Minas Geraes, 26 de junho de 1929, p. 12.

- a- geral; b- aplicada a educação física; c- manejo de “testes” e índices de eficiência física;
- 7- Elaboração de séries de exercício e programas de classes;
- 8- Didática (organização, crítica e manejo de classes);
- 9- Relação entre a educação física e os objetivos gerais do ensino;
- 10- Valores intrínsecos e extrínsecos da educação física, quanto ao indivíduo, à escola e à sociedade;
- 11- Métodos e processos para formação de “teams”, organização de campeonatos e corpos de monitores;
- 12- Estudos das condições materiais dos estabelecimentos de ensino e meios práticos de sua adaptação aos fins de educação física³⁹⁸.

Como as iniciativas da ACM tinham por foco seus associados, os programas de estudos para a formação de diretor físico não explicitam uma discussão mais contundente sobre o espaço escolar. O curso dirigido e ministrado por Renato Andrade expressa novidades na “maneira de fazer” Educação Física experimentada pelo Inspetor. É assim que a modelagem acemista vai ganhando lastro: na relação com outros espaços, outros sujeitos e outra forma de educar, os diretores físicos acemistas reproduziam, modificavam e contextualizavam elementos do seu repertório sobre a matéria. Escolhas, recusas, reinvenções que marcam cada curso ofertado, pois o conjunto de formações realizadas não pode ser interpretado como um todo homogêneo. As referências que orientaram cada aperfeiçoamento não eram estáticas, foram remodeladas à medida que outras demandas sociais apareciam e provocavam novos exercícios de acomodação. Índicio das especificidades que marcavam as preparações técnicas oferecidas é também o curso realizado em 1933. Por vezes, no *Minas Gerais*, o mesmo aparece denominado como *curso intensivo de Educação Física e Educação da Saúde*. Na composição das motivações, o “aperfeiçoamento das professoras do Estado, que terão a seu cargo, não só o ensino de Educação Física, como a fiscalização das práticas de Higiene escolar (sic), nos estabelecimentos onde lecionam”³⁹⁹. A parceria entre Educação Física e Saúde estava presente também na constituição dos professores que ministrariam a preparação técnica. Sendo “objetivo do curso a formação do quadro das auxiliares da Inspeção de Educação Física e representantes diretas da Inspeção Médico-escolar nos estabelecimentos de ensino do Estado, (...) seu corpo docente será constituído por médicos e professores das respectivas Inspetorias”⁴⁰⁰. O Inspetor de Educação Física, quando da instalação do curso, comentou sobre o exercício de organização do programa de ensino: o “professor Renato Eloy de Andrade usando da palavra fez às alunas ligeiras considerações acerca dos objetivos e das finalidades do curso que se instalava, acentuando,

³⁹⁸ Jornal Minas Geraes, 23 de maio de 1930, p. 7.

³⁹⁹ Jornal Minas-Gerais, 13 de setembro de 1933, p. 5.

⁴⁰⁰ Jornal Minas-Gerais, 30 de agosto de 1933, p. 6.

relativamente ao programa do curso a coordenação que aí procurou fazer entre a higiene e a educação física⁴⁰¹. A ausência de vestígios sobre detalhes dos estudos propostos, nos impede de dizer se outras dimensões presentes em preparações anteriores, dentre elas, as bases científicas orientadoras do ensino como a psicologia e a fisiologia, o lugar dos jogos na educação e o intuito de formação do caráter, tiveram espaço no curso. Diferentemente das formações antecedentes, a de 1933 explicitava uma ênfase voltada para a conexão entre escola, saúde, higiene e Educação Física.

A especialização de professoras para o ensino de Educação Física foi ganhando, ao longo das experiências com o curso, contornos mais peculiares, inclusive, no que diz respeito às características e competências da aspirante à profissão. A noção de *vocação* vinculava-se como condição para a matrícula nas formações empreendidas por Renato Andrade. Às candidatas aos cursos de 1933 e 1934 era exigido “ter demonstrado capacidade especial para ministrar o ensino de Educação Física, com atestados firmados pelos diretores dos estabelecimentos onde haja trabalhado ou por assistentes técnicos”⁴⁰². A formação como professora de Educação Física fazia-se, a partir de então, como um imbricado de vocação e competência técnica, num entendimento muito afinado com as condições determinadas pela ACM para seus candidatos a diretores físicos. Essa compreensão teve no então Secretário de Educação e Saúde Pública de Minas Gerais condições favoráveis para se efetivar. Noraldino Lima dizia ser justo que cada grupo do estado tivesse uma professora de Educação Física. Para o Secretário, era necessário “um preparo especializado, por parte das professoras de educação física, porque, então, muitos serão os chamados e poucos os escolhidos, na frase bíblica. E’ que a cadeira de ginastica requer vocação e preparo tecnico, sem o que dificil será atingir o objetivo colimado”⁴⁰³. Atendendo ao chamado – seja o “divino”, seja o do Estado – muitas foram as docentes de Belo Horizonte e das cidades do interior que cursaram a preparação técnica e tornaram-se professoras com uma habilitação especial em Educação Física⁴⁰⁴.

Em Porto Alegre, Frederico Gaelzer também encontrou um ambiente marcado pela presença das mulheres, e, assim como Andrade, foi mobilizado a construir novos sentidos para o ensino de Educação Física e novas formas de interpretar os sujeitos responsáveis pela matéria nas escolas. Em imagem de uma turma de alunas que concluíam o curso intensivo, também o

⁴⁰¹ Jornal Minas-Gerais, 14 de setembro de 1933, p. 10.

⁴⁰² Jornal Minas-Gerais, 16 de junho de 1934, p. 2.

⁴⁰³ Jornal Minas-Gerais, 27 de junho de 1931, p. 11.

⁴⁰⁴ Levando em consideração as edições do curso em 1933 e 1934, foram diplomadas, aproximadamente, 200 alunas (jornal Minas-Gerais, 2 de dezembro de 1933 e jornal Minas Geraes, 30 de novembro de 1934).

registro de características mais afeitas ao universo feminino. Espontaneidade e graciosidade são demonstradas pelas professoras diplomadas.



Figura 17: Gaelzer e grupo de professoras que terminaram o curso intensivo de Educação Física.
 Fonte: Recorte de jornal, “Pelo aperfeiçoamento da nossa raça”, Correio do Povo, 6 de fevereiro (o ano não está visível). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Em 1929, o anúncio da criação de um curso intensivo de Educação Física evidencia o público pretendido e os estudos a serem feitos. Como requisitos para a matrícula, as candidatas deveriam possuir o diploma emitido por Escolas Normais e Complementares ou estabelecimentos congêneres, e ter a idade mínima de 19 e máxima de 30 anos. O plano pensado para orientar o curso era composto por temas variados:

- 1.º - Organização e administração da Educação Physica.
- 2.º - Bases scientificas da organização das séries callisthenicas.
- 3.º - Theoria e pratica dos jogos gymnasticos e de todos os desportos.
- 4.º - Pratica da direcção e controle dos jogos.
- 5.º - Theoria e pratica de marchas (ordinarias, correctivas, de precisão, etc.)
- 6.º - Theoria e pratica de exercicios rythmicos e danças gymnasticas.
- 7.º - Didactica theorica e pratica da Educação Physica.
- 8.º - Anthropometria pedagogica e primeiros auxilios.
- 9.º - Relação da Educação Physica com os demais ramos de ensino (oportunidades educacionais, quanto á disciplina, á socialibilidade, á cooperação e fraternidade esportiva).

10.º - Estudo das condições materiais dos locais destinados às aulas de Educação Física⁴⁰⁵.

A análise do programa permite apontar similaridades com o proposto por Renato Andrade, um ano depois, em um curso intensivo para professoras das Escolas Normais. Assim como o Inspetor de Educação Física de Minas Gerais, Gaelzer apostava em uma preparação que oferecesse às professoras não só exercícios a serem reproduzidos, mas também um repertório de saberes que pudesse ser acionado nas diferentes circunstâncias que envolviam o ensino de Educação Física nas escolas, e que operasse uma mudança no modo de compreender o ofício dessa profissão que se delineava. Esse modo de formação estava em consonância com o cenário educacional das décadas de 1920 e 1930. Marta Carvalho (1998b), referindo-se aos impressos de destinação escolar, afirma que a pedagogia da Escola Nova não colocava em cena modelos para serem ensinados. Ao invés da organização de roteiro de lições para orientar o professorado, a preferência foi “subsidiar a sua prática fornecendo-lhe informações que funcionem como leque de alternativas e como repertório de conhecimentos especializados que sirvam de fundamento às suas práticas” (*op. cit.*, p. 38-39). Andrade e Gaelzer operaram com esse deslocamento nas experiências de preparação para o ensino de Educação Física. Nos cursos intensivos, mais que copiar séries de exercícios físicos detalhados, ministrar a matéria passava a demandar o estudo de saberes científicos, de métodos de ensino e de relações da Educação Física com os espaços onde se realizaria.

Findo o curso e aprovadas, as alunas receberiam “o título de professora especializada” e poderiam ser nomeadas para ministrar o ensino de Educação Física em estabelecimentos escolares. A preparação da professora não se encerraria com o término do curso. Em continuidade à orientação dos trabalhos, uma reunião semanal estava prevista para todas as professoras da capital, fora do expediente de trabalho, “afim de que, se troquem idéas, se resolvam os problemas suscitados em cada escola, e enfim, para que se consolidem e se renovem os ensinamentos recebidos no Curso”⁴⁰⁶.

A organização dos cursos intensivos em Porto Alegre mobilizava um tempo fora das atividades de trabalho para sua realização. “Como nos anos anteriores a Inspetoria Estadual de Educação Física, a cargo do professor F. G. Gaelzer, realizará durante o período de férias o seu

⁴⁰⁵ Recorte de jornal, “A educação physica / A criação de um curso intensivo”, sem indicação do periódico. 1929 (data manuscrita). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴⁰⁶ Recorte de jornal, “A educação physica / A criação de um curso intensivo”, sem indicação do periódico. 1929 (data manuscrita). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

III Curso intensivo de Educação Física”⁴⁰⁷. Modo de formação que, talvez, Gaelzer tenha tomado gosto quando de sua estadia nos Estados Unidos. Ou, ainda, uma referência a um argumento mobilizado nas formações internas da ACM: a ideia do proveito próprio em detrimento ao ganho em dinheiro ou outra recompensa, encorajada, como apresenta Weber (2005) para a ética protestante, pela compreensão do trabalho essencialmente vinculado às finalidades da vocação. Nas fontes mobilizadas não foi encontrada menção ao recebimento de algum benefício por parte das professoras que ocupassem suas férias para a formação em Educação Física.

Para a inscrição no curso, a explicitação de que, além das professoras de instituições públicas, as de escolas particulares poderiam se matricular “mediante modica contribuição”. O programa de ensino estava disposto em quatro partes: Educação Física, corpo humano, organização e administração, e recreação pública. Além dos estudos sobre exercícios calistênicos, jogos, fisiologia, anatomia e higiene, chama atenção nessa terceira edição do curso a apresentação de temas sobre outros espaços da cidade onde a Educação Física também estaria presente, como os jardins de recreio e os clubes. Nessa preparação, Gaelzer parecia ter como expectativa a ampliação do campo de trabalho das professoras, para além das escolas⁴⁰⁸.

A iniciativa de qualificar tecnicamente um professorado especializado em Educação Física foi marcada por cursos rápidos e intensos. De maneira bem diferente das formações para diretores físicos na *YMCA* em Chicago e no Instituto Técnico em Montevideu, os cursos promovidos por Sims, e, especialmente, Andrade e Gaelzer, não comportavam a possibilidade de um aperfeiçoamento mais extenso. Fatores como o investimento financeiro, a reorganização estrutural dos estabelecimentos em que trabalhavam as alunas do curso, e a constituição da professora de Educação Física como uma profissão relativamente nova representavam dificuldades para uma especialização com mais vagar que contemplasse um conjunto mais amplo de saberes. No processo de apropriação, os sujeitos da ACM que atuaram como mediadores parecem organizar ênfases para as formações que ofereceram. Embora as experiências com os cursos intensivos em Educação Física apareçam conectadas com elementos acemistas, elas também comportaram algumas inovações. Desse conjunto, destacam-se um novo espaço de intervenção – a escola; um outro público a tecer relações – o professorado feminino; e novos sujeitos da educação – as crianças.

⁴⁰⁷ Recorte de jornal, “Curso intensivo de Educação Física”, sem indicação do periódico e de data. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴⁰⁸ Recorte de jornal, “Curso intensivo de Educação Física”, sem indicação do periódico e de data. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Ainda que, em alguns momentos, a ACM declarasse interesse em prestar serviços a instituições com preocupações semelhantes às suas, dentre elas a escola, os cursos de formação de diretores físicos por ela oferecidos não parecem estabelecer um diálogo mais contundente com as especificidades do espaço escolar. No período de formação de Sims em Chicago, o programa estabelecido abrangia estudos sobre outras instituições educativas em geral. Já para o período no qual Andrade e Gaelzer frequentaram o curso, é possível citar passagens em que o programa compreendia algumas referências à escola. Para os estudos de campo na Educação Física, “as escolas primárias e secundárias e a educação física da faculdade serão estudadas por visitas às instituições locais”⁴⁰⁹. Além disso, a disciplina “Higiene Avançada” incorporou a instrução em “higiene escolar, abrangendo exame de crianças, horas escolares, iluminação, aquecimento, ventilação e treinamento físico”⁴¹⁰. Ainda que indicasse algum estudo sobre a escola, a YMCA também demarcava para este espaço uma preferência pelo público jovem. Ao comentar sobre a importância das práticas de campo para a formação dos diretores físicos, a Associação privilegiava os estabelecimentos escolares que tinham os jovens como alunos: “a investigação minuciosa do equipamento e do trabalho das universidades, faculdades, escolas secundárias, (...) e outras organizações em Chicago dá ao aluno uma visão ampla e aumenta seu interesse e influência nos últimos anos”⁴¹¹.

Embora a ACM não tenha envidado esforços na produção de elementos para uma Educação Física na escola primária, os diretores físicos lá formados aprenderam sobre a necessidade de bem conhecer a organização, os princípios e o cotidiano do lugar onde se atua. Nesse sentido, pensar a escola como espaço no qual a Educação Física se realizaria era tarefa necessária para conformar os cursos de formação. Dentre as reelaborações empreendidas, destaque-se que Andrade e Gaelzer atuaram mais de perto com o professorado primário e encontraram um ambiente bem diferente daquele vivenciado na Associação Cristã de Moços. No lugar do cultivo da masculinidade referenciada em uma varonilidade cristã, encontraram as professoras, que, em nome de uma vocação, tinham exaltadas suas qualidades femininas relacionadas ao lar e ao papel de mãe. Em um processo de inflexão, Andrade e Gaelzer, antes alinhados à ideia de caráter forte, liderança e virilidade, parecem ajustar suas “maneiras de

⁴⁰⁹ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1921-22. May, 1921, p. 49. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁴¹⁰ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1921-22. May, 1921, p. 51. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁴¹¹ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1921-22. May, 1921, p. 51. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

fazer” à uma discursividade que estreitava a relação entre a função social da professora e as representações do feminino de então. Para tratar do público do ensino primário, os dois também ajustaram seus saberes para abordar o universo infantil, ressaltando o caráter instintivo das ações das crianças e a necessidade de satisfazê-lo por intermédio dos jogos, estabelecendo aí uma conexão com o projeto formador acemista: a formação do caráter. O destaque dado a Andrade e Gaelzer nessa narrativa justifica-se pelo conjunto de registros encontrado nas fontes. É provável que essa maior incidência de dados se relacione com os cargos que ocuparam, respectivamente, nos governos em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul. Diferentemente de Sims, que permaneceu com a função de diretor físico na ACM do Rio, os dois assumiram o ofício de Inspetor de Educação Física, colocação que exigiu o trabalho com o ensino primário.

Os documentos mobilizados permitem confrontar algumas singularidades e configurações culturais locais quando comparados os projetos empreendidos por Renato Andrade e Frederico Gaelzer. No tocante à formação de professoras especializadas em Educação Física no Rio Grande do Sul, o afastamento das professoras de suas funções cotidianas, que poderia ser um entrave, parece ter sido habilidosamente resolvido com a realização do curso nas férias. Ali, a qualificação para o ensino da matéria compreendeu o estudo de outros espaços da cidade nos quais a Educação Física também se realizaria, destaquem-se os jardins de recreio. Esse modo de formação parece guardar estreita relação com as duas funções assumidas por Gaelzer, a de Inspetor de Educação Física e a de Diretor dos Jardins de Recreio. Essa última, fundamental para o êxito que pôde empreender com a instalação de espaços para a recreação pública. Diferentemente do projeto em Minas, não foi como Inspetor que Gaelzer assumiu a construção das praças de jogos. A distinção de uma instituição municipal para organizar e empreender os jardins de recreio em Porto Alegre ofereceu a ele outras condições para lograr êxito com suas propostas de complemento da ação educativa da escola.

4.3 O debate sobre o tempo pós-escolar: a instalação de praças de jogos nas cidades

Se a formação de professoras para o ensino de Educação Física ganhou visibilidade nas ações de sujeitos formados pela ACM, o debate sobre a ocupação do tempo fora da escola, em lugares denominados como praças de jogos, constituiu para Sims, Andrade e Gaelzer outra proposição importante. Os chamados *playgrounds* nos Estados Unidos eram espaços de estudos

e de intervenção dos diretores físicos em preparação no curso em Chicago. Sims teve na matéria “Filosofia do Treinamento Físico” um item que abordava os *playgrounds* públicos e sua importância⁴¹². No programa estabelecido quando do curso de Andrade e Gaelzer nos Estados Unidos, os estudos da “Organização e Administração do Departamento Físico” contemplavam temática referente a estabelecimentos em que o treinamento físico estivesse presente, dentre eles, os *playgrounds*⁴¹³. Além disso, a YMCA ressaltava o valor da atividade de visitação e trabalho de campo em tais espaços como experiência formativa na trajetória desses três sujeitos. César Torres (2011) destaca na história da Educa o Física estadunidense o movimento que impulsionou a constru o de espaços públicos de recrea o, nas três décadas iniciais do século XX.

Henry Curtis, un ex alumno de [Stanley] Hall, y Gulick, de activa participación en la YMCA, crearon en 1906 la *Playground Association of America*, cuyo objetivo era la creación de plazas de juego y parques públicos para la educación, el esparcimiento y la recreación de los niños y los jóvenes. Tanto Curtis como Gulick utilizaron la psicología y la teoría del juego para justificar el uso del deporte y otros juegos, así como la creación de espacios públicos apropiados para su ejercitación. Las plazas de juego y los parques públicos eran también presentados como espacios que contrarrestaban los “excesos” y los “peligros” de la vida urbana. En 1917 había casi cuatro mil plazas de juegos en Estados Unidos y más de quinientas ciudades contaban con programas recreativos (*op. cit.*, p. 270-271, grifos do autor).

A cidade de Chicago, onde localizava-se o instituto da YMCA no qual estudaram Sims, Andrade e Gaelzer, foi destacada por Torres (2011) como aquela que possuía um dos programas recreativos mais renomados do país. Ao empreenderem seus trabalhos no Brasil, a instala o de lugares para a recrea o pública constituiu-se como proposi o que circulou em diferentes projetos educacionais nos quais aqueles sujeitos foram partícipes.

Na ABE, a cria o de praças de jogos foi tema de relevo para a SEPH. O presidente da Se o, Gustavo Lessa, acionou Paulo Prado – irmão do prefeito da cidade do Rio de Janeiro   época, Ant nio Prado Junior – para endossar um projeto do qual não era necessariamente o protagonista. Em correspondência, Gustavo Lessa comentava o encontro que teve com Sims, bem como suas impressões acerca do trabalho realizado pelo missionário na Associa o Cristã de Moços.

⁴¹² The Institute and Training School of Young Men’s Christian Associations. Catalog and annual announcement. May, 1908. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

⁴¹³ The Young Men’s Christian Association College. Announcements for 1921-22. May, 1921. Box 114. George Williams College: an inventory of its records. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota.

Prezado Dr. Paulo Prado,
Venho importuna-lo para solicitar a sua valiosa intervenção num assunto de interesse geral.

É o caso que, como presidente da Seção de Higiene e Educação Física da ABE tive de me por em contato com o Sr. Henry James Sims, diretor ou coisa que valha do departamento de educação física da Associação Cristã de Moços. O Sr. Sims me havia sido mencionado por alguns especialistas brasileiros em educação física como um técnico de primeira ordem, que residente no Brasil há muitos anos já havia formado em sua Associação uma verdadeira escola daquela especialidade. Dessa escola o presidente Antônio Carlos havia tirado o Inspetor Geral da disciplina em Minas.

O Sr. Sims esteve me contando com mansuetude saxônia os esforços que ele vem fazendo há anos para que a sua generosa cooperação seja aceita na causa da educação física das nossas crianças. Mas isso é uma outra história.....

O fim dessa carta é lhe contar que o Sr. Sims, resolvido tenazmente a despertar na nossa gente o entusiasmo pela educação física, imaginou, há cerca de um ano estabelecer num dos pontos mais centrais da cidade, uma espécie de playground como existe em muitas escolas norte-americanas, com demonstração de jogos e exercícios.⁴¹⁴

Paulo Prado assumiu o compromisso de abordar a questão com seu irmão e reafirmou a autoria de Sims sobre a iniciativa:

São Paulo, 14 de fevereiro.

Meu caro dr. Gustavo Lessa.

Recebo hoje a sua carta de 10 do corrente.

Meu irmão virá a São Paulo na proxima semana. Falarei então a elle sobre o projecto do sr. Sims, que me parece muito interessante.

Si meu irmão adiar a viagem, mandarei para o Rio a sua propria carta, que esclarece o assumpto⁴¹⁵.

Para promover suas propostas, os diretores físicos formados na ACM buscaram parcerias e, nas conexões estabelecidas, o *Rotary*, de origem estadunidense, também engajado em ações sociais, foi espaço de compartilhamento das aspirações acemistas. Partilhando preocupações similares às da ACM, como a educação, a formação do caráter e a moralidade, o *Rotary Club* – que teve “em Chicago, [o] berço da organização rotária”⁴¹⁶ – chegou ao Brasil e estabeleceu com a Associação alguma interlocução nas décadas de 1920 e 1930. Tema de projeto julgado na Câmara por 110 deputados, foi considerado entidade de utilidade pública no Brasil, em 1923⁴¹⁷. Nas páginas de *O jornal*, encontramos indícios do que se esperava das ações da entidade. Ao narrar a presença de crianças vendedoras de jornais, o periódico indicava uma

⁴¹⁴ ACERVO DA ABE. Carta enviada por Gustavo Lessa a Paulo Prado. Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1929.

⁴¹⁵ ACERVO DA ABE. Carta enviada por Paulo Prado a Gustavo Lessa. São Paulo, 14 de fevereiro de 1929.

⁴¹⁶ O Jornal, 21 de junho de 1924, p. 5.

⁴¹⁷ O Jornal, 27 de maio de 1923.

preocupação com a infância vivenciada na rua e uma expectativa relacionada ao papel que poderia o *Rotary* assumir:

Os pequenos, com dinheiro, comprariam cigarros, gulodices, bugigangas; e não melhorariam, em nada, a sua situação de maltrapilhos, analfabetos, desbocados, imprevidentes.

Esses rapazinhos precisam de muito mais que nickeis perniciosos em suas mãos; precisam de ser recolhidos a estabelecimento de educação e ensino, onde percam máos costumes e ganhem aptidões profissionaes, e não venham a ser grosseiros no trato social (...).

O Rotary Club, associação internacional cujo espirito de bem fazer se derrama pelo mundo todo, já tem existencia no Rio de Janeiro, e podia tomar a si o cuidado de não permitir que a pequenada inteligente se entregue á vadição rotulada pela venda de jornaes. Isso é trabalho para adultos que o praticam proveitosamente e sem se descaminharem na vida⁴¹⁸.

Para os perigos sociais, reforma de costumes. Esse alinhamento de ideias pareceu estimular o diálogo estabelecido entre os acemistas e o *Rotary*. Posicionando-se na ABE acerca da constituição de espaços no cenário urbano para a prática de exercícios físicos, Sims explicitava com quem estava a estabelecer laços. Dizia em reunião da Seção de Educação Física e Higiene,

que vem lutando, desde alguns anos, junto às autoridades para conseguir a seção de um terreno em que se possa instalar um “ground-play”, que o Rotary Club está propondo instalar. Acha urgente e imprescindível a criação de um desses parques de recreio para as crianças das escolas, a fim de servir de campo de experimentação e de demonstração de cultura física de verdade à criança brasileira⁴¹⁹.

Nas pautas educacionais estabelecidas na ABE, a construção de praças foi apresentada para o debate. “A Associação Brasileira de Educação junta a sua vóz á do Rotary Club do Rio de Janeiro, no pedido feito por este a V. Ex. afim de que seja destinado um terreno em um ponto central da cidade para a edificação de uma praça de jogos infantis”⁴²⁰. O fragmento de texto, assinado por Gustavo Lessa, compunha uma mensagem a ser enviada ao prefeito do então Distrito Federal. Em uma espécie de exposição de motivos que justificassem a criação das praças, argumentos que ressaltavam sua presença em outros lugares do Brasil e da América do

⁴¹⁸ O Jornal, 21 de novembro de 1924, p. 3.

⁴¹⁹ Ata da 20ª Reunião da Seção de Higiene e Educação Física. Rio de Janeiro, 02 de maio de 1929. Acervo ABE.

⁴²⁰ Recorte de jornal, “Associação Brasileira de Educação”, sem indicação de periódico e data. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Sul; que demarcavam o lugar do brincar na pedagogia moderna; e que assinalavam aspectos do campo educacional nos Estados Unidos.

Cumprer notor que na cidade de S. Paulo, em Porto Alegre e outras cidades do Rio Grande, praças do mesmo genero estão sendo construidas. O pequeno Uruguay já tem perto de cem e toda a America do Sul vae-lhe seguindo o exemplo. Alguns dos mais efficientes colaboradores de V. Ex., como os Drs. Fernando de Azevedo e Mario Cardim, têm propulsionado em nosso meio a marcha dessa idéa.

Todos os educadores modernos insistem vivamente em que brincar constitue uma das necessidades mais imperiosas da criança, tanto sob o ponto de vista physico como sob o ponto de vista moral e intellectual. Ora, as crianças do Rio não têm onde brincar, salvo as que vivem em residencias opulentas providas de parques. O ideal seria sem duvida o que vae sendo realizado pelas escolas norte-americanas: cada uma ter annexo um terreno para os jogos infantis. Isso em nosso meio é uma utopia. Cumpre, entretanto, ter ao menos praças servindo em commum a varias escolas⁴²¹.

Como parte da ação que intentava viabilizar a construção de uma praça de jogos infantis no Rio de Janeiro, a ABE juntava à sua voz à do Rotary e em mensagem enviada ao prefeito do Distrito Federal mobilizava argumentos a favor da ação que intentava promover, inclusive, indicando as apropriações necessárias. Ao inscrever na realidade brasileira o modo estadunidense de organizar as praças, a ABE reconhecia sua impossibilidade de execução e propunha logo outro arranjo para tal prática. Se, naquele momento, a construção de praças de jogos não logrou sucesso no Rio, projetos idealizados em outras cidades brasileiras vinham sendo propulsionados.

No movimento empreendido para a inauguração de praças de jogos em Minas Gerais, o Inspetor de Educação Física do Estado também estabeleceu diálogo com o *Rotary* e mobilizou argumentos similares ao de Sims: a presença marcante de tal iniciativa nos Estados Unidos; as crianças como público frequentador das praças; o cultivo de uma cultura física. Em palestra no *Rotary* em Belo Horizonte no ano de 1931, Renato Andrade reiterava a parceria com a instituição e comentava ser aquela a terceira vez que participava de uma reunião rotariana para tratar do mesmo assunto, sendo uma delas realizadas na sede do Rio, quando era pleiteado junto ao governo da cidade a concessão de um terreno na praia do Russel para a construção de um *playground*. Referia-se à mencionada iniciativa conjunta da ABE, da ACM e do *Rotary Club* do Rio que, naquele momento, não lograra sucesso. Para defender a proposição em Minas, o Inspetor pronunciava: “Dai a grande importancia e o papel essencial que desempenha, na

⁴²¹ Recorte de jornal, “Associação Brasileira de Educação”, sem indicação de periódico e data. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

moderna educação física, a praça de exercícios. Dai a sua difusão intensa e admirável pelas cidades norte-americanas, entre aquele povo que tão bem compreende as finalidades da educação física”⁴²². E ainda explicitava preocupações com os tempos e lugares fora da escola:

Hoje, depois das quatro horas, do regimen escolar o garoto vai para casa e encontra no emprego agradável do seu tempo um dos problemas mais serios da sua vida. Nem sempre tem espaço suficiente em casa para dar expansão aos seus apetites ludicos. Sua tentação é a rua (...) uma criança impulsionada por uma lei necessaria, por um instinto genetico irreprimivel, que a leva, que a faz procurar descobrir por todo meio possivel uma derivação á sua necessidade de expansão psico-física. Dai os desvios e o viciamento na sua formação de carater, representados nas tentativas de burla ás proibições e limitações de sua liberdade.⁴²³

Embora expressasse sua preocupação com as crianças, o Inspetor deixava escapar uma distinção de gênero na sua inquietação: os garotos. É provável que às meninas fossem dedicados os cuidados com o lar, e sua presença além dos muros da escola e da casa fosse menos preocupante. Em alguns momentos da palestra proferida, Andrade dava ênfase aos garotos e ao clima cultural que marcava a infância masculina na cidade: a tentação da rua, a organização de times para jogar bola, e os embates com os guardas. Ressaltava ainda a conveniência de a mocidade ginásial e universitária frequentar um *playground*: para que tivesse uma vida atlética eficiente. Para estimular os exercícios físico-recreativos na cena urbana, o Inspetor destacava quatro aspectos inerentes às praças de jogos: primeiro, o caráter público que garantiria o acesso de todos; segundo, o aparelhamento que atenderia às exigências da exercitação física e atlética; terceiro, a facilidade de acesso e o repertório de atividades que funcionariam como atrativos, e quarto, a possibilidade de ser um ponto de reunião, que configuraria as praças como instrumento para socialização.

Diante das argumentações, a criação de praças de jogos era entendida como possibilidade de extensão de um projeto educativo para outros espaços da cidade. O investimento das horas extraescolares em práticas consonantes com as necessidades das crianças e com a boa ocupação do tempo livre são tratadas como necessidades imperativas diante da expressão dos instintos infantis. “Com seu modernizado regimen pedagogico, a nossa escola vem tentando, é verdade, canalizar essa tendencia infantil. Mas, infelizmente, o tempo é exiguo do horario propriamente escolar e as condições insuficientes de acomodação aos estabelecimentos do ensino”. Ante a dificuldade apontada por Renato Andrade, a afirmação de

⁴²² Jornal Minas-Gerais, 29 e 30 de junho de 1931, p. 8.

⁴²³ Jornal Minas-Gerais, 29 e 30 de junho de 1931, p. 8.

outros tempos e espaços tão educativos quanto os escolares: “o ‘play-ground’, bem como outros centros congêneres de atividades psico-recreativas, será um complemento indispensável da ação e orientação educacional da escola”⁴²⁴.

As proposições do Inspetor de Educação Física encontravam acolhimento no então Secretário da Educação e Saúde Pública. Noraldino Lima em discurso na Escola de Aperfeiçoamento, referia-se a uma experiência de viagem à Montevideu e Buenos Aires onde teve a oportunidade de ver as praças desportivas daqueles povos e, quando do seu regresso, relatava ter tido uma troca de ideias com Renato Andrade. Passados três anos da viagem e assumindo a pasta da educação, o Secretário perguntava-se: “porque não fazermos a mesma coisa em Belo-Horizonte. Porque não fazermos a mesma coisa em Minas?”. Para tanto, “pelo que um de meus primeiros cuidados, ao assumir o cargo, foi chamar ao meu gabinete o professor Renato de Andrade, inspetor geral da Educação Física, e reatar com ele o fio da conversa interrompida”⁴²⁵.

No período de existência da Inspetoria, o jornal *Minas Gerais* noticiou a instalação de três praças de jogos. A visibilidade dada a cada uma delas diferenciava-se em relação à exposição dos pormenores das solenidades de inauguração, dos argumentos que justificavam o empreendimento, e do detalhamento de suas estruturas. As particularidades que marcaram as diferentes praças aqui abordadas foram conformadas a partir do filtro que o órgão oficial do Estado organizou para informar sobre tais espaços.

Em 1932 foi criada a “praça de jogos de esportes” na Escola de Aperfeiçoamento, ressaltada como a primeira de todo o Estado⁴²⁶. Dentre as finalidades da iniciativa, o jornal destaca sua contribuição “para a prática da educação física dos alunos que lá mourejam”. Não foram localizados vestígios no *Minas Gerais* a respeito de um maior detalhamento dos seus espaços, nem especificações do aparelhamento que a comporia. O jornal *Estado de Minas*, em divulgação rápida do evento, indica a presença de um campo de basquetebol e de equipamentos diversos: “todos os aparelhos são de fabricação de Nogueira & Ribeiro, proprietário (sic) da Fabrica de Productos ‘America’, com sede nesta capital”⁴²⁷.

No ano seguinte, um comunicado da Inspetoria Geral da Instrução abordava o andamento do ensino da Educação Física em Minas Gerais e destacava a instalação das praças

⁴²⁴ Jornal Minas-Gerais, 29 e 30 de junho de 1931, p. 8.

⁴²⁵ Jornal Minas-Gerais, 27 de junho de 1931, p. 11.

⁴²⁶ “A Escola destina-se a fornecer às professoras publicas de Minas um cabedal pedagogico mais amplo e moderno do que o já adquirido no curso normal, e dispõe, para tanto, de elementos que vão desde um nucleo selecto de professores patricios e estrangeiros, sendo alguns de renome mundial, até uma perfeita aparelhagem material e didactica” (Jornal Minas Geraes, 9 de fevereiro de 1930).

⁴²⁷ Jornal Estado de Minas, 22 de novembro de 1932, p. 3.

de jogos como um serviço de extensão e socialização pública. A visibilidade dada a tal iniciativa comportou uma relevância aos empenhos do Secretário da Educação e Saúde Pública e uma expectativa em torno da quantidade de praças pretendida para a capital e sua capacidade de atendimento.

Vencendo dificuldades de ordem material, removendo impecilios de ordem administrativa, pretende o dr. Noraldino Lima, até às ferias de junho deste ano, prover Belo Horizonte com as seguintes praças:

Escola de Aperfeiçoamento, praça tipo escolar mínimo para aulas internas;
Escola Normal Modelo, praça tipo escolar normal para servir a 1.500 alunas;
Grupos escolares: “Caetano Azeredo” e “Francisco Sales”, praça tipo A, instalação completa para servir a 2.000 crianças e alunos do Ginásio Mineiro. Além dessas praças, algumas já instaladas, prontas para serem inauguradas, e outras em pleno serviço de instalação, breve será aberta concorrência para a fabricação de mais seis praças, tipo escolar, destinadas a grupos escolares⁴²⁸.

A proposição de dotar Belo Horizonte de praças de jogos comportou especificidades segundo a classificação de cada uma delas. Pelo que se pode analisar do comunicado, aquelas de tipo escolar parecem voltadas ao atendimento essencialmente das alunas dos estabelecimentos de ensino a que foram vinculadas⁴²⁹. As praças de tipo “A”, poderiam ter como público, além das crianças, a mocidade do ginásio⁴³⁰. Com maior capacidade de atendimento, teria ainda uma aparelhagem diversificada, como será mostrado a seguir quando da inauguração da praça referente aos grupos Caetano Azeredo e Francisco Sales.

A Secretaria de Educação e Saúde Pública, atendendo à expectativa, publicou um edital em junho de 1933 anunciando que se achava aberto o prazo para recebimento de “proposta para o fornecimento de seis (6) ‘praças de esportes tipo medio’, para os grupos escolares desta Capital, orçadas em réis: 50:306\$784, ou seja, réis 8:384\$464 cada uma”⁴³¹. O governo mineiro ratificava a proposta que propunha as ações com as praças de jogos como continuidade do projeto educativo dos estabelecimentos de ensino e, ao tentar executá-la, o fazia como uma extensão do próprio espaço escolar. Apesar de noticiar a pretensão de construir seis praças, não foram encontrados registros de inaugurações nos anos subsequentes⁴³². As duas instalações que

⁴²⁸ Jornal Minas-Gerais, 7 de maio de 1933, p. 11.

⁴²⁹ Embora não tenha localizado no jornal *Minas Gerais* registros da instalação da praça de jogos na Escola Normal, um comunicado intitulado “A movimentação do ensino” indica que em agosto de 1933 as praças de esportes na Escola de Aperfeiçoamento e Escola Normal já haviam sido instaladas (Jornal Minas-Gerais, 13 de agosto de 1933).

⁴³⁰ Em dezembro de 1933 a Secretaria da Educação e Saúde Pública publicou um edital para o fornecimento e instalação de uma praça de esportes no edifício do Ginásio Mineiro da Capital, orçado em 10:440\$000 réis (Jornal Minas-Gerais, 6 de dezembro de 1933).

⁴³¹ Jornal Minas-Gerais, 1 de junho de 1933, p. 22.

⁴³² “A partir de 1934, na principal fonte consultada [jornal *Minas Gerais*], as informações sobre a construção de praças de jogos não mais aparecem. Outras ações passam a ganhar centralidade na Inspeção. Registros neste

se seguiram ainda no ano de 1933 pareciam já estar em andamento quando da publicação do edital.

Apesar de não ser citada no comunicado acima referido, em 6 de outubro de 1933 inaugurou-se a praça do grupo escolar Barão de Macaúbas. Traçada por Renato Eloy de Andrade, localizava-se ao lado direito do edifício do estabelecimento escolar. Não foram localizados registros no *Minas Gerais* que informassem sobre a composição do seu ambiente, a demarcação de seus espaços e seus equipamentos⁴³³. Indício de seu aparelhamento foi encontrado na matéria “A praça de esportes do grupo ‘Barão de Macaúbas’”, publicada no jornal *Estado de Minas*. Embora não esteja tão nítida, a imagem parece indicar que sua composição comporta uma caixa de areia e um equipamento estruturado com armações de escada que permite a inserção de gangorras e elementos para suspensão.



Figura 18: Um flagrante da inauguração da Praça de Esportes do Grupo Escolar Barão de Macaúbas (1933)
Fonte: Jornal Estado de Minas, 7 de outubro de 1933, p. 8.

Em seguida, realizou-se a inauguração da praça de esportes anexa aos grupos escolares Caetano Azeredo e Francisco Sales, em 13 de outubro de 1933. O detalhamento dos ambientes

periódico sugerem que os assuntos que implicavam maior investimento financeiro declinam, citem-se os cursos intensivos de Educação Física, (...) que não se realizam depois de 1934, e a organização de praças de exercícios físicos, que segundo palavras de Noraldino Lima, seriam ‘de custo relativamente alto’. Atividades de caráter de ‘gabinete’ passam a ocupar a cena na Inspetoria” (SILVA, 2009, p. 191, grifos da autora).

⁴³³ Jornal Minas-Gerais, 7 de outubro de 1933.

e da estrutura desse empreendimento indica uma intenção sobre o público frequentador e sobre as práticas que ali teriam lugar.

Na secção de rapazes encontram-se deslizadores, passos de gigante, baixa e sóbe, paralelas, cavalos, burros e um ginásio completo para exercicios diversos.

A secção de moças compõe-se de deslizadores, baixa e sóbe alto, burrinho, cavalo, escada horizontal, um ginásio completo para exercicios diversos e um ginásio com balanças.

Na secção de crianças encontram-se deslizadores, ola giratoria, passo de gigante, ginásio com cadeirinhas, um ginásio com balanças comuns e um caixão de areia.

Além desses aparelhos, conta a praça com campos de “volley” e de “basketball”⁴³⁴.

Imagens ilustrativas de *playgrounds* nos Estados Unidos iluminaram a interpretação do léxico utilizado para tratar da aparelhagem da praça. A denominação “ginásio” não se refere necessariamente a um lugar fechado, mas também a um espaço ao ar livre equipado com aparelhos diversos, como pode ser percebido nas figuras abaixo. A descrição dos aparatos de um *playground* no país indica a presença de balanços, escadas, cordas, barras, postes, passos de gigante. Nos campos de recreação em Chicago, além da aparelhagem externa, a estrutura contava ainda com piscina (LEONARD, 1923).

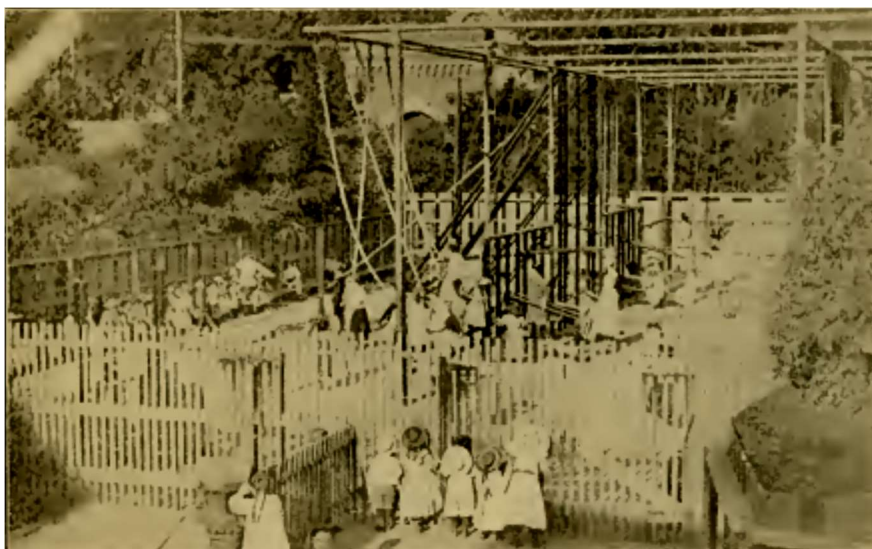


Figura 19: Charlesbank: Ginásio para moças.

Fonte: Leonard (1923, p. 341).

⁴³⁴ Jornal Minas-Gerais, 14 de outubro de 1933, p. 8.



Figura 20: *South Parks*, Chicago: típico ginásio ao ar livre para meninas.
Fonte: Leonard (1923, p. 346).



Figura 21: *South Parks*, Chicago: cena típica da piscina.
Fonte: Leonard (1923, p. 346).

A análise das imagens e de suas legendas nos permite afirmar que a separação das seções por gênero e elementos da aparelhagem instalada foram acionados por Renato Andrade em Minas, além de guardarem estreita relação com a estrutura das praças empreendidas em Porto Alegre por Frederico Gaelzer. Dentre os três sujeitos aqui enfatizados, foi o que mais investimentos produziu para a construção das praças. Um recorte de jornal datado de 1938 destacava a cidade como precursora na instalação de parques infantis no país, enfatizava o protagonismo de Gaelzer nesse movimento e informava que “existem em todo o Estado, superiormente dirigidos, nada menos de 48 parques, dos quais 12 estão localizados em Porto

Alegre”⁴³⁵. O êxito do projeto foi creditado à “organização da Directoria dos Jardins de Recreio e Praças de Desportos” criada por Octavio Rocha, então prefeito de Porto Alegre. Em declarações feitas para um jornal do Rio de Janeiro, Gaelzer comentava sobre a organização dos programas nos jardins de recreio. Pela manhã, atividades destinadas ao público em idade pré-escolar. “Para isto conta cada jardim com um recanto infantil, com o seu tanque de patinhar, circundado pelo comoro de areia. E’ ahí que os pequeninos satisfazem os seus primeiros instinctos criadores”. Na parte da tarde, terminadas as aulas, o espaço passava a ser ocupado pelos escolares. “E’ então que o instructor organisa programas com jogos que venham a unir os rapazes nesta idade individualista, congraçando-os em sociedades, clubs e quadros; incutindo-lhes a sociabilidade e a união do esforço, agentes tão necessarios para a vida futura”⁴³⁶. O destaque feito aos rapazes, parece distinguir dos alunos, as meninas, que provavelmente nesta faixa de idade, ocupavam-se com outras tarefas após o tempo na escola, quiçá aquelas relativas ao lar.

E é só lá pelas seis horas que o jardim toma nova feição. O encerramento das fabricas e casas commerciaes e a terminação das actividades do dia trazem á praça de desportos publica a mocidade laboriosa, que, aproveitando as ultimas horas uteis do dia, procura reganhar phisicamente o que foi estancado durante as horas sedentarias dos seus empregos⁴³⁷.

No comentário de Gaelzer, a ocupação dos jardins de recreio pelos jovens agregava outros sentidos a esse espaço, merecendo ele ser nomeado de outra forma: praça de desportos. A nova feição assumida também levava para a cena a relação entre lazer e trabalho e buscava regular, por meio dos exercícios físicos, o tempo que restava proveitoso no dia da mocidade. Esta dimensão dos jardins de recreio estava muito afinada com parte do trabalho estabelecido nas Associações Cristãs de Moços, pelo público atendido, pela necessidade de oferecer horários fora do tempo do trabalho, pelo imperativo de estar em contato com a cultura física, pela preocupação com o emprego do tempo útil disponível.

O exercício de cotejamento entre as expectativas e as ações de Gaelzer sugere um alinhamento de suas proposições e o anúncio que fazia de suas práticas. Antes de iniciar essa

⁴³⁵ Recorte de jornal, “1.ª Exposição Nacional de Recreação”, sem indicação do periódico. 1938 (data manuscrita). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴³⁶ Recorte de jornal, “Os parques de jogos para crianças”, O Estado de São Paulo, 18 de outubro 1929 (indicação de periódico e data manuscrita). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴³⁷ Recorte de jornal, “Os parques de jogos para crianças”, O Estado de São Paulo, 18 de outubro 1929 (indicação de periódico e data manuscrita). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

dimensão do trabalho em Porto Alegre, Gaelzer ressaltava como objetivo primordial da praça de desportos “proporcionar recreação edificante á juventude, ocupando-a em actividades que a guiem, tornando assim os jovens de hoje os leaes cidadão de amanhã”⁴³⁸. Ainda que a visibilidade dada pelos documentos acessados recaia sobre o trabalho com as crianças, há vestígios de que a distribuição de turmas pelas horas do dia visava expandir o público atendido e os benefícios alcançados com a recreação pública.

As iniciativas estabelecidas em Porto Alegre ressaltaram a figura de Gaelzer no cenário da recreação e do lazer na cidade. Seu destacado trabalho mereceu a organização de uma coleção no Centro de Memória do Esporte da UFRGS, na qual encontra-se uma variedade de documentos doados pela família, que foram aqui mobilizados e também analisados em outros estudos que investigam seus itinerários de formação, ideias e ações. Ao pesquisar a Recreação Pública de Porto Alegre, Eneida Feix (2003) destaca a importância do professor na instituição desse serviço na cidade:

(...) Porto Alegre propiciou, no “Projeto de Recreação Pública”, um meio de auxiliar a formação física, educacional e moral das crianças, jovens e adultos da cidade, a partir dos anos 1926. Com a coordenação do Professor Frederico Guilherme Gaelzer, vindo recentemente dos Estados Unidos, além de ter vivenciado as experiências americanas de parques, praças públicas, e jardins de infância, tinha também participado da ACM, Associação Cristã de Moços, que era uma instituição voltada para as práticas de esportes e recreação dedicadas à formação da juventude. O Professor trabalhou também no Uruguai, por volta de 1924, onde pôde atuar também no sistema de “plazas de deportes” em parceria do Professor Raul Blanco (p. 62).

O próprio Raul Blanco enfatizou o trabalho que Gaelzer executou em Porto Alegre com as praças de jogos:

Las plazas de juegos em Rio Grande del Sur están organizadas desde el año 1930, existiendo cinco en la ciudad de Porto Alegre que es donde se le ha prestado más ayuda y comprensión, siendo el señor F. G. Gaelzer, el director de Educación Física del Estado Riograndense. Al señor Gaelzer tuvimos la oportunidad de conocerlo y trabajar juntamente cuando realizaba estudios especiales sobre esta materia en la Escuela de Y. M. C. A. de Montevideo (BLANCO, 1940, p. 71).

Reconhecimento este que circulou na capital federal também pelas palavras de uma inspetora de ensino, a professora Antonieta Camara de Paula Barros, inscritas em um relatório

⁴³⁸ Recorte de jornal, “A Praça de Desportos”, assinado por Gaelzer em 2 de abril de 1925, (sem indicação de periódico e data). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

intitulado *A Educação em Porto Alegre*, apresentado ao diretor do Departamento de Educação do Rio de Janeiro, Carneiro Leão no ano de 1935. Escritos pela professora depois de uma viagem à capital sul-rio-grandense, os registros demarcam que era na “Educação Física, que o Rio Grande está, verdadeiramente, na vanguarda” e destacam o cenário de recreação pública na cidade: “cada criança tem, em Porto Alegre, no máximo a quinhentos metros de sua casa, uma praça de desportos onde pode passar, de um modo eficiente, as suas horas de lazer, em uma proveitosa educação física-social”. O acerto da iniciativa era demonstrado pela frequência aos espaços. No relatório a professora afirmava que “a prova experimental da sua eficiência está na significativa concorrência das praças, em contraste com a quase ausência de crianças vadias e sujas pelas ruas”⁴³⁹. Daquilo que viu e ouviu, Antonieta Barros produziu interpretações afinadas com as formulações pedagógicas que orientavam a instalação das praças: a ocupação das horas fora da escola com atividades que fossem também educativas, a vinculação da Educação Física com uma formação social, e a ocupação da rua pelas crianças como prática a ser combatida.

Sujeito com acesso a diferentes mundos, Gaelzer desenvolveu seu trabalho como Diretor Municipal de Jardins de Recreio e Inspetor de Educação Física do Rio Grande do Sul em articulação com as diferentes experiências de viagem que empreendeu. Seu percurso estrangeiro, além de comportar o vínculo com a YMCA em Chicago e o Instituto Técnico da Associação em Montevideú, envolveu outras excursões. Em suas anotações, Gaelzer comenta que em 1930 realizou uma viagem de estudos à Europa, comissionado pela prefeitura de Porto Alegre, a fim de dar continuidade aos conhecimentos obtidos em uma temporada de cinco anos nos Estados Unidos. “Nesta viagem de estudos por toda a Europa tivemos empenho especial em estudar a educação física relacionada com os problemas sociais (...) com a recreação pública de cada povo em particular”⁴⁴⁰. A demanda por espaços urbanos em que crianças, jovens, homens e mulheres, pudessem bem ocupar seu tempo não se restringia como preocupação brasileira, nem teria sido uma invenção dos Estados Unidos onde os *playgrounds* faziam-se presentes, como já destacado pelos sujeitos trazidos à narrativa. O movimento para a criação de *playgrounds*, como mostrado por Fred Eugene Leonard (1923) também aconteceu na Alemanha e na Dinamarca.

⁴³⁹ Recorte de jornal, “Um golpe de vista geral sobre a Educação em Porto Alegre”, A Federação, 4 de dezembro de 1935, p. 3. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴⁴⁰ Frederico Guilherme Gaelzer, Anotações de Recreação Pública, 7 de abril de 1948. p. 9. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/118132>>. Acesso em 04.10.17.

Quando de sua viagem de estudos à Europa, Gaelzer já tinha iniciado o trabalho de instalação de “jardins de recreio” em Porto Alegre. Em 1929, um jornal publicava que quatro desses já estavam organizados: o jardim na praça General Osório, fundado em 1926; o da praça General Pinheiro Machado, estabelecido em 1927; o jardim da praça Florida, também instalado em 1927; e o jardim, então recentemente inaugurado, na praça Dr. Montauray⁴⁴¹. A localização desses espaços guarda uma similaridade nos projetos investigados. A solicitação para a criação de praças parecia requerer como local uma centralidade territorial dentro da cidade. No caso do Rio, na já citada mensagem enviada pela ABE ao prefeito Antonio Prado Júnior, é explicitado que “seria indispensável que a primeira praça seja instalada numa zona central da cidade, tal como a do Russel”⁴⁴². Em Belo Horizonte, a preferência foi organizar tais espaços anexos a estabelecimentos de ensino que também se situavam dentro do perímetro da Avenida do Contorno, área central da cidade. Na capital sul-rio-grandense, o primeiro jardim de recreio foi instalado na rua Duque de Caxias, no centro da cidade (FEIX, 2003). Do projeto em Porto Alegre, cabe ressaltar que, mesmo não sendo anexos aos estabelecimentos de ensino, “quiz a Prefeitura localizar cada Jardim nas proximidades de uma escola pública, pondo-lhe assim ao serviço um eficiente campo para suas atividades físicas”⁴⁴³. Nos jardins de recreio elementos escolares e extraescolares pareciam então fundir-se, reforçando a dimensão educativa de tal espaço.

Chama atenção a diferente denominação dada aos *playgrounds* em Porto Alegre. Se no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte uma tradução mais literal do termo – praça de jogos ou de esportes – é o que produz sentido para o espaço, na experiência sul-rio-grandense o termo foi outro. Talvez a experiência de viagem à Europa, os estudos experimentados, tenham possibilitado a Gaelzer outras formas de interpretação⁴⁴⁴. Assumindo o pressuposto de que a

⁴⁴¹ Recorte de jornal, “Os parques de jogos para crianças”, O Estado de São Paulo, 18 de outubro 1929 (indicação de periódico e data manuscrita). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴⁴² Recorte de jornal, “Associação Brasileira de Educação”, sem indicação de periódico e data. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴⁴³ Recorte de jornal, “Jardins de recreio de Porto Alegre”, Jornal do Brasil, 1 de novembro de 193? (o ano completo não aparece legível, mas aparenta ser 1931), s/p. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴⁴⁴ No currículo elaborado pela filha de Frederico Gaelzer, Lenea Gaelzer, consta que durante a década de 1910 seu pai cursou estudos secundários em Berlim, na Alemanha (Cópia do curriculum vitae de Frederico Guilherme Gaelzer, organizado por sua filha Lenea Gaelzer na década de 1980. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40698>>. Acesso em 09.10.2017).

Um recorte de jornal inserido em um álbum pessoal do diretor físico indica que “los primeros conocimientos de educación física fueron adquiridos en su viaje a Alemania e Suecia, en cuyos países aprendió los sistemas de gimnasia vigentes (...)” (F. G. Gaelzer. Recorte de jornal. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer, 1919, p. 107. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40687>>. Acesso em 09.10.2017).

forma também é constitutiva do sentido, é possível sugerir que a nomeação designada em Porto Alegre para espaços com intencionalidades, aparelhagem e público similares a outros no Brasil, era uma operação que pretendia demarcar outros diálogos de Gaelzer⁴⁴⁵.

Embora com denominação diferente da utilizada nas experiências em Minas, os *jardins de recreio* e as *praças de jogos* comportavam uma estrutura similar e argumentos semelhantes de justificação. Passo de gigante, balanços, tanque de areia – talvez porque os tanques de natação demandassem maiores investimentos –, campos para esportes como vôlei e basquete eram equipamentos presentes nas seções feminina e masculina dos jardins de Porto Alegre⁴⁴⁶. Imagens que registram a iniciativa na capital do Rio Grande do Sul apresentam sua estrutura instalada em um ambiente ao ar livre, arborizado, com condições de iluminação e ventilação naturais.



Figura 22: Crianças brincando no Jardim de Recreio instalado na Praça Alto da Bronze em Porto Alegre. 1930. Fonte: Jardim de Recreio, Praça Alto da Bronze, Porto Alegre, RS. 1930. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/9906>>. Acesso em 04.10.17.

⁴⁴⁵ Gaelzer destaca o protagonismo da Alemanha na origem das praças de desportos. Em um pequeno histórico por ele traçado, comenta sobre adeptos na Suécia e na Dinamarca, a feição tomada pelas praças na Inglaterra, e, em seguida, ressalta o papel dos Estados Unidos e do Uruguai que “aproveitando os ensinamentos de seus predecessores, trataram de adaptar o movimento a uma base recreativa-educacional” (Recorte de jornal, “A Praça de Desportos”, assinado por Gaelzer em 2 de abril de 1925, (sem indicação de periódico e data). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

⁴⁴⁶ Recorte de jornal, março de 1929. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer com informações sobre Praças de Educação Física e Jardins de Infância de Porto Alegre (década de 1930). Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40703>>. Acesso em 04.10.17.



Figura 23: Crianças em praça pública na cidade de Porto Alegre (RS). Década de 1930.
 Fonte: Crianças em equipamento de lazer em praça pública (Porto Alegre, RS) - década de 1930. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/9952>>. Acesso em 04.10.17.

Apesar de ações que expandiam o emprego de tais espaços para diferentes sujeitos, a necessidade de utilização dos jardins pelas crianças era recorrentemente anunciada⁴⁴⁷. Os benefícios veiculados pela imprensa destacavam as formações física e social promovidas nas praças. Benesses que seriam possíveis por serem os exercícios bem dirigidos por intermédio de instrutores.

Na visibilidade dada à iniciativa de Gaelzer, uma formulação pedagógica ganha ênfase: a premissa de que a experimentação do ambiente esportivo era uma preparação para a organização social. A professora Antonieta Barros mencionou em seu relatório que “as crianças aí se organizam em clubes por elas dirigidos e cujos estatutos elas próprias elaboram, sob a necessária orientação dos instrutores técnicos que presidem as praças”⁴⁴⁸. *O jornal do Brasil* ao informar sobre os jardins de recreio de Porto Alegre, também enfatizava a formação desse trabalho em comunidade.

⁴⁴⁷ Em uma ação que ampliava os frequentadores dos jardins, a municipalidade de Porto Alegre os colocou “à disposição de todos os internatos e asylos da cidade”. Recorte de jornal, março de 1929. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer com informações sobre Praças de Educação Física e Jardins de Infância de Porto Alegre (década de 1930), p. 27-28. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40703>>. Acesso em 04.10.17.

⁴⁴⁸ Recorte de jornal, “Um golpe de vista geral sobre a Educação em Porto Alegre”, *A Federação*, 4 de dezembro de 1935, p. 3. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Um dos aspectos mais interessantes que assume a educação ministrada nos Jardins de Recreio, refere-se á formação de clubs desportivos no seio de cada um.

Organizados e dirigidos pelos proprios frequentadores, taes clubs promovem entre si torneios, campeonatos, etc., e fornecem excellentes opportunidades de treno social, a par do treno physico⁴⁴⁹.

Essa ideia, consonante com preceitos já disseminados pela ACM, pois defendia que “as primeiras lições de civismo podem ser aprendidas pelo rapaz quando se inscreve membro de um *team* atlético”, encontrou lastro no cenário educacional brasileiro⁴⁵⁰. Lourenço Filho, que teve em seu itinerário profissional uma estada nos Estados Unidos onde conheceu elementos de sua educação, publicou originalmente em 1929 a obra *Introdução ao estudo da Escola Nova*, na qual partilha a ideia do trabalho em comunidade como importante aspecto de uma renovação educacional então pretendida.

Dentro de cada escola com mais de uma classe de alunos, igualmente se tratou de propor trabalho conjunto, em auditórios, jogos e recreação organizada, clubes e associações de alunos. Estes últimos, sob direção dos próprios alunos, discretamente orientada, tomaram a denominação de *instituições escolares*, no sentido de grupos sociais da própria escola, considerada como uma *comunidade em miniatura*, para nos servimos de uma expressão que Dewey tornou corrente (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 135, grifos do autor)

O chamado treino social, possibilitado pela experiência com os jogos, conectava-se com pressupostos de uma moderna pedagogia instaurada pelo pensamento escolanovista que ressoou no Brasil e informou reformas do ensino em diferentes estados nas décadas de 1920 e 1930. Como proposição educativa, os jardins de recreio pareciam afinados com as inovações pedagógicas que participavam da aposta na educação do povo.

Ainda no repertório argumentativo, era comum nos impressos o destaque dado à experiência com as praças de jogos nos Estados Unidos. Nesse país estrangeiro, “verificam-se, mediante rigorosos dados estatísticos, que a (sic) zonas servidas por um ‘Glayground’ (sic), forneciam homens mais robustos, mais disciplinados, de mais iniciativa e coragem”⁴⁵¹. Leonard (1923) discorre sobre a instituição dos *playgrounds* nos Estados Unidos e relata sua propagação

⁴⁴⁹ Recorte de jornal, “Jardins de recreio de Porto Alegre”, *Jornal do Brasil*, 1 de novembro de 193? (o ano completo não aparece legível, mas aparenta ser 1931), s/p. Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴⁵⁰ *Mocidade*, setembro de 1920, n. 319, p. 7.

⁴⁵¹ Recorte de jornal, março de 1929. Álbum organizado por Frederico Guilherme Gaelzer com informações sobre Praças de Educação Física e Jardins de Infância de Porto Alegre (década de 1930), p. 27-28. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/40703>>. Acesso em 04.10.17.

para diferentes cidades estadunidenses, inclusive para aquela onde Sims, Andrade e Gaelzer estudaram. “Chicago ocupa um lugar proeminente na história inicial do movimento *playground*”, afirma o autor (p. 342, tradução livre). Em muitas dessas cidades, “as escolas têm *playgrounds* equipados com aparelhos e com líderes responsáveis pelas atividades e os períodos organizados para os jogos são realizados em conexão com seus programas escolares” (*op. cit.*, p. 348, tradução livre). O autor comenta que o “movimento para proteger o jogo infantil” testemunhou “pelo menos, o estabelecimento teórico do direito das crianças de jogar em segurança sob boas influências e do direito de um homem passar suas horas de lazer, por meio das instalações adequadas na cidade em que ele vive” (*op. cit.*, p. 347, tradução livre).

As diferentes iniciativas relacionadas à instauração de praças de jogos empreendidas no Brasil por Sims, Andrade e Gaelzer guardam aproximações e algum distanciamento com os *playgrounds* e elementos educacionais estadunidenses. Considerando as particularidades dos projetos estabelecidos por cada um deles, as fontes consultadas nos permitem afirmar que: a anexação da praça aos espaços da escola foi empreendida em Minas, embora a compreensão de complemento à ação educativa da escola estivesse presente também nas proposições de Gaelzer; o trabalho em comunidade, por intemédio do jogo, foi experienciado em Porto Alegre; a direção de atividades nas praças de jogos por instrutores competentes foi mobilizada por Sims e Gaelzer; a compreensão do jogo como uma necessidade da criança, a necessidade de garantir esse tempo e espaço e seus benefícios morais foram articulados em proposições de todos os três. As crianças – essencialmente na sua condição de alunos – constituíam o público prioritariamente anunciado pelas fontes como frequentador das praças. Embora a ênfase recaia sobre as crianças, foi possível encontrar nos documentos referentes à experiência em Porto Alegre algum indício da dimensão compensatória entre o lazer e o trabalho, assim como destaca Leonard (1923) para o caso estadunidense.

Considerando as regularidades desse projeto cultural no Brasil, pode-se afirmar que, essencialmente, o que estava sendo estabelecido nas experiências com as praças de jogos era uma relação entre infância, recreação e educação. Conexão amparada na compreensão de que era necessário às crianças dar expansão aos seus instintos; no entendimento do brincar e do jogar como práticas que permitiam a intervenção no desenvolvimento infantil, especialmente, em suas dimensões moral e física; e na necessidade de ocupar o tempo extra-escolar com ações também educativas.

Para a análise das apropriações produzidas pelos acemistas não se pode perder de vista seus condicionantes sociais, institucionais e culturais. Também para o estabelecimento das praças de jogos na cena urbana, a posse de diretores físicos acemistas em cargos de órgãos

estaduais parece ter sido fator essencial. Como ação que demandava vontade política dos ocupantes de pastas no governo, investimentos do erário público, envolvimento com novos processos educacionais, a instituição de tais espaços pode ter logrado êxito com Andrade e Gaelzer pelos vínculos e trânsito estabelecidos com a administração dos estados.

As ideias dos três diretores físicos aqui investigados, seus velhos e novos lugares de atuação, suas proposições, seu papel na disseminação de uma modelagem de Educação Física, reafirmavam o lugar da ACM como instituição abalizada a discutir ações educacionais para o povo brasileiro. Mesmo porque, por vezes, instituição e sujeitos pareciam fundir-se, ainda que dois deles tenham se vinculado a outros trabalhos. Indício disso é uma afirmação de Frank Long que atuou como secretário geral da ACM de Porto Alegre. Quando de regresso aos Estados Unidos, depois de anos de serviços prestados à Associação, o acemista em um registro de 1934, declarava ter sido “a A.C.M. que tornou possível as praças de desportos e a introdução física nas escolas”⁴⁵². Nas particularidades dos projetos empreendidos, Sims, Andrade e Gaelzer demarcaram conhecimentos orientadores para o trabalho de professoras especializadas, organizaram competências que deveriam ser desenvolvidas para o ensino da matéria, propugnaram outros espaços educativos onde a Educação Física estaria presente. No trânsito estabelecido entre os Estados Unidos e o Brasil, entre o projeto formador da Associação Cristã de Moços e as ações educativas na escola, esses sujeitos foram impelidos a produzir outras “maneiras de fazer” expressas na relação estabelecida com o público feminino, na impossibilidade de uma formação de longa duração, no conhecimento acerca da infância, na compreensão do jogo como necessidade de expansão dos instintos infantis.

⁴⁵² Recorte de jornal, “Primeiras palavras de S. S., ao ser abordado por um colega da Paulicéia. Como a ACM pode construir o seu edifício próprio. Introdução da Educação Física nas escolas”, 20 de junho de 1934 (sem indicação de periódico. Data manuscrita). Acervo Lazer e Recreação Pública. Centro de Memória do Esporte. Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início da década de 1930, Henry James Sims encerrou seus trabalhos no Brasil e retornou aos Estados Unidos. Em entrevista publicada em um jornal de sua terra natal, ele comentava do orgulho sentido pela responsabilidade que assumiu no Brasil de encontrar e treinar lideranças nacionais. “Foi um privilégio ser pinoeiro da educação física organizada no Brasil e ser associado à descoberta e ao treinamento da liderança de alto nível mencionada”. Dentre os citados, referia-se Sims aos inspetores de Educação Física de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul⁴⁵³. Em 1937 foi anunciado o fim da Inspetoria no estado mineiro, e em 1939 Renato Eloy de Andrade faleceu, vitimado por uma tuberculose⁴⁵⁴. No estado sulista, Frederico Guilherme Gaelzer permaneceu envidando esforços para a escolarização da Educação Física e em políticas de recreação pública. Na tentativa de compreender como e por que a sistematização de Educação Física produzida pela ACM ressoou em experiências de escolarização no Brasil, o estudo sobre esses sujeitos e suas ações permitiu delimitar um processo de produção de referências para a constituição de um componente curricular articulado ao projeto experienciado por eles na Associação. Convidados a contribuir no debate relativo ao ensino da Educação Física, estabeleceram conexões entre a constituição da disciplina e os elementos forjados na ACM relativos aos modos de educar o corpo.

O movimento de idas e vindas da investigação e da operação de transformá-la em texto comportou uma produção narrativa que reinventou a todo momento uma ordem para essa escrita, chegando ao formato apresentado para os capítulos. Esse processo promoveu, de início, um intenso trabalho com as fontes que informavam sobre a sistematização de Educação Física forjada na ACM. Quando, mais tarde, a atenção voltou-se para o empreendimento missionário no Brasil, foi possível perceber em que proporções a Educação Física promovida pela Associação estava informada pela estrutura protestante que orientava a instituição. A orientação moral a partir do trabalho físico, o autogoverno, a responsabilidade individual, a valorização do trabalho e sua relação com a ideia de vocação nos processos de formação especializada, o altruísmo como um valor, os propósitos racionais para os exercícios físicos, especialmente, como meios de eficiência, são temas, modos de agir que aparecem como expressivos elementos de ligação entre o sistema acemista e uma “forma protestante de viver”. Nesses termos, o que

⁴⁵³ Recorte de jornal. The Chattanooga times, January 24, 1932. Box 187. YMCA biographical files: an inventory. Kautz Family YMCA Archives. University of Minnesota (tradução livre).

⁴⁵⁴ Cf. Silva (2009).

no projeto de pesquisa inicialmente havia sido chamado de “referenciais estadunidenses” ou “códigos culturais dos Estados Unidos” foi recortado para os elementos que pareciam mais modelados pela ética protestante e presentes na cultura desse país estrangeiro.

Nesse sentido, é possível afirmar que o movimento protestante do século XIX no Brasil foi um aspecto propulsor para a inserção da ACM no país. O desenvolvimento do projeto da Associação no Rio de Janeiro resultou em uma expectativa de expansão de suas sedes e em uma necessidade de formação de sujeitos nacionais para conduzir as iniciativas acemistas, interpretada como condição para o sucesso do empreendimento. Estes foram aspectos que compuseram o cenário que possibilitou os estudos de Renato Andrade e Frederico Gaelzer em Chicago para tornarem-se diretores físicos da ACM. Ofício este inventado a partir dos novos contornos assumidos pelo projeto formador da instituição, que passou a atribuir grande importância ao trabalho físico com os associados.

Os argumentos que justificavam a presença dos exercícios físicos na Associação eram baseados na sua relação com a saúde e a incorporação de bons hábitos, na coordenação neuromuscular e na eficiência dela resultante, na prática da calistenia e nos benefícios da correção postural e do controle da vontade, no uso proveitoso do tempo livre e, notadamente, no envolvimento dos jovens com os jogos e os esportes como meio para a formação do caráter, para a incorporação de códigos sociais. O alcance desse trabalho fez com que a Associação promovesse no seu interior a formação especializada para diretores físicos, baseada no pressuposto de que não bastava ter habilidade na execução de exercícios para promover seu ensino. Atuar com a Educação Física demandava uma amplitude de estudos, orientados pelo conhecimento das características da Associação, pela noção dos ensinamentos bíblicos, pelos saberes científicos e pela prática de jogos e ginástica. A sistematização acemista destinava aos homens os exercícios físicos, sobretudo, aos jovens, em um ambiente marcado por sujeitos, características e sensibilidades de um universo masculino. Em seu interior, a ACM não produziu de forma contundente referências que intencionassem o ensino de Educação Física nas escolas. Foi por mediação de diretores físicos lá formados que elementos do projeto acemista foram processualmente apropriados e produziram fundamentos para a escolarização da Educação Física em diferentes experiências no Brasil.

A investigação permitiu perceber que esse movimento de apropriação foi incitado pela ocupação que Frederico Gaelzer e Renato Andrade fizeram de cargos na Diretoria de Jardins de Recreio, em Porto Alegre e nas Inspetorias de Educação Física do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais. A política educacional desses lugares estabeleceu uma estrutura que recrutou especialistas, desenvolveu e controlou saberes necessários à Educação Física, produziu

componentes para legitimar seu ensino nas escolas. Atuar nestes órgãos significou um reconhecimento de autoridade para empreender ações vinculadas à Educação Física. O mesmo pode ser considerado para Henry Sims quando convocado pela Seção de Educação Física e Higiene da ABE para posicionar-se sobre assuntos educacionais.

As formas de interpretação comportaram adesão a referências estabelecidas na ACM, reconfigurações de algumas práticas e recusa de outros pressupostos. A necessidade de formação foi também considerada um imperativo para lecionar aulas de Educação Física nas escolas. O modo de operar com tal necessidade foi organizado em iniciativas de divulgação impressa e em formato de cursos rápidos e intensivos destinados ao professorado feminino. Estes acabaram por conformar transformações no entendimento do que era o ensino da matéria. Mudanças relacionadas às novas competências exigidas das professoras, à necessidade de preparação, à composição de um cabedal técnico para orientar os trabalhos, passaram a demarcar uma identidade profissional para a denominada “professora especializada em Educação Física”.

Se os jogos e os esportes configuravam para a ACM oportunidades educativas por poderem estabelecer junto aos jovens uma conduta moral que os afastasse das apostas, do álcool, da prostituição – aspectos diagnosticados no cenário de cidades brasileiras –, quando apropriado nos projetos que pretendiam disseminar o ensino de Educação Física na escola, e em outros espaços educativos considerados como sua extensão, constituiriam momento privilegiado para dar expansão aos instintos infantis e incorporar aos alunos códigos para a vida social.

No processo de apropriação, a ação de recusa foi também evidenciada. Ainda que os missionários acemistas tivessem encontrado no movimento protestante implementado no Brasil condições favoráveis à instalação da Associação, as proposições referentes ao ensino de Educação Física não aderiram explicitamente aos argumentos religiosos. Os registros das fontes não indicam a presença de estudos bíblicos nas propostas de formação de professoras, de referências cristãs nas justificativas moralizadoras que demarcavam algumas iniciativas, de menção à imagem de Cristo para desenvolver a formação física. Além de um contexto mais amplo caracterizado pela marcante presença católica no país, destaque-se que, no específico dos debates educacionais, o recorte temporal estabelecido para esta pesquisa foi um período de intenso debate sobre a laicidade no ensino.

Proposições relacionadas ao ensino de Educação Física, à sua organização curricular, à formação de suas professoras mobilizadas em experiências no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul evidenciam um processo que comportou o estabelecimento de

instituições e de ações mais formais que intentavam o ensino da matéria nas escolas, a produção de novos sentidos para a Educação Física articulando-a às especificidades do espaço escolar e a conformação de pessoas, saberes e costumes aos códigos escolares. Processo resultante dos pertencimentos dos sujeitos envolvidos, de sentidos partilhados e disputados por aqueles que produziam iniciativas para a presença da Educação Física nas escolas.

Concluída essa pesquisa, é possível anunciar que a investigação suscitou a configuração de novos objetos, novas problemáticas e possibilidades interpretativas que convidam a novos estudos. Por tomar o periódico oficial da Associação Cristã de Moços no Brasil como fonte essencial da pesquisa, vale ressaltar a importância de trabalhos que o investiguem como objeto de estudo e realizem o esforço de analisar o período de sua existência, as modificações em suas denominações, os sujeitos responsáveis pela sua produção, seus colaboradores, as reincidências de temas, os exercícios de tradução, a estrutura do impresso. A atenção centrada no *ACM*, no *Amigo da Mocidade*, na *Mocidade*, possibilitaria conhecer com mais profundidade suas características editoriais, seus usos previstos, as representações dos editores, os esforços para legitimidade de suas falas e, desse modo, perceber maiores elementos da busca pela representatividade nos campos em que a ACM atuava.

O desenvolvimento dessa pesquisa permitiu também encontrar sujeitos estrangeiros que, como Sims o fez para o Rio de Janeiro, promoveram o trabalho internacional da Associação em outros lugares da América do Sul. Tome-se por exemplo Jess Hopkins e James Summers, em Montevideu, e Frederick Dickens, em Buenos Aires. Assim, demais desdobramentos de pesquisa seriam investigar o percurso de outros diretores físicos estadunidenses e sua inserção em países sul-americanos, bem como, as possíveis conexões entre os impressos produzidos pelas sedes da Associação nesses locais. Quando do levantamento de fontes na *Asociación Cristiana de Jóvenes*, em Montevideu, tomei contato com alguns exemplares de *O Caráter*, denominação dada ao boletim mensal da Associação no Uruguai⁴⁵⁵. Exemplares do periódico estão também disponíveis para consulta na biblioteca nacional, situada naquela cidade. Ainda a possibilidade de estudos sobre diretores físicos, especialmente, argentinos e uruguaios que, como Renato Andrade e Frederico Gaelzer, tiveram o Instituto Técnico da Federação Sul-Americana das Associações Cristãs de Moços como espaço formativo. A pesquisa sobre os múltiplos processos de recepção e apropriação dos elementos que compunham a Educação

⁴⁵⁵ Este desdobramento pode configurar-se como eixo temático de um convênio de investigação, em processo de organização, entre CEMEF/EEFFTO/UFGM e ISEF/UDELAR, intitulado “Arquivos e histórias entrelaçadas: construção de modelos pedagógicos para a Educação Física e a formação de seus professores no Brasil e no Uruguai (1909-1960)”, coordenado pela professora Meily Assbú Linhales e no qual compunho a equipe.

Física da ACM empreendidos por diferentes sujeitos americanos (referência aqui ao continente e não aos Estados Unidos), pode revelar conexões dos processos de escolarização da Educação Física em diferentes países da América do Sul. Tais investigações situar-se-iam no âmbito de trabalhos que, em diálogo, vem envidando esforços para traçar a presença de práticas culturais estadunidenses em experiências de Educação Física em diferentes países, bem como, no específico da presença da YMCA e da vulgarização de suas ideias e iniciativas na Sul América⁴⁵⁶.

Ainda animada pelas possibilidades suscitadas por esta pesquisa, ressalto a fecundidade de documentos referentes ao trabalho internacional da YMCA presentes nos *Kautz Family YMCA Archives*. Uma garimpagem de fontes mais demorada, a partir de outro conjunto de indagações, pode oferecer vestígios importantes para a produção de novas versões sobre a *Young Men's Christian Association*, seu trabalho missionário, a ressonância de empreendimentos no Brasil e, especialmente, para a historiografia da Educação Física, outras tramas que envolvem o corpo e sua educação promovidas pela instituição.

Aqui, finalizo a narrativa dessa história. Como versão, pode ser aderida, questionada, recontada. Ao fim, ela contemplou a expectativa de dar visibilidade aos sujeitos, instituições e proposições – ainda pouco exploradas e por vezes eclipsadas pela historiografia –, que não pertenciam ao universo europeu de sistematizações, mas que, vindas de um outro lugar, os Estados Unidos, também participaram da constituição da Educação Física brasileira.

⁴⁵⁶ Tal qual o realizado no CIHELA de 2014, para a edição do ano de 2018 do evento foi submetida uma proposta de painel temático intitulado *A presença da Young Men's Christian Association (YMCA) na América Latina: práticas para uma educação do corpo e para a afirmação da disciplina Educação Física nas escolas*. Compõem a proposta trabalhos produzidos em diferentes países: *A Young Men's Christian Association - YMCA e a formação de diretores físicos: a preparação especializada em Chicago*, de minha autoria e de Meily Assbú Linhales; *La YMCA en México: un proyecto educativo para el desarrollo físico de la comunidad rural en la década de los años 20*, de Lucía Martínez Moctezuma; *Plazas Vecinales de Cultura Física (1913): una versión uruguaya de los Playgrounds norteamericanos*, de Inés Scarlato García; *Influencias de la YMCA en la cultura institucional del Instituto Nacional de Educación Física (INEF) Gral. Belgrano. Argentina, 1939-1967*, de autoria de Leandro Elías e Angela Aisenstein; *Cristiandad Muscular y crisis del ethos*, de Paula Malán Moreira.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudia. Jean-François Sirinelli e o político como terreno da história cultural. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de (Orgs.). *Pensadores sociais e a história da educação II*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. p. 111-133.

AYRES, José Ricardo C. M. Prefácio. In: MARINHO, Maria Gabriela S. M. C.; MOTA, André. *Caminhos e Trajetos da Filantropia Científica em São Paulo*. A Fundação Rockefeller e suas Articulações no Ensino, Pesquisa e Assistência para a Medicina e Saúde (1916-1952). 1 ed. São Paulo: USP, Faculdade de Medicina: UFABC, Universidade Federal do ABC: CD.G Casa de Soluções e Editora, 2013.

BAÍÁ, Anderson da Cunha. *Associação Cristã de Moços no Brasil: um projeto de formação moral, intelectual e física (1890-1929)*. 2012. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2012.

BARBANTI, Maria Lúcia S. Hilsdorf. *Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo: um estudo de suas origens*. 1977. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

BLANCO, Raul V. *Re-creacion*. Ediciones Indoamerica: Montevideo, 1940.

CALVANI, Carlos Eduardo B. A educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil. *Revista Pistis & Praxis Teologia e Pastoral*. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 53-69, jan./jun. 2009.

CARVALHO, Marta M. Chagas de. “Quando a história da educação é a história da disciplina e da higienização das pessoas”. In: FREITAS, Marcos C. (Org.). *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 1997. p. 291-309.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998a.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Por uma história cultural dos saberes pedagógicos. In: SOUZA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Bárbara (orgs.). *Práticas educativas, culturas escolares e profissão docente*. São Paulo: Escrituras, 1998b.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. O Manifesto e a Liga Internacional pela Educação Nova. In: XAVIER, Maria do Carmo (Org.). *Manifesto dos pioneiros da Educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Modelos pedagógicos, imprensa de educação e ensino e institucionalização da escola republicana em São Paulo (1893-1931). In: CONGRESSO IBEROAMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINOAMERICANA, 9., 2009, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UERJ, 2009.

CARVALHO, Marta. Pedagogia moderna, pedagogia da escola nova e modelo escolar paulista. In: CARVALHO, M.; PINTASSILGO, J. (orgs.). *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos, Instituições Educacionais*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/FAPESP, 2011, p. 185-212.

CARVALHO, Sérgio. *Hora da ginástica: resgate da obra do professor Oswaldo Diniz Magalhães*. Santa Maria: UFSM, 1994.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In _____ *A escrita da História*. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 65-119, 2006.

CHAMON, Carla Simone. *Maria Guilhermina Loureiro de Andrade: a trajetória profissional de uma educadora (1869/1913)*. 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1990.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, p. 81-114, 1995.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: editora Difel, 1992.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (orgs.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 77-97, 2003.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTA, Marcus Levy (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, v.1, p.191-211, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; INACIO, Marcilaine Soares. Apresentação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; INÁCIO, Marcilaine Soares. (Orgs.). *Políticos, literatos, professores, intelectuais: o debate político sobre educação em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 7-20, 2009.

FEIX, Eneida. *Lazer e cidade na Porto Alegre do início do século XX: a institucionalização da recreação pública*. 2003. 108 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, 2003.

FERREIRA NETO, Amarílio. *Catálogo de periódicos de educação física e esporte (1923-2000)*. Vitória: Proteoria, 2002.

FONSECA, Thais Nivia de Lima. Mestiçagem e mediadores culturais e história da educação: contribuições da obra de Serge Gruzinski. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes (orgs.). *Pensadores sociais e História da Educação II*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 297-313, 2012.

FONSECA, Thais Nívia de Lima. Serge Gruzinski e as dinâmicas culturais na América colonial. *Cultura histórica & Patrimônio*, Alfenas, v. 2, n. 1, p. 60-71, 2013.

FRADE, Isabel Cristina A. da Silva; SILVA, Ceris Salette Ribas da. A leitura de textos oficiais: uma questão plural. In: MARINHO, Marildes; SILVA, Ceris S. Ribas da (orgs.). *Leituras do professor*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB, p. 93-117, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das letras, 2 ed., 2 reimp., 2007.

GOELLNER. Silvana Vilodre. *O Método Francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*. 1992. 215 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) – Escola Superior de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, 1992.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Apresentação. In: _____ (Orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 7-37, 2016.

GONDRA, José Gonçalves; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio Mignot. Apresentação: a descoberta da América. In: TEIXEIRA, Anísio, et al. *Aspectos americanos de educação & Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

GRAMSCI, Antonio. *Americanismo e Fordismo*. São Paulo: Hedra, 2008.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HERSCHMANN, Micael; LERNER, Kátia. *Lance de sorte: o futebol e o jogo do bicho na Belle Époque carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1993.

INCONTRI, Dora; BIGHETO, Alessandro Cesar. Ensino confessional, laico ou inter-religioso? Qual a melhor resposta? *Revista de Educação CEAP*, Salvador, Centro de Estudos e Assessoria Pedagógica, v. 45, junho/2004.

LEONARD, Fred Eugene. *A guide to the History of Physical Education*. Philadelphia and New York: Lea & Febiger, 1923.

LINHALES, Meily Assbú. *A escola, o esporte e a “energização do caráter”*: projetos culturais em circulação da Associação Brasileira de Educação (1925-1935). 2006. 266 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

LINHALES, Meily Assbú. Militares e educadores na Associação Brasileira de Educação: circulação de interesses em torno de um projeto para a educação física nacional (1933-1935). *Educar em revista*, Curitiba, n. 33, p. 57-74, jan./abr. 2009.

LINHALES, Meily Assbú; LIMA, Cássia D. M. Dias; OLIVEIRA, Liliane Tibúrcio de. Médicos sanitaristas e educadores na “Secção de Educação Physica e Hygiene” da Associação Brasileira de Educação: a construção de uma mentalidade médico-pedagógica para a Educação Física (1926-1937). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2008, Aracaju. *Anais...* 2008.

LYRA, Vanessa Bellani. *A criação da escola superior de Educação Física do Rio Grande do Sul: formação de professoras(es) para a construção do campo (1940-1970)*. 2013. 276 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Escola de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre, 2013.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. *Introdução ao estudo da escola nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea*. 12. ed. São Paulo: Melhoramentos; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

MAIAKOVSKI, Vladimir V. *Minha descoberta da América*. São Paulo: Martins, 2007.

MARINHO, Inezil Penna. *Sistemas e Métodos de Educação Física*. 5 ed. s/d.

MARINHO, Inezil Penna. *História da educação física e dos desportos no Brasil: Brasil colônia – Brasil império – Brasil república (documentário e bibliografia)*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Revista dos Tribunais, 1952.

MARQUES, Rita de Cássia. A filantropia científica nos tempos de romanização: a Fundação Rockefeller em Minas Gerais (1916-1928). *Horizontes*, Bragança Paulista, n. 22, n. 2, p.175-189, jul./dez. 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil*. Juiz de Fora: EDUFJF; São Bernardo do Campo: Editeo, 1994.

MONARCHA, Carlos. *Brasil arcaico, escola nova: ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. *Presença dos Estados Unidos no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4 ed., 2007.

MORO, Paola Dogliotti. *Cuerpo y currículum: discursividades en torno a la formación de docentes de educación física em Uruguay (1874-1948)*. 2012. 328 f. Tesis (Magíster en Enseñaza Universitaria) – Área Social - Comisión Sectorial de Enseñanza de La Universidad de la República, Montevideo, 2012.

NANDOLPHO, Sandro; TAVARES, Johelder Xavier. As idéias de Dewey, Kerschensteiner, Teixeira e Azevedo em contexto: historicidade e comunidade no pensamento escolanovista. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., 2011, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES, 2011.

NÓVOA, António. Do Mestre-Escola ao professor do ensino primário: subsídios para a história da profissão docente em Portugal (séculos XV-XX). *Análise Psicológica*, Lisboa, v.3, p. 413-439, 1987.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A ilusão americana. In: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Um banquete no trópico, I*. São Paulo: Editora Senac, 4 ed., p. 133-150, 2004.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. *Nísia Floresta, o carapuceiro e outros ensaios de tradução cultural*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2000.

PUCHTA, Diogo Rodrigues. *A escolarização dos exercícios físicos e os manuais de ginástica no processo de constituição da Educação Física como disciplina escolar (1882-1926)*. 2015. 285 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.

PUTNEY, Clifford. *Muscular Christianity: manhood and sports in protestant America, 1880-1920*. Harvard University Press, 2 ed., 2003.

RAMALHO, Jether P. *Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

SCHNEIDER, Omar. *Educação Physica: a arqueologia de um impresso*. Vitória: Edufes, 2010.

SCHNEIDER, Omar; FERREIRA NETO, Amarílio. Americanismo e a Fabricação do “Homem Novo”: Circulação e Apropriação de Modelos Culturais na Revista *Educação Physica* (1932-1945). *Movimento*, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 135-159, jan./abr. 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. São Paulo: editora brasiliense, 4 ed., 1995.

SEVCENKO, Nicolau. A metrópole irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: _____ (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SILVA, Giovanna Camila da. *A partir da Inspetoria de Educação Física de Minas Gerais (1927-1937): movimentos para a escolarização da Educação Física no Estado*. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte, 2009.

SILVA, Giovanna Camila da. “Ao distinto professor Renato de Andrade”, a incumbência de organizar a Educação Física em Minas Gerais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 7., 2013, Cuiabá. *Anais...* Cuiabá: UFMT, 2013.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 231-269, 2003.

SOARES, Carmen Lúcia. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 3 ed., 2005.

SOARES, Carmen Lúcia; MORENO, Andrea. Apresentação Dossiê – Práticas e prescrições sobre o corpo: a dimensão educativa dos métodos ginásticos europeus. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, vol. 37, n. 2, p. 108-110, Abr./Jun. 2015.

SOUZA, Rosa Fátima de. As disputas pelo currículo e a renovação da escola primária nos Estados Unidos na transição do século 19 para o século 20. *Revista História da Educação*, Santa Maria, v. 20, n. 48, p. 35-53, jan./abr. 2016.

STALEY, S. C. *Calisthenics: modern methods of free-exercise instruction*. New York: A. S. Barnes and Company, 1926

TEIXEIRA, Anísio, et al. *Aspectos americanos de educação & Anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

TORRES, César. La educación física en Estados Unidos (1865-1945). In: SCHARAGRODSKY, Pablo (org.). *La invención del "homo gymnasticus"*: fragmentos históricos sobre la educación de los cuerpos en movimiento em occidente. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2011, p. 253-277.

TOTA, Antonio Pedro. *O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

UHLE, Águeda Bernardete. *Comunhão leiga: o Rotary Club no Brasil*. 1991. 353 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 1991.

UHLE, Águeda Bernardete. O poder e a força de um clube de serviço. *Pro-posições*, Campinas, v. 4, n. 2 [11], p. 60-69, julho de 1993.

VAGO, Tarcísio Mauro. *Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e ginástica como práticas constitutivas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1906-1920)*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

VAGO, Tarcísio Mauro. Da ortopedia à eficiência dos corpos: a ginástica e as exigências da “vida moderna” (Minas Gerais, 1906-1930). *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n.3, p.77-97, set./dez. 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola nova e processo educativo. In: LOPES, Eliana Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. 3 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 497-517.

WARDE, Mirian Jorge. Americanismo e educação: um ensaio no espelho. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 37-43, 2000.

WARDE, Mirian Jorge. O itinerário de formação de Lourenço Filho por descomparação. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 5, p. 125-167, jan./jun. 2003.

WARDE, Mirian Jorge. G. Stanley Hall e o *child study*: Estados Unidos de fins do século XIX e começo do século XX. *Revista Brasileira de História da Educação*, Maringá, v. 14, n. 2, p. 243-270, maio/ago. 2014.

WARDE, Mirian Jorge. Apresentação do dossiê a educação nos Estados Unidos: do século 19 ao século 20. *Revista História da Educação*, Santa Maria, v. 20, n. 48, p. 11-13, jan./abr. 2016.

WARDE, Mirian Jorge; PANIZZOLO, Claudia. Adolescentes e suas más companhias: lunáticos, criminosos, e pervertidos sexuais [sobre a obra *Adolescence* de Stanley Hall]. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 739-758, maio/ago. 2015.

WATSON, Nick J; WEIR, Stuart; FRIEND, Stephen. The Development of Muscular Christianity in Victorian Britain and Beyond. *Journal of Religion and society*, v. 7, 2005.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 2005.

WOOD, Alfred. *Calistenia: la fuerza armoniosa por el ejercicio*. Buenos Aires: Libreria de la salud, 1938.

ACERVOS E FONTES PESQUISADOS

1. Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro.
REVISTA Mocidade. Revista mensal das Associações Christãs de Moços no Brasil.
2. Hemeroteca Digital Brasileira.
REVISTA A ordem.
JORNAL O jornal.
JORNAL O imparcial
3. Kautz Family YMCA Archives. Minneapolis.
Os documentos mobilizados nessa pesquisa encontrados no *Kautz Family YMCA Archives* estão identificados no decorrer do texto.
4. Biblioteca Digital del Instituto Universitario de la Asociación Cristiana de Jóvenes – CD.
LIVRO Instituto Tecnico de la Federacion Sudamericana de Asociaciones Cristianas De Jovenes – 25º Aniversario de su Fundación 1922 – 1947.
LIVRO Instituto Técnico de las Asociaciones Cristianas de Jóvenes. Graduados de 1925 y 1926.
5. Asociación Cristiana de Jóvenes – Montevideú.
ACTA de la 1ª sesión del Directorio en su 14º ejercicio social. 15 de fevereiro de 1923.
BOLETIN de la Asociación Cristiana de Jóvenes de Montevideo, marzo de 1922.
BOLETIN Mensual Asociación Cristiana de Jóvenes, año VIII, n. 88, diciembre de 1925.
6. Imprensa Oficial de Minas Gerais. Belo Horizonte.
JORNAL Minas Gerais.
7. Hemeroteca Histórica. Belo Horizonte.
REVISTA do Ensino de Minas Gerais.
8. Acervo da Associação Brasileira de Educação. Rio de Janeiro.
ATAS Seção de Educação Física e Higiene.
CARTAS manuscritas.
9. Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Acervo Gaelzer.
Os documentos mobilizados nessa pesquisa encontrados no CEME estão identificados no decorrer do texto.
10. PROTEORIA – Universidade Federal do Espírito Santo
REVISTA Educação Physica.
11. Acervo pessoal de Eloy Franca de Andrade.
LIVRO do Eloy.
12. Acervo pessoal de Cristina Garnett Brum
JORNAL Recorte.

13. Acervo da Federação Brasileira das Associações Cristãs de Moços no Brasil. São Paulo.
TEXTO Um esplendido negocio.
PERIÓDICO A.C.M.
PERIÓDICO O amigo da mocidade.

14. Acervo pessoal Giovanna Camila da Silva.
LIVRO WOOD, A. Calistenia: la fuerza armoniosa por el ejercicio. Buenos Aires: Libreria de la salud. 1938, p. 153.